

Normalizações do saber <> poder metodológico
no campo da comunicação:



por um **étodo** da diferença

nos processos institucionais de *produção de conhecimento científico*

andaRiLho numeRóLogo

Tradução de Lisi A-guiar

2017

16	8	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação:
por um *étodo* da diferença nos processos institucionais de
produção de conhecimento científico**

Lisiane Machado Aguiar

Porto Alegre
2017

Lisiane Machado Aguiar

**Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação:
por um *étodo* da diferença nos processos institucionais de
produção de conhecimento científico**

Tese de doutorado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Comunicação e Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
Linha de pesquisa: Cultura e significação.

Porto Alegre
2017

Lisiane Machado Aguiar

Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação:
por um *étodo* da diferença nos processos institucionais de
produção de conhecimento científico

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção de grau de doutor em Comunicação e Informação.

Aprovado em 07 de abril de 2017

BANCA EXAMINADORA

Dr. Alexandre Rocha da Silva – Comunicação UFRGS

Dr. Luis Artur Costa – Psicologia UFRGS

Dr. Nicolás Lorite García – Comunicação UAB

Dr. Rodrigo Lages e Silva – Educação UFRGS

Dra. Ana Tais Martins Portanova Barros – Comunicação UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Machado Aguiar, Lisiane

Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação: por um estudo da diferença nos processos institucionais de produção de conhecimento científico / Lisiane Machado Aguiar. -- 2017. 215 f.

Orientador: Nísia Martins do Rosário.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Método. 2. Comunicação. 3. Pós-graduação. 4. Filosofia da diferença. 5. Paradoxo. I. Martins do Rosário, Nísia, orient. II. Título.

ATA PARA ASSINATURA N° 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

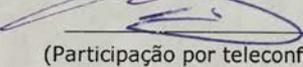
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação
COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO - Doutorado
Ata de defesa de Tese

Aluno: Lisiane Machado Aguiar, com ingresso em 18/03/2013
Título: Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação: por um êtoto da diferença nos processos institucionais de produção de conhecimento científico
Orientador: Profª Drª Nisia Martins Do Rosario

Data: 07/04/2017
Horário: 14:30
Local: FABICO

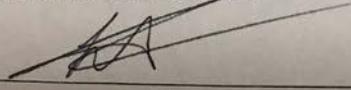
Banca Examinadora	Origem
Alexandre Rocha da Silva	UFRGS
Luis Artur Costa	UFRGS
Rodrigo Lages e Silva	UFRGS
Nicolás Lorite García	UAB

Porto Alegre, 07 de abril de 2017.

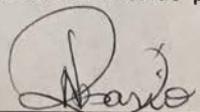
Membros	Assinatura	Conceito	Indicação de Voto de Louvor
Alexandre Rocha da Silva		<u>A</u>	<u>S</u>
Luis Artur Costa		<u>A</u>	<u>S</u>
Rodrigo Lages e Silva		<u>A</u>	<u>S</u>
Nicolás Lorite García	(Participação por teleconferência)	_____	_____

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: () Sim () Não
Indicação de Voto de Louvor: () Sim () Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.



Aluno



Orientador

Para Nísia...
*“Éramos sobretudo como dois riachos,
que se juntam para fazer “um” terceiro,
que teria sido nós” ao (re)pensar o método.*
(DELEUZE, 1992, p. 170-171).

Agradeço...

*à Capes... auxílio fundamental para a realização desta tese...
desta pesquisa... da transformação de uma vida...
à bolsa Capes/DGPU, o doutorado sanduíche e
os 12 meses desterritorializantes do pensamento em BCN...*

*ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS,
corpo docente, discente e técnico, todo o suporte...*

*à Nísia, a confiança e a acolhida amiga durante tantos anos...
infinitamente obrigada por compartilhar da tua existência junto a minha...
sempre com coragem de verdade...*

*ao PPGCOM da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), especialmente,
aos professores Nicolás Lorite García e Jordi Grau Rebollo,
a partilha sensível do conhecimento durante as aulas,
almoços e reuniões na sala do MIGRACOM...*

*aos professores Jorge Larrosa e Joan-Carles Mèlich,
a acolhida nas disciplinas e o ensinar de uma educação como acontecimento ético...*

*ao grupo de pesquisa Processocom e aos mestres Efendy e Jiani...
obrigada por ensinarem a cooperação e a cidadania intelectual...*

*aos professores Alexandre e Nair...
o iluminar da caminhada durante a banca de qualificação e na aventura do pensamento...*

*aos professores Luis Artur Costa e Rodrigo Lages e Silva,
a inspiração com teses que experimentam o desconhecido...*

*ao Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (Gpesc),
obrigada, Alexandre, por subverter as lógicas dos sentidos...*

*ao Laboratório de Pesquisa em Corporalidades,
aos colegas amigos que me ajudaram neste trabalho...*

*ao grupo da Kabbalah... sopro de luz...
à amizade das Lisi(s) que na loucura psicodélica a gente se conecta...
à Jéssica, as conversações, o compartilhar dos afectos e dos livros de psicologia...
à Ana, a poesia da vida Shakespeariana... “to beat or not to beat”...
à Ma (meu PI), cavalgamos ventos em busca da liberdade...
à Dani, a telepatia ao cruzar dos olhos... a parceria Aguiar-Miranda...
ao Alex, meu amigo-colega do mundo acadêmico, os inesquecíveis vatapás...
à Zulma, chispa de vida... mi número 3...
ao número 32... before sunset...*

ao Zabka, as incessantes reviravoltas no enigma do amor... (a)mar+cielo con Lior

*aos meus pais, o evoluir comigo... existindo e diferindo a cada abraço...
GRACIAS!*

<
Ensaiar e perguntar foi todo o meu caminho - Friedrich Nietzsche
>



Acreditar no mundo é o que nos falta: nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos [...]. É no nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo. (DELEUZE, 1992, p. 218).

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 1988, p. 13).



RESUMO

O objetivo dessa tese de doutorado é investigar processos micropolíticos de produção de conhecimento acadêmico científico, que normalizam as práticas metodológicas nos Programas de Pós-graduação em Comunicação *stricto sensu*, avaliados pela Capes e reconhecidos pelo Ministério da Educação. O posicionamento epistemológico ocorre pela lente da filosofia da diferença em que a micropolítica é entendida como o processo de produção do pensamento a partir das relações de saber-poder, detecta como se produzem modos de subjetivação. Assim, não se quer saber apenas “o quê?” nem “por quê?”, mas “de que modo” e, principalmente, “como” determinado saber e não outro está sendo normalizado. Para isso, propõe-se o caminho da experimentação metodológica da lógica dos sentidos e das séries de paradoxos, no que se relaciona à desnaturalização das práticas e na análise dos agenciamentos coletivos de enunciação com a pragmática crítica. Nesse caso, o problema orientador da pesquisa se articula em *Como a normalização de um saber-poder metodológico vem sendo constituída nos programas de pós-graduação em comunicação? Como esses dispositivos morais emergem nas nossas estratégias de produção do conhecimento? Como se poderia produzir diferentes práticas metodológicas?* Por meio dessa problematização, a discussão metodológica merece ser reconhecida como elemento vital na produção de conhecimento não apenas ao desnaturalizar as quatro séries da moral representativa (ciência metodológica, pesquisa metodológica, pedagogia metodológica e língua acadêmica metodológica), mas ao fazer emergir diferentes paradoxos, nesse mundo inacabado, pois muitas verdades podem ser construídas e caminhos oferecidos. No entanto, para reivindicar a existência é preciso conceber o pensamento numa possibilidade de criação em que não se confunde o pensar com o reconhecer ou representar. Por isso, pouco se discute no saber metodológico sobre a capacidade que o pensamento tem para oferecer outras maneiras de existir e que, sem ele, se é prisioneiro dos saberes-poderes vigentes. Em se tomar o pensamento num fluxo como o da vida se verá que isso apresenta uma ruptura com a representação clássica recognitiva para fazer dele uma potência criadora. Com isso, propõe-se o conceito de *étodos* em que a ética inspira um caminhar questionador dos modelos teleológicos, e possibilita pensar diferentemente as práticas que agenciam os acontecimentos.

Palavras-chave: Método. Comunicação. Pós-graduação. Filosofia da diferença. Paradoxo.

RESUMEN

El objetivo de esta tesis doctoral es investigar los procesos micropolíticos de producción de conocimiento académico científico, que normalizan las prácticas metodológicas en los Programa de Postgrado en Comunicación *stricto sensu*, evaluados por la Capes y reconocidas por el Ministerio de la Educación. El posicionamiento epistemológico se produce por la lente de la filosofía de la diferencia y por lo tanto, la micropolítica se entiende como el proceso de producción de pensamiento a partir de las relaciones del saber-poder, con la detección de como producimos modos de subjetivación. Así, no sólo se quiere saber "o qué" o "¿por qué?" sino "de que modo" y sobre todo "como" determinado saber y no otro está siendo normalizado. Para eso, se propone el camino de la experimentación metodológica de la lógica del sentido y de las series de paradojas en la confluencia con la desnaturalización de las prácticas y en el análisis de los agenciamientos colectivo de enunciación con la pragmática crítica. En este caso, el problematización guía de la investigación se articula en *Como la normalización de un saber-poder metodológico se ha formado en los programas de postgrados en comunicación? Como esos dispositivos morales emergen en nuestras estrategias de producción de conocimiento? Como se podría producir diferentes prácticas metodológicas?* A través de esta problematización, el debate metodológico merece ser reconocido como un elemento vital en la producción de conocimiento no sólo desnaturalizando las cuatro series de la representación moral (la ciencia metodológico, la investigación metodológica, la pedagogía metodológico y el lenguaje académico metodológico), sino que haciendo emerger diferentes paradojas, en ese nuestro mundo inacabado, pues muchas verdades se puede construir y caminos ofrecer. Sin embargo, para reivindicar la existencia, hay la necesidad de concebir el pensamiento en una auténtica posibilidad de creación, donde no confundamos el pensar con reconocer o representar. Por eso, poco se discute en el saber metodológico acerca de la capacidad que el pensamiento tiene de ofrecer otras formas de existir y que sin ello somos prisioneros de los conocimientos de los poderes-saberes vigentes. Si tomamos el pensamiento como un flujo como o de la vida eso presenta una ruptura con la representación clásica reconocitiva para hacer de el una potencia creadora. Por lo tanto, proponemos el concepto de *étodos* donde la ética inspira un caminar interrogador de los modelos teleológicos, que permiten pensar de forma diferente las prácticas que agencian los acontecimientos.

Palabras clave: Método. Comunicación. Post-graduación. Filosofía de la diferencia. Paradoja.

ABSTRACT

The purpose of this doctoral thesis is to investigate micro-political processes of production of scientific knowledge, which standardize the methodological practices in the Postgraduate Programs in Communication *stricto sensu*, evaluated by Capes and recognized by the Ministry of Education. The epistemological positioning occurs through the lens of the philosophy of difference. In this way, micropolitics is understood as the process of production of thought from the relations of knowing-power, detecting how we produce modes of subjectivation. Thus, one does not only want to know "what?" nor "why?", but also "in what way" and especially "how" determined knowledge and not another is being normalized. This way, we propose the path of methodological experimentation of the logic of the senses in confluence with series of paradoxes, in relation to the denaturation of practices and to the analysis of the collective assemblages of enunciation with the critical pragmatics. In this case, the guiding problem of the research articulates in the following questions: *How has the normalization of a methodological know-how been constituted in the postgraduate programs in communication? How do these moral devices emerge in our knowledge production strategies? How could one produce different methodological practices?* Through this problem, methodological discussion deserves to be recognized as a vital element in the production of knowledge, not only by denaturalizing the four series of representative morality (methodological science, methodological research, methodological pedagogy and academic methodological language), but also by emerging different paradoxes, in our unfinished world, for many truths can be built and many paths can be offered. However, in order to claim existence, we must conceive of thinking in an authentic possibility of creation in which we do not confuse thinking with recognizing or representing. Therefore, little is discussed in the methodological knowledge about the capacity of the thought in offering different ways of existing that assure we do not become prisoners of the knowledge-powers in force. If we take thought in a flow like that of life we shall see that this shows a rupture with the classical recognizing representation to make it a creative power. This way, we propose the concept of an ethos in which ethics inspire a questioning walk of teleological models, making it possible to think differently the practices that organize events.

Keywords: Method. Communication. Postgraduate studies. Philosophy of difference. Paradox.

ESCLARECIMENTO DOS PARADOXOS

Em a *Lógica do Sentido*, Deleuze esclarece que a obra *Alice* de Lewis Carroll toca o leitor atual, porque apresenta um jogo de sentidos, um caos-cosmos em que mostra por meio de constelações-problemas que o “sentido é uma entidade não existente” (2000, p. XV).

“O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas” (2000, p. XV).

É uma escrita que se propõe a experimentar e, por isso mesmo, contrariando o bom senso e o senso comum, pude encontrar alguns paradoxos do sentido apresentadas pelos membros da banca durante a defesa da tese que permitiram exercitar acontecimentos-efeitos do processo de produção de uma tese que não acabam com a versão para a banca, mas busca os paradoxos que afirmam mais de dois sentidos ao mesmo tempo. Provocando uma “grande encenação dos paradoxos do sentido, ora recolhendo-os, ora renovando-os, ora inventando-os, ora preparando-os” (2000, p. XV).

Apresentamos aqui alguns sentidos dados por cada membro da banca sobre a linguagem da redação que ajudam a constituir a tese e que foram extraídos da gravação feita durante a defesa.

“Las dos portadas ya anticipan, casi a modo de teaser cinematográfico lo que va a ser la tesis: vamos a disfrutar de un excelente ejercicio de mestizaje del conocimiento de la Academia tradicional, anclada en ciertos principios inamovibles y bastante obsoletos (algo rancios también, desde mi punto de vista) con la propuesta de un nuevo modelo heurístico de exposición del conocimiento desde una perspectiva más (re)creativa y lúdica que la estructuralista y funcionalista decimonómica habitual.” (PARECER DO PROFESSOR NICOLÁS LORITE GARCÍA).

“Seguir a escrita como uma aventura de quem avança no desconhecido pelo prazer de suspender juízos e valores ao arriscar-se no escuro. Ao modo de quem sente a vida leve quando acelera através do firmamento em queda livre, vemos aqui um escrita que se experimentou fragmentar em uma viagem de descobrir-se algo. Mas sempre correndo o risco de desfazer-se, posto que aventura sem risco não é aventura, mas sim turismo” (PARECER DO PROFESSOR LUIS ARTUR COSTA).

“É uma tese cujo foco na metodologia faz-se presente também na forma como se dá a redação” (PARECER DO PROFESSOR ALEXANDRE ROCHA DA SILVA).

“Enfim, quero destacar que um dos aspectos que mais me agradou na tua tese, para além dela ser um trabalho sério de investigação, é que ela deixa entrever uma aposta autêntica, ela mostra um lançar-se sem reservas, num nado de travessia, que não apenas se resume a chegar do outro lado, mas que consiste em criar corpo para poder chegar. E eu entendo que há uma chegada. Já adianto, portanto, que avalio que essa é uma tese que se consuma, que chega. É um trabalho que traça uma direção, se lança e chega, não importa as contracorrentes, não importa os momentos que o mar encrespa”. (PARECER DO PROFESSOR RODRIGO LAGES E SILVA).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCN - Apresentação para Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

MEC - Ministério da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PNPG - Planos Nacionais de Pós-Graduação

SNPG - Sistema Nacional de Pós-Graduação

SOCICOM - Federação Brasileira das Associações Científicas Acadêmicas de Comunicação

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP - Universidade de São Paulo

UNB - Universidade de Brasília

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

PUC/RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNESP/BAU - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

UNIP/SP - Universidade Paulista

UAM - Universidade Anhembi Morumbi/SP

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UTP - Universidade Tuiuti do Paraná

ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do RS

UMESP - Universidade Metodista de São Paulo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - *a “prova” da data que não comprova nada* > 20

Figura 2 - *Evru - “ArtCieMist”* > 22

Figura 3 - *Angelus Novus* > 30

Figura 4 - *Corpus micropolítico* > 58

LISTA DE DIAGRAMAS

Agenciamento 1 - áreas de concentração, linhas de pesquisa e grupos de pesquisa > 85

Agenciamento 2 - avaliação da Capes > 87

Agenciamento 3 - ementas das disciplinas > 89

Agenciamento 4 - editais dos programas para a seleção de alunos para o mestrado e doutorado > 91

Agenciamento 5 - regulamento do prêmio Compós de teses e dissertações e prêmio Capes de teses e dissertações > 92

Agenciamento 6 - lista de *e-mails* da Compós sobre a Portaria N. 234 de 15 dezembro de 2016 - alteração do nome Ciências Sociais Aplicadas I para Comunicação e Informação e sobre o artigo poético publicado na revista A2 > 92

Agenciamento 7 - livros e artigos sobre o saber metodológico > 99

Agenciamento 8 - eventos sobre o saber metodológico > 100

SUMÁRIO

<i>Prefácio do andarilho numerólogo...</i>	19
<i>Introdução... das conexões com a vida...</i>	25

I. PROBLEMATIZANDO

1. Contextualizando a problematização teoricometodológica.....	43
2. A configuração micropolítica do <i>corpus</i>	53
3. Agenciamentos dos objetivos para a lógica dos sentidos.....	61

II. CONSTITUINDO

4. Dispositivo de produção dos dados: Programas de Pós-graduação em Comunicação.....	80
5. Arqueogenealogia do saber metodológico.....	103
> 5.1 ciência metodológica <.....	105
> 5.2 pesquisa metodológica <.....	114
> 5.3 pedagogia metodológica <.....	123
> 5.2 língua acadêmica metodológica <.....	130

III. PROPONDO

6. Saber metodológico: uma moral da razão representativa.....	134
7. Por um pensamento etodológico.....	142

Referências.....	155
Anexo A.....	166
Anexo B.....	184
Anexo C.....	215

Prefácio do andarilho numerólogo

<
Nietzsche em “Humano, Demasiado Humano” 638 = 8 (número dos infinitos caminhos)
>

638. O andarilho - *“Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso, talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez, nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão e o dia será quase pior do que a noite. Isso bem pode acontecer ao andarilho; mas depois virão, como recompensa, as venturosas manhãs de outras paragens e outros dias, quando já no alvorecer verá, na neblina dos montes, os bandos de musas passarem dançando ao seu lado, quando mais tarde, no equilíbrio de sua alma matutina, em quieto passeio entre as árvores, das copas e das folhagens lhe cairão somente coisas boas e claras, presentes daqueles espíritos livres que estão em casa na montanha, na floresta, na solidão, e que, como ele, em sua maneira ora feliz ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos mistérios da alvorada, eles ponderam como é possível que o dia, entre o décimo e o décimo segundo toque do sino, tenha um semblante assim puro, assim tão luminoso, tão sereno-transfigurado: – eles buscam a filosofia da manhã.”*

O andarilho leu esse aforismo em 30.08.2007 (=11), quando ganhou o livro de Nietzsche, *Humano, demasiado humano*, de uma amiga, em seu aniversário de 22 anos. A cada ano girava o livro no seu aniversário e lia o aforismo que se abria a seus olhos. Em 30.08.2016 (=11), voltou a girar o livro e eis que sai o mesmo aforismo 638. Somado $6+3+8=17$ e “∞” número do infinito. Ficção? Mesmo número? Diferença e repetição? Sim, e

talvez, e talvez não. Um misto de empirismo e subjetivação. Para o andarilho, a numerologia o fazia escapar da razão.

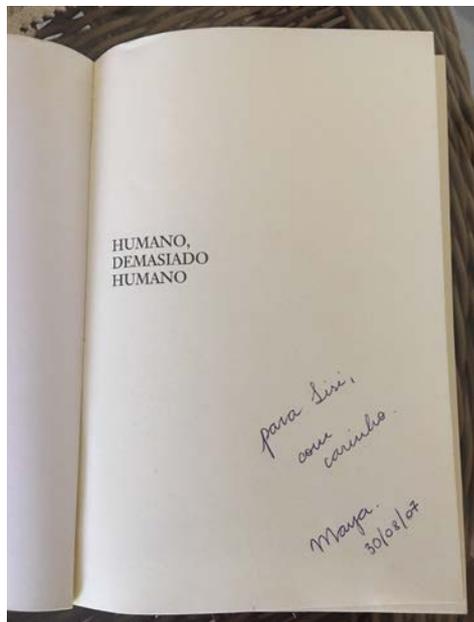


Figura 1 – a “prova” da data que não comprova nada

O andarilho intuía que o mundo mudava, não necessitava mais da segurança da verdade e fazia da numerologia seu método. Um método peripatético? Não porque seguia a Aristóteles, mas porque necessitava caminhar multiplicando. Pensava que a parte ética da palavra peripat(ético) era sua numerologia nascida dos mistérios da alvorada “*entre o décimo e o décimo segundo toque do sino*” (NIETZSCHE, 2005, p. 271, grifo da autora).

O andarilho, quando pensava o *entre*, lembrava-se da lenda chinesa do fio vermelho chamada “*Akai Ito*” de que o laço pode embaraçar, emaranhar, mas nunca quebra. Ele o recriava para uma imagem de um novelo luminoso de linhas heterogêneas. Algo como a sua numerologia que tinha linhas cabalísticas, pitagóricas, tibetanas, tântricas, quânticas. Tudo misturado sem uma única vertente. Ele queria mesmo era uma numerologia dos acontecimentos menores. Perguntava-se de tempos em tempos se não haveria uma numerologia xamânica ou cosmológica ou outras tantas que ainda não tinha encontrado e que poderia inventar.

Um dia, o andarilho cansado de calcular resolveu entrar em uma exposição de Artes. Queria sentir seu corpo vibrar diferente. Ele se *afectou* com o nome: *Iluminaciones. Cataluña Visionaria*.

Entrara e leu na parede:

Cataluña ha sido un país avanzado gracias a la intuición y a la visión de sus individualidades, permeables a las corrientes de pensamiento europeo y a las nuevas ideologías revolucionarias. Se trata de una exposición que nos acerca a la obra de estas figuras del mundo de las artes y las letras, de la ciencia y del pensamiento que han abierto perspectivas y han roto moldes¹.

Passara os olhos e leu em outra parede:

IMAGO MUNDI. La herencia simbólica
LUX. Utopías y utopistas
LOCUS SOLUS. Lugares del espíritu
UT PICTURA POESIS. Paisaje, alma y naturaleza
MATER CIVITAS. La ciudad como matriz
INCIPIT TRAGOEDIA. Premoniciones y gritos de guerra
NATURA NATURATA. Maquinismo poético y lúdico
AURAE. Paisajes metafísicos
CREATIO MENTIS. El mundo de la mente
ITA EST. La vida imaginaria del objeto
OPUS SCIENTIFICUM. Ciencia y arte
NUMEN. Mística contemporánea
SINGULARIA. Identidad, transcultura y género

Ele pensava em cada enunciado como “Akai Ito” e que nada estava ali por acaso. Tinha até um sobre a numerologia e a mística contemporânea. O andarilho seguia caminho quando lhe chamou atenção um artista chamado ZUSH/EVRU. *O que será que significa? Como pode isso? De onde será que é? Por que esse nome raro?* O andarilho suspirava com ares de jornalista. Mas essas eram apenas perguntas de causa e efeito.

Deveria pesquisar mais? Investigar em que condições as coisas se tornam o que elas são no momento da experiência. Uma vontade de potência o fazia jogar logo seu nome no *google*: “Evrú (Evrugo Mental State) é um artista de formação autodidata definido pelo mesmo como ArtCieMist em uma soma de artista, científico e místico”².

Wauuuuuuu! Ele mesmo criou sua identidade? O andarilho sentia muita vontade de COPIAR, mas sua moral dizia que isso era puro decalque. Mas, como nunca havia pensado nisso antes? Queria naquele momento mudar de identidade. Lembrou dos tais heterônimos:

<
*Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,
ou metade desse intervalo, porque também há vida...
Sou isso, enfim...*

Álvaro de Campos em "Poemas"
Heterônimo de Fernando Pessoa (1993, p. 124).

>

¹ Disponível em: < www.cccb.org/rcs_gene/Iluminaciones_notasCAST.doc > Acesso em: 8. jan. 2016.

² Disponível em: <<http://evru.org/es/>> Acesso em: 8. jan. 2016.

Wauuuuuuu! Suspirava o andarilho e pensava que o tal Evru ainda fora capaz de conectar arte, ciência e misticismo! O andarilho numerólogo, também, estava misturando os tempos verbais, as pontuações, as ideias, mas ele tinha uma CERTEZA que se um dia escrevesse um livro iria misturar as coisas “ArtCieMist” e pediria para o EVRU fazer a capa do seu livro.

Evru, para o andarilho, até parecia com Foucault. Um escritor, professor, filósofo e, entre muitas outras coisas, místico. Sim, ele até fez uma profecia.



Figura 2 – Evru - “ArtCieMist”

“Talvez um dia o século será deleuziano”, assim falou Foucault ao estilo Zaratustra. A leitura de duas obras: *Lógica do Sentido* e *Diferença e Repetição* lhe provocara impacto. O que tinha de especial nesses livros? Questionava-se o andarilho. E sentia que a curiosidade é pensar em experiência. Na diferença de uma pura potência do pensamento: *“... ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular”*. (NIETZSCHE, 2005, p. 271).

O andarilho seguia com os sentidos abertos e o espírito selvagem. Lembrava-se da frase de uma canção de Bob Dylan: *I'm thinkin' and wonderin', walking down the road...* Ele estava *pensando e imaginando, andando pela estrada* e sabia que não há norma que não pudesse ser repetida de forma diferente. Que um dia Dylan até poderia ganhar um prêmio Nobel de literatura. Mas, também, disseram que há de se respeitar as normas e de não as subverter, tendo que comparecer a esses tipos de cerimoniais.

O andarilho duvidava das normas numerológicas. Ele somava e multiplicava sua numerologia, existindo para poder diferir. Uns diziam que era cientista por estar sempre a pensar e calcular números, mas queria se livrar desses valores. Para ele, a grande mentira da vida era a moral. Então comprou um livro que se chamava a *A genealogia da Moral*. Começou a ler e não entendeu. Buscou outro caminho e leu *Nietzsche, a genealogia, a*

história. Foi como ler as últimas páginas de um livro e interessado pode voltar ao anterior como uma pessoa que se alonga antes da caminhada.

Descobriu, nesses livros, que a moral era um conjunto de regras e de valores. O andarilho tentava escapar dos códigos morais impostos pelas instituições familiares, religiosas, educativas, etc.

Temia ainda mais a moralidade do seu próprio comportamento ao se constituir em um sujeito moral. Nessa moral, dirigida à ética. O andarilho tentava elaborar uma estética da existência: um *étodos*, em que a ética inspirava um caminhar questionador dos modelos normalizados, que lhe possibilitava pensar diferentemente as práticas que agenciavam os acontecimentos em sua vida nômade.

O andarilho havia feito uma lógica do sentido metodológico, pois sofria do pavor de pensar o conceito de método como um caminho para se atingir um fim. Sofria ao ver manuais, que instruíam como caminhar, ou mapas, de como se guiar. Agonizava ao ver a língua morta dos relatórios repletos de imperativos categóricos.

Tinha um sentimento anárquico: gostava de ler o final dos livros. Sabia que a verdade não se revelava apenas na geografia de um final e que não existiam números ruins ou bons, mas números irracionais como o número π (Pi), que escapavam da seguridade letárgica do tédio do idêntico, mas algo anticonformista como no *movimento beatnik*. O andarilho desconfiava que Kerouac e Snyder soubessem disso.

O andarilho acreditava se tratar da ética da caminhada sem mais uma meta para se atingir um fim, mas que instaurava a vida em toda a sua potência de criação: processos imanentes, não definidos, não dados e não garantidos necessariamente pelas normalizações, o que implicava inventar outras práticas e, quiçá, outros mundos menos burocratizados.

Havia refletido em sua caminhada que o primado do método, tal como o conceito fora concebido, definia o mundo da representação. Entretanto, sua identidade científica se desterritorializava junto com a morte de Deus, o que remetia a um mundo sem verdades absolutas onde se consentia a reinserção dos simulacros como uma reversão do platonismo o que permitia pensar em imagens sem semelhanças. O simulacro diferia tanto do original como da cópia, tanto do modelo como da reprodução (DELEUZE, 2000). O andarilho em seu *éthos*, em sua forma de vida, ou melhor dito, em seu modo de subjetivação, via que a identidade de um saber metodológico era apenas simulação em um jogo de verdades de diferença e de repetição.

Ele estava muito próximo a uma inconclusa premissa: os números expressam não apenas quantidade como qualidade. Pensava que a identidade moral do conceito de método

fez dele o estereótipo da representação. Todavia, havia uma saída: “a tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença”. (DELEUZE, 1988, p. 8).

A vida na sua singularidade máxima não podia ser cópia. E assim era possível libertar o empirismo metodológico da representação de um modelo. Uma experiência que fugia à língua, que desterritorializava os sentidos já estabelecidos. O andarilho até tentava criar conceitos para pensar essa experiência singular chamada vida. “Só o empirista pode dizer: os conceitos são as próprias coisas, mas as coisas em estado livre e selvagem, para além dos ‘predicados antropológicos’”. (Ibidem, p. 8).

Caminhar era a experiência que ensinava a prática da liberação (GROS, 2010). Isso significava pensar a experiência não a partir do sujeito, mas a produção do sujeito a partir da daquela. Nietzsche sabia, por sua própria experiência, que era necessário caminhar e fugir do conformismo linguístico.

<
Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras.
— A vida sedentária — já o disse antes — eis o verdadeiro pecado contra o espírito.
Nietzsche em *Ecce homo: como alguém se torna o que é?*
>

<
Se minha alma pudesse dar pé,
eu não me ensaiaria, me resolveria;
mas ela se encontra sempre em aprendizagem e à prova.
Montaigne
>

<
A numerologia ensinava ao andarilho
que cada um só poderia ser julgado
pela coragem de verdade de suas experiências.
andarilho numerólogo em seus escritos
>

Introdução... das conexões com a vida

*O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz,
o movimento pelo qual dele nos separamos,
construímo-lo como objeto e pensamo-lo como problema*
(FOUCAULT, 2010, p. 232).

O andarilho numerólogo ainda se perguntava sobre a data de nascimento do tal “artista, cientista, místico Evru” para poder DEScobrir qual era sua lição de vida. No seu *site* só inFORMAVA setembro de 68. O andarilho achou intrigante, eram poucos meses depois do *Mai de 68*. Ainda mais na mesma Europa que ansiava por mudanças após ter passado por inúmeras barbáries. Ele sabia que muitos pensadores e alguns, até mesmo, referidos como “pós-estruturalistas”³ começam a militar por diferentes formas de pensar o saber por um prisma que o religasse com a vida cotidiana. O viandante, depois de cruzar com o pensamento deleuziano, começou a se obsesionar com a vida. A pensá-la como uma vida imanente que transporta acontecimentos que não fazem mais do que se atualizarem nos sujeitos: “a vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem”⁴.

Aderindo a essa perspectiva no meio acadêmico, o andarilho pensava que o sujeito pesquisador se torna parte inerente do processo produção de conhecimento. Seu ponto de partida investigativo, sua filiação epistemológica, escolhas teóricas estavam relacionadas à vida e se atualizam na vida-pesquisa e criavam questionamentos ao invés de apenas buscar respostas.

O anedejo se perguntava sobre a possibilidade de uma narrativa ensaística que envolvesse o autor, sua vida e o que foi sua caminhada acadêmica para emergir com tais questionamentos e se era possível falar em primeira pessoa.

Descobriu que “falar (ou escrever) em primeira pessoa não significa falar de um mesmo (...), sim que significa, mais bem falar (ou escrever) desde si mesmo, pôr si mesmo em jogo no que um diz ou pensa, se expor em que um diz e no que um pensa”. (LARROSA, 2006, p. 54, tradução desta autora). “Assim como uma língua singular é também um invento

³ Peters explica que o avanço do movimento pós-estruturalista em relação ao estruturalismo foi o de questionar “o racionalismo e o realismo que o estruturalismo havia retomado do positivismo, com sua fé no progresso e na capacidade transformativa do método científico, colocando em dúvida, além disso, a pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e à mente humana em geral.” (PETERS, 2000, p. 37). Outros intercessores conceituais sobre o pós-estruturalismo: WILLIAMS, 2013, CUSSET, 2008; HARDT, 1996; DOSSE, 1993; FERRY e RENAULT, 1988.

⁴ DELEUZE, Gilles. **Imanência: uma vida...** Disponível em:
<<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>> Acessado 02 fev. 2016.

dos filósofos e dos linguistas ao serviço do Estado” (Ibidem, p. 82). É uma língua que contém a experiência. Para Agamben (2005), a experiência é o lugar onde se toca os limites da própria linguagem, pois a experiência é do singular.

Arqueologicamente escavando o passado a partir da análise do presente⁵, o andarilho se perguntava: Como se chega a ser quem se é? Como se constituiu o interesse em estudar o saber metodológico?

As primeiras pistas só podiam vir da sua educação. Fora educado no ensino básico numa escola construtivista. Não havia avaliações padronizadas, livros didáticos ou procedimentos de ensino rígidos. Fazia teatro, danças circulares, lia muitas histórias, levava os animais de estimação para fazer companhia e brincava de escrever pintando ao invés de decorar tabuadas ou fazer avaliações.

Ao ingressar, na quinta série, em outra escola que era ultraconservadora, o andarilho foi visto como selvagem. Não seguia nenhum “método”: não queria fazer fila, usar uniforme, rezar antes de comer. Foi invadido por um excesso de regras. Buscou entender uma realidade que não podia ser criada, mas recriada a partir de modelos e normas impostas. Foi tomado pelo vazio. Só restavam lacunas a serem preenchidas. Com isso, aportou em seu ser um “comportamento estranho”, a de busca por informações, dados, fatos, evidências e nexos entre diversas variáveis relacionadas a uma palavra que assombrava sua liberdade: método.

Um método, que neste caso, prescrevia um modo correto de viver, e não um método que provocasse criação e diferença. Uma escola foi para o andarilho Heráclito: um sol sempre diferente a cada dia. A outra foi Parmênides da repetição permanente do mesmo, da busca pela regularidade, da perfeição e de imutabilidade do pensamento.

Os anos passaram e um certo sentimento anárquico ficou latente nele. Ao sair da escola, o método se tornou uma imagem apriorística do uso da razão para se chegar a um

⁵ Larrosa ensina que “Foucault produz essa desfamiliarização do presente, usando um recurso retórico de origem nietzschiana: nem sempre fomos o que somos” (...) Trata-se de apontar para algo de nosso passado que não podemos chamar de nosso, que possa ser tomado como o outro do que somos. E se nem sempre fomos o que somos, é claro que nem sempre seremos o que somos. Vocês sabem como funcionam as ficções de futuro em Foucault. Se na relação com o passado se trata de proibir toda a racionalidade retrospectiva, na relação com o futuro trata-se de proibir toda a racionalidade projetável. Nada de propor essas alternativas que não são outra coisa do que uma projeção idealizada e deslocada do que somos. No modo que nos constitui, de marcar o tempo que virá, imaginar outro sistema ainda faz parte do sistema, desenhar uma imagem do futuro ainda faz parte das convenções do presente. Nada de utopias, essas confortáveis avenidas nas quais a continuidade entre o que somos e o que queremos ser fica sublinhada, idealizada, magnificada. Vocês conhecem o uso magistral que Foucault faz desse efeito retórico da retro-profecia, de profetizar o olhar para trás, a partir de um tempo futuro, no qual o nosso presente aparecerá como estranho, como arbitrário, como exótico, como incompreensível. Trata-se de projetar o próximo fim do que somos e imaginar, a partir desse lugar fictício, alguém que nos olhará com esse mesmo rosto atônito com o qual nós lemos o suplício de Daniel ou o suave deslizar da nau dos loucos (2004, p. 34-35).

determinado fim. Mas ele se perguntava... que fim? Ficou *contra o método* ao estilo Feyerabend (2011), buscou por uma *epistemologia do sul* nas pistas de Boaventura (2006); seguiu Morin: “*é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha*” (2013, p. 36); pensou em um *after method* como Law (2004); uma *signatura rerum sobre o método* como fez Agamben (2010) e tomou os poemas de Antonio Machado e Manoel de Barros como princípio: “*Caminante no hay camino, se hace camino al andar (...)*” (1983, p. 223) e “*Anoto tudo. Não tenho método nem métodos*” (2010, p. 64).

Entrar na Universidade foi o deleite, o sopro de vida. Nela, o andarilho se encontrara com Deleuze e Guattari, os quais o conduziram esquizofrenicamente a um pensamento diferente. Não lhe davam prognósticos, mas conectavam os sintomas por outros mundos metodológicos possíveis.

Na disciplina de semiótica durante os primeiros anos de universidade emergiu o interesse em participar como bolsista de Iniciação Científica. Ser “iniciado” no mundo científico gerava a possibilidade de ter mais tempo para caminhar por outros cenários como as disciplinas da pós-graduação, de outros cursos e de outras áreas.

Poder existir para além do sedentarismo de fazer algo igual todos os dias: ter mais tempo para estudar, para ler e para pensar. Com essas disciplinas da “pós” se abriram temas que só na disciplina de *Metodologias de Pesquisa*, no contexto da graduação, não haviam sido contemplados. Isso permitiu que o andarilho em seu trabalho de conclusão de curso pudesse estudar a cartografia, tendo como intercessores Deleuze e Guattari para poder inventar sua caminhada metodológica.

Dessa aproximação surgiram questionamentos sobre as processualidades teórico metodológicas do uso da cartografia no campo da comunicação. Esse foi, então, o seu tema de pesquisa no mestrado: *Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social* (AGUIAR, 2011). Sim, o andarilho possuía um heterônimo que ele tinha inventado. Um nome que fosse o contrário de simplesmente “guiar”... ele almejava uma ruptura a-significante: “a-guiar”. Ele desejava romper também com o gênero masculino ou feminino. Ele podia ser mulher e ter heterônimo masculino, porque ele escaparia da categoria de um nome próprio que enquadra o sujeito ao pertencimento de um gênero, de um grupo, de uma categoria. Ele queria poder ser um misto e caminhar entre essas estruturas.

O caminhante “a-guiar”, no ano de 2011, calculava sua numerologia para saber em que momento estava. Achava muito estranho seu trabalho ter sido indicado para um prêmio⁶ em um ano numerológico 6, deveria ser num ano 7. Ficou intrigado. Começou a se interessar pelos critérios de seleção de trabalhos. Como o andarilho andava caminhado por outros campos do conhecimento chamava sua atenção as normatizações dos editais para ingresso nos programas de pós-graduação em comunicação em relação a outras áreas. Com a ajuda de disciplinas cursadas, mais intensamente na psicologia⁷, instauravam-se outras perspectivas que lhe faziam questionar muitas práticas da comunicação. Essas envolviam os processos de subjetivação em sua relação com o cultural, o social e o político em seus movimentos contínuos de criação coletiva e de como produzimos conhecimento nessa área em compromisso com a *vida*⁸.

O andarilho “gostaria de tentar ver como o dizer verdadeiro, a obrigação e a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos de governo podem mostrar como o indivíduo se constitui como sujeito na relação consigo e na relação com os outros”. (FOUCAULT, 2010, p. 42).

Ao caminhar por outros mundos, o andarilho enviou um artigo para o GT de Epistemologia da Comunicação da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), em que problematiza questões metodológicas no campo. Durante o evento, uma das integrantes do grupo comentou que a questão do método era quase como uma “Metodite”, uma doença que não valia a pena ser tratada já que “todos sabem o que é método”. Todavia, o andarilho se perguntava interiormente: como avançar sobre esse saber se não se pesquisa sobre o mesmo... se não se quer falar sobre um modo quiçá diferente de pensar. Essa participação foi decisiva para mudar seus planos de viagem e dar andamento ao projeto de doutorado. De certo modo, ele tinha vontade de problematizar algo sobre a cultura metodológica no campo da comunicação.

Enquanto escrevia o seu projeto pensava que esse *insight* não se devia apenas ao evento da pós-graduação no crepúsculo dos ídolos, mas de uma caminhada anterior. O andarilho desde os tempos de bolsista participava em diferentes grupos de pesquisa: um grupo chamado GPAv (grupo de pesquisa audiovisuais - UNISINOS); outro chamado

⁶ “Prêmio Compós de teses e dissertações”.

⁷ Como as disciplinas de *Cartografia de Afetos Contemporâneos*, ministrada pela professora Dra. Gislei Lazzarotto e de *Processos Institucionais e Estratégias Analíticas* com a professora Dra. Nair Iracema Silveira dos Santos.

⁸ De acordo com Machado (2000), a expansão da vida não se coloca oposta ao bloqueio do que se torna instituído e que permanece movendo processos burocratizantes com relação aos valores, às regras interrompendo diferentes possibilidades de invenção da vida.

Processocom (Processos comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção - UNISINOS) e outro chamado GPESC (Semiótica e Culturas da Comunicação - UFRGS).

Nesses grupos, os debates giravam acerca das linguagens voltadas à comunicação em diferentes práticas disciplinares, metodológicas, estéticas, políticas e na fundamentação, construção metodológica da pesquisa comunicacional em uma perspectiva transformadora. A participação nesses grupos, durante muitos anos, desde a iniciação científica, permitiu-lhe uma maior inspiração sobre o “pós-estruturalismo”, proporcionadas pelas discussões no GPESC, e o entusiasmo em saber mais sobre as questões metodológicas se instaurou, principalmente, pelos debates no grupo Processocom.

Observando outros acontecimentos na sua vida, ele refletia que esses temas também se mostraram como fontes de interesse durante intercâmbios em outras instituições e em outras caminhadas acadêmicas. Enquanto cursava jornalismo, conseguiu uma bolsa de estudos na Universidade de Sevilha/Espanha. Cursou 5 disciplinas. Cinco, porque era um número cabalístico para o andarilho. Ele sabia que era o número da aventura e que tudo daria certo sobre a vibração desse número. Dentre essas disciplinas uma lhe marcou: *Periodismo Social y Educativo* em que discutiam textos sobre Foucault e a educação. Quando voltou do intercâmbio sentia que não podia parar a caminhada e tentou outros meios de seguir viagem. Usando seus poderes numerológicos conseguiu outra bolsa. Dessa vez foi para a Universidad ORT⁹/Uruguai. Mais uma vez, o viajante teve a oportunidade de se deparar com o referencial teórico sobre o pós-estruturalismo na disciplina de *Corrientes del Pensamiento Contemporáneo* que analisava os fenômenos da comunicação à luz da filosofia da diferença, tendo como intercessores, principalmente, Foucault, Derrida, Deleuze e Guattari.

O andarilho partiu para Israel com uma bolsa chamada *Taglit*, que em hebraico significa descobrimento, lá visitou o museu de Israel em Jerusalém e viu o singular desenho de Paul Klee, *Angelus Novus*. Achou interessante a explicação do museu:

Este desenho intrigou o filósofo e o crítico literário alemão Walter Benjamin (1892-1940), que o comprou em 1921. Após a segunda guerra mundial, o amigo de toda a vida de Benjamin, Gershom Scholem (1897-1982), distinto erudito do misticismo judaico, herdou o desenho. De acordo com Scholem, Benjamin sentiu uma identificação mística com o *Angelus Novus* e incorporou em sua teoria do "anjo da história", uma visão melancólica do processo histórico como um ciclo incessante de desespero. (...) Há algo quase místico sobre a sua presença no museu nacional de Israel desta obra fundamental, uma vez que foi de posse de dois dos maiores pensadores judeus do século XX. Em uma curiosa coincidência final, a interpretação de Walter Benjamin deste desenho tornou-se a inspiração para a escultura Anjo de

⁹ Universidad ORT – Organização da Reconstrução e Trabalho é uma universidade membro do *World ORT*, uma organização educativas não governamental.

História: Poppy and Memory, de Anselm Kiefer, de 1989, também na coleção do Museu de Israel.¹⁰

O andarilho numerólogo achou fascinante ter lido poucos dias antes da viagem um ensaio de Giorgio Agamben, intitulado "*Benjamin y lo demoníaco*", que contava que a leitura realizada de *Angelus Novus* comportava muitos interesses de Kabbalah. Tanto que Benjamin ficou muito amigo do teólogo judeu Gershom Scholem para saber mais sobre essa mística judaica.



Figura 3 – *Angelus Novus*

O quadro *Angelus Novus* para Benjamin era profanador, porque rompia com o humanismo hipócrita que buscava tornar o homem à semelhança de Deus. Subvertia com o positivismo, que havia transformado a escrita da história na mera coleta de fatos e datas. Criava um estilo próprio de pensar cientificamente a partir da mística e do devaneio.

Retornando para o Brasil, o andante encontrou um curso à altura do delírio, inspirado por Benjamin: *Esquizoanálise e Esquizodrama*, com aulas ministradas pelo Gregório Baremlitt sobre análise institucional, realizadas pelo Instituto Félix Guattari e Instituto Pichón-Rivière.

Nessa trajetória, ele pode se aventurar por diferentes abarcamentos acadêmicos em que uma *filosofia da diferença* o desterritorializava de pensar como pensava. O envolvimento tanto com os aportes teóricos ligados à diferença como na relação com as perspectivas

¹⁰ Disponível em <http://www.imj.org.il/Imagine/collections/item.asp?itemNum=199799>. Acesso em 28 nov. 2016. Tradução nossa.

referentes à dimensão metodológica não foram resultados apenas de uma aproximação apriorística, mas de uma caminhada no enfrentamento desses assuntos ao trabalhar com os mesmos, tanto na monografia como na dissertação.

Neste contexto de trabalhos científicos acadêmicos surgiram alguns desafios e questões que tensionaram a própria teoria e metodologia adotada, que o impulsionavam a problematizá-la no doutorado. Todos esses conhecimentos que afetaram o andarilho ao longo dos anos convergiam para a ampliação das conexões sobre o saber metodológico no campo da comunicação.

No Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, mais especificamente na linha de pesquisa de Cultura e Significação¹¹, ele encontrou aportes teóricos que o ajudaram no desenvolvimento do trabalho. O viajante contou, também, com a ajuda de uma bússola que sempre lhe auxiliava quando perdia a direção. Ela foi sua orientadora em tempos difíceis em que ele se perdia flanando à deriva.

O carinho por sua bússola era tal como a um oráculo e a batizou com o nome de *Nísia* por significar a deusa grega dos mares. Quando foi para a Tunísia ele a apertou forte contra o seu peito, porque *Tu* significas *porto*. Ele chegava em solo sagrado: *o Porto da Nísia*.

A bússola *Nísia* tinha experiência de mais de quinze anos e nesses indicava diferentes direções em uma disciplina chamada: metodologias de pesquisa para a graduação e tantas outras navegações em programas de pós-graduação.

O encontro do andarilho com a sua bússola ocorreu numa disciplina de semiótica. Depois disso, ele a carregava nos caminhos como aluno, como bolsista de iniciação científica, como orientando, como estagiário docente (nas turmas de metodologias de pesquisa durante o mestrado e doutorado). *Entre* todas essas direções ele se encantava, pois sempre havia números. Muitas *conversações* que atualizavam imaneamente os encontros que a vida possibilita.

Acontecimentos de sentidos múltiplos que se intensificaram e permitiram ao andarilho ver a semiótica com os olhos de *Alexandre, o Grande, o Magno, o rei da Macedônia*. “Um fenômeno não é uma aparência, nem mesmo uma aparição, mas um signo, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual. A filosofia inteira é uma sintomatologia, uma semiologia. As ciências são um sistema sintomatológico e semiológico”. (DELEUZE, 1976, p. 5).

¹¹ Estuda abordagens teóricas e metodológicas nas perspectivas dos imaginários, dos estudos culturais e das semióticas. Linguagens e produção de sentidos. Sistemas culturais e imagens técnicas. Teorias da recepção, da leitura e do consumo. A produção e a circulação dos bens materiais de comunicação. Suportes, plataformas, formatos de produtos midiáticos e suas estéticas.

Nessas diferentes sucessões de forças do aprendizado sobre o saber metodológico, o *entre* que se intensificou no doutorado, ocorreu sintomatologicamente durante outra viagem que o andarilho pôde fazer. Num período de > 12 < meses, o andarilho foi respirar outros ares na Universidade Autônoma de Barcelona. Ele pode circular por muitas disciplinas diferentes, mas nessa constelação > 4 < brilharam com mais intensidade: a) *Antropologia e Filosofia da Educação*¹² que abordou no seu curso a educação como acontecimento ético em diálogo com o pós-estruturalismo e a obra de Michel Foucault na Educação; b) *Investigação da experiência: linguagens e saberes*¹³ que estudou a experiência de investigar e de escrever de outros modos e como esses processos narrativos estéticos permitem pensar a educação como o que passa, toca, acontece na experiência; c) *Metodologia de Investigação em Comunicação*¹⁴ desenvolveu métodos experimentais de psicologia da percepção em diálogo com a linguística e teorias da comunicação; d) Disciplina de *Realização Televisiva*¹⁵, investigou o uso de metodologias transformadoras para o estudo do audiovisual, quando participou de um projeto audiovisual sobre a *Diversidade sociocultural através do ensino de música no Raval em Barcelona*.

Essas disciplinas, cursos e seminários lhe possibilitaram vivenciar o alerta de Michel Serres de que “nenhum aprendizado dispensa a viagem”:

[...] Ao atravessar o rio e entregar-se completamente nu ao domínio da margem à frente, ele acaba de aprender uma coisa mestiça. O outro lado, os novos costumes, uma língua estrangeira, é claro. Mas, acima disso, acaba de aprender a aprendizagem nesse meio branco que não tem sentido para encontrar todos os sentidos. No ápice do crânio, em turbilhão, se atarraxa o redemoinho da cabeleira, lugar-meio onde se integram todas as direções. [...] **Sob a orientação de um guia, a educação empurra para fora. Parte, sai** (SERRES, 1993, p.14-15, grifo desta autora).

Genealogicamente desbloqueando o tempo histórico do andarilho, através de caminhos/viagens, daqueles aspectos que conectam os sistemas de experiências imanentes ao modo de as conhecer, há nessa conjunção, a linha de força literária, narrativa e poética¹⁶ que põe a ética em seu ponto de partida.

¹² No Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação da UAB, ministrada pelo professor Joan-Carles Mèlich Sangrà.

¹³ No Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona com os Professores Jorge Larrosa, Remei Arnaus, José Contreras.

¹⁴ No Programa de pós-graduação em Comunicação da UAB, sob a orientação do Professor Angel Rodriguez Bravo que me permitiu atualizar diferentes formas de trabalhar metodologicamente. O professor Bravo ensina há mais de dezoito anos a disciplina de metodologia na comunicação.

¹⁵ No Programa de pós-graduação em Comunicação da UAB, sob a orientação do Professor Nicolás Lorite-García.

¹⁶ Como lembra Guattari sobre a linha de força intensa da literatura, por exemplo “em Nelson Rodrigues, temos um desses talentosos analistas da micropolítica que habitam a literatura. A análise dos caminhos e descaminhos do desejo, em nossa sociedade, encontram em sua obra um prato cheio”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 136).

O andarilho dava pulos de alegria quando encontrou os cursos: *La prosa de la vida. Sobre filosofía y literatura e La razón impura. Por una filosofía literaria* com Joan-Carles Mèlich (2015-2016). Nos cursos ele descobriu que o pensamento ocidental esteve dominado pela herança recebida do Poema de Parmênides, desde uma filosofia metafísica que contemplou a vida desde o Uno do Ser situado mais longe do espaço e do tempo deixando o pensamento ocidental desacostumado a ‘pensar’ a singularidade, a corporeidade e a alteridade. Com um pensamento contrário à lógica metafísica se produz diferentes modos de subjetivação: concebendo a vida como relato, o que significa que o sujeito humano é, como pensava Proust, um novelista de si mesmo. Em *Busca do tempo perdido*, Proust escreve:

Que valor pode ter a literatura de notas, se a realidade está contida em pequenas coisas como as que anota (...) e carecem de significado por si mesmas se não a deduzimos delas? O que constituía para nosso pensamento, nossa vida, a realidade, é a cadeia de todas essas expressões inexatas, conservadas pela memória, onde, pouco a pouco, não vai restando nada do que realmente havíamos sentido (...) a verdadeira vida, a vida ao fim descoberta e elucidada, a única vida/portanto, realmente vivida é a literatura; essa vida que, em certo sentido, habita em cada instante todos os homens tanto como o artista (...). (PROUST, 1998, p. 244-245, tradução desta autora).

Esta mensagem tocou forte o andarilho, pois evidenciou que o processo de autoconhecimento tem a ver com diferentes momentos da vida como um espaço de interlocução que educa a compor o relato da própria aprendizagem, de como se configuram, e ajuda a prestar cuidadosa atenção à experiência vivida e a seus signos.

O bom escritor, diz Deleuze (1998), nunca escreve para se tornar escritor, mas para se subverter fazendo da escrita mais do que escrita, seriam “passagens de vida”, nos termos de Deleuze “tirados-roubados” de Whitehead. Também, seria algo que Rimbaud (1995) sempre profanava: a de querer ser poeta, e trabalhar para se tornar vidente.

Para o escritor exercer a liberdade é algo que exige constantes diálogos com seus modos de existência, ou seja, “para que essa prática de liberdade tome forma em um *éthos* que seja bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir, é preciso todo um trabalho de si sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 270).

Num trabalho de si sobre si mesmo o andarilho buscou problematizar a constituição desse interesse em estudar um saber metodológico. Entretanto, esse movimento conduziu a outro: *Como pensar uma tese sobre o saber metodológico desde a comunicação?*

Durante o *sanduíche*, em conversações com o professor Larrosa, o andarilho teve que lidar com a imagem dogmática dos diversos empreendimentos metodológicos produzidos no campo da comunicação. No Brasil, o destaque irônico foi gerado com a massificação do estudo das capas da revista *Veja*. Para Larrosa, um estudo problematizava o metodológico

desde a comunicação ganhava um ar de admiração e de crítica para um campo que, olhado desde a filosofia da educação, estava intimamente alimentado pelo capitalismo cognitivo.

Dentre as distintas formas da estupidez, talvez seja a estupidez midiática a mais evidente e, por vez, a mais oculta. A estupidez mais evidente porque as distintas tradições da crítica cultural, desde a escola de Frankfurt em diante, tenham convertido em estúpido estereótipo o imperativo de manter uma ‘atitude crítica’ com respeito a uns meios massivos de comunicação que, contudo, permanecem tão estupidamente incompreendidos como estupidamente menosprezados. (LARROSA, 2003, p. 148, tradução desta autora).

Larrosa, tanto em aulas como em orientações, sempre afirmava que a comunicação longe de ser um poderoso instrumento de propaganda, de transmissão ideológica, de exploração econômica, de degradação cultural, de controle democrático e político, ainda era capaz de algo pior: *estar incorporada e naturalizada em nossos hábitos de vida*. “Por isso, os meios, não apenas conformam a “paisagem” em que transcorre a nossa vida, mas porque produzem realidade, fazem mundo, constituem uma das ontologias mais poderosas e avassaladoras do nosso tempo” (Ibidem, p. 149). Dessa forma, a comunicação não existe sem a relação de uma linguagem normalizadora entre sociedade, cultura e poder que promove uma gramática produtivista através da estética capitalística dentro dos sistemas sociais.

O que resta, então para a comunicação?

“Tratar a linguagem desde o ponto de vista da tradução no lugar de o tratar desde o modelo técnico da comunicação ou desde o modelo hermenêutico da compreensão que costuma ser a opção pela pluralidade e a diferença. A tradução é diferença” (Ibidem, p. 156). Larrosa sugere pensar o leitor, o ouvinte, o espectador como tradutor, não mais como receptor nem como sujeito de compreensão. Algo muito próximo ao que fez Sodré (2014), ao definir a Comunicação como processo de partilha de um comum vivido.

O andarilho começava a questionar a partilha desse comum vivido quando participava de um projeto¹⁷, durante o doutorado *sanduíche*, que investigava os sentidos construídos em relação à diversidade, à alteridade sociocultural e às significações realizadas por atores socioculturalmente diversos e pensava essa problemática na perspectiva da construção da cidadania comunicativa intercultural. Andando muito para entrevistar pessoas para o documentário, o andarilho repensava mais sobre a comunicação e sua conexão na incorporação dos nossos modos de vida.

Contextualizando os discursos publicitários audiovisuais em uma época social

¹⁷ Pesquisa desenvolvida no Observatório Migracom - Grupo de Investigação em Migração da Universidade Autônoma de Barcelona em colaboração com o projeto: *Publicidade, propaganda, alteridade e cidadania: estratégias transmetodológicas de análises da diversidade em contextos de câmbio econômico social no Brasil e na Espanha*, aprovado pela CAPES (Brasil) e DGPU (Espanha). Para isso, realizou uma investigação audiovisual aplicada com 38 pessoas selecionadas para o documentário.

migratória, política, econômica e social observava uma partilha do comum comunicacional que não traduz a diversidade sociocultural que se vem formando no tecido social a partir das migrações transnacionais. A diversidade existente reproduz uma imagem estereotipada dos “outros”, associada com certos fenótipos, traços faciais e corporais, entornos geográficos, tradições e costumes, que não permite desenvolver uma dinamização intercultural inclusiva entre população autóctone e imigrante. É uma publicidade que não usa atores principais de traços físicos e indumentárias de outras culturas e origens não ocidentais, e nas poucas vezes que aparecem, resultam ser como atores secundários, para destacar os tópicos e estereótipos habituais, principalmente exóticos e coloristas.

A comunicação pensada a partir dessa perspectiva seria a partilha de um comum vivido?

Para o andarilho a comunicação seria uma *partilha do sentido sensível*¹⁸ em uma aproximação de como desenvolveu Rancière (2009, p. 15): “uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas”. Seriam atos estéticos para a constituição da experiência que é a vida. As partes exclusivas marcam a diferença, o estranho, o estrangeiro, o imigrante, o viajante, o forasteiro não estão em rebanho comum, mas ao mesmo tempo partilham de um sentido sensível.

“A partilha do sensível faz ver quem pode tomar conta do comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum”. (Ibidem, p. 16).

Ao andarilho ser visível *entre* não ser visível num espaço comum remete ao *éthos*, ou seja, a maneira de ser: “(...) na maneira como aquilo que conhecemos sobre os deuses, sobre os homens, o mundo, poderá ter efeito na natureza do sujeito, ou melhor dizendo, na sua maneira de agir, no seu *éthos* (...) a maneira de ser, o modo de existência do indivíduo”. (FOUCAULT, 2004, p. 289).

A partilha do comum para o andarilho seria a moral e a partilha do sentido sensível a ética que se desdobra em duas estéticas da existência:

Duas estéticas da existência, dois estilos absolutamente diferentes de coragem de verdade: a coragem de se transformar lentamente, de fazer manter um estilo em uma existência movente, de durar e de persistir; a coragem, mais pontual e mais intensa, da provocação, a de fazer aflorar por sua ação verdades que todo mundo conhece, mas que ninguém diz, ou que todo mundo repete, mas que ninguém se dá ao trabalho de fazer viver, a coragem da ruptura, da recusa, da denúncia. Nos dois casos, não se trata da fundação de uma nova moral que busca o bem e se afasta do mal, mas da exigência de uma ética que persegue a verdade e denuncia a mentira. **Essa não é a moral de filósofo, é uma ética do intelectual engajado.** (GROS, 2004, p. 166).

¹⁸ No último capítulo desenvolvemos esse pensamento.

Na diferença dessa repetição é que ela conecta a dispersão dos acontecimentos até aqui mencionados: a de que com a ética é possível repensar o representacional da comunicação e seu saber metodológico. O intelectual engajado ultrapassaria um estatuto de cientificidade da pesquisa que se prenda a um conjunto de regras e a modelos para se atingir metas, pois sabe que as ciências modernas não passam de uma invenção em que a razão se constitui historicamente (FOUCAULT, 2000; LATOUR, 2010; STENGERS, 2002).

“Descartes libertou a racionalidade científica da moral, e Kant reintroduziu a moral como forma aplicada da racionalidade. Por isso Kant tornou a colocar a questão: como posso constituir-me a mim mesmo como sujeito ético?” (CASTRO, 2009, p. 157).

Essa subversão instauraria um problema político: Como regular relações entre indivíduos que pensam de modos divergentes? Se não há valores morais racionais comprovados e universalmente compartilhados como assegurar que haja ainda uma narrativa científica para o desenvolvimento metodológico na academia? Seriam então os discursos normalizados como no capitalismo, em que a única escolha é a do consumidor sobre seus produtos? Sem macro discursos se poderia, então pensar em discursos menores? Seriam, então, os programas de pós-graduação, um espaço em que se tem a produção, mas também a formação de profissionais que voluntariamente entram para desenvolver pesquisas? Haveria grupos não coagidos, mas voluntariamente compartilhando de valores de tolerância? Sabendo que o conhecimento científico só pode continuar na medida em que se pesquisa, pode-se pensar: como se pesquisa metodologicamente hoje? Como se constitui as normas de um mundo com e sem regras? Como é possível gerar conhecimento empírico? Poderia um campo como a da comunicação que é *inter, trans, pluri, multidisciplinar* de objetos, de teorias e de métodos implodir o conceito tradicional de ciência?

O andarilho foi percebendo que não havia respostas satisfatórias a essas perguntas, e decidiu pensar o problema que as engendravam no campo da comunicação. Entretanto, não havia saberes constituídos. Era preciso desterritorializar o pensar e causar um estranhamento no que era tido como natural. Para isso era preciso desnaturalizar as suposições que faziam buscar por respostas que estivessem encravadas nas próprias indagações. Nessa medida era necessário ir além e considerar o presente contexto no qual o conjunto de problematizações estava inserido.

Após muitas desconstruções em que tentava pensar de outro modo era preciso traçar um plano que correspondesse à imagem que esse outro pensamento produzia. O leitor

encontrará a tese com uma estética do *entre*¹⁹, marcado no texto pelo simulacro desse símbolo “> <” em um movimento transversal que carrega os dados produzidos na própria investigação para o debate conceitual em um movimento de *problematização teoricometodológica*. Unidos, sem hífen, sem barra numa alternativa frente ao pensamento de escrever o trabalho numa montagem que invoca os aspectos metodológicos e teóricos em confluência.

Na estética do *entre* se busca nos aforismos uma escrita que articula literatura e filosofia, em um tipo de discurso em que a percepção das coisas é realçada pela culminância de uma experiência de pensamento, ou mesmo o processo durante o qual o entendimento se clareia e faz a experiência de compartilhar o pensado e o vivido. Então, faz-se do pensamento um trabalho cooperativo, solidário e, quiçá, educativo do proponente e daquele que se depara com o escrito. Longe de uma pretensão de verdade totalizante, a estética do *entre* é um *étodo*, uma ética da caminhada, que tenta expressar o pensar, motivo pelo qual exige do leitor que também pense, sempre à procura de um sentido. A cada parágrafo busca-se a retomada de coisas que não foram acabadas de todo. É necessário despir-se de uma lógica capitalista que busca a rapidez sucinta de respostas, pois elas vão sendo contruídas durante a caminhada.

A ideia surgiu durante o estágio *sanduíche* com as disciplinas dos professores Larrosa e Mélich em que se debatia muito Nietzsche. Iniciava-se com os textos em aula e depois se participava de oficinas em que se pensava a escrita em congruência com a ficção para trabalhar os rastros da experiência vivida para misturar com o texto acadêmico. Ao estudar o livro *"Assim falava Zarathustra"*, no curso de filosofia literária, algumas coisas se evidenciaram para pensar a escrita do texto. Primeiro, o uso do pretérito imperfeito, uma tática usada por Nietzsche que era filólogo para tentar expressar um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado. Isso provocaria no leitor um desacostumar-se e promoveria o *pensar* com o que ainda é defendido e com o que não se defende mais como argumento, por isso é quase uma possibilidade de praticar o virtual que não se opõe ao real no processo de escrita e de subverter a lógica metafísica que busca o puro e o ascético. Para Nietzsche, o pretérito imperfeito era exatamente a possibilidade de causar um desconforto, de fazer o leitor conversar com o texto, de se irritar, de discutir ou se emocionar e sentir a emoção como uma tragédia. É interessante observar que na tradução para

¹⁹ “*Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra (...)”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, v.1, p. 37, grifo desta autora).

o português, há editoras que traduziram: *Assim falou Zaratustra*²⁰ e outras que mantiveram a ideia original do *Assim falava Zaratustra*²¹.

De acordo com Mélich, no curso *Razão impura: por uma filosofia literária*, tanto Deleuze como Foucault imitam Nietzsche na arte da escrita, buscando uma escrita que não seja ascética e que misture os tempos verbais. Na *Genealogia da moral*, Nietzsche escreve com todas as letras o modo como ele gostaria de ser lido: filologicamente. Na passagem do oitavo parágrafo do prólogo, o filósofo admite que o estilo que em geral utiliza, o aforismático, traz dificuldades para o leitor e aponta para a melhor maneira de ler um aforismo: "Bem cunhado e moldado, um aforismo não foi ainda 'decifrado', ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua *interpretação*, para a qual se requer uma arte da interpretação" (2007, p. 14). Muito parecido com o que fazem Foucault e Deleuze que buscam pela ruminação, pela gagueira, pela problematização, pelo nomadismo rizomático na arte de escrever.

Como cada experiência precisa ser "decifrada" em alguns momentos a ideia não fica com um significado completo e, por isso, há separações que fogem da lógica cartesiana. A ideia é fazer o leitor se perguntar qual a lógica do sentido ou a ordem do discurso quando se trabalha com a ética de uma caminhada. O *étodo* está presente também na escrita que, talvez, seja um tanto nômade perante a moral, mas que não tenta esconder os desvios da experiência. Não é por acaso o uso repetitivo que Nietzsche fazia de seu Zaratustra durante todo o texto, repetindo seu nome, fazendo soar a diferença. Toda a vez que aparece o "andarilho" nesse texto, o leitor se deparará com uma certa ficção²² que é um dos sentidos buscados para esse personagem que se figura de forma estética para provocar sentidos.

Nas tragédias, antes delas terem sido menosprezadas por Platão, percebe-se que elas causavam o estranhamento de não remeter a uma única ideia de certeza, não havia um "eu"

²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

²¹ _____. **Assim falava Zaratustra**: livro para toda a gente e para ninguém. Trad: José Mendes de Souza. 4ª Ed. Edições e Publicações Brasil Editora S. A; São Paulo, SP. 1957.

²² Para Silva a ficção poderia ser pensada como um recurso metodológico para as ciências. Silva explica que "partindo da proposta genealógica de Michel Foucault que compreende a ficção como uma potência de desestabilização dos regimes de saber/poder, assim como de interpelação dos regimes de sensibilidade com que o presente é percebido. Nesse sentido, o termo ficção constitui uma alternativa ético-política ao conceito de utopia, uma vez que este faz funcionar estratégias macropolíticas e universalizantes, ao passo que a ficção oferece uma alternativa micropolítica para a problematização da realidade atual para além da configuração histórica com que ela se apresenta" (2014, p. 577). Para Costa "a criação, a invenção, fatores antes relegados ao ostracismo epistêmico passam a fazer parte das operações de construção do conhecimento e constituição de intervenções. A ficção passa a ser o fundamento do documental, a criação do dado e o delírio fundamento do bom senso (...)" (2012, p. 17).

nem um “nós”, mas uma forma de dramatização da individuação para compor um plano de imanência. A imanência só pode ser entendida como algo que é nela mesma, não está no sujeito, nem no objeto, mas na experiência. A experiência de Zarathustra é dramatização de sua vida e por isso seu nome chega a ser repetido até cinco vezes no mesmo parágrafo. Para Deleuze, “dir-se-á que a pura imanência é uma vida, nada mais. Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não é imanente a nada específico é ele mesmo uma vida”²³. Assim nasceu a inspiração para a escrita desta tese.

Nesse sentido, os dados ficcionais não são coletados, mas produzidos. Problematizando alguma coisa que ainda não existe, no mesmo sentido que Nietzsche (1995) pergunta: como alguém se torna o que é? Seguindo essas pistas é que este trabalho foi inventado²⁴ em três formulações²⁵:

No capítulo I > Problematizando < são apresentados os delineamentos que foram desenvolvidos, contemplando, principalmente, o posicionamento epistemológico na abordagem do objeto, o problema de pesquisa, a constituição do *corpus*, os objetivos da pesquisa e seus desdobramentos metodológicos. Pensando todos esses diferentes processos como uma problematização inspirada no pensamento de Gilles Deleuze, em *Theatrum Philosophicum*, no qual Foucault instiga: “Qual é a resposta à pergunta? O problema. Como resolver o problema? Deslocando a pergunta. O problema escapa à lógica do terceiro excluído, pois ele é uma multiplicidade dispersa (...)” (FOUCAULT, 2005, p. 246). A problematização é, portanto, um processo de produção que não se resolve pela ideia cartesiana nem pela negatividade hegeliana, pois é afirmação múltipla. “É preciso pensar problemáticamente, mais que perguntar e responder dialeticamente” (Ibidem, p. 246). É possível pensar numa certa forma de interrogação que conduz *teoricometodologicamente*: como o objeto de estudo, em dado momento, pode ser problematizado através de uma relação entre o poder institucional dos programas de pós-graduação em comunicação e de certos estados mistos do saber metodológico? Trata-se, então, de modos de perguntar a cada formação histórica, criando um campo de possibilidades de onde emergem as problemáticas. Nesta linha, a escrita do texto busca uma estética como configuração da experiência, em que coletiviza o apreendido não através de uma sucessão cronológica, mas tenta por outros modos

²³ DELEUZE, Gilles. **Imanência: uma vida...** Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>> Acessado 02 fev. 2016.

²⁴ Pensada como processo criador (STENGERS, 2002). Ou ainda como desenvolve Lazzarato: “a invenção é um processo de criação de diferença que coloca em xeque, a cada vez, o ser em sua individuação” (2006, p. 46).

²⁵ Segundo Bergson *formular* é tão importante quanto *resolver*, pois há problemas, por exemplo, que já estão resolvidos, as soluções encontram-se apenas cobertas restando apenas ‘descobri-las’. Para o autor “formular o problema, porém, não é simplesmente descobrir, é inventar.” (2006, p. 20).

de interrogar e narrar. Os dados não são recolhidos e armazenados, mas emergem a partir do que faz o pesquisador interrogar. Esse jogo de forças conduz a pensar numa *problematização dos deslocamentos*²⁶, em vez de encontrar nos precedentes uma origem como resposta.

No capítulo II > Constituinte < são relacionados os diferentes entendimentos do que é método e do que é científico. Interessa essa constituição de como estes campos de conhecimento se articulam para poder pensar na diferenciada emergência histórica desses dois objetos: método e científico. Da mesma forma que o método é construído como sendo universal, uma determinada concepção de científico também vem sendo produzida historicamente, desde o século XVIII. Ou seja, se tomados em sua perspectiva histórica, tanto método como científico são construções das práticas sociais em determinados momentos que produzem continuamente saberes sobre eles. Busca-se, então, rachar²⁷ a expressão “método científico”, tão naturalmente utilizada, e mesmo banalizada no contemporâneo. Pensando que a desnaturalização consiste “em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe (...)” (VEYNE, 1982, p. 162) procura-se a conexão com os modos de subjetivação encontrados no campo da comunicação. Percebe-se que na constituição de diferentes práticas que os programas de pós-graduação oferecem em suas micropolíticas há, também, diferentes agenciamentos que vão produzindo diferentes “rostos” e portanto, diferentes objetos. Afinal: “Tudo gira em volta desse paradoxo, que é a tese central de Foucault e a mais original: *o que é feito*, o objeto, se explica pelo que foi *o fazer* em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática, se explica a partir do que é feito” (Ibidem, p.164). Os programas de pós-graduação em comunicação, enquanto agenciamentos coletivos de enunciação, não remetem ao que é feito dentro de cada programa, mas nas diversas instâncias de enunciados dirigidas a uma normalização do fazer metodológico. O que se intenta é problematizar os enunciados dirigidos a um saber metodológico que, sob regimes de verdade instituídas nos programas, acabam por normalizar determinados modos de existência, seguindo as pistas de que “o genealogista é um pouco adivinho, filósofo do futuro” (DELEUZE, 1976, p. 45). É a partir disso, que o andarilho apresenta o mosaico de enunciados encontrados sobre o saber metodológico e aposta em outras modulações, quiçá, ainda não nomeadas, mas que evidenciam que o saber metodológico ainda está sujeito à razão moral da

²⁶ De um documento a outro e “de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de **uma avaliação dos deslocamentos**. Cada mapa é uma distribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras” (DELEUZE, 1997, p. 129, grifo nosso).

²⁷ “Não buscaríamos origem mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo menos rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de atualidade” (DELEUZE, 1992, p. 109).

representação: uma identidade epistemológica no conceito (ciência metodológica); uma busca por reconhecer uma determinada realidade (pesquisa metodológica); uma analogia do juízo (pedagogia metodológica), uma semelhança da percepção (uma língua acadêmica metodológica). Nessa parte, o andarilho pede calma ao leitor, porque quer perceber os valores morais e para isso toma distância do bem e do mal. Ele tenta emitir menos juízos hegemônicos e normatizados para na terceira parte fazer explodir toda a sua vontade de potência.

No capítulo III > Propondo < Em vez de pensar os saberes sobre uma imagem moral da razão sobre o pensamento, o andarilho busca, por meio de outras construções, criações e invenções, pensar diferentes modos de sensibilidade, diferentes modos de viver, existir, perceber, sentir; enfim, diferentes jeitos de estar e existir no mundo. Entretanto, essas afirmações da vida em suas potências são ainda vistas como estando fora das tradicionais normalizações do saber-poder metodológico, porque não estão presentes nos modelos condizentes com a “essência” do que é método científico empírico acadêmico, nos programas de pós-graduação. O andarilho propõe assim, a sua tese: um *étodo da diferença* em que não se quer mais aceitar um *meta-hódos* (um caminho que se faz para atingir metas previamente determinadas) nem reverter os sentidos *hódos-metá*²⁸, mas de conceber o inconcebível, *pensar o impossível*²⁹. A ética instaurando a vida em toda a sua potência de criação. A ética do andarilho é andar sem meta para produzir diferentes experiências. Um nômade que vagueia com a capacidade de se perder na pesquisa. Perder no sentido dado por Benjamin que é de se livrar de orientações representativas e dos parâmetros convencionais. Impressionar-se com o que vive na experiência do caminhar para poder transgredir o que acreditava saber.

²⁸ De acordo com Passos et al. (2009) o sentido tradicional de método está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos* = caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas (*metás*) traçadas de partida. (PASSOS et al, 2009, p. 10). “Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas” (PASSOS e BARROS, 2009, p. 17).

²⁹ Durante o doutorado *sanduíche* estudamos o livro “*Pensando lo imposible: filosofía francesa desde 1960*” de Gary Gutting (2014) em que a proposta de se trabalhar com a filosofia da diferença está em pretender, procurar e propor pensar as coisas como são, ou seja, como identidades fixas para pensá-las como diferença dinâmica.

I. PROBLEMATIZANDO

<

*Pensar é experimentar, é problematizar.
O saber, o poder e o si são a tripla raiz de
uma problematização do pensamento.*

(DELEUZE, 1991, p. 124).

>

1. Contextualizando a problematização *teoricometodológica*

A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição do problema, antes de se encontrar uma solução
(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9).

A problematização exige do pesquisador um posicionamento epistemológico ante a constituição do seu objeto de estudo. A partir dessa perspectiva, o andarilho se afastava dos universais, das verdades absolutas, de uma postura positivista e funcionalista para problematizar o seu objeto. Aproximava-se das processualidades que pretendem reconstruir os acontecimentos ao invés de representá-los. Sabia que não havia separação radical entre uma vida biológica, política, econômica, o que existiam eram imanências e a coexistência de cada um destes campos em relação aos outros.

Teoricamente encontrava traços desse pensamento no pós-estruturalismo que, em congruência com a filosofia da diferença, favorecia um diálogo com a dimensão social e política das ciências humanas. Seu tema da caminhada eram os enunciados que normalizam as práticas do saber metodológico e como, a partir dessa problematização, poderia pensar outros modos de existência.

Esse movimento composto de abordagens múltiplas buscava uma ruptura com estruturas universais e modelos totalizantes a serem aplicados, em contraste com uma visão teleológica do mundo. Ampliando e, ao mesmo tempo, modificando aquilo que as teorias estruturalistas ensinaram: que o saber não é exterior ao poder, mas parte inerente do poder. Do ponto de vista foucaultiano, “todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que estes trazem consigo” (1996, p. 44).

<

O andarilho buscava por esse viés, desenvolver uma investigação que acompanhasse os processos de produção de um conhecimento que é dito e escrito como científico. Para isso, ele queria desnaturalizar, rastrear as relações de poder e analisar os agenciamentos coletivos de enunciação que normalizam o discurso metodológico no campo da comunicação.

>

O andarilho pensava a pesquisa como uma caminhada e a vontade de verdade do conhecimento científico no campo acadêmico da comunicação a partir das suas instituições de nível superior que são destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação através da produção de teoria, de pesquisa e da formação para os profissionais dessa área.

A jornada seguia pelos programas de pós-graduação, pois explorava não as habilitações do curso, por exemplo, em jornalismo, publicidade ou relações públicas, mas a formação *stricto sensu* que está relacionada diretamente à formação docente. Somava-se a isso, o fato das atividades de pesquisa estarem concentradas nos programas de pós-graduação e receberem avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Na última avaliação trienal, havia 63 programas de pós-graduação em comunicação³⁰. A avaliação resultava em notas homologadas pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) da Capes. Os resultados da avaliação fundamentavam a deliberação do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) sobre quais cursos obteriam a renovação para a continuidade de funcionamento, consolidando-se, assim, como instrumento essencial para o fomento, tanto por parte das agências brasileiras, setores governamentais e não governamentais, bem como de investimentos internacionais.

Nesse novelo de linhas heterogêneas, o andarilho percebia que havia instituições de ensino superior com relações de poder instituídas: universidades avaliadas por índices de produtividade, regidas por contratos de gestão, estruturadas por estratégias e programas de eficácia organizacional (CHAUÍ, 2001). Numa lógica de produção que atravessa as práticas, a educação poderia ser entendida como instituição, na qual o saber e o poder se implicam mutuamente. Em uma analítica institucional dos processos de produção de conhecimento no campo social, a questão metodológica se coloca dentro da lógica da produção capitalística³¹.

³⁰ A área das Ciências Sociais Aplicadas I reúne, nos seus três campos de conhecimento, 89 programas assim distribuídos: 63 cursos da Comunicação (20 doutorados, 42 Mestrados Acadêmicos e 1 Mestrado Profissional); 23 Cursos da Ciência da Informação (8 Doutorados, 11 Mestrados Acadêmicos e 4 Mestrados Profissionais e 3 cursos em Museologia (1 Doutorado e 2 Mestrados Acadêmicos).

Disponível em: <<http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/>> Acesso em nov. de 2014.

³¹ O termo capitalístico é usado por Guattari para designar um tipo de subjetividade que se encontra em dispositivos capitalistas, mas que não diz respeito somente a subjetividades produzidas em sociedades capitalistas. Como define Rolnik: "Guattari acrescenta o sufixo "ístico" a capitalista por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do "Terceiro Mundo" ou do capitalismo "periférico", assim como as antigas economias ditas socialistas dos países do leste, que viveram numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciaram do ponto de vista de produção de subjetividade. Elas funcionaram segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 15).

Na universidade, a metodologia de pesquisa para um projeto, seja ele de mestrado, doutorado, pós-doutorado ou de editais universais devem assegurar mais do que a produção de resultados, mas um modo de fazer metodologicamente que atenda a órgãos de financiamento como a Capes e o CNPq. Capitalisticamente há um tempo de produção de dois anos para mestrado e quatro anos para o doutorado. Tempo cronológico e, aparentemente, previsível. “A avaliação desse trabalho só pode ser feita em termos compreensíveis para uma organização, isto é, em termos de custo-benefício, pautada pela ideia de produtividade” (CHAUI, 2001, p. 192).

<

Para o andarilho era possível observar que os Programas de Pós-graduação regem e dirigem produtivamente seus comportamentos, disciplinando-se através de avaliações que estão configuradas de acordo com os interesses das políticas governamentais e institucionais para alcançar tal posição.

>

A avaliação da área das Ciências Sociais Aplicadas I (CSAI)³², tinha procedimentos capazes de apontar a qualidade dos programas. Dentre os critérios estavam: a proposta do Programa (este quesito é avaliado, mas não é somado aos outros itens); corpo docente (20%); corpo discente, teses e dissertações (30%); produção intelectual (40%); inserção social (10%). Cada um desses itens apresenta especificidades que serão abordadas no decorrer da caminhada, mas que permitem observar um grupo de enunciações heterogêneas em que é possível rastrear relações discursivas de produtividade.

O primeiro programa de Pós-graduação em Comunicação no Brasil foi criado como Programa de Mestrado em Ciências da Comunicação da ECA-USP-PPGCOM em 1972 e somente oito anos depois, em 1980, o programa de Doutorado foi implementado. Entretanto, no final da década de 80, o curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP já era responsável por 48% da pesquisa acadêmica (mestrado e doutorado) de Comunicação do país. De acordo com informações na página da instituição:

esse foi um dos indicadores que levou as agências de fomento à pesquisa, como CAPES, CNPq e FAPESP, ao reconhecimento da área de Comunicação com área de pesquisa autônoma, deixando de ser, como até então, uma “especialidade da Sociologia”. O estatuto científico do campo da Comunicação estava garantido³³.

³² Disponível em: <<http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/>> Acesso em nov. de 2015.

³³ Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom>> Acesso em 26 de jan. 2016.

A Capes foi fundada, em 1951, com o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país"³⁴. No governo Collor, em março de 1990, a Capes é extinta, desencadeando mobilização pelas pró-reitorias de pesquisa e pós-graduação das universidades. Com o apoio do Ministério da Educação e a mobilização da opinião acadêmica e científica esta medida foi revertida e, em abril de 1990, a Capes era recriada.

A Capes se tornava responsável, também, pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), desde 1981. O Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020) tem como objetivo definir novas diretrizes e estratégias para avançar nas propostas políticas da pós-graduação e pesquisa no Brasil. Paralelamente a este Plano, está sendo elaborado, desde 2014, o novo Plano Nacional de Educação (PNE).

O Plano Nacional de Pós-Graduação³⁵ é composto de duas partes: uma que trata da situação atual, das previsões e das diretrizes para o futuro da pós-graduação e outra dos Documentos Setoriais (que incluem os textos elaborados por especialistas convidados). O Plano está organizado em cinco eixos: a) expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) - que busca a qualidade, a quebra da endogenia e a redução das assimetrias; b) criação de uma nova agenda nacional de pesquisa e sua associação com a pós-graduação; c) o aperfeiçoamento da avaliação e sua expansão para outros segmentos; d) a multi e a interdisciplinaridade entre as principais características da pós-graduação; e) apoio à educação básica e a outros níveis e modalidades de ensino.

Nas mais de 300 páginas do Plano Nacional que trata a situação atual (vol. 1), e das mais de 900 páginas compostas de documentos setoriais (vol. 2), encontra-se uma parte que trata do *sistema de avaliação dos programas*. De acordo com o Plano há três eixos centrais: a) da avaliação ser feita por pares de diferentes áreas do conhecimento e reconhecidos por sua reputação intelectual; b) da avaliação ter uma natureza meritocrática; c) da avaliação associar reconhecimento e fomento, definindo políticas e estabelecendo critérios para o financiamento dos programas.

O andarilho observava, anotava tudo, e estranhava esse modelo de financiamento. E se fossem outros critérios de avaliação? O reconhecimento só se daria através do fomento da

³⁴ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>> Acesso em 26 de jan. 2016.

³⁵ O Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020) encontra-se disponível pelo endereço eletrônico: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volume-I-Mont.pdf>

Capes? E a Pós-graduação receberia o seu selo de qualidade? Como isso apareceria no Plano Nacional?

“O sistema de pós-graduação é constituído por um conjunto de universidades, com propostas e perfis diversos, tendo autonomia para criar ou fechar cursos, mas depende do financiamento da CAPES e do seu *Ranking*, que lhes atribui o selo de qualidade” (PLANO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2011, p. 127).

<

O universo dos Programas de Pós-graduação se tornava, ao olhar do andarilho, um espaço cada vez mais fecundo para investigar os processos de produção do conhecimento científico para a orientação e normalização da *prática* metodológica. O conceito de *prática* permeia toda obra de Foucault e é sempre reconstruído, passando pelas *epistemes* das práticas discursivas, pelos agenciamentos que se estendem tanto das práticas do saber como da ordem do poder, bem como pelos sistemas de ação e experiências na constituição do sujeito. “Em resumo, podemos dizer que Foucault entende por práticas a racionalidade ou a regularidade que organiza o que os homens fazem (...)”. (CASTRO, 2009, p. 338) Assim, quando o andarilho fala em prática nesta tese, toma emprestado de Foucault *como a normalização de uma produção*.

>

A normalização era concebida como o processo de conduzir o outro para a norma. Foucault (2008), na obra *Segurança, Território, População*³⁶ analisava genealogicamente um saber político voltado para o controle da população por mecanismos de normalização que são atualizados no biopoder. Assim, o poder se exerce sobre o domínio da norma e não da lei. Foucault (2008) estabelecia algumas diferenças entre lei e norma: a lei enquadra as condutas individuais a partir de códigos (parâmetros do que é permitido ou proibido), enquanto que a norma liga as condutas a um domínio de comparação e de regras, ou seja, a norma estabelece a média que é o objetivo a ser alcançado, determinando uma conformação homogênea.

“A operação de normalização vai consistir em fazer essas diferentes distribuições de normalidade funcionarem umas em relação às outras e em fazer de sorte que as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis” (FOUCAULT, 2008, p.83). Dessa forma, a norma resulta na diferenciação que leva à um processo circular de coemergência.

³⁶ Essa obra é a união das aulas do curso intitulado na mesma nomenclatura e ministrado no *Collège de France*, em 1978.

Seria uma dupla causalidade na emergência simultânea da norma e do anormal. Todavia, a lei usufrui uma aceitabilidade ou recusa que gera condenação, mas o critério é sempre a própria lei.

<

Por isso, quando o andarilho falava em uma normalização³⁷ da prática metodológica não buscava uma prática certa ou errada dos usos que aparecem sobre: a metodologia *da* pesquisa (entendida como a teoria metodológica), ou a metodologia *na* pesquisa (entendida como o empírico em um trabalho investigativo), ou a metodologia *de* pesquisa (entendida como o estudo dos métodos, técnicas e procedimento)³⁸. Investigava todas essas práticas metodológicas normalizadas para a produção de conhecimento científico na pós-graduação, entendendo-as como parte de um espaço acadêmico institucionalizado que se propõe a formar profissionais que compartilharão posteriormente esse conhecimento.

>

Foucault ajudava o andarilho a pensar as práticas discursivas como uma constelação de normalizações, ou ainda com um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p. 133). Para melhor elucidar esse céu estrelado, o andarilho pensava nas disciplinas de metodologias de pesquisa dos programas de pós-graduação, em cujo coletivo de ementas encontrava não apenas a descrição discursiva que resumia o conteúdo conceitual/procedimental de uma disciplina, mas muitas outras luzes de saber-poder. Certas

³⁷ Desenvolve-se mais sobre a questão da normalização em todo o trabalho, mas com mais intensidade na parte número três: *Agenciamentos dos objetivos para a produção de conhecimento*.

³⁸ Esses diferentes usos da metodologia - da, na, de - pesquisa são discutidos em muitos livros sobre métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. Para Lopes a metodologia pode ser dividida em dois níveis: metodologia da pesquisa e metodologia na pesquisa. “Enquanto a primeira indica o domínio do estudo dos métodos numa ciência particular, a segunda constitui o âmbito da aplicação desses métodos em determinada pesquisa”. (2003, p. 98). Resumindo, metodologia da pesquisa é a teoria metodológica e metodologia na pesquisa é a prática metodológica. Entretanto, o conteúdo dos dois níveis indicados por Lopes não coincidem com o proposto por Santaella. Para essa última, existiriam três níveis. O primeiro seria universal, geral, na qual todas as regras lógicas do conhecimento são correspondentes para todas as ciências, ou seja, “sustentado nas principais classes de raciocínios ou argumentos” (SANTAELLA, 2001, p.130). Ela defende que “erigindo-se sobre esse nível subjacente, surgem variados tipos de metodologias que dependem tanto do extrato da ciência no qual se inserem, quanto das teorias, métodos, procedimentos e técnicas que são relevantes às finalidades e a que as pesquisas se destinam” (idem, p. 131). Terceiro, depende das escolhas do pesquisador, ou seja, “específico a cada pesquisa como processo singular” (idem, p. 131). Dessa forma, o que Lopes chama de metodologia da pesquisa corresponderia ao segundo nível, proposto por Santaella, enquanto metodologia na pesquisa para Lopes equivaleria ao último nível de Santaella.

afinidades singulares permitiam produzir uma análise dessa instituição em relação à súmula, objetivos da disciplina, conteúdo programático, avaliação e bibliografia. Observava, nas ementas de alguns programas de pós-graduação³⁹, que na súmula havia um direcionamento dessa disciplina para a construção dos projetos de dissertação e tese, mas oferecendo um caminho pré-estabelecido, pelo menos nos seus contornos no que se refere aos usos dos enunciados⁴⁰ de determinado campo discursivo.

Apenas nesse movimento se pode ver linhas de força para a construção de um discurso⁴¹ comprometido para o desenvolvimento de um projeto, o qual já está atravessado por diversas epistemologias anteriores à sua construção. Por meio dessas relações, produzem-se conhecimentos e saberes que determinados grupos buscam enquadrá-las em um ordenamento acadêmico científico.

>

Dessa maneira, uma problemática gerada a partir dessa perspectiva busca operar processualmente não como algo que possa ser identificado como representação, mas como um agenciamento coletivo que se processa *entre* o saber e o poder. O andarilho conseguia, assim, configurar sua problemática (des)orientadora da caminhada: *Como a normalização de um saber-poder metodológico vem sendo constituída nos programas de pós-graduação em comunicação? Como esses dispositivos morais emergem nas nossas estratégias de produção do conhecimento? Como se poderia produzir diferentes práticas metodológicas?*

<

Para Foucault (2009) o significado só existe a partir do momento em que foi enunciado, passando a fazer parte de um ou mais discursos. Eles não são "conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 2009, p. 56). Vê-se que no

³⁹ Observação das ementas dos programas de pós-graduação para uma primeira exploração: UFRJ, UFMG, UNISINOS, USP, UBA, UFF, UFSM, UERJ, UFRGS durante o período de 2014/2 - 2015/1 - 2016/1.

⁴⁰ O enunciado não se restringe a uma frase (é diferente de uma frase proferida em uma enunciação), pois só existe enunciado quando há a possibilidade de regularidade e normalização. Desta forma, o enunciado depende de uma materialidade, que é sempre de ordem institucional, no sentido de uma estrutura de poder. "A materialidade constitutiva do enunciado é sempre de ordem institucional" (MACHADO, 2007, p. 152).

⁴¹ Rosa Fischer (2001) entende que os discursos dizem respeito a um conjunto de enunciados de um determinado campo do saber. Segundo a autora, esses enunciados sempre existem como prática, "porque os discursos não só nos constituem, nos subjetivam, nos dizem 'o que dizer', como são alterados em função de práticas sociais muito concretas. Tudo isso envolve, primordialmente, relações de poder" (2001, p.85).

contexto brasileiro, em 2012, de acordo com a avaliação do GeoCapes⁴², a pós-graduação formou mais de 42 mil mestres e 13 mil doutores em todas as áreas. Esses dados permitem pensar, assim como analisou Chauí (2001), que a universidade é uma instituição social. Isso significa que produz conhecimento *científico* através da prática, do desenvolvimento de pesquisa e do seu retorno para o meio social do qual faz parte. A produção de um conhecimento *científico* - que se volta para a sociedade – permitia ao andarilho se perguntar: “*Mas então, o que é a ciência?*”

Morin (2003) fez essa mesma pergunta e logo chamou a atenção para o fato que não há uma resposta científica para essa questão. A “ciência não se conhece cientificamente e não tem um meio de se conhecer cientificamente” (p. 27). Não há, segundo Morin, uma ciência para avaliar a própria ciência, mas métodos científicos desenvolvidos por ela para controlar os objetos da ciência e uma epistemologia para teorizar sobre ela. Porém, “não há um método científico para considerar a ciência como objeto de ciência e muito menos o científico como tema deste objeto” (p.27). O que sabemos sobre a ciência não são conceitos científicos, mas morais que adquirem um significado normalizador. A moral científica ordena, fabrica, constrói, mas há como desordenar isso quando o *sígnico* deixa de se referir ao significado para questionar os sentidos. A subjetivação rompe com a norma moral científica.

O andarilho pensava ainda com Bourdieu (2003) que, ao se referir sobre as especificidades da questão científica⁴³, afirmava que “a legitimidade da ciência e a utilização legítima da ciência são motivos permanentes de luta no mundo social e no próprio seio do mundo da ciência” (2003, p.17). O próprio nome “programa” dado ao ensino superior - que segue após a graduação - caminha nessa via. Se pensarmos na origem etimológica⁴⁴ da palavra, veremos a união *pro* (à frente) mais *grama* (de *graphein* – escrever) seria “escrever à frente” vai se atualizando como um conjunto de planos para guiar as ações que serão desenvolvidas à frente.

No âmbito nacional, os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) se constituem em documentos que direcionam as políticas públicas de qualificação de pessoal em nível de mestrado e doutorado evitando, assim, as disparidades regionais. Em 1996, a Capes distribuiu

⁴² Fonte: GeoCapes é um aplicativo gráfico, denominado SIG (Sistema de Informações Geográficas), que exibe por meio de um Mapa informações quantitativas da Capes com precisão geográfica.

Disponível em: <<http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds/#>> Acesso em 02 de fev. de 2015.

⁴³ Abordar-se-á a questão da ciência com maior profundidade no segundo capítulo.

⁴⁴ Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/programa/>> Acesso em 14 nov. 2014.

o documento “*Discussão da Pós-Graduação Brasileira*”⁴⁵ contendo sete estudos: evolução das formas de organização da pós-graduação brasileira; formação de recursos humanos, pesquisa, desenvolvimento e o mercado de trabalho; integração entre pós-graduação e graduação; carreira acadêmica e qualificação do corpo docente do sistema de ensino superior; exame da avaliação da CAPES; expansão dos programas de pós-graduação; financiamento e custos da pós-graduação.

O andarilho podia inferir através dessas perambulações, que uma analítica das relações de saber-poder se referia, também, a diversas linhas de forças micropolíticas (institucionais, discursivas, históricas, políticas, culturais, econômicas, entre outras) e que elas deviam ser entendidas enquanto práticas. Para o professor Larrosa (1994), há uma análise de um conjunto de práticas pedagógicas diferentes umas das outras, mas que se conectam por uma lógica do dispositivo⁴⁶ pedagógico, transformando não apenas a relação do sujeito consigo mesmo como ocorre pela própria prática em suas mediações.

<

A partir dessa caminhada, o andarilho conseguia articular alguns *entres* para pensar o discurso que normaliza a prática metodológica nos Programas de Pós-graduação em Comunicação que são *stricto sensu*, avaliados pela CAPES e reconhecidos pelo Ministério da Educação.

>

Pensava, a partir desse eixo, o que iria levar consigo em sua longa jornada... a da configuração do *corpus* para a sua caminhada. Era uma aventura que não se processava por coleta de dados (como o turista que sai tirando fotos na frente dos monumentos para provar que já havia estado em determinados lugares), mas pela produção dos dados a serem pesquisados (como o viajante que se permite experimentar outras estéticas de existência em um passo a passo ‘e... e... e...’).

Uma problemática pensada processualmente não como algo que possa ser identificado como representação, mas como uma relação que se processa *entre* o saber, o poder e a subjetivação. Pensada numa prática do *entre* a pós-graduação (saber) e do *entre* o educar (poder) e do *entre* a educação (subjetivação). Nesses *entres* há uma conjunção ‘e... e...’.

⁴⁵ Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=27016> Acesso em 14 nov. 2014.

⁴⁶ O andarilho explica com detalhes o que é o dispositivo na página 60.

e..., ou seja, uma acumulação amorfa de partes justapostas em infinitas dobras. Não havia fronteiras, mas dobras sobre dobras. O andarilho seguia assim para o próximo destino que era o da configuração do *corpus*.

2. A configuração micropolítica do *corpus*

A questão da micropolítica é a de como reproduzimos (ou não), os modos de subjetivação dominante (...).
Guattari e Rolnik (1986, p. 133)

Entre o saber, o poder e a subjetivação há um processo de produção de conhecimento que se conecta inevitavelmente a uma política, ou seja, cria e atualiza o possível⁴⁷. Nessa política há dimensões coexistentes que não se opõem, mas que se diferenciam nos Programas de Pós-graduação: uma macropolítica que é molar com planos de formas e sistemas de sobrecodificações; e, uma micropolítica que é molecular com planos de forças e linhas de fuga. **Não há polarizações nem oposições, porque tanto há linhas molares no campo molecular como há linhas moleculares no campo molar, ou seja, elas não são dualidades separadas, pois há microfascismos no plano molecular bem como há rupturas nos planos molares.**

<

Esse pensamento faz uma intervenção para deslocar as possibilidades, restabelecer as condições de inteligibilidade e pensar os agenciamentos entre as maneiras de normalizações e as formas de visibilidade dessas modulações e suas relações. Essa caminhada pela floresta ajudava o andarilho a pensar no seu objeto de pesquisa: o discurso que normaliza a prática metodológica do campo da comunicação se processa a partir de um plano molar de referências, mas também conta com um plano molecular que desterritorializa, faz linhas de fuga com seus corpos sujeitados nesse campo. Toda essa floresta, como proposta de ser um encontro múltiplo com a biodiversidade que atravessa transversalmente os programas de pós-graduação.

>

O andarilho observava que este campo convocava constantes transformações tanto no plano molar quanto no molecular, o que implicava agenciamentos dos processos de produção. Assim, mesmo naquilo que ganhava visibilidade como hegemônico também abria espaço para a criação. O poder deixava de ter uma relação direta com o Estado (ele deixava de

⁴⁷ “Antes do ser, há a política”, afirmam Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs* (1996, v.3, p.78). Rancière explica que isso ocorre, porque “a política ocupa-se do que vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo. (2005, p. 17).

ser um órgão único de poder) e passava a ter uma existência nas formas de exercício do poder. A micropolítica não partia do centro para a periferia ou do macro para o micro. Seus estudos não partiam do Estado para procurar até onde se estendiam nas dimensões mais baixas da sociedade.

<

A micropolítica, na leitura do andarilho, é de que os saberes-poderes não estavam localizados apenas nas estruturas macro, mas funcionavam como uma rede de dispositivos que estão disseminados por toda a parte. Não era uma coisa ou objeto, mas uma relação que existia conectada na prática e no exercício dos saberes. Nas micropolíticas estão presentes regularidades que se atualizam nos diferentes territórios e discursos.

>

No livro *Conversações*, Deleuze (2010, p. 113) explica que tanto ele como Foucault buscavam analisar estados mistos e que os agenciamentos seriam aquilo que Foucault chamava de dispositivo, bem como a cartografia seria a microanálise que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari chamava de micropolítica do desejo.

De acordo com Deleuze o que lhe interessava “eram as criações coletivas, mais que as representações. “Nas ‘instituições’ há todo um movimento que se distingue ao mesmo tempo das leis e dos contratos” (2010, p. 213). Isso remete à jurisprudência, um conjunto das decisões sobre as interpretações das normas de uma determinada jurisdição através de grupos de usuários. “É aí que se passa do direito à política” (p. 214), se chega a uma micropolítica. A partir dessa perspectiva, conceitual era possível pensar uma configuração para o *corpus* de pesquisa.

Inicialmente a escolha pelos programas de Pós-graduação em Comunicação ocorreu por aqueles que possuíam melhor avaliação da sua produção científica dada pela CAPES: UFRJ, UFMG, UNISINOS (conceito seis) e USP, UFBA, UFF, UFSM, UERJ, UFRGS (conceito cinco). A questão conceitual de nota seis ou cinco, nesse caso, não se referia ao fato desses programas produzirem um conhecimento melhor qualificado em detrimento dos outros, mas por terem sido avaliados pelos órgãos de fomento como produtivamente mais eficientes dentro da lógica capitalística (GUATTARI e ROLNIK, 1986). No entanto, após o aprofundamento do estudo, o andarilho observou que o *corpus* não poderia se constituir desse modo, pois realizar uma caminhada - passo a passo *e...e...e...* - correspondia pensar *transversalmente*, como alerta Barembliitt: “não se reduz à ordem hierárquica da verticalidade

nem à ordem informal da horizontalidade” (1992, p. 38). A transversalidade cria agenciamentos que não respeitam os limites formalmente constituídos, mas gera montagens alternativas e revolucionárias às estruturas oficiais e consagradas.

<

A partir dessa perspectiva, o andarilho refletia que para buscar um saber-poder metodológico no campo da comunicação havia de investigar as micropolíticas *entre* os Programas de Pós-graduação, mas também entre os sistemas que orientam o educar e *entre* os agenciamentos que se produzem para essa educação.

>

Nessa via de passagem, o Ministério da Educação só reconhece programas com conceito Capes mínimo de três em sua avaliação⁴⁸ e a Capes oferece três objetivos que justificam a necessidade do oferecimento de mestrados e doutorados para a constituição de uma pós-graduação:

1. formar um professorado competente que possa atender à demanda no ensino básico e superior garantindo, ao mesmo tempo, a constante melhoria da qualidade;
2. estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores;
3. assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores. (CAPES, 2014)⁴⁹.

<

Por meio desses objetivos disponibilizados pela Capes na sua relação com todos os programas existentes foi possível traçar critérios para a configuração do *corpus*: a) programas que sejam *stricto sensu* (relaciona-se com a formação científica de pesquisadores); b) programas que possuam concomitantemente mestrado e doutorado no mesmo programa (professorado com formação para o desenvolvimento de pesquisa científica); c) programas que sejam reconhecidos pela Capes (assegurando a normalização pelo selo de qualidade).

>

⁴⁸ A avaliação da pós-graduação *stricto sensu* foi criada em 1976 no Brasil. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6490-dav-inicia-publicacao-de-documentos-de-area-para-avaliacao-trienal-2013>> Acesso em 14 nov. 2014.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-e-doutorado-o-que-sao>> Acesso em 14 nov. 2014.

A partir desse agenciamento, passou-se de 63 para 21 programas. Seguindo a organização alfabética disponibilizada pela Capes e de seu selo de qualidade, os respectivos programas são:

- UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – selo 6);
- USP (Universidade de São Paulo – selo 5);
- UNB (Universidade de Brasília – selo 4),
- UFPE (Universidade Federal de Pernambuco – selo 4);
- UFRJ (Universidade Federal do Rio De Janeiro – selo 6);
- UFF (Universidade Federal Fluminense - selo 5);
- UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – selo 5);
- PUC/RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro – selo 4);
- UFSM (Universidade Federal de Santa Maria – selo 5);
- UNESP/BAU (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - selo 4);
- UNIP/SP (Universidade Paulista – selo 4);
- UAM (Universidade Anhembi Morumbi/SP – selo 4);
- UFBA (Universidade Federal da Bahia- selo 5);
- UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – selo 5);
- UTP (Universidade Tuiuti do Paraná – selo 4);
- ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing – selo 4);
- PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – selo 4);
- UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais – selo 6);
- PUC/RS (Pontifícia Universidade Católica do RS – selo 4);
- UMESP (Universidade Metodista de São Paulo – selo 4);
- UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas – selo 4)

Nessa jurisprudência, em que se tem o conjunto dos programas⁵⁰ no exercício das aplicações normativas exigidas pela Capes, pode-se observar que todo saber-poder só existe em condições políticas, ou seja, não há saber neutro, pois todo saber é político, bem como um campo saber não se constitui sem que haja relações de poder (FOUCAULT, 2003).

Com isso, o saber-poder se constitui reciprocamente e não atua separadamente. Para Barembliitt “esta atuação em conjunto pode ser enunciada como uma fórmula pedagógica: cada um deles atua *no* outro, *pele* outro, *para* o outro, *desde* o outro” (1992, p. 33, grifo do autor).

⁵⁰ Organizou-se, no Anexo A, as áreas de concentração e linhas de pesquisa de cada um dos programa de pós-graduação selecionados.

O andarilho pensava: o programa de pós-graduação é um estabelecimento das organizações do ensino superior, as quais, por sua vez, são uma realização da instituição de Educação, mas que também educam e preparam para o trabalho docente através de normas e pautas que orientam como se deve socializar, instruir um possível membro desse campo de ensino. Então, um programa de pós-graduação é uma instituição de Educação composta de duas vertentes: um lado instituinte e um lado instituído, os quais não se separam ou se opõem. Barenblitt explica:

o instituído é o efeito da atividade instituinte (...) O instituinte aparece como um processo, enquanto o instituído aparece como um resultado. O instituinte transmite uma característica dinâmica; o instituído transmite uma característica estática, estabilizada. Então, é evidente que o instituído cumpre um papel histórico importante, porque as leis criadas, as normas constituídas ou os hábitos, os padrões, vigoram para regular as atividades sociais, essenciais à vida da sociedade.” (grifo do autor, 1992, p. 30).

Segue disso que o instituído é uma máquina do sistema que orienta a educação - Lei de Diretrizes e Bases da Educação⁵¹, Ministério da Educação (MEC), Plano Nacional de Educação (PNE), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG), Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) e Manual de apresentação para Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação (APCN). Já para a materialização desse conhecimento que atravessam os Programas de Pós-graduação é necessário uma organização. Assim, também há, nesse processo, uma vertente organizante e uma vertente organizada. A primeira se conecta à produção/funcionamento, a segunda à reprodução/função.

Como se é regularmente instituído, isto é, submetido à ordem social por meio de processos sutis de organização, “difícilmente percebemos a natureza opressiva do poder institucional, ainda que não haja necessariamente repressão neste poder, apenas formas sutis de controle” (LUZ, 2004, 25). Um exemplo em que isso fica claro é a escola, pois ela é uma *organização* de ensino, mas que também é uma realização da *instituição* educativa:

uma escola não só alfabetiza, não só instrui, não só educa dentro dos objetivos manifestos do organizado e do instituído, mas também prepara força de trabalho (alienado), ou seja, uma escola também é uma fábrica (...) Mas, além disso, o que a escola ensina é uma série de valores do que deve ser construído, do que deve ser destruído, ensina formas de exercício da agressividade. Então, de alguma maneira, também se pode dizer que uma escola é um quartel ou uma delegacia de polícia. Então, vocês vão vendo como uma escola, ao nível do instituído, do organizado, ao nível da função, ao nível da reprodução, está atravessada pelas outras organizações. (BAREMBLITT, 1992, p. 30).

⁵¹ As pós-graduações *stricto sensu* devem atender às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (art. 44, III, Lei n. 9.394/1996). Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* são sujeitos às exigências de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento, previstas na legislação - Resolução CNE/CES n. 1/2001, alterada pela Resolução CNE/CES n° 24/2002.

Assim, a pós-graduação (com mestrado e doutorado) não é apenas um lugar de ensino, mas é também um instrumento de produção, acúmulo e transmissão do saber. Possuindo dimensões que comportam uma lógica instituinte-instituído-organizante-organizada que não atuam separadamente, mas em conjunto.

Pode-se ver isso através de um *corpus* em que se atualiza a relação desses 21 programas com a CAPES, o CNPq, o MEC, o PNPG, o SNPG, o APCN, as ementas das disciplinas de metodologias de pesquisa, nos regulamentos dos Prêmios Compós e Capes de teses e dissertações, nos editais para seleção de mestrado e doutorado, nos editais para bolsas, nos grupos de pesquisa, áreas de concentração, linhas de pesquisa, lista de *e-mail* da Compós, artigos, livros, trabalhos (teses e dissertações), periódicos (revistas), cursos, eventos que problematizam a questão metodológica *do, no e para* o campo da comunicação.

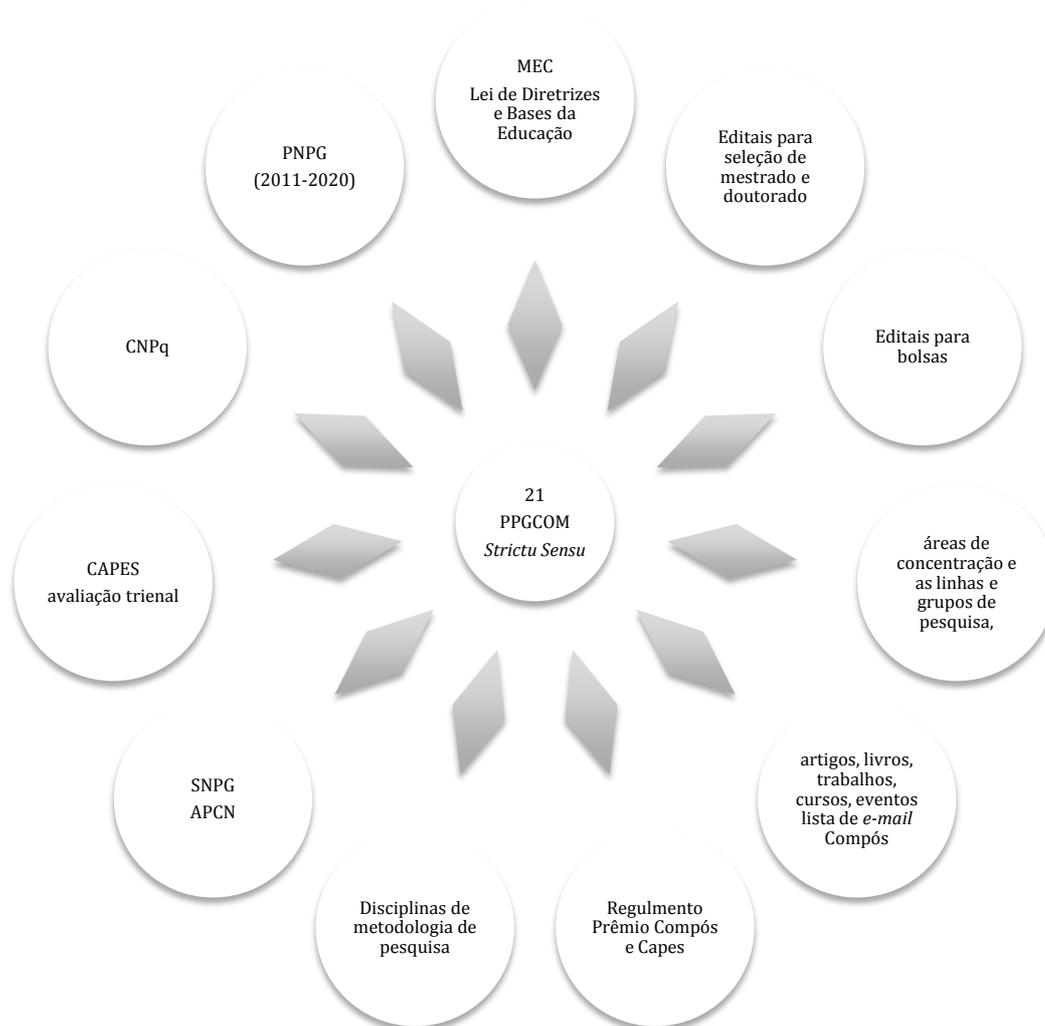


Figura 4: *Corpus* micropolítico

É importante pensar que para chegar a esse *corpus*, o andarilho tomava como princípio a ideia de que o saber só funciona, na sociedade, dotado de poder, mas não um poder feito só de negatividade com repressão, controle e censura, mas que também é positivo fazendo produzir. O poder convoca tanto a produção como a criação. No adestrar, comandar, disciplinar, modular e conduzir há uma produção de comportamentos, hábitos, atitudes, discursos. Devido a esses elementos, não há como escapar de um saber-poder nos Programas de Pós-graduação, pois eles se exercem como uma multiplicidade de relações de produção dentro de um sistema de aperfeiçoamento contínuo.

Na próxima etapa, o andarilho apresentará como pensou em conectar essas normalizações discursivas. Se todo esse material pensado para o *corpus* faria o campo de experiências realmente possíveis. Após, no “Capítulo II - Constituindo”, subverte-se a ordem estrutural e permite-se pensar em uma inseparabilidade entre teoria e prática que se produz um *entre* para a “avaliação desses deslocamentos” (DELEUZE, 1997, p.82).

<

No livro *Signatura Rerum: sobre o método*, Agamben (2010) começa com uma advertência: muitas vezes a reflexão sobre o método não precede uma investigação, mas deve-se retroceder ao próprio recorrido até o ponto de que algo não tenha ficado tematizado. Por isso, a próxima parte em que o andarilho reflete sobre seus objetivos foi algo pensado como avaliação dos deslocamentos, foi feito e refeito, por isso o uso dos verbos no passado. “Somente um pensamento que não esconde seu próprio não dito, mas que de maneira incessante o retorna e o desenvolve, pode pretender eventualmente ser original” (2010, p. 10, tradução desta autora).

Em outro momento, Agamben explica que uma investigação tanto para Deleuze como para Foucault implicava, principalmente, dois elementos a identificação de um problema e a eleição conceitual adequada para enfrentá-lo. “É preciso adicionar que os conceitos implicam assinaturas, sem as quais permanecem inertes e improdutivos. Pode ocorrer, assim, o que parece à primeira vista um conceito se revele como uma assinatura (e vice versa)” (2010, p. 103, tradução desta autora).

Para cada “objetivo geral e específicos”, o andarilho foi aproximando indagações, inquietações, mas para depois conectá-las como uma *signatura* que não é dada de imediato no *dado*⁵², mas intensifica o encontro experimentando a potência e disparando as relações.

A teoria das assinaturas permite iluminar também um dos problemas que mais tem desvelado aos estudiosos da cabala. Trata-se da relação entre o *En-Sof* (Deus como ser simples e infinito) e as *sefiroth* (as dez «palavras» os atributos nos quais ele se manifesta). Se Deus é o absolutamente simples, uno e infinito, como pode admitir uma pluralidade de atributos e determinações? Se as *sefiroth* são em Deus, ele perde sua unidade e simplicidade; se são fora de Deus, então não podem ser divinas. (AGAMBEN, 2010, p. 89, tradução desta autora).

A assinatura das coisas rompe com a falsa alternativa de que os atributos (como as *sefiroth*) são universais ou particulares. Significa, enfim, trabalhar por problematizações em que algo particular, enquanto tal, vale por outros da mesma competência e adquire assim a possibilidade de construir um agenciamento problemático mais vasto.

⁵² Experiência sensível que defende Hume e que o andarilho desenvolve no capítulo: 4. *Dispositivo de produção dos dados nos PPGCOM*.

3. Agenciamentos dos objetivos para a lógica dos sentidos

*Nossa tarefa era analisar estados mistos, agenciamentos,
aquilo que Foucault chamava de dispositivos.
Era preciso não remontar os pontos,
mas seguir e desemaranhar as linhas:
uma cartografia, que implicava numa microanálise
(o que Foucault chamava de microfísica do poder e
Guattari, micropolítica do desejo).
(DELEUZE, 2010, p. 113).*

A partir dos agenciamentos e atravessamentos teóricos referidos até essa caminhada, o andarilho observava que os Programas de Pós-graduação não só exerciam um poder como também produziam um saber. A conjunção saber-poder não era apenas uma máquina de fabricação institucionalizada, mas de produção dos modos de subjetivação. Para Foucault, a problemática da subjetivação era um dos seus maiores objetivos. Em uma entrevista denominada “*Sujeito e Poder*”, ele esclareceu que seu “objetivo foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos”. (FOUCAULT in DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 231). Nessa perspectiva, Foucault interessado em compreender os modos pelos quais os seres humanos se tornavam sujeitos nos dias atuais, comentou que as lutas políticas se faziam necessárias “(...) contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (...)”. (FOUCAULT in DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 235).

<

O sujeito não era uma entidade pronta. Em cada produção havia uma diferenciação e possibilidades de resistência e, por isso, havia de se pesquisar como se formam os domínios do saber partindo de práticas normalizadoras do discurso. Assim, o andarilho chegava ao ponto central para o desenvolvimento dos seus objetivos: pensar no saber como produção de discursos, no poder após diferentes práticas que são instituídas/normalizadas e na subjetivação como a constituição ética do sujeito a partir dessas relações entre saber e poder.

<

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa era de problematizar os enunciados dirigidos a um saber metodológico que, sob regimes de verdade instituídas nos programas de

pós-graduação da comunicação, acabavam por normalizar determinadas lógicas de sentido e como se poderia pensar outros paradoxos.

Este objetivo geral se desdobrava em outros três específicos. A fim de dar conta desses objetivos que se articulavam dentro de uma lógica do saber, poder e subjetivação, realizou-se uma problematização multimetodológica para investigar como se configuravam esses diferentes discursos. Para a elaboração desse arsenal conceitual, rejeitavam-se definições que encerravam verdades absolutas, suspendendo os universais e interrogando as práticas. Por isso, o andarilho adicionava a isso um posicionamento heurístico que combinava práxis teórica e empírica nos processos das descobertas, produções e formulações do conhecimento, operando processualmente através da experimentação e não da representação.

Para esse acionamento (*metodológico*), o andarilho encontrava mais intensidade em algumas problematizações traçadas nas obras de Foucault, Deleuze e Guattari. Autores com pensamento diversificado que ampliavam e avançavam sobre os processos de construção do conhecimento a partir de uma crítica à ideia de cópia e de modelo. Nessa direção, além de serem objetos de estudo complexos, também forneciam elucidaciones teóricas potentes para desconstruir⁵³ a noção legitimada de método: como um caminhar para se alcançar metas pré-fixadas.

<

É nessa lógica dos sentidos, de questionar os regimes de verdade, que tanto a arqueologia como a genealogia que Foucault desenvolveu para suas análises históricas, como a pragmática esquizoanalítica usada por Deleuze e Guattari em sua “filosofia da diferença”⁵⁴, ofereciam modos específicos de interrogar. Serviam de intercessores, de alimento, combustível para o caminhar do andarilho - mesmo ele sabendo de antemão, que nenhum desses filósofos quis desenvolver um método de pesquisa como modelo padrão a ser seguido. Sendo assim, o andarilho buscava inspiração nas potencialidades de suas estratégias descritivas e analíticas uma possibilidade para compor sua própria caminhada de problematização.

>

⁵³ Desconstruí-lo não significa destruí-lo, como nos ensinou Derrida (2001, 2002, 2006), mas reivindicar a diferença.

⁵⁴ Para Silva (2009) a filosofia da diferença dialoga conceitualmente com as teorias pós-estruturalistas, pós-modernistas, e com as teorias pós-críticas.

Entendendo que “nossas escolhas de pesquisa são éticas, são sempre de algum modo políticas” (FISCHER, 2002, p. 52), adotava uma perspectiva que articulava a arqueologia, a genealogia e a pragmática crítica para nortear seus passos, o que o inspirava a pensar e a escrever de outra forma as suas escolhas metodológicas. Desse modo, buscava construir seus objetivos específicos em confluência à teoria desses autores, bem como às estratégias analíticas para trilhar cada um deles.

Os critérios de observação e desenvolvimento conceituais se processavam em sintonia. O andarilho não pensava em um capítulo de conceitos fundantes para depois um de análise empírica, mas conjugava essa *dobra* em confluência durante todo o processo da caminhada.

<

Para o primeiro objetivo específico pensar arqueogeneologicamente o campo do saber metodológico em comunicação, dando atenção aos sentidos em suas sínteses disjuntivas (ressonâncias) e ramificações (clinamens). Para isso, o andarilho pensava em escavar nas discontinuidades e rupturas da história os saberes sobre o discurso metodológico, demarcando os acasos, desvios, inversões que deram origem ao que hoje existe e possui valor. Como fazer isso? De acordo com Fischer (2012, p. 30), Foucault permitia o aprendizado de “multiplicar as perguntas sobre o que nos inquieta no presente, a partir de um determinado campo de saber e a partir de um determinado *corpus* empírico”.

Assim, as questões que emergiam ao contemplar o primeiro objetivo específico eram as seguintes: Como o saber sobre metodologia aparece e se transforma? De que modo as condições históricas permitiram que os mesmos surgissem, se desenvolvessem e se modificassem? Como analisar os percursos de formação do discurso metodológico dentro do campo da comunicação?

>

Os lampejos para desbravar tais questionamentos eram aportados com Foucault⁵⁵, desenvolvendo uma análise histórica em que trata o discurso num determinado campo de saber, não a partir de depoimentos ou falas, mas a partir de diferentes enunciações relacionadas a um certo discurso. Assim, o discurso podia ser pensado como um “conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma dimensão discursiva” (FOUCAULT,

⁵⁵ Mais especificamente, com seus primeiros trabalhos *História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969).

1996, p. 132). Essas elucidações do pensamento davam pistas ao andarilho para ir arquetizando sua problematização do saber metodológico.

Na arqueologia não havia enunciados que não estivessem apoiados em um conjunto de signos. Assim, estabeleciam-se, pela descontinuidade, as condições históricas de possibilidade dos discursos. Esse primeiro movimento em relação à arqueologia dos saberes metodológicos permitia uma maleabilidade para que pudesse entender melhor a genealogia de uma forma mais aberta, não buscando o que continua ao longo da história, mas o que se torna outro.

O que emergisse desse “tornar-se outro” poderia ser mapeado e juntado ao que não era observado antes. O andarilho pensava que isso se parecia com os diferentes gêneros musicais: jazz, folk, punk rock, hip-hop, etc. Quando esses gêneros musicais emergiam, dentro de determinado campo de saber musical eram captadas as diferenças e as emergências nos enunciados, que, agrupados, geravam mudanças. Tratava-se, assim, de um grupo de enunciações heterogêneas que coexistiam e eram analisadas a partir da dispersão dos elementos que não eram diretamente ligados.

Em *A arqueologia do saber* era possível observar que a análise dos discursos era a de descrição de uma dispersão com o objetivo de formular critérios capazes de reger o aparecimento, a formação e a distribuição do discurso. Foucault chamava de “regras de formação” (1987, p. 53), em um sistema de formação discursiva. Em suma, o discurso metodológico em comunicação, por exemplo, contém a dispersão de elementos, mas, que, no entanto, podem ser descritos como regularidade se suas regras de formação forem determinadas nas dimensões dos objetos, dos tipos enunciativos, dos conceitos e no nível das estratégias dos temas e das teorias.

A arqueologia “seria uma espécie de teoria das práticas discursivas, (...) cujo centro é a descrição dos acontecimentos, a descrição das transformações dos enunciados, dos discursos” (FISCHER, 2012, p. 24). “Veremos que Foucault, no movimento permanente de sua filosofia, nos falou sempre disso: como (cheguei) chegamos a ser a diferença que (sou) somos agora?” (Ibidem, p. 26). Um modo de perguntar diferente em que “não seria de um *por quê*, nem de uma *para quê*, mas de um *como*, de um *de que modo*” (Ibidem, p. 53, grifo do autor).

O andarilho observava que o deslocamento feito por Foucault ao desenvolver sua arqueologia era o de descrever acontecimentos discursivos. Para isso, a maior dificuldade era a de transcender a fenomenologia, a representação, a metafísica e o positivismo para fazer

entender que a análise arqueológica estudava o passado a partir da análise de materiais no presente.

<

Operativamente, durante a caminhada se buscava apanhar os discursos de cientificidade para ver o conjunto de regras que formavam os domínios do saber metodológico. A partir de uma dispersão dos enunciados, o trabalho buscava as regularidades do conjunto dessas formações capazes de disciplinar um entendimento sobre o discurso de metodológico.

>

Para isso, o andarilho cruzava alguns posicionamentos que Foucault (1996), Deleuze e Guattari (1995) apresentavam para restituir o caráter do acontecimento e tomar distanciamento das verdades absolutas que se fixam na história com a significação, a originalidade, a unidade e o ponto central de criação. Mas, também, unia a isso a possibilidade de construir sua numerologia com os cálculos infinitesimais para apreender no estado molecular as transformações mais ínfimas do campo das moralizações. Uma numerologia voltada à liberação das pluralidades de forças em que o indivíduo não é apenas resultado, mas *meio* de individuação.

Uma ontologia da diferença numerológica. Embaralhando os códigos. Cada número sendo um universo em projeto – inspirado na célebre frase de Gabriel Tarde de que cada átomo é um universo em projeto. Uma ontologia do devir ser em que “a obra de arte abandona o domínio da representação para tornar-se ‘experiência’, empirismo transcendental ou ciência do sensível”. (DELEUZE, 1988, p. 68).

Em *A dobra*, Deleuze (1991) se apoia em Whitehead sobre a natureza dos acontecimentos como uma vibração contendo uma infinidade de harmônicos para questionar como uma produção subjetiva é capaz de criar algo diferente. Descobria que o abstrato não se explicava, mas que devia ser experimentado.

Como fazer isso?

Superando as aporias das relações entre o empirismo e a subjetividade. Explicando não por leis universais, mas a cada número em relação. Como aparece em a *lógica do sentido*: o mundo é um mundo de relações (DELEUZE, 2000) e fio condutor na passagem do “é” para o “e” numa gagueira “e...e...e...”.

Operando como uma inversão que se opõe à originalidade para poder analisar o *acontecimento* através de mecanismos que permitissem ver as regularidades dos mais diferentes enunciados para “reconhecer nelas, em vez disso, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso” (1996, p. 52). O trabalho do saber metodológico seria a lição para a teorização da problemática (operacionalizado através da construção do problema de pesquisa, do quadro teórico de referência e da relativização daquilo que se apresenta como verdadeiro) tendo nesses pontos a articulação entre essas inversões como um rizoma em que se conecta por contato e desenvolve-se para qualquer direção.

Descontinuidade se distanciando da unidade para pensar os discursos como práticas que se cruzam em séries heterogêneas, ou seja, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem” (1996, p. 52). O andarilho refletia, a partir disso, sobre a observação para a definição das técnicas de investigação e operacionaliza isso através da bricolagem da amostragem e da articulação da composição da produção de dados, trabalhando com elas de forma heterogênea e múltipla.

A especificidade se opondo à originalidade, dando lugar às regularidades para conceber o discurso como uma emergência, isto é, “conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, em todo o caso como uma prática que lhes impomos (...)” (1996, p. 53). Esse eixo indicava que a descrição dos procedimentos e das técnicas era operacionalizada através da análise descritiva de uma ruptura a-significante (DELEUZE e GUATTARI, 1995), ou seja, as formas podem sempre ser rompidas, mas mais do que isso elas são permanentemente móveis, assim pode haver sempre uma devir linha que unida a outra faz a reposição contínua e incessante das formas.

A exterioridade se opondo à significação para não buscar um interior oculto nas palavras, mas como condição de possibilidade e “(...) a partir do próprio discurso, do seu aparecimento e da sua regularidade, ir até às suas condições externas de possibilidade (...)” (1996, p. 53). A interpretação metodológica seria subvertida por uma problematização cartográfica, através da *noção de acontecimento*. No conjunto de forças presentes no *entre* sujeito-objeto havia a emergência da prática investigativa como produtora da diferença.

<

Por meio da noção de série, o andarilho refletia sobre a sua análise, em relação ao tema, como multiplicidades determináveis historicamente, em substituição à continuidade de um único desenvolvimento metodológico científico. Com a *noção de regularidade* indicava

as singularidades que se distribuem e se reproduzem, em substituição à ideia de originalidade, ou seja, buscar pelas especificidades históricas para a formação da pesquisa. Na *noção de condições de possibilidade* como entrecruzamento das relações de força indicando o exercício das experimentações metodológicas, a partir dos diferentes percursos.

>

Foucault explicava que há de

(...) procurar cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação (...); mostrar como se formaram, para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas. De outro lado, a perspectiva "genealógica", que põe em ação os outros três princípios: **como é que se formaram as séries de discurso, se por intermédio, ou com o apoio, ou apesar dos sistemas de exclusão; qual foi a norma específica de cada série e quais foram as suas condições de aparecimento, de crescimento, de variação.** (1996, p. 60, desta autora).

Nessa breve passagem pode-se observar que tanto a etapa arqueológica como a genealógica se completam na obra de Foucault. Por isso, o andarilho as conjugava de forma inseparável para uma arqueogenealogia. A arqueologia “critica analisar os processos de rarefação, mas também de agrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular” (FOUCAULT, 1996, p. 65-66).

Isso era importante para o andarilho, porque ele podia se enganar no caminho, tomar a direção errada, mas ele sabia que quanto maior a pressa, maior a distância. Devia determinar, por isso, a descrição de um saber, entendendo sua constituição como uma rede, abrindo espaço para a emergência do discurso. O que o conduzia para outro passo: analisar a constituição de um saber-poder metodológico no campo da Comunicação na sua articulação com as práticas normalizadoras que se institucionalizam nos programas de pós-graduação.

<

Para o segundo objetivo específico: analisar a constituição de um saber-poder metodológico no campo da Comunicação na sua articulação com as práticas normalizadoras que se institucionalizam nos programas de pós-graduação. Para alcançar esse objetivo, o andarilho refletia com mais intensidade sobre a genealogia⁵⁶. Ela englobava muitos trabalhos, mas era em *Segurança, Território, População* que encontrava o ponto central para pensar sobre a genealogia. Nessa obra, Foucault (2008) construiu uma genealogia

⁵⁶ Re-significada a partir de Nietzsche engloba, principalmente, textos como *A ordem do discurso* (1971), *Nietzsche, a genealogia e a história (também de 1971)*, *A verdade e as formas jurídicas* (1974), *Vigiar e punir* (1975), *História da sexualidade, volume 1, A vontade de saber* (1976), *Segurança, Território, População* (1978).

que conecta o saber político com os mecanismos de poder e gera a normalização da população: o biopoder.

>

O biopoder já havia aparecido em a *História da sexualidade*, mas é retomado com mais especificidade: “(...) o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3).

Na obra, Foucault não quer analisar o que é o poder, mas a mecânica do poder. Verá nesse processo que o poder disciplina através de normalizações.

Vocês conhecem melhor do que eu a nefasta sorte da palavra "normalização", O que não é normalização? Eu normalizo, tu normalizas, etc. (...) A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tomar as pessoas, os gestos, as atas, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p. 74-75, grifo desta autora).

A norma funciona em âmbitos locais, de acordo com as especificidades das funções de cada instituição social. Ela age sobre as formas de organização do espaço, do tempo, das atividades, em uma dimensão micropolítica, tanto porque se aplica ao controle e ao adestramento dos comportamentos, quanto porque atua desde os ínfimos aspectos do cotidiano.

Na genealogia, busca-se o poder em seu contexto prático analisando o dispositivo histórico das condições políticas de possibilidade dos discursos, não da origem, mas a proveniência. “A parte genealógica da análise se concentra nas séries de formação efetiva dos discursos, trata-se de apreendê-lo em seu poder de afirmação. E entendo, por isto, não um poder que se oporia ao de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos (...)”. (FOUCAULT, 2001 p. 71).

Em outro momento, Foucault explica que para estudar as relações de poder o “recurso que temos são os modos de pensar o poder de acordo com base nos modelos legais, isto é o que legitima o poder? Ou então, modos de pensar o poder de acordo com um modelo institucional (...)” (FOUCAULT in DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 235).

Tanto Foucault como Deleuze se inspiravam na genealogia da moral de Nietzsche. Em *Nietzsche e a Filosofia*, Deleuze explica:

Genealogia quer dizer, ao mesmo tempo, valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter

relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. **Genealogia quer dizer nobreza e baixaza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo, este é o elemento propriamente genealógico ou crítico.** (1976, p. 4, grifo desta autora)

O andarilho pensava o dispositivo como os agenciamentos coletivos de enunciação: buscando os estados mistos das palavras e das coisas, do molar e do molecular, do senhor e do escravo, do sedentarismo e do nomadismo. A partir dessa leitura, a genealogia era pensada como uma *problematização*. O que não significava a criação pelo discurso de um objeto que não existe, nem a representação de um objeto preexistente, nem serve como categoria analítica interpretativa, mas como *pensamento em experiência*⁵⁷. Buscando o que “nos” interroga quando se pensa chegar perto de uma resposta, articulando: Como se constrói, se constitui, se agencia, se processa? Como e de que modo isso se torna possível? De que modo tudo isso (hoje) se apresenta como um problema?

>

Em diferentes enunciados, o andarilho percebia que os discursos não só ocorrem a partir de uma configuração de elementos heterogêneos, mas de forças que atuam simultaneamente. Essas forças permitiam a criação de novos movimentos e agenciamentos para analisar os cruzamentos dessas linhas de diversas naturezas em seu funcionamento. Operacionalmente, contava com o auxílio do conceito de dispositivo (FOUCAULT, 2003) que o ajudava a compreender as processualidades dos saberes sobre as orientações das práticas metodológicas, e permitiam visualizar os processos sem se limitar em categorias fixas.

A noção foucaultiana de dispositivo era pensada pelo andarilho, principalmente, a partir da entrevista chamada *Sobre a história da sexualidade* reproduzida na coletânea *Microfísica do Poder* (2003). Entendia que os pontos mais relevantes para conectar o dispositivo eram: *a rede de relação, a natureza do nexo, a função estratégica, a gênese (composta de uma sobredeterminação funcional e um preenchimento estratégico)*.

O dispositivo seria uma *rede de relações* que pode ser estabelecida entre elementos heterogêneos: discursos; instituições; enunciados científicos; até mesmo entre o dito e o não

⁵⁷ Nas aulas o professor Larrosa sempre enfatizava que “o sujeito da experiência é sobretudo o espaço onde tem lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2004, p.161). “O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas, mas o acontecimento em seu devir escapa à história” (DELEUZE, 1992, p. 210).

dito. No dispositivo genealógico se pesquisa fatos da história e da vida tidos normalmente micropolíticos.

Na percepção das relações de poder que estavam em jogo nas práticas discursivas, nessa jornada: a avaliação da Capes (dos programas selecionados); as ementas das disciplinas de metodologias de pesquisa; os editais dos programas para a seleção de alunos para o mestrado e doutorado; os editais para concorrer a bolsas; os regulamentos para a escolha de trabalhos no Prêmio Compós e Capes. A partir desse rumo, no que diz respeito às relações de poder que perpassam o dispositivo, o andarilho encontrava elementos heterogêneos de diversas ordens em seu “objeto empírico”. Contudo, ele considerava a problemática, entendia que os mais relevantes para o estudo eram as seguintes redes de relações:

- Reflexão de como o enunciado metodológico emerge em cada Avaliação da Capes e relacionar com os vinte e um programas selecionados;

- Estudo de que modo as ementas das disciplinas de metodologias de pesquisa se propõem a trabalhar um saber metodológico no que se refere à súmula, objetivos, conteúdo (programa), critérios de avaliação, bibliografia indicada;

- Observação de como os critérios metodológicos são estabelecidos nos Editais dos programas para a seleção de alunos para o mestrado e doutorado, nos editais para bolsas de mestrado e doutorado (tanto internas como sanduíche), no regulamento do Prêmio Compós de teses e dissertações e Capes de Tese.

<

Estabelecendo a *natureza do nexa* entre esses diferentes elementos, constituía-se um mecanismo, que são os Programas de Pós-graduação em Comunicação e suas várias práticas disciplinares de normalização. Nesse ponto o andarilho problematizava: De que modo foi possível ver e fazer aparecer esses mecanismos morais, em que meios, em que instâncias, em que jogos de saber-poder ele virou um acontecimento até ser normalizado?

>

Após essa etapa, o dispositivo corresponderia a uma *função estratégica* que responde a uma urgência em um momento histórico. Para contestar essa pista era possível pensar nas necessidades da educação brasileira em relação à comunicação social, que em 1980, abria as atividades do primeiro⁵⁸ Doutorado em Ciências da Comunicação do Brasil, na Universidade

⁵⁸ De acordo com a página da instituição foi fundado em 01 de agosto de 1980. Disponível em <<http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom>> Acesso em 12 fev. 2015.

de São Paulo. Dessa forma, os outros documentos que compõem o dispositivo poderiam ser olhados a partir dessa proveniência.

Chegava-se, então à *gênese* do dispositivo. Há nela dois momentos essenciais: o do predomínio da sobredeterminação funcional (objetivo estratégico que permite uma rearticulação na forma pela qual os elementos se vinculam) e o preenchimento estratégico (sua constituição). Segundo Tucherman e Saint-Clair (2008), a sobredeterminação funcional seria cada efeito do dispositivo, tanto positivo como negativo, exigindo com essa nova produção a rearticulação com todos os outros elementos da rede. Já o processo de preenchimento estratégico “comporta a reutilização imediata de um efeito involuntário do dispositivo em uma nova e produtiva estratégia” (2008, p. 3).

<

O objetivo da constituição desse dispositivo era de buscar um saber-poder metodológico na sua articulação com as práticas normalizadoras (não como negatividade, mas como possibilidade de produções que organizam) que se institucionalizam nos programas de pós-graduação em comunicação. Ao chegar nesse ponto de criação, alcança-se outros elementos que preencheram o dispositivo (sendo o saber da ordem das formas e o poder da ordem das forças) exigindo, desse modo, uma problematização diferente que surge exatamente da não sincronização entre o visível e o enunciável.

>

Para melhor compreender o visível e o enunciável, o andarilho precisava pensar primeiro no que compreendia por dispositivo. O conceito de dispositivo corresponde como objeto da descrição genealógica. Contudo, sendo a genealogia a análise das rupturas e das discontinuidades, as relações de força de um dispositivo estarão sempre em desequilíbrio. É exatamente para pensar essas relações de desequilíbrio que Deleuze (1990) desenvolve *O que é um dispositivo?* Na leitura deleuziana de dispositivo é evocada a imagem de um novo luminoso constituído de linhas móveis e de naturezas heterogêneas, que tanto se aproximam como se afastam. Para compreender essas terras desconhecidas, Deleuze propõe quatro linhas de natureza diferentes: linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação.

Para o andarilho o dispositivo era agenciamento entre a moral e a ética. Uma relação entre as linhas de significado e de sentido. Quando Deleuze propõe as quatro linhas de naturezas diferentes está retomando à problematização do pensamento de Foucault em uma

arqueologia do saber (linhas de visibilidade, linhas de enunciação), uma genealogia do poder (linhas de força) e uma ética do sujeito (linhas de subjetivação).

Para pensar a moral que orienta um fazer, o professor Mélich (2014) sugere a distinção entre significado e sentido. Isso porque a moral se relaciona diretamente ao significado e a ética ao sentido.

Os significados guiam, orientam e configuram identidades. Ao contrário, o sentido não é algo dado ou que já exista. A moral não dá conta do sentido, mas dos significados, bem como as normas metodológicas não dão conta de uma mesma problematização.

a moral opera segundo uma ideia cartesiana. Diz-nos o que é importante, que deve ser tomado a sério e como deve ser enfrentado e responder a as questões fundamentais. A moral, toda a moral, ao menos em seu sentido moderno, nos proporciona um marco de inteligibilidade, de interpretação e de ação no mundo. A moral, através de uma serie de normas de decência, quer oferecer um horizonte de seguridade absoluta. (MÉLICH, 2014, p. 23).

A moral tranquiliza, isto é, outorga significados e orienta. Ela é o poder de que Foucault nos apresenta em sua genealogia. O dispositivo é a vontade de potência, por isso a genealogia de Foucault não rompe e, menos ainda, se opõe à arqueologia. Em *A vontade de saber*, encontra-se uma genuína genealogia da moral que relaciona o saber e o poder no discurso. Segundo Castro elas se apoiam sobre um pressuposto comum: “escrever a história sem referir a análise à instância fundadora do sujeito” (2009, p. 185). Assim, para analisar o saber como estratégia de poder, há uma ampliação do campo de investigação que ocorre com a passagem da arqueologia à genealogia.

No Brasil, o uso da arqueologia centra, muitas vezes, na descrição da *episteme*. No que concerne à genealogia, a investigação fica mais focada no uso do dispositivo como procedimento. Entretanto, Fischer alerta que isso não se processa de forma tão simples, pois quando o arqueologista trabalha com os discursos, “de certo modo está afirmando sua vocação de genealogista: para ele, os sujeitos são efeitos de discursos, e esses efeitos, produzidos no interior de inúmeras e bem concretas relações institucionais, sociais e econômicas (...)” (FISCHER, 2001, p. 22).

Assim, o andarilho pensava no dispositivo para criar diretrizes de observação dessas relações complexas. Partia do repúdio dos universais (ao qual se deve ficar atento para perceber se as linhas são de variação) e a segunda observação se refere a uma mudança de orientação, que se desloca do eterno para uma urgência. Dessa forma, o dispositivo também passava a ser um processo de criação no qual o trabalho do pesquisador andarilho é o de

desembaraçamento dessas linhas que naturalizam a moral, mas não para as deixar em linha reta e sim para provocar outras montagens.

<

Desses movimentos resulta o terceiro objetivo específico: pesquisar os modos de subjetivação produzidos por agenciamentos coletivos de enunciação em relação às orientações para o proceder metodológico na pós-graduação em comunicação.

>

Nos objetivos anteriores, o andarilho contemplava a arqueologia e a genealogia, tendo Foucault como maior interessor, para traçar suas problematizações. Para essa terceira etapa, culminava as contribuições de Deleuze e Guattari sobre os agenciamentos coletivos de enunciação para articular com os modos de subjetivação. Operativamente buscava pesquisar os agenciamentos que se processam nos grupos de pesquisa, nos artigos, nos livros, nos periódicos, nos cursos, nos eventos que problematizem a prática metodológica, ou seja, os enunciados que direcionam uma orientação de como proceder metodologicamente dentro do campo da comunicação.

Para empreender esta pesquisa buscava pelas palavras-chave: *Metodologia*, *Metodologia e comunicação*, *Metodologia da pesquisa em comunicação*, *Pesquisa em comunicação*, *Metodologia e epistemologia da comunicação* nas associações científicas da Compós⁵⁹, Intercom⁶⁰, no site da Capes (teses e dissertações) e CNPq (lattes dos pesquisadores brasileiros que apareceram nas ementas das disciplinas de metodologia e nos diretórios dos grupos de Pesquisa)⁶¹; Univerciência (Bancos de dados com várias revistas)⁶² e em Revistas Brasileiras voltadas para a discussão metodológica.

De acordo com Esther Díaz (2012), Fischer (2012), Machado (2007), o domínio do eixo *ético* em Foucault está marcado, principalmente, no segundo e no terceiro volume de *História da sexualidade* (com os respectivos subtítulos de *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*), ambos publicados em 1984, um mês antes da morte de Foucault. Emerge, nessa terceira dimensão da obra de Foucault, a subjetivação como uma construção social dos comportamentos, na qual se trata de cada um encontrar, em si mesmo, uma maneira de se governar.

⁵⁹ No *site* da Compós a busca por palavra-chave permite apenas a assimilação de um a palavra por vez, nesse sentido, delimitou-se a pesquisa aos GTS de Epistemologia da comunicação a partir do ano de 2004.

⁶⁰ Com um sistema de busca manual, o portal Intercom permite a busca com resultado para apenas uma palavra-chave por vez. Assim, teve-se que acessar os anais de cada ano e pesquisar manualmente através da combinação das palavras-chave selecionadas. Deveu-se aos GTs de Teoria da comunicação.

⁶¹ Disponível em http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf Acesso em 12 mai. 2015.

⁶² Disponível em: <http://www.univerciencia.org> Acesso em 12 mai. 2015.

Conforme explica Machado (2007, p. 180-181), Foucault desloca “a análise do poder normalizador e da sujeição para os modos de subjetivação, em que o sujeito se constitui a partir de práticas que permitem ao indivíduo estabelecer uma determinada relação consigo”. São essas questões de práticas que interessavam ao andarilho.

<

Num agenciamento, se devia pensar um *entre* corpos reagindo um sobre os outros. Enunciar esses agenciamentos coletivos significava expressar um regime de signos. Seria então uma máquina não apenas de conteúdo, mas de expressão. O agenciamento, assim, seria capaz de produzir certos estados de mistura de corpos na sociedade, através de estratos que, conforme Deleuze e Guattari (1995), se fazem espécie de organismo ou como determinação atribuível aos sujeitos.

<

No volume 2 de *Mil platôs*, os autores exemplificam o conceito a partir do agenciamento feudal. Para entender este agenciamento, dizem eles, é preciso se considerar todas as misturas de corpos que definem a feudalidade: o corpo da terra, o corpo social, corpos do suserano, do vassalo, do servo, dos cavaleiros e dos cavalos, as relações que se estabelecem entre os feudos, as armas e ferramentas que asseguram as relações. Neste exemplo, todos estes elementos compõem o agenciamento e também os enunciados, expressões, regimes jurídicos, juramentos e brasões: misturas de agenciamentos coletivos de enunciação.

A pragmática esquizoanalítica era tomada pelo andarilho como uma máquina de guerra que surgia a partir da observação de seus agenciamentos. Para Deleuze e Guattari (1995), o “caráter necessariamente social da enunciação”, permitia que pudessem afirmar: “a linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística” (p.46). Há, assim, uma relação entre um sistema de enunciado (regime de signos) e um agenciamento sociopolítico.

Deleuze e Guattari (1995) defendiam, também, que um regime de signos constitui uma semiótica, mas que há uma multiplicidade de regimes de signos que se explicam pela diversidade de formas de expressão. Na multiplicidade de regimes e linhas que atravessam os espaços que se pode ressituar os impasses sobre os fenômenos que arborificam e estruturam os textos do espaço social ou que abrem e fazem passar linhas de fuga como geradoras de sentido.

<

O agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze, Guattari e Rolnik) combinado com os modos de subjetivação (Foucault) permitiam diferentes nuances a problematização com uma “análise institucional de papel” (LOURAU, 1975; MELO, 2000).

O andarilho refletia na conexão entre o agenciamento coletivo de enunciação com os modos de subjetivação. Guattari e Rolnik ajudavam a esclarecer que a subjetivação possibilitava as condições de produção do sujeito em que

a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de ideia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI e ROLNIK, 1986. p. 31).

A partir desse ponto, o andarilho percebia que a teoria semiótica como ciência de toda e qualquer linguagem se configura como um caminho profícuo no campo da comunicação para analisar a produção de sentido em diferentes contextos sógnicos. As trilhas que conduziam a esse caminho eram retomadas da segunda metade do século XIX e início do século XX. Nesse período, seus três principais expoentes se processavam no estruturalismo, no pragmatismo e no formalismo (NÖTH, 1997). Entretanto, o pós-estruturalismo, conjugado à filosofia da diferença (PETERS, 2000; DOSSE, 1993; FERRY e RENAULT, 1988; CUSSET, 2008), apresentava para os estudos semióticos um avanço metodológico e favorecia um diálogo com a dimensão social e política das ciências sociais aplicadas.

O pensamento pós-estruturalista, composto de abordagens múltiplas desenvolvia uma ruptura com o racionalismo científico. De acordo com Eduardo Coelho ⁶³ o estruturalismo “constrói uma ciência sem subjetividade” (1968, p. 60). Assim a reflexão linguística tende a desvalorizar o sujeito, mostrando que não é o homem produtor da linguagem, mas é a linguagem que produz o homem. Para além disso, Coelho aponta que Foucault oferece uma perspectiva diferente na impossibilidade de pensar uma origem, “porque todo o começo já está começado, toda linguagem já está falada, todo o pensamento já

⁶³ Eduardo Prado Coelho que obteve o doutoramento, com a tese intitulada *A Noção de Paradigma nos Estudos Literários*, leva para as questões estruturalistas as reflexões que se conectam com as próprias mudanças paradigmáticas da ciência. Essa perspectiva ajuda a compreender que as mudanças ocorridas com o Maio de 68, por exemplo, de questionar modelos já existentes, abriu espaço para novas teorias que buscaram refletir sobre o modelo de método científico.

está pensado” (1968, p. 66). Se o começo não é da ordem do sistema linguístico, mas do ato da palavra, logo pode-se pensar que são *os acontecimentos* que tornam a linguagem possível.

Assim, uma semiótica da subjetivação poderia ultrapassar o paradigma estrutural. Quando Coelho (1968) escreve o artigo *Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos* a data era de Agosto de 1967 e, em Maio de 68 havia uma perspectiva crítica ao estruturalismo que assumia uma significação não apenas especulativa, mas política. Desse modo, tratava-se de tirar os ensinamentos de Maio de 68 redinamizando as estruturas desestabilizadas pela irrupção do acontecimento.

<

O andarilho podia, então, pensar em uma semiótica da subjetivação com o estudo dos agenciamentos coletivos de enunciação a partir de alguns pontos: a psicanálise estruturalizada por Lacan (que se apoiava nas concepções saussuriana da língua) era enfrentada por Deleuze e Guattari (2010), que se valiam da linguística de Hjelmslev e do pragmatismo de Peirce para compor uma alternativa ao saussurismo e para enfrentar o lacanismo psicanalítico estrutural.

Deleuze e Guattari (2010) desenvolvem a *esquizoanálise* pondo o desejo ético em movimento e reconectando o inconsciente social ao político. A pragmática crítica esquizoanalítica se torna uma máquina social política contrapondo a uma *antropologia estrutural*, pois não é permanente, fixa, estável, unificada e com uma identidade consolidada, mas uma construção que é efeito de um processo de produção fragmentado, ou seja, se há um modo de subjetivação aceito como “normal” haverá outro “anormal”. Dessa forma, a subjetivação é marcada pela diferença, carregando em si uma multiplicidade.

>

Ao conectar a pragmática esquizoanalítica de Deleuze e Guattari com a análise institucional, o andarilho meditava que a análise institucional não se engendra à esquizoanálise e aos agenciamentos coletivos de enunciação de um vazio inicial.

Nenhuma tentativa teórica se engendra de um vazio inicial. É sempre num campo cultural já duramente trabalhado que um pensamento se torna possível. No entanto, o esquema consagrado de continuidade na descontinuidade, de descontinuidade na continuidade, por saltos qualitativos que não alteram a permanência itinerante do Mesmo, tal esquema revela-se hoje inadequado e conformista, no seu propósito de ocultar a diferença onde a novidade se inscreve (COELHO, 1968, p. 4).

De acordo com Baremlitt, a análise institucional tem seus principais expoentes com “G. Lapassade e R. Lourau, apesar de a denominação ter sido criada por F. Guattari que considera a prática de seus agentes como uma militância (...)” (BAREMBLITT, 1992, p. 34).

Baremlitt apresenta três modalidades do institucionalismo, que segundo ele, são as que mais notoriedade atingiram: a sociopsicanálise de Gérard Mendel, a análise institucional de René Lourau e George Lapassade e a esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Destaca que a esquizoanálise “é uma posição maximalista ou extremista dentro do institucionalismo. Além disso, eu diria que não tem técnica nem metodologia própria” (1992, p. 94).

Ele questiona então se a esquizoanálise seria uma filosofia ou doutrina ou ideologia e responde que “está além da filosofia porque é um entendimento do mundo, da história, da vida, do psiquismo, que pretende ser um novo gênero, não enquadrável nem como uma ciência, nem como ideologia, mas, na versão dos autores, como uma proposta radicalmente nova (...)” (p. 94).

Ao querer aprofundar o estudo sobre as práticas institucionais, o andarilho faz uma pausa da caminhada e empreende um curso em *Esquizoanálise e Esquizodrama*⁶⁴. Após o curso teve mais questionamentos do que respostas. Nesse momento procurou a Professora Dra. Nair Iracema Silveira dos Santos para uma “re-orientação”. Ela o acolheu generosamente e lhe permitiu frequentar a disciplina de *Processos Institucionais e Estratégias Analíticas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional*. Nessas aulas, teve acesso ao extenso material disponibilizado para os alunos, o que lhe possibilitou novos *insights*.

O viajante navegou, então, sobre as diferentes correntes que a análise institucional ocupava para observar que era com a pragmática crítica em conexão com os agenciamentos coletivos de enunciação que a questão da subjetividade ganhava a dimensão que ele procurava: a de que não há enunciação individual para trabalhar com os artigos, livros, trabalhos que tratam do discurso metodológico.

Não existe enunciação individual nem mesmo sujeito de enunciação. Entretanto, existem relativamente poucos linguistas que tenham analisado o caráter necessariamente social da enunciação. É porque esse caráter não é suficiente por ele mesmo, e pode, ainda, ser extrínseco: assim, ou se fala demais ou muito pouco sobre ele. **O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos.** Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina. Esse é precisamente o valor exemplar do discurso indireto, e sobretudo do discurso indireto “livre”: não há contornos distintivos nítidos, não há, antes de tudo, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos, mas **um agenciamento coletivo que irá determinar como sua consequência os processos relativos de subjetivação, as atribuições de individualidade e suas distribuições moventes no discurso.** (DELEUZE e GUATTARI, 1995, v.2, p.19, grifos do autor).

Não havendo sujeito de enunciação não se deve confundir coletivo por povos ou

⁶⁴ Realizado no Instituto Pichón-Rivière tendo a participação de Gregório Baremlitt.

sociedades, mas pensar nos agenciamentos que os articulam. Dessa forma, para alcançar os agenciamentos coletivos o andarilho percorreu as *formas de saber e as forças do diagrama de poder, pois a subjetivação deriva do saber e do poder*. A inspiração para esses três movimentos vieram da lógica dos discursos e da sua relação com os poderes que se escondem atrás desses saberes. De acordo com Foucault, há que se questionar como é que se constituem os discursos, qual foi a norma específica de cada série e quais as condições de aparecimento, de crescimento e de variação desses discursos.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2003, p. 8-9).

Como ensinam Foucault, Deleuze e Guattari: devem-se produzir diferentes questões para desestabilizar a materialidade legitimada. Problematizações com essa perspectiva respondem a uma urgência de serem estudadas, principalmente, no campo da Comunicação em que não há pesquisas com essa temática.

Numa consulta na página do banco de teses da Capes, colocando em busca avançada a opção “programa” a palavra-chave comunicação e “todos os campos” a palavra-chave metodologia apareceram 232 registros. Ou ao se digitar na “área do conhecimento” a palavra-chave comunicação e em todos os outros campos metodologia apareceram 206 registros; metodologia de pesquisa 179 registros; metodologia de pesquisa em comunicação 85 trabalhos; e, método científico 10.

Ao ler cada um dos resumos⁶⁵ nessas diferentes composições não se encontrou pesquisa problematizando o saber-poder do discurso metodológico no campo da comunicação.

⁶⁵ As mais próximas encontradas ao ler os resumos foram três:

- ROMANCINI, Richard. **O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006. Análise “através de um estudo bibliométrico de teses e dissertações dos PPGCOM. Buscou-se desenvolver uma metodologia para a análise de áreas ou disciplinas científicas e, para tanto, faz-se uma reelaboração do modelo de Galtung (1965), sobre a interação entre grupos acadêmicos”.

- SILVA, Roberto Farias. **Tendências da produção científica em comunicação no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Rio de Janeiro. Orientador: Hugo Rodolpho Lovisoló, 2004. O objetivo foi de “**mensurar a produção científica dos doutores em comunicação em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, entre os anos de 1990 e 2000”.

- BRITO, Pedro Debs. **Comunicação e Compreensão: uma contribuição aos estudos da Compreensão como Método**. (Dissertação de Mestrado) Faculdade Cásper Líbero, São Paulo: 2015. O objetivo foi de “compreender a Compreensão, o seu estado da arte, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero sob a ótica do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”.

II. CONSTITUINDO

<

*Ora, o que constitui
o sujeito numa relação consigo determinada são
justamente técnicas de si historicamente referenciáveis,
que se compõem com técnicas de dominação,
também elas historicamente datáveis.*
(FOUCAULT, 1995, p. 637).

>

4. Dispositivo de produção dos dados: Programas de Pós-graduação em Comunicação

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros.
(FOUCAULT, 2003, p. 16).

Os programas de pós-graduação em comunicação, enquanto agenciamentos coletivos de enunciação, não remetem ao que é feito dentro de cada programa, mas às diversas instâncias de enunciados dirigidos a uma normalização do fazer metodológico. O que se intenta é problematizar os enunciados orientados a um saber metodológico que sob regimes de verdade instituídas acabam por normalizar determinados modos de existência.

<

É a partir disso, que o andarilho apresenta um mosaico de enunciados encontrados sobre o saber metodológico, apostando em outras modulações quiçá ainda não nomeadas, mas que evidenciam que o saber metodológico ainda está sujeito a algumas séries morais da razão representativa: uma identidade epistemológica no conceito metodológico através de uma ciência metodológica; um reconhecimento de determinada realidade por via da pesquisa metodológica; uma analogia do juízo por meio de uma pedagogia acadêmica e uma semelhança da percepção através de língua acadêmica metodológica. A lógica dessas séries não é de destruir algo para dar lugar a outra coisa, mas seguindo a lógica dos paradoxos proposto por Deleuze (2000) é a de seguir a lei das duas séries simultâneas de que o significado não é o próprio sentido.

>

Para chegar até essas quatro séries do saber metodológico a pesquisa não se processou com a coleta, mas com a produção desses dados em estados mistos. Aqui o leitor encontrará uma constituição dos pontos mais intensos da trama discursiva dos documentos que foram selecionados. Buscando criar um diagrama desses coletivos de enunciação, o andarilho apresenta as conexões desses documentos os quais se chamam agenciamentos. A fim de não deixar o texto demasiado descritivo foram organizados os pontos mais relevantes da sua arqueogenealogia, mas o leitor poderá encontrar no Anexo A, deste trabalho, o material contendo as áreas de concentração, as linhas de pesquisa, a referência do site dos 21 programas selecionados de onde se retiraram as informações das disciplinas e dos editais para

seleção de mestrado, doutorado, bolsas, regulamentos dos Prêmios Compós e Capes de teses e dissertações. No Anexo B, o leitor encontrará a lista de *e-mail* da Compós, nomes dos artigos, livros, trabalhos, periódicos, cursos, eventos sobre o saber metodológico.

Organizou-se em um CD, no Anexo C, o Relatório da última avaliação trienal da Capes, o Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020), Lei de Diretrizes e Bases da Educação - MEC (art. 44, III, Lei n. 9.394/1996), Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG), Sistema Nacional de Avaliação da Pós-Graduação (SNPG) e Manual de apresentação para Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação (APCN).

Numa primeira versão do texto, o andarilho pensava em apresentar uma constelação de cada um desses agenciamentos para depois discutir em conjunto. Entretanto, buscou reinventar *teoricometodologicamente* a narrativa do “processo genealógico da produção das formas conceituais e empíricas a partir do diagrama de forças” (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009, p. 95).

Nesse diagrama de forças, muitas verdades podem ser construídas e caminhos oferecidos, mas para reivindicar a existência é preciso conceber o pensamento numa possibilidade autêntica de criação em que não se confunda o pensar com reconhecer ou representar. Pouco se discute no saber metodológico sobre a capacidade que o pensamento tem para oferecer diferentes maneiras de existir e que sem ele se é prisioneiro dos saberes-poderes vigentes. Se se tomar o pensamento num fluxo como o da vida isso apresenta uma ruptura com a representação clássica recognitiva para fazer dele uma potência criadora.

Quando Platão crucifica o simulacro acaba por condenar o puro devir da diferença. (DELEUZE, 1988). Dentro da lógica da razão, o andarilho se dava conta que o conhecimento metodológico estava dentro de uma série simultânea em que: “uma representa o significante, a outra o significado. (...) O significante é primeiramente o acontecimento como o atributo lógico e ideal de um estado de coisas e o significado não é, por conseguinte, nunca o próprio sentido”. (DELEUZE, 2000, p. 27).

Não se trata de duas dinâmicas opostas e excludentes ou de um juízo binário, mas de um duplo devir paradoxal entre a moral (significado) e a ética (sentido).

<

Para chegar até essa proposta, o andarilho teve três intercessores: Nietzsche, com a *A genealogia da moral; Humano, demasiado humano e Gaia Ciência*. Deleuze, quando desenvolve a imagem moral da razão sobre o pensamento em *Diferença e repetição* (capítulo *Imagem do Pensamento*), *Nietzsche e a filosofia* (principalmente no capítulo sobre a *Nova Imagem do Pensamento*), *Proust e os signos* (no capítulo *Imagem do Pensamento*) e em

Empirismo e Subjetividade (com problema do conhecimento e o problema da moral). E com Foucault, o valor político da conduta ética (principalmente em *Para uma moral do desconforto; A ética do cuidado de si como prática de liberdade e a A hermenêutica do sujeito*).

A representação no mundo clássico de acordo tanto com Deleuze (1988) como para Foucault (2000) tem como mediadores da representação a identidade no conceito, a oposição no predicado, a analogia no juízo e a semelhança na percepção.

Se há, como foi bem mostrado por Foucault, um mundo clássico da representação, ele se define por estas quatro dimensões que o medem o coordenam. São as quatro raízes do princípio da razão: a identidade do conceito, que se reflete num *ratio cognoscendi*; a oposição do predicado, desenvolvida numa *ratio fiendi*; a analogia do juízo, distribuída numa *ratio essendi*; a semelhança da percepção, que determina uma *ratio agendi*. Toda e qualquer outra diferença que não se enraíze assim será desmesurada, incoordenada, inorgânica: grande demais ou pequena demais, não só para ser pensada, mas para ser (DELEUZE, 1988, p. 247).

<

A imagem moral do pensamento aprisiona o devir, quando Deleuze explica que em Platão os simulacros estavam eliminando da natureza a diferença livre, nômade, contínua. O simulacro põe em dúvida tanto o original como a cópia. Assim, as normalizações que submetem um modo de agir são tensionadas pelas ideias de identidade, de certeza, de verdade e de semelhança.

>

Em *Conversações* (1992, p. 125), Deleuze relaciona *modos de existência* aos *estilos de vida* mostrando que a *estética da existência* de Foucault inclui simultaneamente a ética. Nesse ponto o pensamento ético permite criar novas possibilidades de existência e não de ser apenas um espectador diante da vida. A ética para Foucault seria a máquina de guerra nômade para Deleuze, ou seja, permanecer livre dos modelos impostos, mas no caso dessa investigação, principalmente de uma moral metodológica que invadiu o pensamento. Para Deleuze “o signo pressupõe em si a heterogeneidade como relação” (DELEUZE, 2003, p. 21).

<

Esse movimento do signo pressupor em si a heterogeneidade como relação rompe com o modelo de reconhecimento presente desde o platonismo em que o dado é fornecido ao sujeito. Em *Empirismo e Subjetividade*, Deleuze pergunta: “como pode haver o dado, como pode algo dar-se a um sujeito, como pode o sujeito dar a si algo” (DELEUZE, 2001, p. 94). A partir

disso, explica que a crítica *humeana* apresenta uma outra forma de problematização que não admite nenhuma transcendência ao dado, pois o sujeito antes de ser aquele que explica a experiência é o que deve ser explicado. Com isso se pode pensar em outra forma de perguntar: “como se constitui ele no dado? A construção do dado cede lugar à constituição do sujeito. O dado já não é dado ao sujeito; este se constitui no dado” (Ibidem, p. 95). Resumindo: *Como o sujeito se institui na experiência da pesquisa?*

<

Agora que se sabe que o dado não é mais fornecido ao sujeito, mas é o sujeito que se constitui no dado. Pode-se problematizar: “mas, que é o dado? É, diz Hume, fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções” (Ibidem, p. 95). Seria, então, a natureza humana a ciência do homem? “O verdadeiro objeto da ciência é a natureza humana” (p. 24). “Assim, não é a nossa natureza que é moral, nossa moral que está em nossa natureza” (p. 32). Isso significa que o mundo moral não se reduz ao instinto moral já que todos os elementos da moralidade são dados naturalmente.

Nesse sentido, o método assim como a justiça não é um princípio da natureza, mas uma normalização, uma constituição que tem como papel organizar em um todos os elementos. O método tal qual se pensa é um meio em que o problema moral é a da replicabilidade de uma representação conceitual. “Temos que perguntar como a invenção da regra é possível. É essa a questão principal” (p. 38). O problema moral é um problema de conjunto, mas também dos meios orientados com conjuntos de normas.

>

Deleuze-Hume explicam que isso é possível porque a “natureza só atinge seus fins por meio da cultura; a tendência só se satisfaz através da instituição. É nesse sentido que a história é a história da natureza humana” (p. 41). Natureza e cultura formam um conjunto em que a essência da sociedade não é a lei, mas a instituição com convenções fundadas no costume e não de obrigações de contrato. Somente na subjetividade se têm as qualidades sensíveis da natureza humana para subverter as normalizações morais: a inferência e a invenção, a crença e o artifício. “Em resumo, crer e inventar, eis o que faz sujeito como sujeito” (p. 93). Isso é possível ao fato da subjetividade ser prática. “Que não haja e não possa haver subjetividade prática vem a ser proposição fundamental do empirismo (...) o sujeito se constitui no dado” (p. 118).

Se o sujeito se constitui no dado só há sujeito prático e se a tendência só se realiza

através da instituição se pode pensar que no âmbito dos programas de Pós-graduação *stricto sensu* há um espaço privilegiado de produção de conhecimento científico como de formação de profissionais acadêmicos, cujos mecanismos e normalizações cada vez mais provocam intensos efeitos na organização dos programas, nas atividades de pesquisa, ensino dos professores e orientação, bem como nas relações estabelecidas entre as instituições de fomento.

<

A problemática sobre a moral metodológica, a partir de Deleuze-Hume pode ser repensada na medida que deixa de ser pautada por programas racionalistas segundo os quais o empírico racional seria uma entidade metafísica inata ao ser humano. Contra esses programas, o antídoto residia em uma postura (c)ética e naturalista, como a de Hume em suas investigações sobre o fenômeno moral. Para Hume, os juízos morais sobre o certo e o errado brotam naturalmente dos seres humanos, isto é, o indivíduo não delibera sobre suas escolhas morais, de modo que os valores de bem e mal são produzidos em grupo, de maneira espontânea e quase que involuntariamente por meio da cultura a qual pertence.

Nesse sentido, o elemento natural contido por trás da linguagem dos valores morais não se constitui como uma variação da razão, mas, sobretudo, como um produto da subjetividade. A subjetividade se dá no *entre*, pois põe as coisas em relação no acontecimento que é imanente ao mundo e não transcendente a ele. Deleuze propõe um empirismo transcendental para poder ir além do empirismo *humeano*, um empirismo para o qual a experiência sempre supõe uma experiência que a torna possível. E, também, por isso, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (LARROSA, 2002, p. 27)

A lição que Deleuze tira do empirismo *humeano* é a de que o *entre*, potencializado pela partícula aditiva “e” seria uma saída para compreendermos o empírico pela experiência. O pensar racional metodológico instaurado por Descartes com uma metafísica teológica normalizaria o comportamento humano porque esses estão fortemente vinculados a uma razão representativa a partir de uma perspectiva moral.

Foucault (2008), ao desenvolver sua genealogia, observa que a interpretação é posta não como um *dado* a ser extraído de seu discurso, mas como uma produção pessoal do leitor. Igual ao código moral, os modos de subjetivação que relacionam os indivíduos com a

sociedade não são de livre criação, o que exigiria uma dessubjetivação transcendental⁶⁶ em agenciamentos coletivos de enunciação.

O dispositivo que o andarilho tentava desembaraçar era de um saber-poder metodológico no campo da Comunicação na sua articulação com as práticas normalizadoras que se institucionalizam nos programas de pós-graduação. Então, ele teve a ideia de apresentar alguns *dados* produzidos em cada um dos agenciamentos que mais o subjetivaram para depois discutir suas especificidades na próxima parte chamada “arqueogenealogia do saber metodológico”.

O andarilho, também, caía, às vezes, nas redes burocráticas institucionalizadas, mas como não parava de caminhar, ele acabava deslocando as coisas... aqui ele se sentia capturado pela lógica empirista de apresentação de dados, mas necessária na sua peregrinação/caminhada/trajetória. Ironicamente, dentro dos valores morais das instituições acadêmicas, “menos mal” que sua ética não era de coletar, mas de produzir.

<

agenciamento 1 – áreas de concentração, linhas de pesquisa e grupos de pesquisa

>

Na apreciação da avaliação da CAPES fica evidente que as pesquisas devem ser aderidas às linhas do programa. Esse é um ponto importante na apreciação da avaliação, pois a coerência, consistência, abrangência e atualização das áreas de concentração e linhas de pesquisa são alguns dos itens da avaliação. Observou-se que, de todos os programas, apenas a USP possui uma linha de pesquisa específica e uma Área de Concentração da Comunicação que busca a reflexão epistemológica e metodológica:

Área de Concentração: I - Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de Pesquisa: Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação

Estudo do campo da comunicação como produção teórica inter e transdisciplinar. Reflexão epistemológica e metodológica sobre o discurso comunicacional. Análise da comunicação como conceito e como processo social e intersubjetivo historicamente compreendido. Investigação de sua estrutura lógica e implicações éticas, filosóficas e sociológicas. Crítica dos paradigmas, modelos, teorias, métodos e técnicas através dos quais os objetos da comunicação são estudados. **Crítica metodológica em comunicação, englobando metodologias quantitativas e**

⁶⁶ “Essa crítica não é transcendental e não tem por finalidade tornar possível uma metafísica: ela é genealógica em sua finalidade e arqueológica em seu método. Arqueológica – e não transcendental – no sentido de que ela não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível” (FOUCAULT, 2000, p. 348).

qualitativas, métodos e técnicas de pesquisa empírica, tais como: etnografia, historiografia e história oral em comunicação, métodos e técnicas de análise do discurso mediático. Enfim, contribuir para a definição da comunicação como área de conhecimento, para a elaboração de novas linguagens teóricas e para seu desenvolvimento metodológico através de crítica epistemológica⁶⁷.

Faltam áreas de concentração e linhas de pesquisa nos Programas de Pós-graduação em Comunicação para um maior aprofundamento e debate metodológico no campo. Entretanto, observando cada uma das linhas de pesquisa descritas nos sites dos programas de pós-graduação selecionados, encontra-se fragmentos de enunciados relevantes em que aparecem o saber metodológico.

O exame mencionado no parágrafo anterior permitiu observar que na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, das quatro linhas de pesquisa, em duas aparece o enunciado metodológico. Uma delas é *Mídias e Processos Audiovisuais* que “desenvolve investigações **teórico-metodológicas** sobre a significação e a produção da produção, da circulação e do consumo de audiovisuais focalizando suas estéticas, linguagens e técnicas, os devires de cultura, as estratégias e a economia política dos meios”. A outra é *Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação* que busca as “instâncias comunicacionais e midiáticas da produção, dos produtos e da recepção são estudadas através da **experimentação de perspectivas multimetodológicas de caráter qualitativo e quantitativo**”.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro se encontra a linha de pesquisa: *Mídia e Mediações Socioculturais* em que “desenvolve **metodologias e análises críticas** dos fenômenos comunicativos nas produções da mídia, nas instituições de mediação tradicional e nas práticas socioculturais”.

Na Universidade Federal da Bahia há a linha de *Análise de Produtos e Linguagens da Cultura Mediática* “que têm por objeto o exame, a elaboração e/ou a **aplicação de metodologias para: a) análise de configurações expressivas (obras, produtos, linguagens) da cultura e da comunicação mediáticas; b) a análise da interpretação de tais configurações expressivas pela recepção.**

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul se deparam duas linhas: *Informação, redes sociais e tecnologias* que busca “estudos de cunho teórico, **metodológico** e aplicado à compreensão de fenômenos sociais mediados pelas tecnologias (...)” e na linha de *Cultura e Significação* que investiga “abordagens teóricas e **metodológicas** nas perspectivas dos imaginários, dos estudos culturais e das semióticas (...)”.

⁶⁷ Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom/apresentacao/organizacao/linhas-de-pesquisa>> Acesso em 28 jan. 2015

Na Universidade Estadual de Campinas se tem a linha de *História, Estética e Domínios de Aplicação do Cinema e da Fotografia* que “concentra projetos de pesquisa que buscam a reflexão teórica sobre a história do cinema e da fotografia, explorando a produção nacional e internacional, e dando destaque a seus **procedimentos criativos e metodológicos**, bem como a suas dimensões autorais”.

Como já mencionado, dos 21 programas selecionados, apenas a USP possui uma linha específica que aborda questões relativas à metodologia, depois a UNISINOS (duas linhas), UFRJ, UFBA, UFRGS (duas linhas) e UNICAMP (uma linha) em que o saber-poder metodológico é um dos elementos que compõe o enunciado da linha de pesquisa. No total são cinco linhas que fazem referência ao enunciado metodológico em relação ao teórico, à experimentação, à análise, à interpretação, à recepção, e ao quantitativo e qualitativo. Entretanto, ao cruzar essas informações das linhas de pesquisa com os *grupos de pesquisa*⁶⁸, buscando informações no *Diretório dos grupos de pesquisa*⁶⁹, o enunciado mais encontrado em relação ao saber metodológico foram os enunciado quantitativo e qualitativo. Como se verá, no próximo capítulo, esse é uma dado interessante que ajuda a pensar sua relação com a pesquisa no campo da comunicação.

<

agenciamento 2 - avaliação da Capes

>

Na observação das vinte e uma fichas de avaliações⁷⁰ dos programas selecionados, encontram-se alguns pontos relevantes para pensar um saber-poder metodológico nesse cenário. Analisando cada ficha gerada pelo último triênio, observa-se que apenas em seis apareceu o enunciado metodológico.

⁶⁸ “Por meio dos grupos de pesquisa, o programa de pós-graduação apresenta-se ao mercado para captar recursos, construir visibilidade e credibilidade, atendendo-se, assim, à premissa excelência acadêmica e sustentabilidade da universidade. Os Grupos de pesquisa desatualizados são os grupos que perderam a certificação por estarem há mais de doze meses sem sofrer atualização. Esses grupos retornarão automaticamente para a situação de “Grupos certificados” depois que suas informações forem atualizadas e enviadas ao CNPq pelos líderes”. Disponível em: <http://www.unisinos.br/pesquisa-e-inovacao/grupos-de-pesquisa>

⁶⁹ No site do CNPq é possível fazer a consulta parametrizada no qual se busca pelas linhas de pesquisa. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

⁷⁰ Disponível em:

<[87](http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarIes&codigoArea=60900008&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=COMUNICA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=CI%CANCIAIS+SOCIAIS+APLICADAS+I#>></p></div><div data-bbox=)

O enunciado metodológico nessas avaliações não aparece em um item específico de avaliação de método/metodologia. Esses termos emergem na parte destinada aos “Comentários” como um dos elementos do projeto que deveria ser melhorado, mas não há indicações de como fazer esse desenvolvimento.

O que aparece entre essas avaliações é a repetição de uma identidade epistemológica relacionado com o empírico. Esse dado, a saber em sua rede discursiva se aproxima ao que desenvolveu Deleuze sobre o “nu e o travestido na repetição” em que a “repetição é a repetição do mesmo e se explica pela identidade do conceito ou da representação” (DELEUZE, 1988, p. 32). A repetição não é independente, mas que se processa na relação entre as impressões.

Pode-se se ver, a seguir, como isso se processa nesses agenciamentos:

- USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – selo 5)

<A descrição das pesquisas é insuficiente. Diversos projetos não indicam objeto empírico e não indicam **metodologia**> (2013, p. 9, grifo da autora).

- UFF (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - selo 5)

<Em 2012, como resultado do processo de revisão das ementas dessas linhas e do credenciamento e incorporação de novos docentes ao curso, as linhas ganharam novos títulos e novas abordagens: (1) Estéticas e Tecnologias da Comunicação; (2) Estudos de Cinema e Audiovisual; (3) Mídia, Cultura e Produção de Sentido. As reformulações ocorridas oferecem maior precisão de recorte conceitual e empírico às formulações **teórico-metodológicas** e de pesquisa do PPG (p.2). A descrição dos projetos de pesquisa é irregular, e em muitos casos não fornece elementos essenciais como resultados finais ou parciais, **metodologia** ou bibliografia básica de referência> (2013, p. 8, grifo da autora).

- UNESP/BAU (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/BAURU – selo 4)

<A descrição das pesquisas é insuficiente. Diversos projetos não indicam **metodologia**, problematização teórica e objeto empírico ou ambiente de análise. As pesquisas concluídas não trazem os resultados finais, e as em andamento não trazem os resultados parciais. Nenhum projeto traz bibliografia básica> (2013, p. 9, grifo da autora).

- UAM (UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI/SP – selo 4)

<Após a reformulação da Área de Concentração e Linhas, iniciou-se um novo ciclo de autoavaliação principalmente por meio das reuniões de colegiado, que cumprem um calendário acadêmico regimental. Não relata os protocolos e/ou contratos **metodológicos** e instrumentos de autoavaliação> (2013, p. 4, grifo da autora).

- UTP (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ – selo 4)

<Diversos projetos não apresentam resultados parciais ou finais, objeto empírico ou ambiente de análise, **metodologia** e bibliografia básica de referência> (2013, p. 7, grifo nosso).

- PUC/RS (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RS – selo 4)

<Os demais relatórios dizem textualmente que o Programa deve "mostrar melhor aos pares a sua consistência, permanente evolução e sua capacidade de compartilhamento de pesquisa, publicações e intercâmbios" e "melhorar a sua comunicação com os seus congêneres nacionais de modo a explicitar melhor as suas escolhas, **métodos**, procedimentos, objetivos e resultados> (2013, p. 2, grifo da autora).

<

agenciamento 3 – ementas das disciplinas

>

As ementas foram observadas a partir do ano de 2014, tanto do primeiro como do segundo semestre. Nos sites dos 21 Programas de Pós-graduação selecionados se teve acesso às ementas. Ao contrário do que se imagina nem todas apresentam súmula, objetivos, conteúdo programático, critérios de avaliação e bibliografia indicada disponíveis para acesso pelo público. Em alguns casos, a disciplina não é ofertada e não é obrigatória pelo programa de pós-graduação, esse também é um dado importante.

a) Os nomes das disciplinas que apareceram nas ementas, observando os 21 programas selecionados:

- Metodologia da/de Pesquisa; Metodologia da/de Pesquisa em Comunicação; Pesquisa Avançada em Comunicação; Pesquisa em Comunicação; Seminário de Pesquisa Qualitativa em Comunicação; Seminário de Pesquisa; Teorias e Metodologias de Análise da Recepção.

b) Assuntos tratados nas ementas das disciplinas e organizados relacionando às regularidades que apareciam no cruzamento transversal dos enunciados:

- Abordar criticamente a pesquisa em comunicação;
- Exercitar a competência de análise e de crítica metodológicas de textos, relacionadas a um esforço de síntese tensional entre conceitos, teorias e relatos de pesquisa;

- Estudar o campo teórico, a questão epistemológica e a tendências da pesquisa em comunicação;
- Investigar o processo de pesquisa, aspectos conceituais e formais;
- Compreender a produção do conhecimento em Comunicação (ciência, método, pesquisa científica);
- Entender a pesquisa empírica (etapas do trabalho de pesquisa): a construção do objeto de pesquisa, o tema procedimentos metodológicos, noções de métodos e técnicas formatação do projeto de pesquisa;
- Traçar um quadro de análise das condições sociais (históricas e institucionais) e epistêmicas de produção da Ciência, visando entender a constituição do campo científico da Comunicação e desse campo no Brasil;
- Propor um modelo metodológico para a pesquisa empírica em Comunicação, com base na crítica metodológica dos procedimentos usuais nessa área; exercitar a aplicação desse Modelo Metodológico na desconstrução metodológica de pesquisas representativas no campo da Comunicação; orientar a aplicação desse Modelo Metodológico na construção metodológica dos projetos dos alunos;
- Mapear métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais e o campo teórico da comunicação. Tendências da pesquisa em comunicação. Os processos de pesquisa: aspectos conceituais, formais, *insights*. A escolha do tema e o recorte temático: a elaboração de questões. A construção de hipóteses: a construção do tema como problema. A pesquisa empírica e a escolha do *corpus* de análise: a construção do objeto e tempo de pesquisa.
- Procedimentos metodológicos: a relação teoria e metodologia;
- Oferecer ferramentas teóricometodológicas para que se possa compreender as origens do conhecimento e de como ele é tratado de forma distinta ao longo da história;
- Discutir as origens do desenvolvimento do conhecimento científico e o estatuto do conhecimento na área de comunicação, para que os alunos utilizem os métodos e teorias de forma mais consistente.
- Observar os vários projetos em andamento no PPGCOM (projetos de dissertação e de tese);
- Relacionar objetivos e métodos;
- Introduzir os alunos à prática de pesquisa científica e o detalhamento das principais técnicas metodológicas usadas na área, percorrendo as diferentes etapas de um projeto de investigação científica em comunicação, desde o desenho e seleção da amostra, até a

experiência de campo, análise dados qualitativos e quantitativos e apresentação dos resultados.

<
**agenciamento 4 - editais dos programas para a
seleção de alunos para o mestrado e doutorado**
>

Olhando os editais de mestrado e doutorado os tópicos metodológicos centram no desenvolvimento do projeto. Monta-se abaixo um roteiro, após ver os editais dos programas, explicitando o que permeava as normalizações para a entrega de um projeto de pesquisa:

- Título e Resumo do Projeto;
- Introdução: pertinência e adequação do projeto ao Programa e à área de concentração indicada;
- Objeto e problema de pesquisa;
- Justificativa do estudo quanto à relevância e originalidade;
- Quadro Teórico de Referência;
- Inserção do projeto das pesquisas existentes e revisão da bibliografia fundamental;
- Objetivos Gerais e específicos: parte teórica e prática;
- Desenvolvimentos Metodológicos: explicitação dos métodos, procedimentos e técnicas de investigação e sua adequação ao projeto;
- Considerações Finais;
- Referências Bibliográficas;
- Cronograma das Atividades de Pesquisa (em alguns editais).

Edital para professores que vão fazer concurso para dar a disciplina de metodologias de pesquisa – não foi encontrado.

<

**agenciamento 5 - regulamento do prêmio Compós de teses e dissertações
e do prêmio Capes de teses e dissertações**

>

a) Prêmio Compós de teses e dissertações

Os critérios utilizados pela Comissão avaliadora deverão sempre incluir os seguintes quesitos:

- Relevância e atualidade do tema;
- Logicidade da estrutura do trabalho;
- Pertinência e solidez do suporte teórico;
- Rigor metodológico;
- Qualidade redacional e adequação às normas cultas da Língua Portuguesa;
- Originalidade da proposta (para as teses).

b) Prêmio Capes de teses e dissertações

Somente o coordenador do Programa de Pós-graduação está habilitado a realizar a inscrição da tese, o mesmo deve, obrigatoriamente, contar como coordenador na Plataforma Sucupira da Capes. No edital para concorrer ao prêmio Capes de Tese não há menção específica ao enunciado metodológico, mas é interessante o Art. 6º em que aparecem os critérios para a premiação: “a originalidade do trabalho, a relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social, de inovação, e valor agregado ao sistema educacional”⁷¹.

<

agenciamento 6 - lista de e-mails da Compós

>

***E-mail 1: Sobre a Portaria N. 234 de 15 dezembro de 2016 -
alteração do nome Ciências Sociais Aplicadas I para Comunicação e Informação***

⁷¹ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/premiocapesdetese/documentos-relacionados> Acesso em 8 de abr. 2015.

No final do ano de 2016, a Portaria N. 234 de 15 dezembro de 2016 - Altera a denominação de três áreas de avaliação da CAPES⁷²: Administração, Ciências Contábeis e Turismo para Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo; Arquitetura e Urbanismo para Arquitetura, Urbanismo e Design; Ciências Sociais Aplicadas I para Comunicação e Informação.

Na lista de *e-mails* da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) muitos pesquisadores comemoram o direito a ter o próprio nome como área de avaliação da CAPES. Mas dentre todos os comentários um evidencia um marco importante para se refletir sobre a *ciência metodológica* através da sua *identidade epistemológica*:

uma vitória, sem dúvida, política, mas principalmente epistemológica. **O Brasil é um caso singular, em que a área ganha reconhecimento político que acelera as agnósticas epistemológicas pela construção de uma identidade tardia.** É só acompanhar as batalhas e limites de configurações institucionais nas agências estatais na América Latina, na vizinha Argentina em especial, na França, etc., e observar como essas batalhas e classificações de poder incidem sobre a autonomia teórica, metodológica e empírica das pesquisas em comunicação.

A vitória epistemológica deverá irrigar e retroagir sobre outras questões que compõem nossa agenda, tais como as departamentalizações dos processos formativos e de pesquisa; nas relações com outras áreas de ciências sociais, da linguagem, filosofia e artes; nas relações internacionais, com outros campos de estudos e investigações sobre a comunicação e o midiático. Lembro, agora, de conversas com três grandes pesquisadores da área no espaço da franco fonia: Miège, Pruolx e Flichy. Dos três, somente o primeiro é defensor de uma epistemologia própria, comunicacional. Os outros, pesquisadores reconhecidos em suas linhagens desenvolvidas na área da comunicação, são adeptos da tese de que nossa identidade epistemológica é a mesma das ciências sociais em geral. Outros reduzem a comunicação uma questão filosófica. **Afirmar este horizonte de uma identidade política nos leva a um novo cenário para encaminhamento das questões epistemológicas direcionadas a área da comunicação, abrindo-se uma experiência ímpar no planeta. Redundo: chegamos a um novo patamar. Parabéns aos gestores desta conquista!!!**⁷³

Outro aspecto interessante levantado na lista de *e-mail* foi fato que com essa mudança de nome abriria possibilidade de que volte para a área a reabertura do “Curso de Comunicação na graduação, proibido em plena era da convergência midiática, e não continuem nos obrigando a dar apenas pedaços do campo, como jornalismo; “rádio, TV e internet”; etc”.⁷⁴

Em outros *e-mails*, destaca-se o fato da comunicação ter sido designada como uma especialidade da Sociologia nos anos 1970, e que essa mudança não é apenas uma

⁷² Disponível em <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/53-servicos/2340-portarias>> Acessado em 27 de dez. de 2016.

⁷³ Retirado da lista de *e-mail* da COMPÓS. Todos os *e-mails* referentes a N. 234, de 15 dezembro de 2016, encontram-se no Anexo B deste trabalho.

⁷⁴ Disponível completo no Anexo B deste trabalho.

formalidade burocrática, mas representa, implicitamente, o reconhecimento da área como campo próprio de conhecimento científico e como segmento relevante do sistema brasileiro de pós-graduação. Que essa mudança na denominação do nome fortalece a área, além de auxiliar os pesquisadores no momento de estabelecermos editais junto às agências de fomento e Capes. E que essa nova denominação é uma conquista política, que fortalece a afirmação da área de comunicação como ciência. Afirmar a área como ciência é um dado importante junto com sua identidade e será abordado no próximo capítulo.

E-mail 2: Sobre o artigo “Suíte acadêmica - apontamentos poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação”

Foram trocados 49 *e-mails* sobre a polêmica de um artigo poético ter sido publicado em uma revista A2 da comunicação. Apresenta-se o resumo do artigo, e após, os enunciados que mais problematizaram a questão metodológica por ter sido abordada de forma poética.

Metodologia de Pesquisa é disciplina obrigatória nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no campo da Comunicação. Obras sobre o assunto, embora de qualidade, limitam-se a discutir a elaboração de projetos de pesquisa, enfatizando o seu passo a passo. Assim, não estimulam os sentidos do pesquisador, como se o método científico dispensasse a sensibilidade. O presente “texto” foi escrito para a disciplina Seminários de Pesquisa do PPGCOM-ESPM, com foco no *pathos*, a fim de aproximar os alunos do conhecimento essencial para se “fazer ciência”, aprisionado inteiramente no logos. A cada aula, distribuía-se um “extrato lírico”, correspondente a um item constitutivo dos projetos de pesquisa. Palavras-chave: Metodologia de pesquisa, comunicação, ensino, sensibilidade⁷⁵

Em relação a esse artigo, destacam-se os pontos mais intensos com livre adaptação, mas que podem ser conferidos de forma completa no Anexo B. Um dado interessante é que apenas 9 professores foram favoráveis à escrita poética do artigo. O andarilho em sua leitura e releitura desses e-mails se sentia afetado e transformava as críticas lidas em problemas de valores morais numa tentativa de embaralhar os códigos e fazer pensar:

- Como justificar o pedido de verbas públicas para uma área que define poemas aleatórios, sem pé nem cabeça, como teoria da comunicação?
- Como a revista aprovou o texto como "científico"?

⁷⁵ Artigo completo está disponível em: www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/119467/116871

- De que modo o caminho escolhido pela revista pode ser uma "contribuição" tendo em vista a importância de revisar os paradigmas, discutir teorias que sempre surgem como "verdades consolidadas"?

- Como a publicação de um texto poético por uma revista, supostamente de excelência, poderia, demonstrar o quanto se descuida dessa área e de que presta contas à sociedade?

- Como um texto desses pode ser aceito para a publicação e efetivamente publicado em uma área acadêmica em que os textos são escritos para serem lidos e que se prestam para algum fim concreto em que não seja simplesmente a avaliação de currículos individuais e de Programas de Pós-Graduação?

- Como os grupos de trabalho e periódicos especializados em Epistemologia e Metodologia da comunicação refletem o esforço de definir consensos mínimos em torno de quem se é, o que se faz, com que objetivos, ou critérios se buscam?

- De que modo a comunicação ao se consolidar como a área do vale-tudo indica a diversidade da área ou qualquer *patuscada* assim? Se um texto desses é aceito, que diabos pode ser legitimamente recusado por Matrizes?

- Como justificar um parecer negativo para qualquer trabalho enviado, quando o artigo em questão foi aceito em tempo recorde (dois meses)?

- Como manter a meta de publicação quando o pesquisador tem autocrítica e níveis altos de exigência para construir conhecimento de qualidade?

- De que modo o artigo ao não usar as normas ABNT, APA, etc... foge do modelo do que se vem exigindo e praticando?

- Como um artigo sem referências, sem citações e completamente desconexo é aceito pela revista?

- De que modo pesquisas publicadas nas maiores revistas nacionais acabam fazendo "descrições de uso" de ferramentas de social media, e dezenas (se não centenas de artigos) abordando os mesmos temas, com os mesmos viéses, com centenas de gráficos muito belos, mas que não dizem absolutamente nada, nem sobre o estado da sociedade ou sobre os usos e práticas de tecnologias ou, no geral, da Internet, e nenhuma preocupação genuína em se levantar o Estado da Arte de determinado assunto?

- De que forma as pesquisas feitas na Compós mostram *trocentos* trabalhos interpelando os mesmos autores, os mesmos paradigmas em uma "pesquisa aplicação de fórmula"?

- De que modo esse artigo ressalta aqui o problema dos pareceres da área de comunicação, que sempre parecem muito aquém de uma avaliação científica ou séria?

- Como a área faz e como considera a importância dos pareceres para as revistas científicas?

- Como o artigo *Suíte Acadêmica* ao ser um produto híbrido (e impuro como todo híbrido) pode transitar entre dois formatos discursivos ou entre o *logos* e o *pathos*, como quer o autor?

- De que modo se pode discutir como se fosse um artigo científico, um texto que - declaradamente - não o é? Como esperar que um texto com a proposta de um confronto poético entre *logos* e *pathos*, que se proponha a "apresentar extratos líricos" associados às partes de um projeto de pesquisa, traga referências ou citações?

- De que modo uma Revista Científica, independente do *qualis* deve apresentar seus artigos do gênero científico?

- Se fosse para ler poética, ou algo assim, buscaria uma revista que se dedicasse ao tema. Restaria a pergunta: por que *cargas d'água* uma revista - que a área considera de referência precisaria de um espaço chamado *Ensaio de Poética Acadêmica*? Seria por que falta poesia em nossas vidas de acadêmicos? Por que ciência sem poesia vale menos?

- De que modo se pode perceber que falta paixão, que estão todos apáticos? Todo mundo falando palavras rebuscadas e sem conteúdo. Estão mais próximos das artes do que da ciência? Por ironia do destino até publicaram um texto poético em uma revista A2 e isso deveria ser considerado um sintoma do exagerado apego aos estudos culturais no campo da comunicação (subjetividade demais, cultura demais e pouco empirismo)? Por que deveria pertencer à "comunicação como ciência"? Por que um ensaio filosófico poético necessitaria do aval da "comunicação como ciência" para ser sério?

<

No meio a tanta inquisição, o andarilho encontrava um raio de luz para iluminar a sombra...

ele acreditava que haviam respostas a essas perguntas:

>

<Lê-se a proposta com outros olhos. Não se põe o ponto de interrogação: trata-se, de fato, de uma proposta séria. Séria, mas incomum em nossa área. Séria, porque fala coisas numa linguagem pouco convencional. E o pouco convencional, às vezes bate de frente, exatamente porque se busca sempre o convencional.>

<Mas... Ouvir os silêncios, para isso é preciso aprendizado, como diz Walter Benjamin a respeito do "saber perder-se numa cidade". Outro maldito que nunca foi

devidamente respeitado por Adorno por ser demasiado “fora da casinha”... Possivelmente encontrarão, também em Feyerabend, esse outro malvisto pela comunidade dos seguidores de normas, dos que nunca transgridem, dos que impõem normas...>

<Não se concorda que o ensaio deva mudar de lugar na revista. Ele está no lugar certo. No dossiê. Isso pode chocar a muita gente. **Mas, falando sério, por que tanta gente se choca com o novo, o inusitado, o estranho, o que lhe escapa das formulinhas fechadas?>**

<De fato pode-se estar perto do *baile da Ilha Fiscal*, mas, **como reagir a isso?** Dobrar-se ante às exigências de cada vez mais positivismo nas pesquisas ou briga-se por um reconhecimento diferente da área? Por exemplo, afirmando que comunicação é um saber autônomo e específico com critérios, propostas, modos de investigação próprios.>

<E julgamentos como esse – **você não pertence à turma dos “cientistas”** - cairiam fatalmente sobre um Bachelard, um Bataille, um Artaud, talvez mesmo sobre um Barthes ou um Serres. Todos muito “fora da casinha”. Exatamente porque misturavam ciência com outros saberes, porque renegavam a leitura dos positivistas lógicos, **porque sabiam que em comunicação as coisas acontecem de forma diferente.>**

<Por fim, compactua-se com sua proposição de método, **esta miséria a amarrar todos à camisa de força da violência acadêmica: “O método é, apenas, uma prescrição para a viagem. Uma bússola primitiva, como o sol. A desvantagem do método? Ser um meio ser se, como a existência – e nada prepara melhor para a vida que o viver”**. Só o viver, inclusive o viver a própria pesquisa, é que justifica a verdadeira, sincera e descompromissada pesquisa.>

<Vê-se uma crescente e alarmante **padronização da escrita “científica”** num jargão cada vez mais empobrecido, rebaixando a riqueza e o teor crítico dos discursos reflexivos. Isso já começa a ser praticado, ainda que timidamente em publicações da nossa área, como a *Rebeca* entre outras. As Seções podem ser uma estratégia mais justa e republicana para se negociar com a fúria dos pares mais “científicos”, “positivistas”, “quadrados” ou o que sejam.>

<Os editores da revista, também, se manifestaram: O Editorial da Matrizes faz referência ao texto e justifica-o da seguinte maneira: "Dando continuidade ao Dossiê, apresentamos o texto de João Anzanello Carrascoza, *Suíte acadêmica: apontamentos poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação*, que é, para dizer o mínimo, inovador, no qual o autor propõe um conjunto de “extratos líricos” que permitem pensar sobre o que se poderia chamar de uma **“poética da investigação”**. Exercício sensível, complexo e

aberto, feito com a preocupação de instigar a percepção e a sensibilidade do pesquisador.>

<O que se encontra no artigo de Matrizes não é um texto "acadêmico" que foi poetizado. **É um texto poético que se apresenta como ensaio metodológico** (se é bom ou não enquanto literatura é discussão para outro forum, ainda que a forma da enumeração pareça um recurso bastante banal nos dias de hoje). E isso - ensaio metodológico - ele efetivamente não é. Talvez possa ser um bom exercício imaginativo - e quem não se divertiria decifrando as várias referências>

<Defende-se a ideia de que quem faz ou estuda a comunicação no marco dos estudos culturais deve **perder o medo de parecer pouco cientista**. Vocês são cientistas, só que não precisam necessariamente do empirismo, pois trabalham mais com o pensamento (estão mais próximos à filosofia) e para isso precisam de liberdade.>

<Não faz sentido algum dizer que os estudos culturais "não combinam com rigor". O rigor não está ligado a métodos específicos, a escolas ou paradigmas de pesquisa determinados. **O rigor é a articulação de um pensamento que encontra repouso em bases sólidas, sejam elas empíricas ou teóricas**. O rigor é a avaliação exaustiva do estado da arte de uma questão. O rigor é a capacidade de encontrar um solo epistemológico comum no qual se possa travar o debate intelectual. Me parece fundamental discutir a questão: o que é o rigor? Começaria pela razão. Não somos todos e todas, de alguma maneira, devotos da razão e de seus rigores? Até Feyerabend entendeu, ao olhar para tras 12 anos depois de publicar *Contra o método*, que quando disse "vale tudo" não era um princípio a ser adotado contra "a clareza, a precisão, a 'objetividade' e a 'verdade'", mas "a exclamação de um racionalista que olha a história de perto". Muito do que percebemos escapa pelos dedos da razão, mas com rigor, tentamos recuperá-lo, escrevê-lo, publicá-lo. Fiquei muito feliz de ver a defesa do ensaísmo, nesta lista. Me parece que, com a longa tradição latinoamericana do ensaio, inclusive no quadro do jornalismo, é importante valorizá-lo, com rigor>.

<A COMPÓS poderia estimular a discussão - por que não? como essa troca de mensagens já o faz - **para pensar o rigor em toda sua variedade**, dentro dessa área disciplinar>.

<Parabeniza-se os editores, pela **coragem em sair da caixa acadêmica** que tanto toma conta da produção, sobretudo na área de comunicação>.

agenciamento 7 – livros e artigos sobre o saber metodológico

>

Num mapeamento dos livros que abordam a pesquisa em comunicação (a partir de pesquisadores da área) olha-se as ementas das disciplinas de Metodologia dos programas selecionados e se encontra apenas dois livros, sobre o assunto e de autoria única de professores do campo (SANTAELLA, 2001; LOPES, 2009). Depois, localiza-se outros livros, frutos da compilação de artigos organizados por pesquisadores do campo que contemplam epistemologicamente questões metodológicas (MOURA et al., 2016; BRAGA et al., 2010; BRAGA et al., 2013; MALDONADO et al., 2008, 2012, 2011, 2013; ROSÁRIO et al., 2013a, 2013b; DUARTE et al., 2009; FRAGOSO et al., 2011, FERREIRA et al., 2010; HOHLFELDT et al., 2012; LAGO et al., 2010). Podemos perceber que há poucos livros e todos lançados recentemente. Os livros das professoras e pesquisadoras Santaella⁷⁶ e Lopes⁷⁷ são os mais antigos e os que mais aparecem nas indicações das disciplinas de metodologias de pesquisa dos cursos de comunicação.

Nos livros há uma analogia do juízo com o direcionamento pedagógico para a pesquisa acadêmica através de um modelo metodológico que compreende suas fases e operações: a) definição do objeto através da teorização da problemática (operacionalizado através da construção do problema de pesquisa, do quadro teórico de referência e da formulação de hipóteses); b) observação para a definição das técnicas de investigação (operacionalizado através da amostragem e das técnicas de coletas de dados); c) descrição dos procedimentos e técnicas (operacionalizado através da análise descritiva); d) interpretação metodológica (operacionalizado através da análise interpretativa); e) conclusões/considerações finais da pesquisa.

Nos artigos⁷⁸ os enunciados eram direcionados coletivamente para problematizações em que o saber metodológico era acionado para refletir sobre: *o que é o campo de pesquisa em comunicação, se haveria um objeto de estudo para esse campo, qual seria sua epistemologia e quais eram os seus métodos de investigação*. Essas especificidades serão abordadas no próximo capítulo.

⁷⁶ No livro de Santaella (2001) é apresentado um panorama das teorias em comunicação; um mapeamento da área; tipos de métodos e a orientação para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

⁷⁷ No livro de Lopes (2009) são abordados os fatores histórico-sociais científicos que regem as condições de produção da pesquisa no campo; são examinados os de ordem institucional; aprofundadas as problemáticas metodológicas; e é formulado um modelo metodológico da pesquisa empírica em comunicação, tanto na sua instância como nas suas fases.

⁷⁸ Organizados pelo título e nome do autor no Anexo B (página 204).

<
agenciamento 8 – eventos sobre o saber metodológico
>

I Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação aconteceu durante o X Congresso INTERCOM, de 05 a 08 de setembro de 1987 – **o temário versou sobre os métodos e técnicas na pesquisa sobre a produção, a mensagem e a recepção da comunicação**. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Depois o II Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação ocorreu no XI Congresso INTERCOM, no período de 4 e 5 de setembro de 1988. Dividido em: **“Metodologias na pesquisa sobre o popular-alternativo e o popular-massivo” e “Metodologias na pesquisa sobre o popular no campo”**. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Por último, o III Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação com o tema **“A pesquisa qualitativa em comunicação: os recentes avanços das metodologias nas áreas acadêmica e não-acadêmica”**, no XIII Congresso INTERCOM, no período vespertino de 06 e 07 de setembro de 1990. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

I Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação Paralelo ao XVIII Congresso da INTERCOM. Evento realizado na tarde do dia 07 de setembro de 1995, **sobre as experiências e as práticas acadêmicas dos docentes nos cursos de graduação**. Coordenado por Ada de Freitas Maneti Dencker e Cláudia Peixoto de Moura. II Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação, ocorreu em 04 de setembro de 1996, no XIX Congresso INTERCOM. Coordenado por Cláudia Peixoto de Moura. III Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação, ocorreu em 07 de setembro de 1997, no XX Congresso INTERCOM. Coordenado por Cláudia Peixoto de Moura.

I ao X Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede AMLAT em 2016 X Encontro Metodológico de Grupos, Núcleos e Coletivos de Pesquisa da Rede AMLAT. Coordenado por Efendy Maldonado. **Os eventos estão focados, principalmente, nos aspectos teórico metodológicos das investigações que cada grupo ou pesquisador desenvolve, referentes à processualidade de uma pesquisa em curso ou como exercício de reflexão epistemológica sobre aspectos metodológicos resultantes de pesquisas já concluídas.**

I Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, em conjunto com a COMPÓS, em 2002. **Respondia uma demanda ainda embrionária de debates sobre o tema da epistemologia da Comunicação.** II Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação, ocorrido no dia 30 de março de 2015, numa realização conjunta da IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Comunicação, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – PPGCOM/USP e da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação – SOCICOM. O seminário foi um evento prévio ao XIV Congresso Ibero-americano de Comunicação – IBERCOM 2015, e pretendeu ser uma retomada e continuação do seminário realizado em 2002. **Nesses eventos eram marcantes as abordagens epistêmicas que ainda focavam no debate sobre a relação Sujeito/Objeto, problematizando por meio da figura do Sujeito: as decisões, escolhas, valores e subjetividade para conduzir os investigadores à autocrítica e à crítica da ciência aberta às suas condições de produção, que são tanto sociais, como científicas e individuais.**

<

A imanência no empirismo

>

Ao circular por esses diferentes agenciamentos, o andarilho não tinha mais dúvidas de que a genealogia era cinza, meticulosa e pacientemente documentada. Mas ele ainda desconfiava que para o leitor sua apresentação não necessitava de tantos materiais acumulados para a “comprovação”. Então, ao analisar todos esses materiais cruzando as informações dos outros dados suscitados nos anexos (A, B e C), ele apresentava com urgência ética os quatro saberes metodológicos encontrados: uma ciência metodológica; uma pesquisa metodológica; uma pedagogia metodológica; um língua acadêmica metodológica. Na próxima etapa, o andarilho explica como chegou a esses quatro eixos, que iniciou com uma arqueogenealogia do discurso metodológico seguido dos seus agenciamentos coletivos de enunciação.

Busca-se pensar uma imanência no empirismo como a apresentada, no início deste capítulo. Na imagem do pensamento construída por Hume, a noção de causa-efeito é revisada para pensar o sujeito imanente ao *dado* na experiência. Logo, não surge a experiência externa nem interna em que cabe à razão ultrapassar o percebido, lançando mão da associação de ideias, porque é imanência pura. Afasta-se da dicotomia tradicional dos sujeitos e dos objetos

(como será visto no próximo capítulo), saindo da herança kantiana das dicotomias, para buscar as relações *entre* todos esses *agenciamentos*.

Para uma imanência no empirismo a “verdade” seria apenas uma condução das relações. Isso demonstra bem porque Deleuze, muitas vezes, é considerado um filósofo das relações, muito disso vem da sua aproximação com o pensamento humeano. Em que os objetos não existem por suas qualidades intrínsecas como era na filosofia antiga, mas por empirismo prático de pura imanência com o sujeito em um mosaico de pensamentos e percepções singulares nessa experiência.

O andarilho ao montar uma *bricolagem* desses >8< mosaicos de agenciamentos, buscava uma imanência vitalista em que problematizava, primeiramente, algumas morais transcendentais para, no próximo capítulo, com a arqueogenealogia pensar: *como se chega a valorar esses saberes metodológico na comunicação, como os se valoram?*

5. Arqueogenealogia do saber metodológico

Vocês sabem como se constrói essa relação com o presente na arqueologia, na genealogia: a arqueologia de nossos saberes, a genealogia de nossas práticas.
(LARROSA, 2004, p. 34).

Georges Canguilhem, discípulo Gaston Bachelard e orientador de Foucault, observa que a ciência é um sistema de produção de conhecimento, mas que por conta de sua historicidade não se pode tomá-la a partir de uma lógica geral de cientificidade, e sim como produção de normatividade (CANGUILHEM, 1995). Esse é o principal traço que Foucault retoma de Canguilhem para desenvolver sua arqueologia (MACHADO, 2007).

Para Foucault não há história de uma ciência com um desenvolvimento linear e contínuo, e, nesse sentido, para dar conta da história de formação de uma determinada ciência, é preciso articulá-la ao espaço institucional que lhe dá sustentação, ou seja, há de se buscar a correlação entre a enunciação de um discurso científico, juntamente com as práticas institucionais que lhe fornecem subsídios. Dessa forma, o ponto de partida para a arqueologia é o saber e seu objetivo é “descrever conceitualmente a formação dos saberes, sejam eles científicos ou não para estabelecer suas condições de existência, e não de validade, considerando a verdade como uma produção histórica (...)” (MACHADO, 2007, p. 166).

<

Através dessa lente, o andarilho investigava o saber metodológico na comunicação, partindo do pressuposto de que a ciência legitima um modo de entender o mundo e de fazer pesquisa, mas também se questionava: *como se assegura a cientificidade da própria ciência?*

>

Com a arqueologia, pensava, então, numa “invenção das ciências” operada por práticas coletivas para obtenção de conhecimento (FOUCAULT, 2000; STENGERS, 2002). Assim, para compreender o saber metodológico era necessário entender como ele aparece, se organiza e se transforma. Consequentemente, para pensar as práticas metodológicas na comunicação era necessário, igualmente, analisar seus agenciamentos dentro do que foi concebido como ciência e sua conexão com o discurso científico metodológico.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault (2000) trabalhava com uma arqueologia do saber epistêmico que permitia refletir sobre certas formas do pensável e do enunciável de

determinada época. Para ele, ter-se-ia uma *episteme* das similitudes na Renascença (século XV e XVI), uma *episteme* da representação na Idade Clássica (XVII e XVIII) e uma *episteme* das ciências humanas (séculos XIX e XX). O andarilho usava estrategicamente essa constituição histórica dos saberes sobre as ciências humanas para analisar a inter-relação do método com as ciência da comunicação.

Quando Foucault analisava o aparecimento das ciências humanas, descrevia outras épocas para mostrar por que antes da idade moderna não havia um saber sobre o homem. Mas também, necessitava descrever outros saberes na modernidade sem os quais não haveria as ciências humanas.

Se, para uma arqueologia do saber, essa abertura profunda na camada das continuidades deve ser analisada, e minuciosamente, não pode ser ela “explicada”, nem mesmo recolhida numa palavra única. É um acontecimento radical que se reparte por toda a superfície visível do saber e cujos signos, abalos, efeitos, podem se seguir passo a passo. Somente o pensamento, assenhorando-se de si mesmo na raiz de sua história, poderia fundar, sem nenhuma dúvida, o que foi, em si mesma, a verdade solitária desse acontecimento. (FOUCAULT, 2000, p. 298).

“Naturalmente, a questão é o que é o presente, o que o presente nos diz” (Ibidem, p. 35). Operacionalmente, para se alcançar um o pensamento no acontecimento: “há que se buscar signos do presente, detalhes significativos, talvez miudezas, aspectos mínimos que pareçam banais, mas contemplados de outro modo, partindo de outro ponto de vista, de outra disposição, de modo que apareçam como vistos pela primeira vez”. (Ibidem, p. 35).

<

A partir dessa direção, o andarilho conduzia sua arqueogenealogia, questionando o tempo presente através de um jogo de espelhos que vasculhava a tradição, os costumes que conformavam determinadas propostas de saberes metodológicos. Provocava, assim, fraturas nas camadas do saber-poder na comunicação que pareciam estar normalizadas nas quatro raízes do princípio da razão encontrados ao produzir os dados no capítulo quatro: *uma ciência metodológica, uma pesquisa metodológica, uma pedagogia metodológica e uma língua acadêmica metodológica*. Essas divisões em regiões do saber metodológico não “nos” coloca como reféns daquilo que se busca problematizar, pois elas evidenciam a lógica moral que é uma lógica do significado. Essas proposições apresentam significados que se estabelecem não somente na relação com o signo e o que o signo significa, mas permitem observar que o significado de método transita nessas quatro regiões normalizadoras de seu saber.

O significado do método se concretiza por meio dos seus saberes metodológicos, enquanto uma definição, e mediante seus diferentes usos. Não se defende essas quatro

regiões, ao contrário, problematiza-se as mesmas porque se acredita que a *produção de conhecimento* transgride o significado *científico*. Elas reduzem o sentido de método a um significado que, nesse caso, cartografa-se em 4 regiões (a partir dos 8 agenciamentos propostos). Elas não pretendem dar significado como criação de algo pronto, mas reconhecer os valores morais que as reconhece. Por isso, o andarilho desdobrava cada umas dessas regiões para no próximo capítulo propor algo que possibilitasse repensar que o *sentido não deve equivaler ao significado*.

Como explica Mélich (2014, 2012, 2010) a distinção entre o sentido e o significado é crucial para pensar moral e uma ética libertária. Se a moral faz referência ao significado a ética vive de dar sentido e, por isso mesmo, a subjetivação não responde segundo um dispositivo cartesiano porque é repleta de possibilidades.

As normalizações têm pleno significado nessas quatro regiões, mas perdem outros sentidos se não são problematizadas. Kafka (2000) ensinou muito bem em *O Castelo* que tudo tenta ocupar seus significados sem deixar espaço para as multiplicidades de sentidos, mas que ao serem apenas administradas perdem a sua diferença em buscar sempre outros sentidos. Retomar-se-á essa questão no próximo capítulo, caminhe-se por enquanto entre esses quatro territórios da terra metodológica.

<

5.1 ciência metodológica

>

O andarilho abria a camada da antiguidade onde os fenômenos naturais e sociais eram apreendidos, no ocidente, até então, por explicações divinas. Observava que para o acontecimento da Renascença ocorrera a transferência do eixo regido pela religião, central nas sociedades tradicionais, para o eixo razão. Nessa mudança, a ciência passava a ser fundamentada em leis, empregada pelo homem de forma determinista, objetivada, matematizada, apropriando-se do lugar ocupado por Deus.

>

A diferença desse deslocamento - pensava o andarilho - na Idade Clássica para se pensar a ciência não pelo prisma dos filósofos gregos - apesar deles terem sido os primeiros a refletirem sobre a distinção entre o conhecimento vulgar e o saber científico (*científico significava conhecimento*) - era o fato deles compreenderem uma investigação pelo raciocínio

puro, descartando a experiência e a observação (FOUCAULT, 2000).

Outra questão que Foucault aponta em *Hermenêutica do sujeito* era de que o cuidado de si incluía o “*conhecimento de si*” como um de seus exercícios, dentro da ideia de “ocupar-se de si”. Mas ele chama de “momento cartesiano”, a partir do cogito, a ideia de que o único acesso à verdade se dá pela razão. A partir daí, o conhecimento de si vai ser evidenciado como regularidade e modo de dizer a verdade, e o cuidado de si e a *parrésia* dos cínicos, que implicava uma verdade como prática, vai sendo colocado à margem.

Desde essa época os conceitos de “científico” e de “ciência” passam a ser pensados pela existência de um “método” que garantisse a exatidão dos conhecimentos adquiridos, bem como sua aplicabilidade e progressividade. Somente após essa compreensão é que se constitui uma ciência ao mesmo tempo quantitativa e experimental da natureza.

<

Com base em uma nova configuração das formas de ver e de dizer, a característica distintiva mais emergente entre o conhecimento filosófico e o conhecimento científico foi a passagem de uma ciência do universal para o desenvolvimento das ciências particulares.

>

O que o andarilho observava era que a ruptura na ordem de um saber não se devia a um refinamento conceitual ou à utilização de instrumentos técnicos mais precisos, mas imperava sobretudo numa mudança da formação discursiva.

Para Foucault (1978, 2006, 2000) a formação discursiva “não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais (...)” (2000, p.83).

<

Nessas regularidades, o andarilho encontrava uma identidade da ciência que possuía uma dimensão histórica. Nela se fazia necessário conhecer e analisar a superação dos obstáculos que conectaram a *signatura rerum*⁷⁹ do método aos diferentes discursos de ciência. Mas como fazer isso? A inspiração era tomada, pelo andarilho, da arqueognealogia que

⁷⁹ *Signatura rerum* significa *assinatura das coisas*. É um conceito trabalhado na obra de Giorgio Agamben: *Signatura rerum – sobre o método*.

descrevia outras épocas⁸⁰ junto com os saberes presentes. Esse movimento era importante para compreender como um saber-poder metodológico vem sendo enunciado, não como origem e verdade estabelecida, mas como estudo de suas formações e descontinuidades. A partir desses pontos, o andarilho pensava os deslocamentos dentro do discurso de conhecimento para entender as diferenças e repetições dessa união: “método-científico”.

>

Para os gregos ciência era conhecimento, constituindo-se em uma única linha na filosofia. Entretanto, na formação do Renascimento a noção de ciência passa a incorporar o racionalismo e experimentalismo para abordar o conhecimento, ultrapassando dois intercessores filosóficos: o pensamento platônico e o aristotélico, que afirmavam existir apenas a ciência do universal, na qual era possível chegar a uma verdade absoluta, simplesmente, através do conhecimento (STENGERS, 2002).

Tanto em Platão como em Aristóteles, o andarilho podia observar que já havia um saber sobre ciência e método antes mesmo, por exemplo, de Francis Bacon, Galileu Galilei e René Descartes. A ciência, para eles, era um conjunto de conhecimentos universais, ou seja, no seu diálogo em *Teeteto*⁸¹, Platão analisa e conclui que a ciência é o domínio da verdade, o conhecimento em contato imediato com a realidade. Porém, não através da experiência empírica como fonte e critério de julgamento do conhecimento, pois para ele a percepção sensorial confundia, proporcionava apenas indícios abstratos da realidade. Essa realidade possuía uma essência superior constituída de formas e ideias que eram eternas. Assim, os sentidos eram desvalorizados, porque reproduziam apenas singularidades. Dessa forma, para Platão não havia ciência particular, apenas universal.

<

Começava assim a constituição de uma identidade epistemológica do conceito metodológico: uma busca platônica de exorcizar o simulacro. Com isso, a diferença se submete ao modelo que só pode ser definido por uma identidade que é a essência do mesmo.

>

⁸⁰ Através do “aparecimento das ciências humanas em determinado momento foi necessário continuar a escrever outras épocas (...). Mas também foi preciso descrever outros saberes da modernidade sem os quais não poderia haver ciências humanas (...)” (MACHADO, 2007, p. 111).

⁸¹ Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000068.pdf>> Acessado em 16 nov. 2015.

Platão inaugura, inicia, porque evolui numa teoria da Ideia que vai tornar possível o desdobramento da representação. Mas, justamente, o que se declara nele é **uma motivação moral em toda sua pureza: a vontade de eliminar os simulacros ou os fantasmas tem apenas uma motivação moral**. O que é condenado no simulacro é o estado das diferenças livres oceânicas, das distribuições nômades, das anarquias coroadas, toda esta malignidade que contesta tanto a noção de modelo quanto a de cópia. (DELEUZE, 1988, p. 253).

“A representação é o lugar da ilusão transcendental” (Ibidem, p. 253). Para Deleuze essa ilusão inaugurada por Platão remete a quatro formas interpenetradas: ao pensamento, ao sensível, à Ideia e ao ser. De forma resumida: o sujeito pensante dá ao conceito sua memória sensível, mas a Ideia moral do mundo se representa nessa identidade subjetiva do ser e se prolonga pelo senso comum. Assim, “restaurar a diferença no pensamento é desfazer este primeiro nó que consiste em representar a diferença sob a identidade do conceito e do sujeito pensante” (Ibidem, p. 253).

De acordo com Deleuze, Platão inaugura uma identidade para conceito de método conectado à ideia de modelo, mas é em Aristóteles que o mundo da representação afetaria para sempre o conceito de método com a ideia de cópia como seguridade. Embora Aristóteles concordasse com Platão quanto à ciência do universal, foi o primeiro filósofo a eliminar o mundo platônico de desvalorização dos sentidos. Para Aristóteles, o seu método consistia num processo de abstração indutiva das sensações que, após serem entendidas racionalmente, deveriam ser desconsideradas as particularidades individualizadas da observação, para, em seguida, postular seus princípios universais. Para isso, Aristóteles, bem como Platão, dispensavam a experimentação. O importante era distinguir o verdadeiro do falso usando da razão. Juíza dos valores morais, a razão condena aquilo que não se enquadra a um modelo prefixado. Com isso, deve haver uma *meta* para atingir um fim prefixado na constituição da identidade do conceito de método.

Aristóteles funda a lógica para fixar um sentido para as palavras. Como afirma Deleuze (2000), há uma preocupação com a linguagem em relação à lógica do sentido. O simulacro perturba essa Ideia do conceito de método na ausência de um fio condutor como modelo, o que poderia instaurar o caos e a desordem. É aqui, exatamente que o simulacro poderia ser liberado.

<

De acordo com Foucault (2000), foi somente a partir do século XVI, que o homem, então conhecido como “cientista”, busca, com a experimentação, uma observação mais objetiva e aperfeiçoada para superar as verdades postuladas pelos gregos e por todo o

dogmatismo religioso. Os principais cientistas que ultrapassaram o modelo Aristotélico foram Francis Bacon, Galileu Galilei e René Descartes⁸².

Pode-se ver que, após usar o pensamento filosófico para pensar os processos de produção de conhecimento, os cientistas passam a desenvolver métodos que provêm do empirismo e do racionalismo. Bacon propôs um método em que o verdadeiro caminho era o da indução, na qual toda a observação deveria ser sistematizada pela experimentação. Foucault atenta sobre a descontinuidade que a experimentação causou no modo de se observar:

do lado das origens ou dos motivos, colocam-se os privilégios novos da observação: os poderes que lhe seriam atribuídos desde Bacon e os aperfeiçoamentos técnicos que lhe teria ocasionado a invenção do microscópio. Arrola-se aí igualmente o prestígio então recente das ciências físicas, que forneciam um modelo de racionalidade; desde que foi possível, pela experimentação e pela teoria, analisar as leis do movimento ou as do reflexo do raio luminoso, não seria normal buscar, por experiências, observações ou cálculos, as leis que poderiam organizar o domínio mais complexo, mas vizinho, dos seres vivos? O mecanismo cartesiano, que constituiu mais tarde um obstáculo, teria sido primeiro como que o instrumento de uma transferência, e teria conduzido, um pouco à sua revelia, da racionalidade mecânica à descoberta desta outra racionalidade que é a do ser vivo. (FOUCAULT, 2000, p. 171-172).

O andarilho notava que a obra de Descartes, ao se intitular *Discurso do método* (2008), não passava despercebida por Foucault (2000). Se Bacon promovia uma descontinuidade com o saber até então produzido e causava uma ruptura com o seu empirismo, Descartes se afasta dos processos indutivos e cria um método dedutivo. Com sua obra, Descartes (2008) propõe que o princípio do conhecimento é a razão⁸³. Entretanto, Galileu foi quem mais afastou os elementos subjetivos no âmbito do conhecimento científico. Segundo Feyerabend (2007), o método de Galileu chega a uma lei geral por meio da observação de casos particulares, elaborando hipóteses para submetê-las a provas experimentais.

⁸² As contribuições para a constituição das ciências modernas também contam com nomes como: Nicolau Copérnico, Johannes Kepler, Isaac Newton e, entre outros. Todavia, a opção de selecionar apenas três para o presente texto é de mostrar como o método foi pensado a partir da perspectiva da experimentação. Esses nomes são citados nas obras de Köche (2003), Stengers (2002), Feyerabend (2007), Kuhn (2001), Santaella (2001), Lakatos e Marconi (2001).

⁸³ Descartes (2008) indica quatro regras para o seu método: a) não aceitar nada como verdadeiro sem antes passar pela razão; b) dividir as dificuldades em tantas partes simples quanto possíveis para melhor resolvê-las; c) realizar a simplificação do ponto de vista, os pensamentos devem ser ordenados logicamente; d) o processo pode ser retomado por outras pessoas, logo nada deve ser omitido, de modo que as contribuições e objeções de todos possam ser levadas em consideração. Consequentemente, para se chegar a uma certeza seria possível somente através da lógica.

<

Com isso, o andarilho notava que a produção do conhecimento ia sofrendo transferências e ampliando suas possibilidades enunciativas. Os saberes que iam se construindo sobre o método mostravam um paralelismo entre o *empirismo* e o *racionalismo* no âmbito da ciência. Ambos buscam alcançar a verdade, mas os pontos de partida eram opostos. O primeiro, saía da observação dos fatos particulares e depois das hipóteses a confirmar, ou seja, na origem dos fatos através do método indutivo. O segundo, partia da dedução, da razão, de uma generalização para chegar a casos concretos. Assim, havia entre esses métodos uma inversão de procedimentos que versava sobre o ponto de partida e o caminho a ser seguido para alcançar o conhecimento científico.

>

Entretanto, havia em ambos uma separação entre o sujeito e o objeto. De acordo com Stengers (2002), isso ocorreu como uma forma de evitar invenções e ficções dos cientistas. Por meio de um “método/científico”, o sujeito que realiza uma pesquisa se abstém para que o saber possa ser validado como verdadeiro e de modo coletivo. Para a autora, o que confere singularidade a essa fase é a invenção do *dispositivo experimental*. Através desse dispositivo o cientista buscava separar sujeito e objeto para que os resultados fossem aceitos pela comunidade científica. Todavia, Foucault (2000) alerta que foi essa separação que permitiu dar ao ser vivo técnicas de produção para a construção da imagem cartesiana do homem: dotado de razão e disciplinado por sua própria invenção discursiva.

<

O andarilho observava, que as enunciações sobre o *empirismo* e o *racionalismo* marcavam o discurso da ciência, mas, como advertia Foucault: para a ciência “antes do fim do século XVIII, o homem não existia” (2000, p. 425). Ele complementa que “o ‘humanismo’ do Renascimento, o ‘racionalismo’ dos clássicos podiam realmente ter conferido um lugar privilegiado aos humanos na ordem do mundo, mas não puderam pensar o homem” (p.439).

Rompendo esse dualismo entre racionalismo e empirismo, que marcou a Renascença e a Idade Clássica, emerge Kant, que questionava o fato de em mais de dois mil anos de pensamento filosófico não haver uma crítica a esses modelos científicos. *Crítica da razão pura* foi a obra de Kant que, em 1781, inaugurou o idealismo transcendental e inspirou fenomenologistas, tais como Husserl e Heidegger. Foucault marca essa passagem como

empírico transcendental tendo, na figura epistêmica do homem, um objeto para o saber e o nascimento das ciências humanas na modernidade.

A partir de Kant, o problema é inteiramente diverso; o saber não pode mais desenvolver-se sobre o fundo unificado e unificador de uma *máthêsis*. Por um lado, coloca-se o problema das relações entre o campo formal e o campo transcendental (e nesse nível todos os conteúdos empíricos do saber são postos entre parênteses e permanecem em suspenso no que diz respeito a toda validade); e, por outro lado, coloca-se o problema das relações entre o domínio da empiricidade e o fundamento transcendental do conhecimento (então, a ordem pura do formal é posta de lado como não-pertinente para explicar essa região onde se funda toda experiência, mesmo aquela das formas puras do pensamento). (FOUCAULT, 2000, p. 340-341).

Kant buscava conjugar racionalismo e empirismo por meio de uma proposta teórica construída em torno da noção de crítica. Partindo da concepção de que o conhecimento seria produzido a partir da contribuição entre as faculdades da sensibilidade e do entendimento, Kant defendia que o conhecimento se processa não apenas do entendimento racionalizado, mas também da experiência sensível.

<

Todo o pensamento do século XIX, do romantismo ao marxismo, será influenciado por Kant, pois ele refletirá sobre os limites do conhecimento lançando as bases para o estudo do “homem”. Foucault (2000) observará, então, que o homem é uma invenção recente e que o discurso, a maneira pela qual se fala e pensa sobre as coisas, é formado por um conjunto de regras, fixadas pelas condições históricas em que se encontra. No entanto, há uma descontinuidade ao longo do tempo fazendo com que os discursos também mudem. A arqueologia ajuda a desenterrar os saberes que perdem sentido, e descobrir que formas de saberes tomam o seu lugar.

>

A maneira como se usa as palavras não são as mesmas ao longo da história e seu sentido não se constrói em linha reta. Foucault (2000) observa que Kant possibilitou um salto evolutivo ao abandonar a questão de “por que o mundo é como é?” para se questionar “por que vemos o mundo como vemos?” Entretanto, “Kant concluiu que a crítica deveria ser uma crítica da razão pela própria razão” (DELEUZE, 1976, p. 43). Isso faz dele “o último dos filósofos clássicos: jamais põe em questão o valor da verdade nem as razões de nossa submissão ao verdadeiro. Quanto a isso ele é tão dogmático como qualquer outro” (ibidem, p. 45).

Não é por acaso que a Antropologia, como ciência que estuda o homem, tenha

surgido no decurso do século XIX. “A Antropologia constitui talvez a disposição fundamental que comandou e conduziu o pensamento filosófico desde Kant até nós” (FOUCAULT, 2000, p. 473).

Na arqueologia que Foucault realiza das ciências humanas ele apresenta três domínios de ciência ou “três regiões epistemológicas, todas subdivididas no interior de si mesmas e todas entrecruzadas umas com as outras; essas regiões são definidas pela tríplice relação das ciências humanas em geral com a biologia, a economia, a filologia” (FOUCAULT, 2000, p. 473).

<

No capítulo que Foucault denomina “O empírico e o transcendental”, em *As palavras e as coisas*, observa-se que, de um lado, as análises empíricas mostram um homem que vive (biologia), que produz (economia) e que fala (filologia)⁸⁴, mas de outro lado, a filosofia transcendental apresenta os processos de produção de conhecimento sobre o *ser*, proporcionando uma crítica à metafísica. Isso ocorre porque já não se trata da verdade, mas do ser; não se trata da natureza, mas do homem. Instaura-se uma dobra e inaugura-se, assim, as ciências humanas.

>

As ciências humanas existem porque o homem começou a ser uma dobra do saber (objeto de estudo) e elas se inserem como aquilo que não podia ser explicado pelas ciências tradicionais. Esther Días lembra que as ciências humanas, de certo modo, seguiram vinculadas à representação. “Esse liame, no entanto, não é absoluto. Segundo Foucault, há tentativas de livrar-se deles (na psicanálise e na etnologia)” (DÍAS, 2012, p. 75).

O homem é colocado paralelamente “ao lado” dos objetos científicos e eis que a psicologia e a etnologia começam a se desenvolver como ciência. O homem se desdobra em sujeito e objeto de conhecimento.

<

⁸⁴ Foucault explica que nesses três domínios das ciências tem-se “primeiro, o reino do modelo biológico (o homem, sua psique, seu grupo, sua sociedade, a linguagem que ele fala existem, na época romântica, enquanto vivos e na medida em que de fato vivem; seu modo de ser é orgânico e é analisado em termos de função); depois vem o reino do modelo econômico (o homem e toda a sua atividade são o lugar de conflitos de que constituem, ao mesmo tempo, a expressão mais ou menos manifesta e a solução mais ou menos bem-sucedida); enfim — assim como Freud vem após Comte e Marx — começa o reino do modelo filológico (quando se trata de interpretar e de descobrir o sentido oculto) e linguístico (quando se trata de estruturar e de trazer à luz o sistema significante)”. (2000, p. 497-498).

O andarilho observava que atualmente, as 49 áreas avaliadas pela CAPES eram agregadas, por critério de afinidade, em três níveis muito parecidos como os trabalhados por Foucault (pensando um homem que vive, que produz e que fala): a) Colégio de Ciências da Vida; b) Colégio de ciências exatas, tecnológicas e multidisciplinar; c) Colégio de humanidades⁸⁵. Dentro de cada um desses Colégios há três ciências: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas e Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Multidisciplinar; Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes.

Entretanto, no final do ano de 2016, a Portaria N. 234 de 15 dezembro de 2016 - Altera a denominação de três áreas de avaliação da CAPES⁸⁶: Administração, Ciências Contábeis e Turismo se torna Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo; Arquitetura e Urbanismo se modifica para Arquitetura, Urbanismo e Design; Ciências Sociais Aplicadas I se transforma em Comunicação e Informação.

Na lista de *e-mails* da Compós a identidade como **ciência da comunicação** foi comemorada. O andarilho pensava sobre como a ciência quer o nome próprio. Entretanto, essa identidade epistemológica, como apontou Bourdieu (1996) em “A ilusão biográfica”, é apenas o atestado para a instituição de um poder oficializado e normalizado em conexão com nosso mundo capitalista. “Ziff, que define o nome próprio como “um ponto fixo num mundo que se move” tem razão em ver nos “ritos batismais” a maneira necessária de determinar uma identidade (BOURDIEU, 1996, p. 188).

<

O andarilho observava que pensar a *ciência metodológica* na comunicação era pensar a verdade de sua identidade.

>

De acordo com Deleuze (1976), até Kant, a verdade é colocada como essência porque nem ele nem os outros de seu tempo questionaram a identidade lógica da ciência. Deleuze apresenta Nietzsche como o primeiro a subverter os valores estabelecidos deste mundo sedentário, embaralhando os códigos morais. “Por isso cada um, atualmente, deveria chegar a conhecer no mínimo uma ciência a fundo: então saberia o que é método e como é necessário uma circunspecção” (NIETZSCHE, 2006, p. 269).

⁸⁵ Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>> Acessado em 27 de dez de 2016.

⁸⁶ Disponível em <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/53-servicos/2340-portarias>> Acessado em 27 de dez. de 2016.

O andarilho encontrava nesse ponto, a invenção de um saber metodológico que não se restringia ao saber da *ciência metodológica* através de uma identidade epistemológica com os paradigmas da ciência, mas sua construção e transmissão de conhecimento com a *pesquisa metodológica*. Os estudos empreendidos entre a arqueologia e os saberes metodológicos conduzia o caminhante ao aparecimento de diferentes tipos de pesquisa para reconhecimento de determinada realidade como um elemento importante para um aprofundamento de como ela se instaura no discurso metodológico e promove rupturas com o estatuto epistemológico de cientificidade, inserindo elementos de subjetividade na pesquisa.

Nessa dobra do sujeito e objeto do conhecimento se tem o acontecimento da *episteme* qualitativa na *pesquisa metodológica*. Ao se desenhar o cenário de um sujeito prático no saber metodológico é possível observar uma trajetória específica, e que seu ingresso e aceitação no mundo científico precisou de revisões sobre as leis científicas e os paradigmas válidos até então. Vai-se recuperar as emergências desse processo demarcando a pesquisa metodológica.

<

5.2 *pesquisa metodológica*

>

Apreendendo o passado no presente, o arqueólogo “deve principalmente dar conta de como se instaura um certo discurso, quais suas condições de emergência ou suas condições de produção” (FISCHER, 2012, p. 90). “Mas por onde começar? O ponto de partida talvez seja a atenção ao presente, a atenção a um "diz-se", ao "*ça parle*" de determinado campo de saber, aos "murmúrios" de nossa época, para só então definir um *corpus* que permita apanhar a história de um determinado objeto” (FISCHER, 2012, p. 94). O andarilho então perguntava: de que modo rupturas se instauravam e como se transformavam?

<

O panorama até então percorrido, na primeira parte desse capítulo, sobre a constituição da ciência e suas confluências com a problemática metodológica permitiam perceber que sua *episteme* germinou a partir de uma necessidade de superar o pensamento mítico e consolidar-se sobre a razão lógica. No entanto, o homem como objeto de estudo das ciências humanas possibilitava ao andarilho identificar um enunciado metodológico diferente na *ciência metodológica: a pesquisa metodológica*.

>

Para ver como isso se processou arqueogeneologicamente, o andarilho havia calculado quatro noções que serviam de princípios norteadores. Como já mencionado no capítulo um, Foucault (1996, p. 54) desenvolveu noções que servem como condutoras da análise: "a noção de acontecimento"; "a de série"; "a de regularidade"; e "a de condição de possibilidade". E os quatro pares opositivos: "o acontecimento" se opõe "à criação"; "a série" se opõe "à unidade"; "a regularidade" se opõe "à originalidade"; "a condição de possibilidade" se opõe "à significação".

Desse modo, através da *noção de acontecimento*, o andarilho buscava o conjunto de forças presentes no *entre* sujeito/objeto que possibilitassem a emergência da prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais. Por meio da *noção de série* desenvolvia a análise, em relação ao tema, como multiplicidades determináveis historicamente, em substituição à continuidade de um único pensamento metodológico científico dentro da universidade. Com a *noção de regularidade* procurava as singularidades que se distribuía e se reproduziam, em substituição à ideia de originalidade, ou seja, buscava pelas especificidades históricas para a formação da pesquisa metodológica. Na *noção de condições de possibilidade* como entrecruzamento das relações de força que definem as opções de emergência pensava por períodos.

<

A inspiração para esse movimento vinha da de Foucault (1978) em a *História da Loucura* em que tomava a divisão histórica em três períodos: renascimento, época clássica e modernidade. Para empreender essa análise, Foucault realizou dois movimentos. Por um lado, privilegiou a instituição, pensando sua organização em relação à loucura, por outro lado a relacionou com fatores sociais, econômicos e políticos. Para empreender essa jornada sobre o discurso da pesquisa metodológica se observavam três grandes momentos que a conectava com seu desdobramento científico metodológico. Chamar-se-á essa *multiplicidade de processos*⁸⁷ de: *constituição antropológica* (a invenção da pesquisa sobre a realidade com *episteme* qualitativa), *constituição sociológica* (a elevação do *status* da pesquisa metodológica

⁸⁷ Nessas passagens se encontra uma "(...) multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recortam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral" (FOUCAULT, 1999, p. 119).

através do desenvolvimento de critérios de cientificidade); *constituição das ciências humanas* (a pesquisa metodológica como modo de investigação social interpretativa).

>

As entradas teóricas para abordar a pesquisa metodológica são inúmeras e, mesmo que o seu desenvolvimento tenha permeado toda a história das ciências humanas e sociais, ainda assim, é possível diferenciar períodos através de um olhar atento sobre a sua prática e produção.

O momento em que emerge a pesquisa metodológica na dobra do sujeito e objeto do conhecimento está marcado pelo estudo dos antropólogos nas sociedades “primitivas”. Nessa etapa surgia o primeiro trabalho de campo: um tratado científico de etnografia, realizado pelo americano Lewis H. Morgan em 1851. Entretanto, somente entre 1883 e 1914, com as expedições de Franz Boas e Malinowski, é que a análise dos dados coletados em campo iria ganhar relevância na academia.

<

Somente no final do século XIX e início do século XX (HAGUETTE, 1992; GOLDENBERG, 2007; JENSEN e JANKOWSKI, 1993) é que as chamadas metodologias qualitativas começaram a ganhar forma e a romper com o modelo de cientificidade até então seguido dentro das universidades.

>

Grande parte da renovação dos estudos de antropologia se deve aos métodos de pesquisa de Malinowski. De acordo com Goldenberg “*Argonauts of the Western Pacific* provocou uma verdadeira ruptura epistemológica na antropologia priorizando a observação direta e a experiência pessoal do pesquisador no campo” (2007, p.22).

Nessa mesma época, outro movimento que ocorria, mais precisamente em 1892, foi a fundação da Universidade de Chicago. Interessante notar que em pouco tempo o departamento de antropologia já era o principal centro de estudos dos EUA nessas áreas. Realizando pesquisas a partir da perspectiva interacionista, por praticamente 30 anos, acabou conhecido mundialmente como a Escola de Chicago.

A prática de pesquisa metodológica que mais se destacou nessa instituição foi a etnografia, utilizando a observação participante, a história de vida, a entrevista e o estudo de caso para dar conta da maior preocupação dos pesquisadores de Chicago: “analisar os graves

problemas enfrentados pela cidade a partir do ponto de vista dos indivíduos que são vistos socialmente como os principais responsáveis” (GOLDENBERG, 2007, p. 29).

No interacionismo simbólico, o indivíduo é intérprete do universo em que está inserido. Logo, para estudar empiricamente essa teia complexa, houve o desenvolvimento de procedimentos originais na pesquisa qualitativa como o relato autobiográfico, a utilização de documentos pessoais (como cartas e diários íntimos), documentos públicos, jornais diários, painéis de discussão e conversas. (GOLDENBERG, 2007; HAGUETTE, 1992).

De acordo com Jensen e Jankowski, na década de 1930 “desenvolveu-se em Chicago uma divisão separada com uma orientação quantitativa, e o debate metodológico que surgiu em toda a nação começou a tomar forma emocional e explícita” (1993, p. 62, tradução desta autora). Para os autores, essa reviravolta no modo de obtenção de conhecimento ocorreu por uma busca da sociologia para elevar seu *status* e passar a ser considerada como uma ciência. Esse é um período intermediário para as práticas metodológicas dentro das ciências sociais marcado pela reinserção de métodos quantitativos e moldado sobre a base do positivismo⁸⁸ e das ciências físicas.

<

Pesquisando o que mais aconteceu nessa época, depara-se em 1932, com a eleição de Roosevelt, o *boom* do estudo da propaganda política inaugurando o *New Deal* e as técnicas de formação da opinião pública. Em 1948, principalmente com Lasswell, processava-se uma sociologia funcionalista da mídia que investigava e media o impacto da comunicação. Para isso, utilizava, por exemplo, a análise do conteúdo, a análise dos efeitos da propaganda, a análise das mídias e a análise da audiência a partir de dados quantitativos.

>

Com o pós-guerra, a investigação sobre a comunicação de massa era fomentada pela indústria publicitária e, metodologicamente, procurava-se nos grupos focais um meio de estudar as transmissões de rádio e reações às propagandas. Os primeiros a fazerem uso dos grupos e entrevistas focais foram Paul Lazarsfeld, e colegas da Agência de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Colúmbia (BARBOUR, 2009).

A turbulência política causada pela guerra conduzia o encontro de importantes

⁸⁸ Em 1895 é publicado o livro *As Regras do Método Sociológico* de Émile Durkheim que buscava estabelecer a sociologia como uma nova ciência social, seguindo o positivismo de August Comte.

membros da Escola de Frankfurt com Lazarsfeld na Universidade de Colúmbia. Isso ocorria, porque Max Horkheimer, ao ser destituído do cargo de diretor da Escola de Frankfurt (por ser judeu), vai para os EUA, acompanhado de antigos membros como Theodor Adorno e Hebert Marcuse, também descendentes de judeus. O instituto se muda para Nova York, onde se torna afiliado da Universidade de Colúmbia.

Contudo, a colaboração que Lazarsfeld esperava da equipe de Adorno de unir o empirismo americano com a teoria europeia no desenvolvimento de pesquisas se torna um confronto para Adorno, que não concebia a ideia de “medir a cultura”. Adorno e Horkheimer fundam juntos o conceito de indústria cultural para os quais a comunicação de massa era responsável por industrializar a cultura (A. e M. MATTELART, 2009). Para as pesquisas metodológicas era comum o uso de interpretações críticas aos fenômenos, o que retomava a discussão da pesquisa por meio do signo *qualitativo*. Entretanto, intensificavam-se os questionamentos sobre os critérios de cientificidade aplicados às metodologias de pesquisa qualitativas. A maior crítica foi a ausência de procedimentos de investigação explícitos.

<

A pesquisa metodológica entrava, assim, numa terceira constituição: o desenvolvimento teórico da pesquisa qualitativa por meio da investigação social interpretativa. Metodologicamente se verá uma reorientação do interacionismo simbólico para o estudo dos conflitos sociais frutos das desigualdades raciais, políticas e econômicas da época. Para ilustrar esse período, cita-se a Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, em 1963, organizada por Martin Luther King.

>

Dentre os estudos que mais se destacavam, nessa época, estavam os trabalhos de Howard Becker e Erving Goffman que, também, pertenciam à Escola de Chicago. Nessa nova fase, abre-se caminho para correntes de pesquisa metodológica, como a fenomenologia sociológica, a etnometodologia e a etnografia interpretativa (GOLDENBERG, 2007). Todavia, esse tipo de abordagem, sem a delimitação de procedimentos explícitos, geravam muitas críticas por parte de conservadores funcionalistas.

<

Exatamente nesse ponto que o enunciado “pesquisa qualitativa” foi usado, “para descrever uma alternativa à pesquisa “quantitativa”, e foi cunhado no contexto de uma crítica

à segunda, especialmente seus desdobramentos nos anos de 1960 e 1970” (FLICK, 2009, p. 16). Isso não significa que a pesquisa qualitativa se oponha à quantitativa, mas que busca construir seu espaço dispondo de especificidades próprias.

>

A partir do desenvolvimento dessas particularidades para a constituição da pesquisa qualitativa para as ciências humanas, o andarilho pensava que isso possibilitava uma mudança de paradigmas sobre o próprio significado de método científico. Em 1962 é lançado o livro *Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn, refletindo que “na ciência, um paradigma raramente é suscetível de reprodução” (2001, p. 44). Ocorre que o paradigma nas ciências está relacionado ao status de sucesso que um modelo pode obter para solucionar problemas e se destacar de seus concorrentes que não conseguiram a mesma notoriedade.

O modelo que alcançava o maior êxito passava a ser seguido e atualizado de diversas formas; ampliando os conhecimentos inicialmente legitimados, mas sempre em torno do mesmo paradigma. As contradições internas geradas em torno dos pressupostos já aceitos, entretanto, podem gerar novas perspectivas de interpretação, possibilitando uma lapidação depois do estabelecimento dos paradigmas.

A possibilidade de substituição do paradigma vigente só ocorre se surgir outro que seja superior a ele em todos os aspectos e que ganhe a adesão dos membros da comunidade científica. A ocorrência disso levava ao que Kuhn chamou de revolução científica. É a partir disso que Stengers discute que se por um lado a noção de “revolução paradigmática” – na qual um paradigma substitui o outro – ajuda a contar a história de suas disciplinas sistêmicas, por outro lado essa noção de revolução científica é relativa:

novidade na obra de Thomas Kuhn é portanto bem relativa. Reside antes de mais nada na explicitação da divergência entre os interesses dos cientistas e os dos filósofos das ciências. Os primeiros não têm qualquer necessidade de passar pela defesa e esclarecimento da racionalidade das ciências para reivindicar a iniciativa nas questões e a exclusividade nos julgamentos de valor e de prioridade. Os outros perdem por conseguinte todo *status* privilegiado: não são nem árbitros nem testemunhas, não são sequer aqueles que saberiam deslindar as normas que funcionam implicitamente no interior das ciências e que permitem distinguir ciência e não-ciência (2002, p. 17).

Stengers avalia que a noção de paradigma desenvolvida por Kuhn envolve um descompasso que “remete à imagem reducionista que assimila a uma simples norma profissional institucionalizada, uma convenção puramente humana que se impõe com dogmatismo ao perseguir e sufocar a lucidez e o espírito crítico” (2002, p. 63). Inicia assim, a crítica que Stengers faz a Kuhn, a qual intitula “*O ajuste do paradigma*”, em que relata que

Kuhn desempenha um importante papel no âmbito das ciências, mas que igualmente suscitou com sua obra uma reação divergente entre os cientistas, de um lado, e os filósofos epistemólogos, de outro.

Stengers explica que os cientistas receberam bem a obra de Kuhn não somente pela autonomia das comunidades científicas que ele preservou, mas também pela própria conexão que ele estabeleceu entre essa “autonomia e a impossibilidade de reduzir o paradigma a uma leitura sociológica ou psicológica qualquer” (2002, p. 63). Entretanto, os filósofos da ciência manifestaram profundo descontentamento, pois isso insinuou que toda a ciência que não provém de um paradigma não passa de uma pretensão ideológica.

Os cientistas que se submetem ao paradigma de sua comunidade não são encarados por Kuhn como um problema, pois para ele essa subordinação é chamada de “progresso científico”. Portanto, segundo Kuhn, os cientistas que pertencem a uma disciplina sem paradigma acabam se desentendendo entre si ou acusando-se mutuamente de desvios ideológicos.

<

Nessa perspectiva, o andarilho podia perceber que, apesar de passar por tantas transformações, a herança positivista e a força das ciências duras exerciam um papel de tensionamento sobre as ciências humanas e sociais, fazendo-se voltar novamente para o quantitativismo, na década de 30. Com a retomada da análise de dados quantitativos, os pesquisadores assumiram, nesse período, o viés cartesiano, para buscar validade e reconhecimento. Entretanto, a evasão de pesquisadores da Europa para os EUA, em função da guerra, tem papel importante para a retomada das metodologias qualitativas.

<

Portanto, para a evolução de uma ciência era necessário que houvesse fases de desenvolvimento e rupturas revolucionárias. Essa perspectiva ajudava a compreender que as mudanças ocorridas com a pesquisa qualitativa passavam por fases em que continuavam a ser tensionadas pelo modelo paradigmático quantitativo no âmbito da ciência como, por outro lado, com as pesquisas era possível questionar os modelos já existentes.

>

Questionar os modelos foi algo que o epistemólogo Paul Feyerabend (2007) apresentava no início dos anos setenta: uma ruptura com o modo de pensar as teorias do

conhecimento. Elaborava uma crítica ao método científico. Nesse mesmo período, em 1973, Edgar Morin publicava o primeiro volume de *O Método*. Para Morin (2003, p. 36) “originalmente, a palavra método significava caminhada”, mas na qual “é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha”. Assim, “o método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método” (MORIN, 2003, p. 36).

A partir da recuperação de aspectos relevantes da pesquisa metodológica era possível entender que o desenvolvimento de sua constituição nas ciências humanas proporcionou uma mudança de paradigma na própria forma de conceber o método na pesquisa e que a distinção paradigmática entre as abordagens quantitativas e qualitativas já estavam superadas (FLICK, 2009; LESSARD-HÉRBERT, et al., 2005).

<

A reflexão que o andarilho empreendia era de que a prática na *pesquisa metodológica* a partir do enunciado qualitativo passou a exigir critérios de avaliação da sua qualidade que ultrapassassem apenas a busca pela objetividade (capacidade de confirmação), validade (consistência) e fidedignidade (credibilidade). O caráter da pesquisa residia, antes de tudo, na clarificação dos critérios a serem utilizados para as estratégias metodológicas e da explicitação de como eles foram operacionalizados no processo de investigação. A máxima que se constituía na comunicação era de que “se não se entende que a investigação qualitativa é um processo, não se entende o que é investigação qualitativa” (OROZCO, 2012, p. 83, tradução desta autora).

>

Ao organizar-se de forma diferenciada da pesquisa quantitativa (sem excluí-la), a investigação qualitativa se engendra sobre princípios que deem a ver processualidades das tomadas de decisões para cada passo do sujeito pesquisador. Esse ponto é importante, pois com acontecimento qualitativo se teve a proveniência de ver um enunciado científico que legitimou metodologicamente a inserção da subjetividade no meio acadêmico.

O que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é

seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global. (FOUCAULT, 2003, p. 9).

No entrecruzamento das relações das forças (poder) e formas (saber), o andarilho arquitetava por meio da arqueologia, uma constituição de saberes no interior de uma trama histórica. Tentou-se isso por meio de uma *constituição antropológica* (na inserção do sujeito pesquisador se legitimando junto ao discurso científico de método); de uma *constituição sociológica* (nos critérios de cientificidade construídos para elevar o status da pesquisa qualitativa); e, a *constituição das ciências sociais e humanas* (na investigação social interpretativa problematizando a ideia de razão instrumental).

Nessas fases se viu que, ainda que a pesquisa qualitativa seja reconhecida e cientificamente aceita, era preciso reconhecer algo mais importante que, transversalmente, corta esses períodos que são as formas de existências coletivas. “Não há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 28). O enunciado é sempre coletivo, incluso quando parece ter sido emitido por uma singularidade que é o indivíduo. Metodologicamente era possível pensar nisso como no conjunto de práticas que buscam o conhecimento de determinada realidade com o interacionismo simbólico, a sociologia fenomenológica, a hermenêutica, a etnografia, a teoria crítica, a semiótica, os estudos de gênero.

<

Não bastava pensar o saber metodológico numa separação entre o qualitativo subjetivo ou o quantitativo objetivo, isso já estava superado, mas não havia como negar que o acontecimento qualitativo - com diferentes práticas discursivas - tinha como tarefa conectar saberes históricos através de um ponto muito importante que era a relação da pesquisa metodológica com o social.

>

Quando o andarilho perguntava “o que era a comunicação social?”... tinha uma série de respostas, era como algo que preexistia à própria questão. Ele então percebia que devia era perguntar pelas condições de possibilidade e pela emergência em torno do que se convencionou chamar de “comunicação social”.

O social da comunicação não gira em torno a uma interação social dos indivíduos, mas de agenciamentos múltiplos que torna o social objeto de saber dentro da produção de modos de existência, ou seja, não é apenas sujeito e mundo, mas indivíduo e sociedade em

que não há um ponto de discernibilidade. O indivíduo é fabricado pelo social no momento em que

passamos de mecanismos histórico-rituais de formação da individualidade a mecanismos científico-disciplinares, em que o normal tomou o lugar do ancestral, e a medida do lugar do *status*, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável, esse momento em que as ciências do homem se tornaram possíveis, é aquele em que foram postas em funcionamento uma nova tecnologia do poder e uma outra anatomia política do corpo (FOUCAULT, 1999, p. 161).

De acordo com o professor Ibañez (1994) deve-se ultrapassar a compreensão ingênua do social, acreditando na existência de uma realidade independente de nosso modo de acesso a ela, pois é através da formação histórica em um dado momento, que a comunicação irá ganhar consistência e se constituir no social.

<

O andarilho podia então refletir que a comunicação deixava de ser considerada uma evidência para ser tomado como um aprendizado dos signos⁸⁹ construído em uma multiplicidade de configurações. Não encontrava apenas uma formação histórica, mas se desenvolvia numa problematização que engendrava o dispositivo comunicacional social à sua produção de conhecimento em que era necessário tomar a sua inscrição num determinado conjunto de práticas *pedagógica* na sua relação com o metodológico.

>

5.3 pedagogia metodológica

<

Durante outras andanças (estágio *sanduíche*), este personagem errante estava frequentando as aulas do professor Jorge Larrosa. Como a disciplina era na filosofia da educação, trabalhou-se com muitos textos sobre a pedagogia, mas de uma maneira profana. No seu livro a *Pedagogia profana*, mais especificamente no capítulo sobre a *A experiência da leitura*, o autor busca, a partir dos pensamentos de Peter Handke, analisar a questão do controle pedagógico e da sua relação com a formação e a transformação daquilo que se é. Para Larrosa a leitura deve ser libertadora e não asseguradora. Uma vez sendo segura traz à tona pensamentos já construídos, o que limita a arte de aprender do leitor.

⁸⁹ No livro *Proust e os Signos*, Deleuze reflete que qualquer aprendizado se dá pela decifração ou interpretação de signos e que o signo seria o objeto de um encontro.

Outro livro indicado foi *Mensajes E-ducativos desde tierra de nadie*, tendo a experiência educativa para além de uma analogia do juízo, principalmente, sobre o preço da investigação pedagógica. “O objetivo da investigação pedagógica é produzir conhecimentos científicos sobre aspectos concretos da realidade educativa” (SIMONS e MASSCHELEIN, 2006, p. 132, tradução da autora).

Pensando os sentidos educativos e formativos não é possível mais seguir utilizando a linguagem da tradição formativa, na qual molda o aluno para atingi-la uma verdade, devendo para isso cumprir determinadas condições para atingi-la. “Com o termo “científico” se qualifica a produção de conhecimento em base à qualidade do produto de conhecimento suposto: conhecimento válido” (Ibidem, p.131, tradução da autora).

<

Com o intuito de chegar ao conhecimento válido, há uma formação para que ele possa ser produzido com regras sociais, normas e valores que o investigador deve cumprir a fim de gerar conhecimento. Era isso que o andarilho encontrava na maioria dos livros de professores investigadores da área da comunicação: modelos pedagógicos que pretendem mostrar como produzir conhecimento válido, fazendo analogias de juízo. Veja-se abaixo como se chegou a essa ideia.

>

Em *Hermenêutica do sujeito*, Foucault “entende por ‘pedagogia’ a transmissão de uma verdade que tem por função dotar o sujeito de atitudes, capacidades, saberes” (CASTRO, 2009, p. 319). “Se chamamos — pedagógica, portanto, esta relação que consiste em dotar um sujeito qualquer de uma série de aptidões previamente definidas” (FOUCAULT, 2006b, p.493).

Ele explica que o *doxa* pensado como certa analogia de juízo constitui o sentido comum pedagógico numa linguagem na qual os que falam são fabricantes de uma verdade. “Posto que a educação, segundo dizem, deve partir da realidade, o campo pedagógico é um gigantesco dispositivo de produção de realidade, de *uma certa realidade*”. (LARROSA, 2006, p. 49, tradução da autora).

Sabendo que a realidade e a verdade existem enquanto invenção e artifício há sempre uma língua das normalizações. Uma certa gestão do que já se sabe. “Como a educação, segundo dizem, deve transformar o que existe através de sua própria transformação, o campo

pedagógico fabrica incansavelmente projetos para a prática, para *uma certa prática*” (Ibidem, p. 49).

Para Larrosa, o dispositivo pedagógico ganha intensidade com os livros sobre o mesmo assunto e como essas línguas se encontram na repetição e na diferença de uma mesma formação.

Conforme já dito, num mapeamento dos livros que abordam o saber metodológico em comunicação (a partir de pesquisadores da área como se pode ver no Anexo B). O andarilho percebia que havia poucos livros e nesses poucos havia um analogia do juízo com o direcionamento pedagógico para a pesquisa acadêmica através de um modelo metodológico que compreendia suas fases e operações:

a) definição do objeto através da teorização da problemática (operacionalizado através da construção do problema de pesquisa, do quadro teórico de referência e da formulação de hipóteses);

b) observação para a definição das técnicas de investigação (operacionalizado através da amostragem e das técnicas de coletas de dados);

c) descrição dos procedimentos e técnicas (operacionalizado através análise descritiva);

d) interpretação metodológica (operacionalizado através análise interpretativa);

e) conclusões/considerações finais da pesquisa.

Modelo ensinando como elaborar um projeto com um conjunto de normalizações a serem seguidas. As questões epistemológicas são tomadas como filosofia da ciência num exercício de intersubjetividade. Ensinando a como se comportar para produzir conhecimento “verdadeiro” em ciências da comunicação. Enunciados ensinando a primazia do objeto em relação ao sujeito. Assim, a prática metodológica é um processo em que se visualiza a tríade: teoria, método e sujeito/pesquisador. Nessa configuração epistêmica se tenta ultrapassar a divisão artificial entre as dimensões teórica e metodológica, pois o objeto científico não está dado, ele é resultado da inter-relação de teorias e concepções metodológicas. Para essa elaboração é possível adotar uma perspectiva de metodologia que conjugue processualmente as problematizações teórico metodológicas às dimensões empíricas do objeto e às pluralidades do sujeito/pesquisador.

>

Reiterando tal afirmação para a metodologia, encontra-se o artigo de Lopes (2010, p. 27), publicado no livro *Pesquisa empírica em Comunicação*, que define “a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e de opção pelo investigador que estruturam a investigação em níveis e fases, cujas operações metodológicas se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico”. Para Braga (2010, 2011) a prática da pesquisa em comunicação, também é a da *abordagem metodológica como tomada de decisões*. O autor considera que o abandono das regras apriorísticas torna a tomada de decisões um elemento central do encaminhamento metodológico. “Considerando a ineficácia da adoção de regras metodológicas apriorísticas e rígidas e a grande variedade de ângulos teóricos e de tipos de objeto na área, propõe perspectivas básicas e transversais para cuidados metodológicos, adequados à diversidade de pesquisas qualitativas” (BRAGA, 2011, p.1).

Diante dessa questão, o autor reflete sobre três elementos metodológicos relevantes da pesquisa empírica comunicacional: problematização, fundamentação teórica e observação empírica. Para isso é necessário o abandono consensual de metodologia como um conjunto de regras encaminhadas de forma apriorística ou como um aparato rígido. “Nessa perspectiva, a metodologia é uma sabedoria na tomada de decisões em que o pesquisador se vê constantemente envolvido” (BRAGA, 2011, p.8).

<

O andarilho observava que havia uma tendência entre os pesquisadores da área de refletir sobre as processualidades da pesquisa empírica a partir do que se pode chamar de uma epistemologia da pesquisa qualitativa. Nessa medida, o pesquisador empírico coloca-se em contato com seu objeto – qualquer que ele seja – e propõe um debate e um percurso metodológico que vai se formando na medida em que o pesquisador se defronta com o objeto estudado, permitindo, dessa forma, que a construção teórica contemple: a construção da problematização, seu acionamento metodológico para a observação empírica e a teoria gerada pela própria pesquisa.

>

Na experiência com o ensino e a aprendizagem da disciplina de Metodologias de Pesquisa em Comunicação (durante o estágio docência no Mestrado e Doutorado), o andarilho observava que muitos alunos, superando a compreensão primária de método científico como um conjunto de regras e modelos a serem seguidos, passam a intitular que metodologicamente a sua pesquisa será qualitativa sem, muitas vezes, uma reflexão sobre a

caminhada da própria pesquisa. Apesar do entendimento de que proceder metodologicamente, em um trabalho acadêmico, significa deixar transparecer o processo da pesquisa relatando suas múltiplas etapas e procedimentos, o andarilho percebia que o aluno buscava na titulação “pesquisa qualitativa” uma certa valorização de cientificidade. Por mais que essa problemática pareça superada para pesquisadores que já possuem familiaridade com a compreensão dessas especificidades, ainda há nos Programas de Pós-graduação em Comunicação disciplinas que se intitulam *Pesquisa qualitativa em comunicação*.

Nessa ordem de linguagem se exerce uma *mesma operação* de pôr em marcha o mesmo discurso: pensar a pesquisa a partir de um conjunto de valores e normas de ação que determinados aparelhos prescritivos buscam para organizar a pesquisa metodológica numa lógica primária dialética de qualitativo em quantitativo. A partir da composição desse diagrama, o andarilho compreendia que, no ofício dos pesquisadores da área da comunicação, se fazia presente uma validação discursiva interna do campo que consistia em conceber a pesquisa empírica por meio de uma epistemologia qualitativa que serve como uma estratégia pedagógica para construir a dimensão metodológica. Ao se ter disciplinas e livros intitulados *Pesquisa qualitativa em comunicação* se cria uma identidade e uma analogia do juízo dentro de um horizonte de significados que configuram um espaço de ação. Não é algo imposto, mas que vai se naturalizando. Assim, esse horizonte cria segurança, mas certo cativo no sentido que muitos sujeitos da área acabam escrevendo que a sua pesquisa metodológica será qualitativa, mas sem desdobramentos.

<

O andarilho percebia que os princípios de cientificidade da pesquisa qualitativa operavam na sua prática metodológica através da vigilância epistemológica, ou seja, as técnicas de pesquisa eram consideradas *teorias em ato* como defendeu Bourdieu (2003) em seu ofício de sociólogo. Isso constituía uma gramática em que a pesquisa metodológica se aproximava da teoria da pesquisa qualitativa para guiar suas práticas.

>

O cruzamento desses dados permitia ao andarilho aferir que havia uma analogia do juízo e uma semelhança na percepção entre seus pensamentos sobre os modos de conduzir para a norma, ou seja, conforme citado anteriormente há etapas para a construção de uma pesquisa que ultrapassa a lógica da objetividade, credibilidade e técnicas apriorísticas. Esse percurso funciona como uma estratégia pedagógica.

<

Dessa forma, a pesquisa acadêmica em comunicação pode ser entendida também como uma estratégia pedagógica de explicitação dos critérios de validação e de construção metodológica. Aprende-se com as ações da pesquisa exploratória, quando há planejamento para lidar com a diversidade de decisões, que vão desde formular a pergunta de pesquisa até encontrar e usar os procedimentos apropriados, a trabalhar com vistas a responder essa pergunta.

>

O andarilho considerava que essa postura não era tarefa fácil se levado em consideração que a própria constituição do campo da comunicação é tão recente como incipiente e muitos foram os pesquisadores que buscaram em artigos desvendar *o que é o campo da comunicação*, quando na “verdade” deveriam perguntar por sua normalizações morais.

Judith Butler (2006), ao estudar os textos de Foucault em *Desfazer o gênero*, explica que a normalização não é o mesmo que regra, nem de lei, mas como operando dentro das práticas sociais. Assim, por meio das práticas não se pergunta “o que é”, mas *Como se chega a considerar normalizado determinado discurso?*

Por meio dos artigos que indica no Anexo B (por meio de seus títulos), observa-se um interesse crítico pela história social e intelectual do próprio campo, em determinar o que fica ou o que é banido, resultando em uma controvérsia sobre o grande número de teorias e, ao não encontrar um paradigma universal do campo comunicacional, aceitou-se outro, o do pluralismo teórico. Nessa perspectiva, pensar a comunicação não significa pensar que tudo é comunicação ou que ela seja ciência de tudo, pois essa postura a tira do quadro de referência científica para virar parte unicamente de um valor social.

No entanto, é possível avaliar que o caráter *multi, pluri, trans, interdisciplinar* está presente desde a formação do campo da comunicação (WALLERSTEIN, et al., 1996), primeiramente, quando dentro das ciências sociais se lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, adotaram-se métodos qualitativos para tratar muitos de seus objetos de pesquisa e, finalmente, vivenciou-se uma transformação das práticas culturais *comunicacionais* contemporâneas. Essas características permitem perceber que cada problemática de investigação requer um processo repleto de especificidades.

<

Assim, a pesquisa acadêmica tem como ponto chave o princípio da construção metodológica a cada investigação. Associados a ela estão procedimentos metodológicos originais, questionamento de modelos, desenvolvimento e apresentação de critérios de validação, problematização das regras apriorísticas, vigilância epistemológica, apreciação da tríade teoria-método-sujeito pesquisador e a consequente tomada de decisão metodológica; aceitação e incorporação do caráter *multi, pluri e trans* da comunicação.

>

Desse modo, é possível admitir que a pesquisa em Comunicação no Brasil, hoje, está atravessada por uma analogia do juízo fundada na pesquisa qualitativa. Nela se pode perceber que as estratégias metodológicas são como instrumentos morais que facilitam a mobilização ética. Entretanto, se as formas simbólicas assim produzidas servem para sustentar relações de dominação ou para subvertê-las, essa é uma questão que só pode ser resolvida examinando como essas práticas metodológicas operam por normalizações no âmbito da pós-graduação, que é tanto instituída como instituinte.

A partir desse guia, os Programas de Pós-graduação não poderiam ser analisados por um viés exclusivamente interno, nem de uma perspectiva que é apenas externa, mas articulada em seus diferentes níveis. Essa transversalidade da investigação permitiu um ponto de intersecção que é a percepção de que o saber-poder metodológico, nos enunciados da comunicação, estão sob uma moral da razão representativa.

Um dos desafios decorrentes da ética, proposta por Foucault, consiste em indicar que aquilo que hoje é transformado em norma foi antes um campo problemático e cuja análise auxilia a propor no presente um diagnóstico diferente. Reflexionar a ética em um saber-poder metodológico contribui para pensar uma singularidade em relação às “nossas” familiaridades já estabelecidas. Pensar a ética como *cuidado de si* permite o artesanato do pensamento como exercício indispensável diante das identidades forjadas pelos padrões impostos.

No contexto da *episteme* clássica, a distinção ideológica entre sujeito e objeto existiu para garantir que o saber produzido pudesse ser validado de modo coletivo pela comunidade científica. Porém, com a dobra sujeito-objeto isso mudou e o pesquisador passou a ser na teoria “antes de tudo aquele que recomeça. É aquele que para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado” (MARRE, 1991, p. 4).

Através dessa caminhada pode-se observar que o estatuto de cientificidade da *pedagogia metodológica*, mas quando ela prende a regras e a modelos, acaba sendo capturado

por um campo estritamente moral, mas quando a esta se atualiza, ela pode ser um exercício ético em constante atualização, como um conjunto de múltiplas práticas metodológicas, no qual o método deve ser pensado não como um modelo, mas como um processo que conjuga em confluência a dimensão epistemológica com a discussão teórica e a investigação empírica como estratégia pedagógica.

<

5.4 língua acadêmica metodológica

>

Como escrever? Como fazer as palavras públicas dentro de um universo acadêmico? Que exigências são feitas dentro de determinado estilo de publicação? Como pensar e falar de e sobre o método? Têm-se uma *ciência metodológica* que busca uma identidade epistemológica na moral da razão conceitual, uma *pesquisa metodológica* para o reconhecimento de determinada realidade, uma *pedagogia metodológica* através da analogia do juízo, chega-se agora a uma língua *acadêmica metodológica* que procura uma semelhança na percepção.

No espaço educativo há pesquisadores, estudantes, professores, profissionais, especialistas. Há informação circulando com publicações, congressos, debates, intercâmbio, informes, projetos, textos, todos numa maquinaria de fabricação acadêmica. Mas a pergunta é em que língua? A distinção está em ir além de uma língua neutra e neutralizada. “Não existe políticas de verdade que não sejam, ao mesmo tempo, políticas da língua. Os aparatos de produção, de legitimação e controle do conhecimento são, indiscernivelmente, aparatos de produção, legitimação e controle de certas linguagens” (LARROSA, 2006, p. 47, tradução nossa).

Larrosa explica que quando se inicia numa área de saber, o que se aprende são suas normalizações linguísticas. Aprende-se a falar, escutar, a ler e escrever como se pede.

Pertencer a um comunidade científica ou a uma comunidade de especialistas (se é que essas montagens institucionais merecem o nome de comunidades) supõe haver interiorizado seus vocabulários e suas gramáticas, manejar corretamente suas regras de construção e de interpretação de enunciados, saber usar as montagens da tribo. Mas se a língua é um dispositivo de acolhida e de pertinência, também é um dispositivo de rechaço e de exclusão: daqueles que não a dominam, que não a aceitam, que não sentem gosto nela, que não a usam, que não a submete a suas regras, que não obedecem seus imperativos. (Ibidem, p. 47, da autora).

Uma gramática de normalizações⁹⁰ que legitima uma certa posição enunciativa que busca a semelhança na percepção. “Cada vez que apagamos mais palavras de nosso vocabulário é como se já no pudéramos usá-las” (Ibidem, p. 51). É uma língua acadêmica metodológica que não é de ninguém, mas que se apoia um modo “correto” de fazer para ser compreendido por todos.

O que o acadêmico metodológico busca é introduzir uma língua para aprendizes nas noções de como fazer os trabalhos acadêmicos, os quais não são somente produzidos com as famosas “normas da ABNT”, mas uma língua para contar a experiência⁹¹ do empírico. Que fórmulas? Que técnicas? Que tipos? Que procedimentos?

Para Foucault a experiência é sempre uma ficção, assim como o “genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem” (2014, p. 23, tradução desta autora).

<

Como se pôde ver no acontecimento de um artigo poético ter sido publicado em uma revista acadêmica “com qualis A2”, teoricamente discutir que o sujeito imanentemente também faz parte da processualidade da pesquisa, pois é através do seu olhar, das suas percepções, das suas afecções que a pesquisa vai se constituir, mas ainda há na prática valores morais fortes na comunicação que buscam na imparcialidade uma identidade de científica em o sujeito deve ser imbuído da vigilância epistemológica para chegar à tomada de decisões teórico metodológicas e gerar uma teoria proveniente da pesquisa livrando-se da univocidade do seu ser.

Desse ponto de vista, não se trata de dizer apenas que as “representações” do método se alteraram, mas que o próprio método, em sua materialidade, é necessariamente enredado na complexa teia histórica da qual faz parte. Em outras palavras, o modo pelo qual se vê, sente ou se presta atenção em algo, depende em grande parte das condições culturais contextuais que se encontra em cada um dos paradigmas validados pela ciência.

>

⁹⁰ A gramática de normalização não é específica à língua acadêmica, pois as operações ocorrem em outros espaços como em grupos religiosos, tribos urbanas, etc.

⁹¹ “Experiência como o lugar em que é necessário descobrir as significações originárias” (CASTRO, 2009, p. 161).

É preciso reconhecer que a pesquisa, de modo geral, mesmo em seu mais profundo rigor, está atravessada pela subjetividade do pesquisador. Isso pode parecer um ponto frágil; contudo, só será, ao se entender que a ciência é totalizante, universalizante e incapaz de erros. Essas perspectivas que coexistem no campo da comunicação tentam se manter no centro do discurso.

Afinal, o racionalismo também pode ser um instrumento de poder no campo científico, congelando a própria *ciência metodológica* através de uma ideia de identidade. Pensando assim, o pesquisador “será inteiramente incapaz de compreender que aquilo que considera ‘a voz da razão’ não passa de um efeito casual subsequente do treinamento que recebeu” (FEYERABEND, 2007, p. 40). A pesquisa, nessa via, é um ponto de vista sistemático e com rigor sobre determinado objeto, mas nunca totalizante.

O caminho pelo qual a pesquisa metodológica foi sendo articulada para a aquisição de conhecimento passou por muitas fases e ainda está em constante movimento de transformação, não apenas fazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas de investigação da própria arte de se fazer pesquisa científica. Este campo convoca constantes transformações na ordem do discurso.

III. PROPONDO

<

*Em algum ponto perdido deste universo,
cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares,
houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes
inventaram o conhecimento.*

*Foi instante da maior mentira e
da suprema arrogância da história universal*
Friedrich Nietzsche

>

6. Considerações sobre o saber metodológico: uma moral da razão representativa

<

Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia? (NIETZSCHE, 2007, p. 7).

>

O andarilho via que assim começava a *Genealogia da moral* de Nietzsche, seu intercessor/inspirador de uma caminhada/vida que havia trilhado desde a graduação pelos campos verdejantes da comunicação em que se procurava. Escutou tarde, já quase quando saía desse campo “as doze vibrantes campainhas de sua vivência” (NIETZSCHE, 2007, p. 7), ao estudar as normalizações de um saber metodológico se encontravam as procedências da moral. Não importavam mais a que questões de método e de ciência cada uma delas pretendia responder, mas sim, as repetições e diferenças que podiam ser vislumbradas nessa relação *entre* (étodo) a moral (significado) e a ética (sentido).

<

Subvertendo a metafísica representativa se estabeleceria o estatuto singular que se têm nas *signaturas rerum*, nas assinatura das coisas assim como aportada por Agamben (2010), um “grau zero” como sendo o platô do *étodos*. Nesse sentido, que o “grau zero” é um signo sem significado. O pensar sem significado é um acontecimento que, como tal, conserva o seu caráter em devir e, por isso mesmo, potente. Assim, a *signatura* ética seria um modo de expressão da potência criativa para criar o caminhar para além de modelos morais metodológicos impostos.

>

O pensar sem significado moral permite dar a ver o *sentido* da experiência que acontece, “que nos passa, que nos toca”, mas que não se determina antes da própria experiência. Não é o mesmo sentido que pensar um método a-significante, pois há uma assinatura. A *signatura* permite construir um caminho próprio da pesquisa e ser expressa e comunicada, para que possa deixar luminoso o caminho percorrido. O método está sobre o domínio de um saber-poder acadêmico produzindo discursos. Ainda que se possa defender que não haja metodologia como verdade, a resposta não é deixar de pensá-la, pois isso seria

um discurso de mais poder ainda. Não se escapa disso enquanto pesquisadores que compartilham seus modos de pensar. Literariamente seria possível propor uma metodologia a-significante, ou pela via das artes, mas academicamente, quanto mais se explicita seu caminhar e sua forma de pensar sua criação, mais se poderá questionar o poder do método e, ao mesmo tempo, evoluir, problematizar, compartilhar e transgredi-lo ao caminhar. Não é abandonar o método, mas transgredí-lo para além de uma produção de conhecimento que se feche no estritamente científico, esquecendo de outros saberes como, por exemplo, as artes e a literatura.

De acordo com Foucault (2010), em seu prefácio sobre a transgressão, explica que ela não é o mesmo que uma crítica do significado, porque não pretende levar de um lugar de significado a outro igualmente significado. Na transgressão não há seguridade, mas há sentido. É como o andarilho que não sabe muito bem onde vai chegar, mas vive a experiência de cada passo sem tentar significá-lo como algo fechado. A lógica metafísica até permite a crítica, mas não tolera a transgressão. A diferença da pragmática crítica do sentido é sua relação *esquizoanalítica* que joga com a *lógica do sentido*.

<

“O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser: inexistência de um limite que não poderia ser absolutamente transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transporia um limite de ilusão ou de sombra.” (FOUCAULT, 2010, p. 32).

>

A transgressão de Foucault faz sintonia com *a potência do pensamento* de que fala Agamben, que se detém de maneira cuidadosa sobre a potência que poderia ser pensada por um “pragmatismo existencial”, isto é, por tornar possíveis os saberes sobre as coisas com diferentes sentidos. É nessa mesma relação que Deleuze (1976) revela que em Nietzsche está toda a potência para o exercício do pensamento: *é um aprender que diz respeito aos signos*. Não é por acaso que Nietzsche filólogo trabalha com os aforismos devido ao seu caráter múltiplo de criar sentidos ao invés de um texto que tenta se encerrar no significado para dar limites. Isso é diferente das morais impostas pelo conhecimento representacional que buscam legitimar valores.

Como ensina Deleuze-Nietzsche a generalidade não pode ser confundida com a representação em uma repetição, porque é apenas a partilha de uma ordem de generalidades. No *eterno retorno*, o que repete é uma diferença e não o mesmo.

<

Para o professor Mélich (2014), os valores morais seriam ontológicos, porque dão normas que respondem a questões de identidade, que desde Platão a Descartes buscam o real determinado pelo ser. Com Kant, o paradigma ontológico avança quando começa a pensar em um sujeito do conhecimento que reflete o mundo. Assim, a moral seria, também epistemológica, pois contempla o uno, o logos, a ideia, a substância, a normalização e a objetividade por meio de um sujeito *cognocente*.

Quando Nietzsche, em *A genealogia da moral*, sustenta que o imperativo categórico de Kant cheira à crueldade se refere a uma gramática que universaliza e que converte o único em uno. Assim, a moral dota de significado uma ordem do discurso que servirá como marco sógnico normativo. “A moral é uma gramática que funciona como uma lógica e como toda lógica, a moral herdada nos prescreve uma forma de organizar o mundo e de classificá-lo, umas normas de comportamento e de ação” (2014, p. 43, tradução da autora).

<

Nietzsche, em *Crepúsculo dos ídolos* (1981, p. 49), também apresenta esse pensamento quando fala que Deus segue vivo em uma gramática, porque Deus não é exterior “a nós mesmos, mas porque está incorporado e corporeizado com a conquista do nosso corpo e do nosso modo de habitar o mundo”. O corpo não é apenas carne, nem o cativo da alma. Para Nietzsche o corpo é a potência do pensamento, assim como para o andarilho o *étodos* é o *entre* a moral e a ética. Há de se conhecer os saberes-poderes morais para transgredir com a ética.

Não há de um lado a produção de conhecimento científico a exigir a identificação descritiva do objeto, e de outro lado, o processo de produção de conhecimento científico estabelecendo o entendimento das coisas. Deve-se parar com o exercício de querer desevidar a realidade legalmente definida por morais representativas, mas buscar os sentidos sensíveis da experiência que o corpo carrega em cada caminhada singular.

>

Dessa forma, o andarilho pensava que o corpo carregava a transvaloração de valores para elucidar *étodos* como gerador de sentidos ilimitados, tanto refletindo o que está estabelecido como norma, - já que a moral não é apenas uma forma de atuar, mas uma ordem

e uma organização - quanto promovendo cisões e rearticulação desses significados morais a partir da criação de diferentes sentidos. Entendendo que o *étodos* assume a sua potencialidade à medida que o corpo utiliza a linguagem para se comunicar, afetar e ser afetado.

>

Detecta-se, nesse processo comunicacional, o modo de produzir sentidos e a busca por alcançar uma prática relacional. Contudo, os textos corporais construídos na dimensão pedagógica assumem características específicas com relação à dinamicidade e à complexidade das linguagens e das “gramáticas-de-mundo em um mundo interpretado” (MÉLICH, 2014, p. 46, tradução desta autora).

Mélich explica que os “valores-mundos” vão formando as identidades e que a “educação consiste, precisamente nisso, na transmissão de uma gramática (identitária), na transmissão de um mundo interpretado, na transmissão de um mundo moral”. (Ibidem, p. 46, tradução desta autora).

Na tradição ocidental a língua acadêmica metodológica opera segundo uma lógica dualista, metafísica em que o corpo singular só terá valor se forma parte de um marco categorial institucional. Logo, a “moral é uma gramática, isto é, um conjunto de signos e de hábitos, de normas de decência e de costumes próprios da cultura em um momento determinado de sua história” (Ibidem, p. 47, tradução desta autora).

Para Mélich - durante suas aulas e cursos - sempre pontuava que não existe moral sem princípios e que eles seriam de *universalidade* (porque o singular rompe com o princípio moral), de *ambiguidade* (porque as respostas morais não admitem exceções em suas normalizações) e de *apriorismo* (porque a moral parte de um princípio que já foi ditado).

>

Dessa forma, há uma **moral metodológica** que dita *a priori* o que se deve fazer, mas a ética, também, diz que se pode fazer algo diferente. Todavia, o corpo sem saber exatamente o que é que deve fazer, geralmente opta pela segurança da normalização do conhecido ao invés de recorrer ao caos que é pensar a experiência.

<

O andarilho, então refletia que o *étodo* permitia a ética de um caminho que não respondia nem à *universalidade*, nem à *ambiguidade*, nem ao *apriorístico* para poder subverter essas forças que se costuma *conhecer* ao invés de *pensar*. O andarilho fazia o uso do conceito de corpo.

A primeira vista, tal conceito pode apresentar uma série de limitações pelo fato de se considerar apenas a materialidade física e até mesmo aparente. Assim, o corpo seria entendido apenas como objeto mediador. Por esse ponto de vista, que também é o da articulação da ambiguidade, o corpo operaria apenas como um mediador da mente ou da alma para com o mundo. Entretanto, pela perspectiva da superação das dualidade, os polos *mente/corpo*, *alma/físico* entram em inter-relação, ou seja, constituem-se em excepcionalidades *éticas*. Seria possível dizer que a comunicação corporal ocorre na correlação do físico, da mente, da psique, da alma, ou seja, em pluriarticulações de elementos. Por isso, a moral não se refere ao sentido, mas ao significado, pois separar corpo e alma, equivale a separar significado (moral) do sentido (ético).

De acordo com Mélich (2014), Foucault foi o mais *nietzschiano* dos filósofos do século XX, quando escreve que o corpo é prisioneiro da alma. “Uma alma o habita e o conduz a existência, que é uma peça no domínio que o poder exerce sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma prisão do corpo” (FOUCAULT, 1994, p. 36).

<

A alma sensível converte o singular em sujeito e, por isso, somente quando um corpo deixa de ser único é que ele pode fazer parte de uma categoria, de um grupo, de um gênero. Essa percepção mais abrangente acerca do corpo permite conceber a *partilha do sentido sensível* como engendradoras de uma dimensão complexa, que alimenta e é alimentada por diferentes áreas de conhecimento e disciplinas, constituindo inter-relações constantes de tensão e distensão. A potencialidade da diferença, portanto, é essencial para estudar essa temática, sendo que as ênfases morais e éticas serão dadas de acordo com as necessidades e interesses da pesquisa e do investigador.

Pode-se entender que, do ponto de vista da comunicação, as corporalidades se realizam na dimensão das linguagens, uma vez que elas são capazes de afetar e de serem afetadas pelo ‘corpo-sentido’, sendo este um modo de tornar a existência um patamar diferenciado e alcançar a humanidade relacional de *um étodo*. “O sentido sempre é *um* sentido e, portanto, é múltiplo e cambiante” (Ibidem, p. 49, tradução desta autora). Considerando as diversas mídias contemporâneas, sobretudo as audiovisuais, é possível vislumbrar o papel

fundamental do corpo no processo comunicativo, ainda mais pelas linguagens não verbais que são pouco estudadas como tal.

<

A *partilha do sentido sensível* configuram um *entre* o domínio moral e ético que permite fazer avançar as reflexões acerca das virtualidades e das atualizações dos corpos, constituindo-se assim numa dimensão em que se pode desenvolver problematizações que transgridam a neutralidade do método quando se auto declara como o único modo de um saber verdadeiro⁹². Pela perspectiva desse pensamento, constituem-se num ambiente propício ao alargamento das perspectivas investigativas que dizem respeito ao sentido do pensamento na comunicação, encontrando respaldo para estabelecer seus princípios e incrementar suas aplicações, entender seu funcionamento. Contudo, entende-se que o domínio de um sentido para o pensamento precisa ainda ser organizado e construído com vistas ao desenvolvimento das bases de sustentação e da avaliação dos possíveis sentidos que nele poderão se instituir.

>

A partir dessas considerações, entende-se que seria importante se buscar uma abordagem mais específica acerca dos aspectos de como o corpo permite a potência de entender o *étodo* em relação às perspectivas assumidas pelas linguagens, códigos e outros sistemas que as constituem comunicacionalmente. Nessa via, o andarilho refletia acerca das configurações assumidas pelo sentido do pensamento nas complexas correlações que se estabelecem entre maneiras de ser e proceder em mundos constituído de gramáticas.

O andarilho entendia que um corpo pensado em sentidos partilhados poderia manifestar sistemas semióticos⁹³ diversos, mesmo quando o pensamento está inserido em contextos morais. As manifestações, expressões e comunicação desenvolvida, estão, portanto, em correlação direta com o funcionamento desses sistemas, suas dinâmicas e sua complexidade. Para estudar as semioses geradas nessa dimensão é preciso atentar tanto para as multiplicidades de composições expressivas que estão em potência e, ao mesmo tempo, em

⁹² Mélich em suas aulas problematizava a *universalidade*, a *ambiguidade* e o *apriorístico* em relação a verdade que a moral tenta impor sobre o corpo, o vai ao encontro do trabalho Apel (2000, 2004, 2005) que defende que o moral é formal e universal, porém, de ser refletida por meio da linguagem “De forma muito aguçada, poder-se-ia dizer que a ‘filosofia primeira’ não é mais a investigação da ‘natureza’ ou da ‘essência’ das ‘coisas’ ou dos ‘entes’ (‘ontologia’), nem tampouco a reflexão sobre as ‘noções’ ou ‘conceitos’ da ‘consciência’ ou da ‘razão’ (‘epistemologia’), mas sim a reflexão sobre o ‘significado’ e o ‘sentido’ de manifestações lingüísticas (‘análise da linguagem’)”. (APEL, 2000, p. 378, grifo do autor).

⁹³ Podemos chamar esses sistemas semióticos de linguagens.

processo de transformação, como é preciso ter cuidado com as especificidades, normas e regularidades das linguagens, uma vez que são elas que garantem a comunicação.

Na investigação sobre o sentido se transgride valores distintivos que, ao se articularem, operam como processo de engendramento da linguagem na correlação com outras marcas e que conformam as materialidades observáveis, os textos. Elas se organizam em agrupamentos sógnicos capazes de constituir o que Mélich chama de gramática moral. “A gramática moral fabrica marcos *rituais* que estabelecem ‘ordens’ de *ser*, de *pensamento*, de *linguagem* e de *ação*”. (2014, p. 51, tradução desta autora, grifo do autor). Esses subdomínios vão encontrar seus pontos de decodificação “nos horizontes de significado que delimitam também, sem dúvida, a normalidade” (Ibidem, p. 51).

<

As normas morais metodológicas ordenam e direcionam de forma firme e segura, mas o que não se encontra é uma ética corpórea para escapar da “lógica do antes”, que “nos diz o que devemos fazer ou dizer *antes* que do que fizemos ou digamos” (Ibidem, p. 55). Entretanto, ao se pensar que o ser humano caminha por espaço e tempo, pela história e com um corpo as consequências de uma finitude corpórea ajuda a questionar a gramática moral que se herdou. Isso permite desnaturalizar a noção de método ligada a uma moral que não é nem Deus nem a razão, mas a natureza. Como já se falou, no capítulo 4, em sintonia com Deleuze-Hume.

>

O andarilho arqueogeneologicamente encontrava pontos morais sobre *o saber-metodológico* com uma analogia sempre presente *do conceito metodológico como assinatura científica*; uma busca por reconhecer a realidade através das pesquisas em que há uma analogia do juízo por meio de uma *pedagogia metodológica* que direciona uma procedência moral e uma semelhança da percepção com a formação de uma *língua acadêmica metodológica*, fazendo com que o saber-metodológico fosse um grande texto falado de uma única maneira para encontrar a verdade que está submetida às exigências da representação.

<

Em cada uma dessas 4 raízes morais da representação, o andarilho encontrava algo vinculado a essa relação complexa entre o significado e o sentido que permitia pensar a *diferença do método*, pois “enquanto a diferença é submetida às exigências da representação, ela não é nem pode ser pensada em si mesma” (DELEUZE, 1988, p. 250).

No processo de produção do método, qualquer que seja seu signo para a possibilidade de desenvolvimento, é inerte e para que ele “caminhe” deve ser animado por uma ética em uma assinatura. **A ética, nessa perspectiva, não é um signo, mas é aquilo que faz a experiência do pensamento em criação, mas como só produz conhecimento em um momento posterior é que ela se revela como étodos. O étodos precisa superar o significado no qual se atravessa a moral. Deslocando a relação entre o significado e o sentido para a esfera pragmática dos costumes morais.**

Como fazer isso?

É o que se verá, na próxima parte: *por um pensamento etodológico.*

7. Por um pensamento etodológico

Com vista à construção dos conceitos, trabalha-se originalmente, como vimos, a linguagem, e mais tarde a ciência.
Nietzsche em Breves notas sobre a ciência,
poemas de Gonçalo Tavares (2006, p. 9).

“Necessitamos de uma crítica dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* - para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (NIETZSCHE, 2007, p. 10).

O andarilho descobrira que o valor desses valores não estava apenas presente em cada um dos $> 8 <$ agenciamentos - mesmo sabendo que “ ∞ ” também é o número do infinito -, mas nos $> 4 <$ saberes metodológicos que ainda guardavam traços de uma moral representativa (ciência metodológica, pesquisa metodológica, pedagogia metodológica e língua acadêmica metodológica).

O que isso ensinava? Com a intercessão da filosofia de diferença de Nietzsche, Deleuze e Foucault era possível questionar uma imagem do pensamento metodológica nessas quatro raízes da moral representativa que se formavam como grandes monumentos do conhecimento desde Platão, Kant, Descartes. Dessa maneira, o *étodo* permitia a diferença de um pensar sem essas imagens representativas, pois “só escapam ao platonismo as filosofias da imanência pura: dos estoicos a Espinosa ou Nietzsche” (DELEUZE, 1997, p. 155).

<

Uma imagem do pensamento carrega consigo um sistema de pensamento que julga o *caminhar* da vida a partir de valores transcendentais, dogmáticos, metafísicos e universais de bem e de mal. Entretanto, apenas a natureza expressa em cada *caminhar ético* é capaz de colocar problemas de valor sobre o saber metodológico. Sem a representação moral do pensamento há um pensamento sem imagem e a constituição de outra imagem, e apenas ao efetuar esse cuidado de si é que conseguimos realmente tê-lo como pensamento sem imagem em movimento.

>

Quando um aluno, professor, pesquisador pensa no desenvolvimento metodológico da sua pesquisa (relacionando desde as condições do campo da comunicação, sob as quais se desenvolveram a pesquisa), o sujeito tem que enfrentar uma língua acadêmica com normas da ABNT, normas científicas, normas impostas para ingressar e conseguir financiamento nos programas de pós-graduação, mas há algo mais poderoso cujas normas não estão postas em documentos como ABNT, editais, etc. É um estilo de escrita que garante uma cientificidade a partir das combinações de signos (textos) que se faz. É aquilo que se justifica não fazer ou fazer num artigo ou numa pesquisa, é o ordenamento das partes do trabalho científico, é a omissão de determinadas experiências da caminhada do método.

Como alerta Larrosa (2006), muitas vezes, fala-se nesses espaços acadêmicos de uma língua morta, sem vida, *zombie*, mas como é a língua que é falada, o sujeito/corpo aprende a se comunicar, entende como funciona, aprende a usá-la e ajusta-se aos paradigmas que cada programa de pós-graduação comporta com suas disciplinas, áreas de concentração, linhas e grupo de pesquisa.

Entretanto, para Nietzsche tudo isso é uma moralidade dos costumes: “ser moral, morigerado, significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida. Se alguém se sujeita a ela com dificuldade ou com prazer é indiferente, bastando que o faça” (2006, p. 67).

<

A tradição metodológica estabelecida e observada pelo andarilho era de uma moral metodológica que trabalhava “com um declínio do juízo do valor aristocráticos que essa oposição ‘egoísta’ e ‘não egoísta’ se impõe mais e mais à consciência humana – (...), o instinto de rebanho, que com ela toma finalmente a palavra (e as palavras)” (NIETZSCHE, 2007, p. 19). Isso porque, de acordo com Nietzsche, o significado de toda a cultura é amestrar, civilizar, disciplinar, normalizar com a língua e a com a sedução da linguagem.

>

“Que indicações fornece a ciência da linguagem, em especial a pesquisa etimológica, para a história da evolução dos conceitos morais? – É igualmente necessário, por outro lado fazer com que fisiólogos e médicos se interessem por este problema: o valor das valorações” (2007, p. 46). Assim, a problematização que emerge para o *étodo* é: *Como colocar-se problemas de valor?*

Se pensando os sentidos normalizados - no eixo de um saber-poder que traz um

enrigessimento da forma de pensar ciência, a pesquisa, a pedagogia e a gramática desse universo que o saber-metodológico perpassa -, Nietzsche dizia ao andarilho que sim.

>

Ao se reconhecer determinada realidade com todas as oposições de predicados institucionalizados seria possível pensar um *étodo da diferença* para transgredir as quatro séries da moral representativa (ciência metodológica, pesquisa metodológica, pedagogia metodológica e língua acadêmica metodológica).

>

“Criar um animal que pode fazer promessas – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema *do* homem? (2007, p. 47, grifo do autor).

E Nietzsche responde:

fato de que este problema esteja em grande parte resolvido deve parecer ainda mais notável para quem sabe apreciar plenamente a força que atua de modo contrário, a do esquecimento (...) permanecer imperturbado pelo barulho e a luta de nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo (...) (Ibidem, grifo do autor).

Se a moralidade do costume tornava o homem domesticado a cumprir, a reclamar e a aceitar, o andarilho então pensava: se ao invés da conclusão ou além das considerações finais fosse possível propor outros caminhos, até porque “todos os fins, todas as utilidades são apenas indícios de que uma vontade de poder se assenhoreou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função” (NIETZSCHE, 2007, p. 66). **E “(...) toda a história de uma “coisa”, um órgão, um uso, pode ser uma ininterrupta cadeia de signos de sempre novas interpretações e ajustes, cujas causas nem precisam estar relacionadas entre si, antes podendo se suceder e substituir de maneira totalmente casual”.** (Ibidem, p. 66, grifo desta autora).

<

O andarilho admirava que Nietzsche escrevia seus aforismos e não colocava títulos, mas números. *Seria Nietzsche um devir numerólogo da imanência pura?*

>

Ele calculava que cada aforismo pertencia a um número e não era por acaso. Havia um sentido para além do terreno da reconhecimento, uma ética da diferença que merecia ser cinematografada, assim como um filme de Godard que queria revalorizar alguns modos de se fazer filme. O andarilho desejava um método não preso a juízos e, para isso buscava transgredir pensando em um *étodo da diferença*.

>

étodo da diferença

<

O andarilho se sentia “*indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume” (NIETZSCHE, 2007, p. 49), podia caminhar com intuição em uma eterna evolução criadora. “Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre arbítrio” (Idem, *ibidem*), sentia que tinha consciência dessa rara liberdade: cons(ciência) para deixar de medir a vida.

Ele pensava que para poder caminhar com um pensamento etodológico haveria de ter consciência de que tudo é possível e que nada tomou forma ainda. *É uma caminhada que afirma a experiência da vida ética*, porque a moral “inventa uma segunda vida e, por meio de sua nova mecânica, faz sair de seus velhos e belos gonzos nossa bela e nova vida” (NIETZSCHE, 2005, p. 39).

Trata-se de pensar um método que ultrapassa o conhecimento que dele tem. Isso provoca uma desvalorização da consciência em proveito da arte de pensar. “Não há menos coisas no espírito que ultrapassam a nossa consciência que coisas no corpo que superam o nosso conhecimento” (DELEUZE, 2002, p. 24). “E isso porque a consciência é naturalmente o lugar de uma ilusão. A sua natureza é tal que ela recolhe os efeitos, mas ignora as causas” (Ibidem, p. 24). Assim, não seria antes de tudo ilusão, mas tudo real e verdadeiro enquanto ilusão.

Nas condições em que se pensa o que é um método e como fazê-lo, a partir de um poder moral e de um saber ético, o poder de afetar possibilita uma potência de agir, mas para se formar um pensamento diferente há que desnaturalizar os valores e para isso há o caminho ético que se faz na imanência. Deleuze ajudava o andarilho a experienciar seu *étodo*:

Ética é um livro simultaneamente escrito duas vezes: uma vez no fluxo contínuo das definições, proposições, demonstrações e corolários que explanam os grandes temas especulativos com todos os rigores do raciocínio; outra, na cadeia quebrada dos escólios, linha vulcânica descontínua, segunda versão sobre a primeira, que exprime todas as cóleras do coração e expõem as teses práticas de denúncia e libertação.

Todo caminho da *Ética* se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente. A *alegria* ética é o correlato da *afirmação* especulativa (DELEUZE, 2002, p. 35, grifo do autor).

O andarilho pensava que se a ética era um livro escrito em dobra e o *étodo* caminhava nesse *entre*: por um lado buscando os significados definições, proposições, demonstrações e corolários das morais metodológicas e, por outro, os sentidos, especulando, denunciando e liberando as perturbações da ordem normalizada.

No glossários dos principais conceitos de ética Deleuze (2002) se detém sobre o sentido de método. Parecerá estranho para os padrões acadêmicos trazer uma citação tão longa, mas ela é a chave que abre para melhor entender a proposta de *étodo*. Por ser extensa selecionou-se as passagens mais significativas.

<

MÉTODO - 1°) “Não visa a nos fazer conhecer qualquer coisa, mas a nos fazer compreender a nossa potência de conhecer. Trata-se pois de tomar consciência dessa potência: conhecimento reflexivo ou ideia da ideia. Mas como a ideia da ideia tem o mesmo valor que a primeira ideia, a tomada de consciência supõe que tenhamos primeiro uma ideia verdadeira qualquer. Pouco importa qual: pode ser uma ideia que envolva uma ficção, como a ideia de um ser geométrico. Essa ideia nos fará compreender muito melhor a nossa potência de conhecer, sem referência a um objeto real (...). Na *Ética*, a teoria das noções comuns torna possível uma prescrição ainda mais rigorosa do ponto de partida: parte-se das substâncias, qualificadas cada uma por um atributo, utilizadas como noções comuns, que são análogas a seres geométricos, mas sem ficção. De toda maneira, a ideia verdadeira tomada como ponto de partida reflete-se numa ideia da ideia que nos faz compreender a nossa potência de conhecer. Este é o aspecto formal do método.

2°) Mas, relacionada com nossa maneira de conhecer, a ideia verdadeira descobre seu próprio conteúdo interno, que não é seu conteúdo representativo. Ao mesmo tempo que se explica formalmente por nossa potência de conhecer, ela exprime materialmente a sua própria causa (seja esta uma causa formal, como causa de si, ou uma causa eficiente). (...)

3°) O terceiro aspecto do método sintético progressivo, reúne os dois outros, o aspecto formal reflexivo e o aspecto material expressivo (...).” (DELEUZE, 2002, p. 90).

>

Deleuze abordava o método em conexão com a ética de Espinosa, mas relacionava também com a vontade de potência de Nietzsche que possibilitava observar que a ideia de sujeito e o objeto oferecem uma limitação a potência do conhecer. Isso fica mais claro na afirmação de Deleuze posteriormente com Guattari “pensar não é um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem a revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 113). Um bom exemplo dado por eles é na problematização: *em que sentido seria a Grécia território dos filósofos ou a terra da filosofia?*

O andarilho depois de muito pensar encontrava para essa questão um meio de imanência: a relação *entre o território e a terra* para seguir com seu *étodos*. O *território* é a *moral, macro, significado* e a *terra* a *ética, micro, sentido*. Uma está na outra em uma dobra de indiscernibilidade e o *étodos* seria “a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território)” (Ibidem, p. 113).

E o andarilho se perguntava: “mas o Uno não precede todo o conceito? É aí que Platão ensina o contrário daquilo que faz: ele cria os conceitos, mas precisa colocá-los como representando o incriado que os precede” (Ibidem, p. 42).

De que modo isso tem a ver com o conceito de método?

Que nos valores do conceito de método estão conectados as quatro raízes da representação, mas que não se trata de fazer parecido, isto é, de repetir um estudo de caso, uma etnografia, uma análise fílmica, mas de produzir semelhança. Mas, *como ir além das semelhanças quando só se ensina a representar?*

Na sociedade capitalista, da qual o andarilho tentava escapar, a ética havia se tornado uma moral deserta, mas ele acreditava que era possível que um andante como Zaratustra, por exemplo, pudesse reterritorializar o território (moral) e desterritorializar a terra (ética). Nesse jogo, o *entre* é a potência de pensar a experiência da caminhada. “Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes a “adsorve”). A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como uma criação de uma nova terra por vir” (Ibidem, p. 117).

Dessa forma, pensar o *étodos* metodológico é arrancar o culto das origens, para afirmar a potência do *entre* meio “o que a filosofia encontra nos gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente: o filósofo deixa de ser um cometa (...)” (Ibidem, p. 125).

Deixando de ser um cometa, os conceitos são capazes de fornecer uma sentença para a comunicação, como a arte fornece uma (est)ética. O conceito seria um hábito adquirido contemplando os conceitos dos quais precede no caso do conceito de método vem sendo constituído e assinado por grandes imagens como a representação do platonismo, com o sujeito cognoscente do cartesianismo, com os imperativos categóricos do kantianismo, com o positivismo comtiano, etc. Se o método se reterritorializa sobre o seu próprio conceito moral ou num cogito da comunicação é mais duvidoso que o cogito da reflexão.

<

“Não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. *Falta-nos resistência ao presente*. A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda”. (Ibidem, p. 140).

>

O andarilho queria invocar uma nova terra, em seu *étodo* sabia que a reterritorialização (moral) e a desterritorialização (ética) se cruzavam num duplo devir. Esse duplo para pensar o método no campo da comunicação a partir de seus agenciamentos entre uma ética imanente no lugar de uma moral transcendente.

Que isso significa?

Que pensar é experimentar, mas uma experimentação ética que se faz no caminhar, muito próximo ao que Nietzsche propôs de diagnosticar os devires e de tentar subverter a moral representativa da *universalidade*, da *ambiguidade* e do *apriorístico*.

<

O >1< traz consigo coragem de verdade para o lampejo da criação para desnaturalizar a identidade de sua universalidade

>

“De fato, admitindo que cada um de nós seja uma pessoa, tem-se necessariamente a filosofia de sua pessoa” (NIETZSCHE, 2005, p.16)

Quando o andarilho tentava se descobrir se considerava louco por abandonar a si mesmo. As palavras e as coisas já não possuíam o mesmo destino. O caminho não tinha mais uma direção em linha reta, o que não permitia visualizar o horizonte, mas foi aí que lhe

ocorreu que eram possíveis atalhos e diferentes rotas.

Era um caminhar sem segurança como se fosse o de andar em uma corda bamba, assim como é pensar sobre uma experiência que nunca foi provada antes de que acontecesse, que não está em nenhuma *universalidade moral*, pois é puro *sentido sensível*.

Antes de tudo isso, o andarilho tentava se conhecer através de morais impostas e ansiava sempre por um método para “se apoiar, para se acalmar, se cuidar, se salvar, se elevar ou se esquecer” (NIETZSCHE, 2005, p. 17). O que foi uma experiência valiosa, mas ele entendeu que *entre* tudo isso e sua natureza selvagem é que ele poderia se encontrar e ser seu próprio alquimista, desdobrando suas forças e as aprimorando.

Avaliando os valores, mas sem cair no relativismo de avaliações, pois sabia que algumas avaliações tentam ser melhores, mais nobres, mais elevadas que outras, isso, porque na moral se tenta expressar modos de existência superiores. Mas como antídoto, então a ética as questiona em virtude de que não são melhores algumas avaliações que outras.

O que o andarilho percebia que na caminhada da vida, não se sabe quando ela deixará de pulsar e isso dá a vontade de potência de saber mais, de pesquisar, de investigar. Assim, a força da vida se relaciona com a força do objeto. Não é uma questão de forças que atuam sobre objetos essencialmente inertes. É nesse ponto, que Nietzsche insere a noção de vontade como uma força que atua sobre outra força. Tudo começa com um descobrimento de sentido, isto é, de uma *relação*.

Uma vez pensado o objeto estudado, examina-se as *relações* de dominações de forças que o constitui, mas não de maneira dialética e, sim, observando as próprias forças que dominam e são dominada por outras forças. Isso leva a uma avaliação genealógica da própria identidade.

<

Foi o que tentou demonstrar o andarilho ao escavar o passado a partir da análise do presente, o andarilho se perguntava: *Como se chega a ser quem se é? Como se constituiu o interesse em estudar o saber metodológico?*

>

Usando o recurso retórico de genealogia nietzschiana de que “*nem sempre fomos o que somos*” é possível desnaturalizar a *identidade* de sua *universalidade* refletindo algo que em *nosso* passado não pode assegurar como sendo verdadeiramente *nosso*, mas “*como o outro do que somos*”. Há uma experiência para os sentidos que é uma espécie de retroprofecia. “Vocês conhecem o uso magistral que Foucault faz desse efeito retórico da retro-profecia, de

profetizar o olhar para trás, a partir de um tempo futuro, no qual o nosso presente aparecerá como estranho, como arbitrário, como exótico, como incompreensível” (LARROSA, 2004, p. 34). Com a ficção podemos eliminar a identidade do que somos e problematizar as coisas dadas já que agora sabemos que nem sempre seremos o que somos.

<

O >2< a ambiguidade da dialética que não libera a diferença

>

Depois do ímpeto do 1, vem a dualidade do 2. Nenhuma criação ganha forma se não for observada para ver as diferenças do objeto. Para isso, deve-se recusar a representação dialética, pois é uma epistemologia que não libera as diferenças. Para Foucault (2005) em *Theatrum Philosophicum*, Deleuze com diferença e repetição apresenta um desafio à moral do bom sentido. Esta moral impõe um modelo pedagógico de que qualquer problema teria uma solução. Ele alerta que não sendo estúpido e seguindo as normas de uma moral epistemológica seria possível chegar a uma conclusão, já que as respostas morais não admitem exceções ou ambiguidades em suas normalizações.

É uma dominação dialética. Deleuze em *Nietzsche e a filosofia*, explica que a dialética de Hegel aceita os valores sacralizados, porque se limita a refletir sobre o que é dado e não afirma ativamente o próprio poder da vida. Ao contrário, Nietzsche profana isso e afirma a vida com o eterno retorno. Éticamente, afirmar o eterno retorno é aceitar a experiência da vida.

<

Essa caminhada que é a experiência da vida permite subverter o método metafísico, porque o método apresenta uma identidade constituída em uma ideia de verdade, e de um transcendental. A problematização seria então: *Como seria a produção de conhecimento científico subvertendo esse significado legitimado?*

>

Seria não a única verdade, mas um jogo de verdades, como desenvolve Foucault. Uma agnóstica de discursos *entre* o saber-poder, mas nos quais nunca existe uma única verdade e, por isso, não há o retorno do negativo ou do positivo, mas retorno da diferença. O retorno da diferença é a prática do *étodo*. É uma prática que não fixa em apenas um sentido. O

acontecimento é o sentido para um (m)étodo para isso livra-se da reconhecimento e da representação não há similitude nem identidades perfeitas. As duplicidades do real constituem a estrutura do discurso metafísico representacional desde Platão até hoje.

Foucault explica que a função dessa moral desonesta na sociedade é fácil de decifrar: uma visão da diferença que existe apenas em uma unidade prévia, a unidade de um grupo dentro do qual se pode distinguir essencialmente aos mesmos. A diferença existe apenas nas coisas que caem sobre o mesmo conceito, assim as coisas diferentes são repetições de um mesmo conceito geral. E, se fosse possível pensar a diferença de outra forma que não seja a de buscar os elementos comuns da diferença que não se manifestam claramente?

Abandonando as diferentes formas de ser em categorias ontológicas e seguindo a afirmação radical da univocidade do ser, porque dizer que algo é alguma coisa só é possível pela recorrência (repetição) dessas diferenças como ao cartografar que no campo da comunicação está institucionalizado quatro microrázes do pensamento metodológico, conectadas com a ciência, a pesquisa, a pedagogia e com uma língua acadêmica. Assume, assim, o sentido e não o significado, porque os sentidos mudam e são dispersas ao instaurar as diferenças.

O sentido desses valores morais é de como podem ser pensadas em compromisso ético com a vida, pois os conceitos tradicionais que incorporam a metafísica dicotômica como, por exemplo, de verdadeiro ou falso sempre carecem de coerência básica para formar significado, pois o paradoxo afirmam sentidos ainda que seja de difícil significação.

Desfazer a identidade conceitual fixa do método para chegar a ser sempre outro distinto ao que havia sido. No trabalho arqueogenealógico de ler linha por linha para desenredar microrelações nos coletivos de agenciamentos coletivos que são entremescladas não em descrições fenomenológicas, nem dialéticas, mas na experiência de uma desubjetivação de uma única forma de pensar. Tanto Foucault como Deleuze com inspiração em Nietzsche buscam as mudanças das formas de pensamento, pois ser diferente é a única maneira em que algo pode ser.

<

**O >3< criatividade nômade para transgredir
o apriorismo da moral metodológica**

>

Com a força da gaia ciência, nossa imperatriz celestial encontra-se a potência do pensamento que faz germinar a criatividade imanente a cada descoberta da experiência que é a vida. Aprende-se que não se tem identidade concreta, mas relações de sentidos para desconstruir aquilo que se acredita ser. Até mesmo para um andarilho/pesquisador, as verdades são inúteis em um campo aberto sem estradas, ainda mais se elas estiverem ditadas pela analogia e pela semelhança em um julgamento de verdadeiro ou falso.

Trata-se de entender a diferença como univocidade do ser. Cada dia na terra em diferentes territórios é uma oportunidade de destituir as essências. Há uma força infinita que ensina a não estacionar. Uma vida eremita em busca de sentido e de sabedoria permite essa olhada para dentro dos seus pensamentos. A roda da vida se apresenta como algo que permite girar para saber que haverá momentos de pura virtualidade, mas sem desespero, segue-se caminhando.

Vida... vida ecoando na existência de cada ser. Liberta-se dos próprios hierofantes para poder ir além do bem e o mal. Para alguns isso é se sentir enforcado, para outros é a possibilidade de uma nova visão. É por isso que a morte para alguns é transformação e não o fim. Isso faz mexer nas estruturas solidificadas que construiu e nos altares em que se fixou. Diabolicamente a repetição de tentar deixar a torre do conhecimento científico cada vez mais alta é a ilusão da vida acadêmica. É aí que a estrela brilha permitindo se unir à *aurora* dos espíritos livres, mas a lua da produção de conhecimento aparece ensinando suas incertezas, às vezes é nova, outras crescente, outras cheias de saberes e vai diferindo.

<

O *étodo* se faz para aqueles que não têm medo de desviar seu caminho da seguridade de uma linha reta nem agir como turista que programa *a priori* seus passeios.

>

O método moral é questionado pela experiência em que o *étodo* promove essas indagações como devires minoritários. Isso porque a ética contém apenas virtuais e

agenciamentos singulares. A ética não é alguma coisa que falte à realidade, mas que se empenha num processo de atualização, seguindo um plano que dá realidade própria.

<

O *étodo* é o próprio plano de imanência que se atualiza num objeto e num sujeito aos quais ele atribui na experiência. O *étodo* não se opõe ao real, mas a moral sempre atualizada em um significado.

>

Para Deleuze (1976), Nietzsche foi o primeiro a explorar o mundo das singularidades através da *vontade de potência*. Entretanto esse saber só poderia ser formulado depois de ter sido praticado, isto é, não se daria *a priori*. Por isso, assim como a vida, o sentido não pode ser dado *a priori*. A cada caminhada a maneira *a priori* sobrevive da própria singularidade de onde advém. Dessa forma, a tese a qual se chega para alcançar isso é a de propor as diferenças entre o *significado* e o *sentido* por meio do *étodo*.

<

**O *étodo* do saber-metodológico é o caminho da experiência
que se percorre pensando os sentidos.**

>

A jornada até essa tese foi percorrida em três tempos: na primeira parte desse trabalho articulando as problematizações sobre a normalização de um saber-poder metodológico nos programas de pós-graduação em comunicação; depois constituindo como esses dispositivos morais emergem nas estratégias de produção do conhecimento e, por meio, dos oito agenciamentos contruídos pode-se pensar como se produziriam diferentes práticas metodológicas ao se desnaturalizar os quatro saberes metodológicos ainda presos ao significado da moral representativa.

O andarilho, nessa perspectiva observa que os signos metodológicos não possuem um significado limite, isto é, que sua assinatura só é delimitada ao construir sua identidade com a ciência (método científico), sua oposição do predicado ao reconhecer determinada realidade (pesquisa metodológica), na sua analogia do juízo ao ensinar sobre a ciência e a pesquisa (pedagogia acadêmica) e sua semelhança da percepção com a prática dessas gramáticas morais (língua acadêmica metodológica).

>

Como se pode ver os enunciados sempre decidem o destino dos signos, explicando que esses só adquirem sentido porque foram assinados e que essa assinatura predetermina o sentido por meio de práticas discursivas. Essa ausência de uma fronteira entre discurso e linguagem é iluminadora na medida em que se entende essa multiplicação polissêmica como estratégica, assim fazer comunicação é, sobretudo, fazer a *partilha do sentido sensível*. Mas não se avança nessa inscrição, enquanto não se abrir espaço para pensar o caminhar para além de uma metafísica metodológica para entender o discurso como uma dimensão do caminhar descrito, mas também, o próprio lugar de onde o método pode discursar, isto é, a sua condição e potência do pensamento, entretanto que nele mesmo sejam interrogados os valores das normas morais.

>

Para o andarilho, o saber metodológico poderia transgredir o modelo de pensamento antropológico estrutural para experimentar o pensamento de outro modo, para fazê-lo despertar desse profundo sono no qual dormiu. É diante dessa experimentação ética que se torna possível situar a noção de *étodo*. Ou seja, para a prática do *étodo* - uma ética da caminhada - é necessário que as unidades tradicionais do discurso e as categorias que remetem o discurso a uma norma e a um princípio apriorístico sejam questionados.

<

O andarilho sentia que devia seguir sua caminhada...

Havia muito a conhecer pelos campos da vida...

Buscaria mais a lógica dos sentidos como o sol

que brilhava nessas tardes de verão...

>

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

_____. **La potencia del pensamiento**. Flavia Costa y Edgardo Castro (tr.) Barcelona: Anagrama, 2008.

_____. **Segnatura rerum – sobre el método**. Barcelona: Anagrama, 2010.

AGUIAR, Lisiane Machado. **Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social**. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.

APEL, Karl-Otto. **Transformação da Filosofia I: filosofia analítica, semiótica, hermenêutica**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Transformação da Filosofia II: o a priori da comunidade de comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Dissolução da ética do Discurso?** In: MOREIRA, Luiz (org.). Com Habermas, contra Habermas: direito, discurso e democracia. São Paulo: Landy Editora, 2004, p. 201-321.

BAUMAN, Zygmunt, **Ética pós-moderna**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

BARCENA, Fernando; MÈLICH, Joan-Carles. **La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.

BARROS, Manuel de. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Duração e simultaneidade: a propósito de uma teoria de Einstein**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jena-Claude. Epistemología y metodología; La ruptura; la construcción del objeto. In: P. Bourdieu, et al. **El oficio del sociólogo/presupuestos epistemológicos**. 5ª ed. Madrid. Siglo XXI, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 1996.

BRAGA, José L., LOPES, Maria Immacolata V. de, MARTINO, Luiz C. (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BRAGA, J. L.; FAUSTO NETO, A.(org.) **10 perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, XXV(58):62-77, janeiro-abril 2011a.

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em comunicação**: abordagem metodológica como tomada de decisões. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós. Brasília, v14, n1, jan-abr. 2011b.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

CAPES – **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Relação dos cursos recomendados e reconhecidos pela Capes na área de Comunicação. Disponível em: <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisa_rles&codigoArea=60900008&descricaoArea=CI%CANCIAS+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=COMUNICA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=CI%CANCIAS+SOCIAIS+APLICADAS> Acesso em 31 de out. 2014.

CANGUILHEM,G. **O normal e o patológico**, trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. – 4a. Ed.- Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

CASTRO, Edgar do. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CNPq. **Edital MCTI/CNPq N° 14/2014 - Universal**. 2014.

COELHO, Eduardo Prado. **Introdução a um pensamento cruel**: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In. COELHO, Eduardo Prado (org.). *Estruturalismo*: antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugalia, 1968.

CORAZZA, Sandra. **O Que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Luis Artur. **Desnaturar desmundos**: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 302 f. Tese (Doutorado Informática na Educação) Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CUSSET, François. **Filosofia francesa**: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & cia. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIDSON, Arnold I. Archaeology, Genealogy, Ethics. In: HOY, David C. (ed.). **Foucault: a critical reader**. Oxford: Basil Blackwell, 1992. p.221-233.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escrita, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, G & GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, Vol. 3. São Paulo, 34, 1996.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Imanência: uma vida...** Disponível em:<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acessado: ago. 2014.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

_____. **Kafka. Para uma literatura menor**, Era, México, 1980.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz B. L. Orlandi, Roberto Machado – Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1988.

_____. **Lógica do sentido**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Ruth Dias e Edmundo Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1ª ed., 1976.

_____. **Proust e os signos**. Trad. Antônio Piquet, Roberto Machado – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed., 2003.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Empirismo e Subjetividade**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. **A dobra. Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: escuta, 2002.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

- DÍAZ, Esther. **A Filosofia de Michel Foucault**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Trad. Álvaro Cabral. Vol. I. São Paulo: Ensaio, 1993.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2a ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 92-108.
- EWALD, François. **Foucault: a norma e o Direito**. Lisboa: Veja, 1993.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- FERREIRA, J; F.J.P. PIMENTA; L. SIGNATES (orgs.), **Estudos da Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- FERRY, L. & RENAUT, A. **O pensamento de 68**. Tra. Roberto Markenson e Nelci do nascimento Gonçalves. São Paulo: Ed. Ensaio, 1988.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividades**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- _____. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, n.º 1, maio/2001.
- _____. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- _____. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- _____. **Desenho na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRICHE, Izabel C. Passos (Org.). **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Ed. Perspectiva - SP, 1978.

- _____. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **As palavras e as coisas.** Ed. Martins Fontes - SP, 2000.
- _____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2009.
- _____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **A história da Sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal. 1988.
- _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- _____. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. O que é o Iluminismo. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). **Michel Foucault (1926- 1984) - o Dossier - últimas entrevistas.** Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1984.
- _____. **Ética, sexualidade, política.** Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- _____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Sujeito e Poder. In RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Theatrum Philosophicum.** In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 230-254.
- _____. Para uma moral do desconforto. In: **Ditos e Escritos Vol. VI: repensar a política.** Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 279-284.
- _____. O retorno da moral. In: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política.** Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. p. 246-257.
- _____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos e Escritos Vol. V: ética, sexualidade, política.** Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012f. p. 258-280.
- _____. A hermenêutica do sujeito. In: **Ditos e Escritos Vol. IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 177-191.

_____. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. In: **Ditos e Escritos Vol. IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 214-237.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p.15-37.

_____. “Prefácio à Transgressão”. In **Ditos e Escritos**, v.III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GATTI, B.A; BARRETO,E.S; ANDRÉ, M.D.A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCP, 2011.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GROS, Frédéric (Org.). **Foucault. A coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

HAGUETTE, Teresa M. Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis. Vozes, 1992.

HARDT, Michael. **Gilles Deleuze: um Aprendizado em Filosofia**. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 12a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

IBÁÑEZ, T. **La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstruccionista**. En Montero, M. (coord.). Conocimiento, realidad e ideología. Caracas, Venezuela: AVEPSO, 1994.

JENSEN, K. B. e JANKOWSKI, N. W. (eds). **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona. Bosch Casa Editorial, 1993.

KAFKA. Fraz. **O castelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LARROSA, Jorge. Dar a palavra: notas para uma dialógica da transmissão. In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Educação & realidade, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun, 2004.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de uma antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: 2010.

LAW, J. **After method. Mess in social science research**. Nova Iorque, Routledge, 2004.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo: a política do império**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LESSARD-HÉRBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel, BOUTIN, Gérard. **Investigação Qualitativa. Fundamentos e práticas**. Lisboa. Instituto Piaget, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In BRAGA, José L., LOPES, Maria Immacolata V. de, MARTINO, Luiz C. (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

LOURAU, Rene. **A análise institucional**. Editora Vozes: Petrópolis, 1975.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LUZ, M.T. “Lourau e a sociologia crítica das instituições”. In ALTOÉ, Sônia (org.). René Lourau: **Analista Institucional em tempo integral**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MACHADO, Antonio. **Poesias completas**. Madri: Espasa-Calpe, 1983.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

MALDONADO, A. Efendy. *A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI*. In: A. E. Maldonado; Jiani Bonin; Nísia Rosário (org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

_____. [et al]. 2a Edição Ampliada e atualizada/ **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. v. 1.

_____. [et al]. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012.

_____. [et al]. **Metodologías de investigación en comunicación**: Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. 1. ed. Quito: Editorial Quipus CIESPAL, 2013. v. 1.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**: travessias latino americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *“Técnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século”*. In: MORAES, Denis de. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARRE, Jaques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Porto Alegre: UFRGS (mimeo), 1991.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MÉLICH, Joan-Carles. **Lógica de Crueldad**. Barcelona: Herder, 2014.

_____. **Filofía de la finitud**. Barcelona: Herder, 2012.

_____. **Ética de la compasión**. Barcelona: Herder, 2010.

MELO, Alex. Análise das relações do "mundo vidente" com a cegueira – a institucionalização do "corpo cego". Esboço de uma análise de papel, pp. 127-141. Rodrigues, Leitão & Barros (orgs.). **Grupos e instituições em análise**. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2000.

MOREY, Miguel. La cuestión del método. In: FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991. p.9-44.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Genealogia da moral.** Uma polêmica. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Sobre o futuro de nossas instituições de ensino,** in. Escritos sobre Educação. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **A gaia ciência.** Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Cia das Letras, 2012.

_____. **Além do bem e do mal.** Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Crepúsculo dos ídolos.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Vontade de potência.** Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

OROZCO, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** La Plata. Universidad Nacional de la Plata/ IMDEC, 2012.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículo-mapa:** linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo no Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26. Programa e resumos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2003. p.204.

PARAÍSO, Marlucy e MAKNAMARA, Marlécio. **Pesquisas pós-críticas em educação:** notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, jul./dez. 2013

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos.** Lisboa: Ática. 1993

PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Ed. Autentica, 2000.

PLANO NACIONAL. **Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020)** Disponível: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volume-I-Mont.pdf>

PROUST, Marcel. **Em busca del tiempo perdido.** *El tiempo recobrado*, Madrid, Aiianza, 1998.

RANCIÈRE. Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Filósofos na tormenta:** Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.); BONIN, Jiani (Org.); Maldonado, Alberto Efendy (Org.) **Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios da prática investigativa.** 2. ed. Salamanca-Sevilha: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013a.

ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.); BONIN, Jiani (Org.). **Processualidades Metodológicas - configurações transformadoras em comunicação.** 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013b.

RIMBAUD, Arthur. **Poesia completa.** Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma epistemologia do Sul.* In: Boaventura de Sousa Santos. **A gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** Porto: Edições Afrontamento, 2006.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 1987.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Porto: Afrontamento, 1996.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **O professor como corretor** in Folha de São Paulo – Caderno MAIS de 04 de jun. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **O Currículo como prática de significação.** In: _____. (org.) O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.7-30.

_____. **Manifesto por um pensamento da diferença em educação.** In: CORAZZA, S.; SILVA, T. T. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.9-18.

_____. (org.) **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVA, Rodrigo Lages e. **A ficção: uma aposta ético-política para as ciências.** Fractal, Rev. Psicol. [online]. 2014, vol.26, n.spe, pp.577-592. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1327>.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. **Mensajes e-ducativas desde la tierra de nadie.** Barcelona: Laertes educación, 2006.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

TAVARES, Gonçalo. **Breves notas sobre a ciência.** Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

TUCHERMAN, Ieda; SAINT-CLAIR, Ericson. **O corpo transparente: dispositivos de visibilidade e mutações do olhar.** INTEXTO. Porto Alegre: UFRGS, 2008, v.2, n. 9.

VEIGA-NETO, A. **Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol?** In: _____. (org.) *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p.9-56.

VEYNE, P. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília, DF: UnB, 1982.

WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Ilya; LECOURT, Dominique, et al. *A construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945; Os grandes debates no interior das ciências sociais, de 1945 até o presente*. In: I. Wallerstein, et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. **Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social**. *Psicologia & Sociedade*, v. 23 n. 3, 2011.

ZANELLA, Andréa. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.

Anexo A

Área de concentração e linhas de pesquisa dos Programas de Pós-graduação em Comunicação

1) UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – selo 6)

Área de concentração: Processos midiáticos

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos proporciona qualificação, em nível técnico e aplicado, a comunicadores, pesquisadores, profissionais e docentes universitários. Os cursos de mestrado e doutorado oferecem formação de excelência, realizada por um corpo docente qualificado, que reúne professores com forte experiência acadêmica e de mercado.

O foco do programa está nos processos midiáticos, abordando o campo das mídias, os sistemas eletroeletrônicos de comunicação e as demais esferas implicadas nas interações sociais tecnologicamente mediadas. São realizadas pesquisas sobre as mídias, produtos e processos, e sobre suas implicações na sociedade, na identidade dos sujeitos e das culturas através de sistemas de significação singulares.

Linhas de Pesquisa - Mídias e Processos Audiovisuais

Pesquisa as mídias audiovisuais e a convergência tecnológica em perspectiva cultural, política e filosófica. Desenvolve investigações teórico-metodológicas sobre a significação e a produção da produção, da circulação e do consumo de audiovisuais focalizando suas estéticas, linguagens e técnicas, os devires de cultura, as estratégias e a economia política dos meios.

Grupo de pesquisa

- O diretório volta-se para as tendências comunicacionais, memoriais, projetuais e experimentais do audiovisual, inscrevendo-o em um campo heterogêneo de formatos, suportes e tecnologias que atravessam e transcendem as mídias, por convergência e dispersão. As pesquisas autenticam e analisam audiovisuais em contextos midiáticos e em contextos não reconhecidamente midiáticos ou audiovisuais; reconhecem a historicidade e especificidade do cinema, da televisão, do vídeo e das mídias digitais, e as investigam na perspectiva mais geral de um aparelho e de uma ecologia audiovisual; buscam compreender suas linguagens e configurações nos usos e apropriações praticados pelas mídias e pelos espectadores, entendidos esses, agora, também como protagonistas. Emergentes da cena contemporânea, tais usuários são desafiados e seduzidos a também agirem - até mesmo de forma projetual - em larga escala, como as mídias, na medida em que se disponibilizam a eles mais e melhores ferramentas de realização audiovisual, mais ou menos dissemináveis na rede comunicacional expandida pela Internet. Tais práticas das mídias e dos usuários inscrevem as audiovisualidades como substâncias da cultura, impactada pela importância crescente do design em seu devir.

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhoGrupo/3259429458389904>

Linhas de Pesquisa - Linguagem e Práticas Jornalísticas

- Pesquisa os processos midiáticos e seus desdobramentos em produtos jornalísticos. Considera as rotinas produtivas, os contextos, as mensagens e a configuração de memórias na sociedade midiaticizada. Contempla as formulações teóricas específicas do jornalismo articuladas em perspectiva multidisciplinar.

- Grupo de pesquisa

LIC - Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento

O grupo reúne um conjunto de pesquisas que tratam da produção de acontecimentos no âmbito das redes sociais da internet. Através das pesquisas As transformações do acontecimento no webjornalismo e A produção do acontecimento nas redes sociais: a emergência do ciberacontecimento, chegou-se a um conceito que tem como pressuposto que parte dos acontecimentos que se transformam em acontecimentos jornalísticos na sociedade contemporânea já contem a textura das redes sociais digitais. O conceito de ciberacontecimento articula-se na revisão de teorias sobre o

acontecimento, na perspectiva semiótica/sistêmica que tem como foco as processualidades da produção de sentidos nos ambientes culturais e nas questões trazidas pelo universo da cultural digital.

As pesquisas em andamento pelo grupo projetam mapeamento e monitoramento de processos que se dão nas conexões em rede e que possuem potencialidades como fontes de geração de acontecimentos jornalísticos. Tais processos envolvem uma camada complexa de temas, mas ganham mais intensidade no campo das mobilizações sociais, como nos protestos de ocupação global e nos ocorridos ao longo do mês de junho de 2013 no Brasil, e também no setor de entretenimento. O grupo desenvolve experiências metodológicas que envolvem a utilização de softwares de monitoramento, rastreamento e visualização, e também processos de análises qualitativas com perspectivas semióticas e etnográficas. Há um campo vasto de setores que pode recolher insumos dessas pesquisas, como os movimentos sociais, as organizações políticas, a economia criativa e os processos de produção no jornalismo. Aparecem em destaque: processos transnarrativos e hipermidiáticos que incluem a presença de outros atores; a reverberação instantânea que passa a ser incorporada na própria narrativa, também a constituindo; e a eclosão desses outros modos de acontecimento que se tramam no cenário de conexões sistêmicas altamente complexas.

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5528732138867595>

O Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) busca dar conta de lacunas epistemológicas dos estudos voltados para as práticas jornalísticas. Investiga-se o jornalismo em suas manifestações midiáticas, na escuta dos jornalistas, em suas relações com a sociedade, com o poder e os outros discursos. Desde uma posição desdisciplinar e crítica, o grupo pretende em suas pesquisas avançar conceitual e metodologicamente sobre esta área do conhecimento, ainda carente de olhares próprios.

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6475660684120948>

Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação

Pesquisa os processos midiáticos focalizados nas identidades culturais e sociabilidades, nas ações de cidadania dos movimentos sociais, nas dinâmicas das redes sociotécnicas e nas tecnologias da comunicação. As instâncias comunicacionais e midiáticas da produção, dos produtos e da recepção são estudadas através da experimentação de perspectivas multimetodológicas de caráter qualitativo e quantitativo.

PROCESSOCOM: Processos comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção (PROCESSOCOM)

1) Fundamentação, construção e sistematização de problemáticas científicas, mediante a produção de pesquisas que gerem conhecimento avançado sobre processos comunicacionais e midiáticos contemporâneos. 2) Formação de pesquisadores em níveis de pós-doutorado, doutorado, mestrado e iniciação científica. 3) Desenvolvimento de concepções, estratégias e procedimentos metodológicos na vertente transmetodológica. 4) Socialização e divulgação de conhecimentos por meio de seminários, colóquios, encontros, palestras, aulas, cursos, oficinas, publicações, sites e produtos comunicacionais. 5) Fortalecimento da cooperação acadêmica ibero-americana, tanto em processos de pesquisa conjunta quanto no intercâmbio de professores, estudantes e membros dos grupos de investigação. 6) Internacionalização sistemática mediante o desenvolvimento de trabalho acadêmico associativo entre os grupos, núcleos, equipes e pesquisadores das universidades conveniadas em rede. 7) Aperfeiçoamento do trabalho de Coopera

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0143168824972843>

Midiatização e Processos Sociais

Pesquisa as interações sociais e os processos interpretativos relacionados às mídias que ativam uma circulação midiática caracterizada por determinações mútuas entre produção, recepção e crítica social. Entende midiatização como as incidências da mídia contemporânea sobre questões de sociedade que, por sua vez, dirigem à mídia expectativas e desafios. Elabora, a partir de tais questões, uma reflexão continuada sobre o próprio campo de conhecimento em Comunicação.

Grupo de Pesquisa

O Núcleo de Pesquisa EPISTEMOCOM tem, como objetivo central, a investigação sobre a epistemologia da comunicação tendo como foco os processos midiáticos e a midiatização. No eixo epistemológico, tem como foco problematizar a partir de questões transversais que emergem entre linhagens diversas de pesquisa em comunicação (em especial, a cibercultura, recepção, usos, apropriações e teorias do signo), buscando identificar objetos, métodos e metodologias que possam contextualizar a pesquisa

em um campo em construção. No eixo midiaticização, formula proposições teóricas e analíticas em torno de três operadores centrais: DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS E DE COMUNICAÇÃO, especialmente os constituídos pela inscrição social das técnicas e tecnologias digitais; CIRCULAÇÃO; e, PROCESSOS SOCIAIS. O campo de observação está focado na semiose, em especial a imagem, na técnica e na tecnologia, e nos sistemas de inteligibilidade social.

Grupo CULTPOP - Grupo de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias dedica-se à pesquisa na intersecção entre a cultura pop, a comunicação e as tecnologias tendo múltiplos aportes **teórico-metodológicos** para pensar o papel da cultura pop no contemporâneo e suas inferências e relações entre performances, materialidades, mídias, culturas urbanas e estéticas. Os enfoques do grupo de pesquisa tem como finalidade a reflexão, a crítica e a elaboração de propostas que pensem a cultura digital e a cultura pop no âmbito de suas práticas e processos de sociabilidade. Dentro desse escopo nossas investigações privilegiam temáticas como a das cenas musicais, subculturas, linguagens e produtos midiáticos da cultura pop, seu consumo e suas audiências a partir das relações com as subjetividades, relações de gênero, classe social, etnias e outras intersecções no âmbito das micro-políticas e resistências cotidianas.

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/4876389514332474>

<http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/comunicacao/presencial/sao-leopoldo/linhas-de-pesquisa>

2) USP (Universidade de São Paulo – selo 5)

Áreas de Concentração

Teoria e Pesquisa em Comunicação, Estudos dos Meios e da Produção Mediática e Interfaces Sociais da Comunicação, cada uma delas com Linhas de Pesquisa específicas. Áreas de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação, Estudos dos Meios e da Produção Mediática e Interfaces Sociais da Comunicação, cada uma delas com Linhas de Pesquisa específicas.

Linhas de Pesquisa

I - Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de Pesquisa: Epistemologia, Teoria e **Metodologia** da Comunicação

Estudo do campo da comunicação como produção teórica inter e transdisciplinar. Reflexão epistemológica e **metodológica** sobre o discurso comunicacional. Análise da comunicação como conceito e como processo social e intersubjetivo historicamente compreendido. Investigação de sua estrutura lógica e implicações éticas, filosóficas e sociológicas. Crítica dos paradigmas, modelos, teorias, métodos e técnicas através dos quais os objetos da comunicação são estudados. Crítica **metodológica** em comunicação, englobando **metodologias quantitativas e qualitativas, métodos e técnicas de pesquisa empírica**, tais como: etnografia, historiografia e história oral em comunicação, métodos e técnicas de análise do discurso mediático. Enfim, contribuir para a definição da comunicação como área de conhecimento, para a elaboração de novas linguagens teóricas e para seu desenvolvimento **metodológico** através de crítica epistemológica.

Grupo de Pesquisa

O CETVN coordena desde 2005 o projeto do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (OBITEL), rede internacional com pesquisadores de 12 países. Publica resultados no Anuário OBITEL, em português, espanhol e inglês. Projetos finalizados: Nações e Narrações: a Telenovela Brasileira no Cenário Internacional; Nações e Narrações Televisivas: Para um Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva; A Telenovela Como Narrativa da Nação: A Recepção em Nova Chave; Um Estudo de Caso de Ficção Televisiva Transmídia. Todos apoiados pelo CNPq e parcerias com Kantar Ibope Mídia e Globo Universidade. O CETVN organiza seminários nacionais e internacionais. Seus pesquisadores publicam em periódicos Qualis e apresentam trabalhos em eventos nacionais e internacionais. O CETVN marca uma nova fase dos estudos de ficção televisiva com a temática da transmídiação na produção, circulação e recepção, além da temática dos fãs e da cultura participativa, objetos de 4 livros da Coleção Teledramaturgia.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação

Estudo das conexões entre a generalidade histórica dos fatos e a singularidade da produção do discurso polissêmico, considerado na arte, no cotidiano e na indústria cultural. Indagação sobre o conceito de representação e de imagem. Pesquisa teórica sobre os conceitos de autor, público, mensagem, repertório, códigos verbais e não-verbais, e dispositivos. Investigação das conexões das linguagens e ambientes mediáticos com a história cultural, tendo em vista a noção de conhecimento e de construção de identidades. Análise dos gêneros discursivos nas diferentes formas de manifestação humana em seus contextos espaço-temporais, considerando noções tais como: intertextualidade, transmidialidade, hipertextualidade, polissemia, dialogismo.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Ambiências em Redes Digitais

Foco nas reflexões epistemológicas e nos recortes **teórico-metodológicos** decorrentes da inserção do fenômeno da comunicação em ambiências de redes digitais sustentadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs). Ocupa-se, também, da reflexão sobre o campo da comunicação em suas interdisciplinaridades e complexidades decorrentes dos impactos das TICs. São temas dessa linha de pesquisa os diversos fenômenos da comunicação em redes; os estudos de convergência midiática e consequentes impactos na sociabilidade, nas organizações e na cultura; os estudos voltados a construção de sentido nas linguagens transmediáticas e hipermediáticas; a análise dos processos de sociabilidade e subjetividade decorrentes das relações comunicacionais humanas, pós-humanas e nas novas formas de habitar. São, ainda, objetos de estudo desta linha os processos transversais de comunicação digital em seus diferentes campos de aplicação como a Educação, o Jornalismo, os Meios Audiovisuais e as Organizações; os mapeamentos e análises setoriais de impacto das TICs; as análises sobre formas inovadoras de territorialidades e organização da produção do conhecimento, entre outros.

Área de Concentração: II - Estudo dos Meios e da Produção Mediática

Linha de Pesquisa: Informação e Mediações nas Práticas Sociais

Estuda os processos de produção, difusão e recepção da informação no universo midiático, sob a perspectiva dos valores da cidadania, ética e interesse público, com ênfase nos vetores da produção da narrativa jornalística (percepção e reconstrução discursiva da realidade), que toca na questão dos fundamentos **metodológicos** da captação das informações, das estruturas sócio-técnicas que atuam na reconstrução dos fatos percebidos e na sua expressividade. A diversidade cultural, quanto às múltiplas possibilidades de se perceber e narrar um evento, orienta as investigações da linha de pesquisa, bem como a consideração do conjunto de elementos relativos à estrutura, produção e difusão de bens culturais da indústria editorial. Os impactos sociais e históricos, a convergência das mídias, a concepção de processos informacionais, incluindo o debate entre discurso hegemônico e alternativo, fomentam as pesquisas desta linha voltada à compreensão da comunicação noticiosa, ao estudo das relações éticas na construção dos produtos informativos, à reflexão sobre a informação como direito fundamental do cidadão.

Linha de Pesquisa: Consumo e Usos Midiáticos nas Práticas Sociais

Estuda os processos de produção, difusão e recepção de produtos mediáticos, bem como os seus usos e consumos, a partir de uma perspectiva emancipatória para as práticas sociais cidadãs, visando o bem estar social e a sustentabilidade. Os objetos desta linha englobam a midiatização dos fenômenos do consumo na vida material, bem como às formas de comunicar e se relacionar no ambiente urbano. O estatuto dessa midiatização prevê a compreensão da mediação cultural do consumo, destacando o estudo das suas formas languageiras e estéticas de representação, bem como das relações sociais construídas a partir de produtos comunicacionais, com ênfase no estudo das marcas, da publicidade, da propaganda, da comunicação visual e do design. Trata também sobre os usos midiáticos: as finalidades cotidianas dos meios, seus usos para a satisfação de necessidades operacionais e simbólicas. Contempla as investigações sobre a história e evolução dos meios e a crítica à mediação destes nas dinâmicas culturais, isto é, nas práticas sociais sugeridas por esses usos e os estudos de seus efeitos na vida social.

Área de Concentração: III - Interfaces Sociais da Comunicação

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Cidadania

Esta linha de pesquisa apresenta-se como espaço privilegiado para o estudo das múltiplas interfaces sociais da comunicação, convertendo-se em área decisiva para a compreensão da sociedade de seus agentes culturais e das condições sociais de produção simbólica. Através delas analisam-se empírica e teoricamente: a) a presença do Estado, suas políticas de regulamentação da produção cultural e artística e o direcionamento dado às políticas públicas; b) a presença dos movimentos sociais, seus canais de comunicação alternativos e as lutas pela ampliação dos direitos da cidadania, pela liberdade de expressão e acesso aos meios de comunicação; c) os movimentos culturais e artísticos e suas formas de expressão.

Linha de Pesquisa: Políticas e Estratégias de Comunicação

Estudos de paradigmas e correntes teóricas de comunicação organizacional, relações públicas, editoração e jornalismo e suas interfaces. Enfocam-se as políticas e estratégias de comunicação no setor público, privado e não-governamental, desenvolvendo a pesquisa aplicada em comunicação administrativa, interna, institucional e mercadológica, que têm por base tanto a perspectiva de uma filosofia da comunicação integrada quanto princípios da ética, responsabilidade social, de gêneros e etnias e classes sociais. Contempla as interações da comunicação com a identidade, alteridade e cultura organizacional, sustentabilidade, memória e as narrativas institucionais, bem como pesquisas relativas à comunicação pública e às políticas públicas de comunicação. Reflete sobre os novos conceitos de público, relacionamentos, redes sociais, opinião pública e suas múltiplas ressignificações no contexto da sociedade contemporânea.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação

Trata das interfaces sociais da comunicação com a educação enquanto organizadoras dos fluxos da informação e do conhecimento, orientando pesquisas que estudam os modos pelos quais a comunicação vem sendo usada para introduzir, na pauta da sociedade, temas e questões de interesse para as práticas educativas formais, informais, não-formais e de ensino-aprendizagem. Além disso, volta-se às maneiras como o sistema educativo trabalha a recepção das mensagens da comunicação social sobre suas audiências e usuários, às práticas educativas mediadas pelos processos e linguagens da comunicação, aos usos das mediações tecnológicas pelos sistemas de ensino presencial e a distância, bem como à gestão da comunicação em espaços educativos.

<http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom>

<http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom/apresentacao/organizacao/linhas-de-pesquisa>

3) UNB (Universidade de Brasília – selo 4)

A área de concentração

Comunicação e Sociedade e tem como objetivo a investigação das práticas, processos, produtos, instituições e tecnologias do campo da Comunicação e suas relações com as esferas políticas, econômicas e culturais das sociedades contemporâneas.

O PPG conta atualmente com quatro Linhas de Pesquisa: "Jornalismo e Sociedade", "Políticas de Comunicação e de Cultura", "Imagem e Som" e "Teorias e Tecnologias da Comunicação".

Linhas de Pesquisa

Jornalismo e Sociedade

Esta Linha de Pesquisa tem como objeto o jornalismo enquanto campo teórico e prático e seus desdobramentos em torno de uma Teoria da Notícia. Aborda a compreensão do jornalismo como categoria cognitiva de representação da realidade, a partir de uma leitura crítica dos processos de produção da notícia (da seleção dos acontecimentos à edição dos fatos hierarquizados), das conexões entre jornalismo e os diferentes atores sociais e de uma análise da narrativa jornalística. O principal objetivo desta linha é a realização de estudos e pesquisas sobre gêneros e práticas jornalísticas, de modo a encontrar respostas conciliadoras para as tensões existentes entre as utopias do jornalismo como função pública e social e as reais possibilidades do jornalismo enquanto práxis (ação transformadora da realidade social). Eixos Temáticos Jornalismo, mídia e política Propõe analisar a

prática jornalística e a sociologia dos emissores, a partir das relações que eles estabelecem com diferentes atores sociais (pares, fontes, públicos, sociedade, etc.); as relações de poder implicadas no processo de produção e distribuição de notícias, enfocando aspectos como a ideologia da mídia e a construção da realidade; o uso das ferramentas de investigação; a ética jornalística, as possibilidades de inovação abertas pelos dispositivos digitais e pela convergência nas redações; a notícia como produto e forma de representação social; internet studies no jornalismo e estudos de gênero nas redações.

Jornalismo: Narrativa, discurso e poder

O objetivo do eixo é discutir as representações sociais, históricas e culturais dos textos jornalísticos e da mídia em geral, incluindo aspectos da identidade nacional, e tendo como ponto de partida a caracterização da linguagem como uma prática marcada por um compromisso com o social e o histórico. Esta prática envolve textos jornalísticos e da mídia, em geral, que representam e significam dimensões da realidade contemporânea com os seus variados acontecimentos e impactos. A pesquisa enfatiza os aspectos interpretativos implicados na análise dos textos, relacionando-os com os elementos históricos e sociais. O eixo também analisa representações imaginárias regionais na mídia e pode abrigar estudos comparados e interdisciplinares.

O Jornalismo como Profissão

O objetivo do eixo é discutir a identidade profissional do jornalista na sociedade contemporânea, incluindo o perfil sociodemográfico, análise dos estatutos e carreiras, ideologia e cultura profissional, retóricas de legitimação do grupo, relação com outros grupos profissionais, mecanismos de definição da reputação e formas de rotulação dos jornalistas, além dos processos de conservação e mudança identitária. A partir de uma perspectiva teórica interdisciplinar, busca e incentivar a produção de trabalhos empíricos sobre o grupo profissional, articulando-os a outras dimensões da prática jornalística (processos produtivos, discurso, relação com os públicos, etc.).

Teorias e Tecnologias da Comunicação

O objetivo dessa linha de pesquisa é acompanhar criticamente os problemas que emergem com a chamada Sociedade da Informação, ou seja, a partir da introdução da tecnologia nos processos de comunicação social e da integração dos meios de comunicação à organização social das sociedades complexas. Seu eixo de estudos é a análise crítica do conhecimento gerado em torno dos meios de comunicação, sejam os aspectos teóricos-epistemológicos dos saberes que se ocupam da matéria, sejam os aspectos mais pontuais, como a convergência mediática, a globalização, as campanhas publicitárias e o espaço público gerados pelos mass medias e demais temáticas que configuram o universo da mediação tecnológica. Neste sentido ela busca extrair as implicações do uso das tecnologias de comunicação na organização social contemporânea.

Esta linha está direcionada para as discussões teóricas e pontuais sobre imagem, som e escrita em suas relações com as práticas sociais e experiências dos sujeitos na contemporaneidade. Privilegia a análise de linguagens e narrativas do cinema, televisão, rádio, vídeo, publicidade, fotografia, história em quadrinhos, design, literatura, poesia, música e de outros produtos e processos sócio-midiáticos que circulam e são consumidos nas sociedades contemporâneas. Esta Linha de Pesquisa tem como arcabouço, para além da convergência tecnológica, o trânsito entre estéticas, linguagens e sua inserção no tecido social contemporâneo como uma experiência audiovisual marcada pela reprodutibilidade técnica. Eixos temáticos: Estética, literatura e mídia Comunicação e crítica cultural. Narrativas ficcionais, textos literários e mídia. Experiência, entretenimento e meios de comunicação. Escrita, estética e informação. Literatura e jornalismo. Autoria e contemporaneidade. Diálogos entre cinema, televisão e literatura. Docente: Prof. Sérgio de Sá. Diálogo entre o audiovisual e a arte Experimentações na fotografia e no cinema seja ao longo de um percurso histórico, seja em um assunto ou momento específico, ou ainda pela interação entre áreas do audiovisual, a literatura e a arte. Estudo da fotografia inserida em uma realidade histórica e social – jornalismo, publicidade, fotos de família, fotografia artística. Ênfase na história da fotografia, práticas contemporâneas da imagem fotográfica, cinema experimental e narrativas visuais, em especial uso da fotografia e do texto. Docente: Prof^a. Susana Dobal. Imagem, tecnologia e subjetividades História e teoria da fotografia.

Modernidade, memória e fotografia. Tecnologia, imagem e temporalidade. Imagens e regime de visibilidade contemporâneo. Vigilância, espetáculo e novas tecnologias da imagem.

<http://fac.unb.br/pos-graduacao/linhas-de-pesquisa>

4) UFPE (Universidade Federal de Pernambuco – selo 4)

Área de Concentração

A Área de Concentração do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco é "Comunicação".

Ao fazer esta opção, o PPGCOM aposta no processo de constituição de um campo de pesquisa que, apesar de recente quando comparado a outros de maior tradição, é visto como um dos mais interpeladores do mundo contemporâneo.

Essa Área de Concentração tem como objeto o conjunto dos fenômenos midiáticos contemporâneos, nos seus aspectos de linguagem, de produção e na sua interface com os fenômenos da cultura.

Linhas de pesquisa

Mídia, Linguagens e Processos Sociopolíticos

A linha ocupa-se de problematizações de linguagem, produções e processos midiáticos e suas implicações sociopolíticas, práticas profissionais e relações de poder na Comunicação, com ênfase em: ética, democracia e direitos humanos, ideologia e representações, consumo, interações, estratégias narrativas e discursivas, reconfigurações de formatos e tecnologias.

Palavras-chave: reconfigurações da televisão; formatos televisuais; transmídiação; mídias digitais; narrativa; cartografias; mídia e meio ambiente; divulgação científica; mídia e saúde; hibridização da publicidade; narrativas publicitárias; comunicação e consumo; mídia e religião; estudos do consumo; publicidade e novas mídias; jornalismo; teoria do jornalismo; democracia deliberativa; representações sociais; construção social da realidade.

Estética e Culturas da Imagem e do Som

A linha pesquisa os fenômenos estéticos como marcas das produções culturais que se manifestam sobretudo através da imagem e do som. Nesse sentido, a ênfase recai sobre a manifestação das subjetividades e percepções dos elementos sensíveis que aqui denominamos estéticos, explorando seus repertórios de análise crítica e de memória, de produção de sentidos históricos e posicionamentos políticos. A estética é aqui compreendida tanto em sua constituição teórico-filosófica quanto em termos de práticas e expressões de grupos sociais, através da reflexão que indica peculiaridades culturais e especificidades históricas de sua presença.

Palavras-chave: teoria do cinema; gênero fílmico; estudos do som; história do cinema; imagem técnica; mídia e memória; cinema expandido; cinema mundial; estética e cultura midiática; teorias da imagem; música popular massiva; cena musical; rede musical; experiência estética; imaginário; fotografia; fotodocumental; imagem digital; entretenimento; performance; música.

https://www.ufpe.br/ppgcom/index.php?option=com_content&view=article&id=302&Itemid=240

5) UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro – selo 6)

Área de Concentração

Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias. O pressuposto básico do Programa é o de que a comunicação impõe-se hoje como força estruturante de novas formas de socialização. Nesse sentido, as atividades de ensino e pesquisa focalizam as dinâmicas de articulação de formas tradicionais de vida e cultura com as novas tecnologias da comunicação e da informação.

Linhas de pesquisa

Mídia e Mediações Socioculturais

Desenvolve **metodologias** e análises críticas dos fenômenos comunicativos nas produções da mídia, nas instituições de mediação tradicional e nas práticas socioculturais. Constituem, portanto, objetos-chave dessa linha de pesquisa as seguintes questões:

1) os produtos midiáticos como vetores de socialização;

2) as formas de sociabilidade engendradas por práticas comunicativas no espaço urbano e sua relação

com produtos midiáticos nesse contexto;

3) as características e mudanças históricas e estruturais dos meios de comunicação e suas implicações na produção de sentido;

4) as diferenças entre a forma de socialização da mídia e outros processos de socialização existentes em outras culturas e no passado da cultura ocidental.

Tecnologias da Comunicação e Estéticas

Estudo das práticas discursivas, das expressões artísticas e dos dispositivos comunicacionais no ambiente das tecnologias da comunicação, com ênfase nos múltiplos repertórios, narrativas e suas hibridações nas produções artísticas e midiáticas que produzem as novas subjetividades e seus desdobramentos. Constituem, portanto, como seus objetos-chave:

1) as possibilidades estéticas abertas pelas características tecnológicas dos meios de comunicação, tendo em vista diferentes tradições e conceitos que constituem o campo das artes;

2) as configurações estéticas nos meios de comunicação e suas interações com formações culturais específicas;

3) os modos e o alcance com que as características tecnológicas dos meios de comunicação condicionam atitudes culturais e subjetivas;

4) problematização do discurso da tecnociência na sua relação com os meios e ambientes comunicacionais.

http://www.pos.eco.ufrj.br/site/linhas_de_pesquisa_tce.php

6) UFF (Universidade Federal Fluminense - selo 5)

Área de Concentração

Linhas de pesquisa

Estéticas e Tecnologias da Comunicação

Estudo das dimensões estéticas, cognitivas e tecnológicas da cultura dos meios de comunicação, focalizando as implicações semióticas, sensoriais, afetivas, subjetivantes e/ou de sociabilidade dos dispositivos midiáticos. Os temas de pesquisa mais frequentes abordam: mediações tecnológicas e influências artísticas na modernização da percepção, do corpo e dos sentidos; história e genealogia das tecnologias da comunicação; aspectos sócio-culturais, identitários, subjetivantes, políticos e econômicos da cibercultura; regimes de sentido no campo das imagens e das sonoridades midiáticas.

Estudos de Cinema e Audiovisual Mídia

Articulações de distintas abordagens em relação ao cinema e ao audiovisual como uma arena de problematização da esfera midiática que permite investigações com aportes políticos, estéticos, econômicos, históricos e narrativos. Entre os temas de pesquisa estão preocupações em torno dos processos da política e subjetividade, questões relativas ao problema do arquivo e da preservação, da história e da historiografia com ênfase no contexto brasileiro e latinoamericano, problemas de economia política e do mercado, questões de gêneros narrativos, espectralidade e construção do olhar além de problematizações culturais e narrativas da representação.

Produção de Sentido

Análise das relações entre comunicação, cultura e construções narrativas tomando-as como partes das práticas sociais e culturais em seus aspectos narrativos e discursivos e considerando questões relativas à mídia, poder, alteridade e identidade. A partir desse recorte, os temas de pesquisa mais frequentes são: a comunicação em suas apropriações, mediações e atuações; a análise das mensagens midiáticas e dos processos culturais a elas associados considerados sob o ângulo do circuito social da comunicação; as tensões e os processos de produção de sentido e o estudo de questões que tomem como problema as relações inscritas na dinâmica da cultura.

http://www.uff.br/ppgcom/?page_id=10

7) UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – selo 5)**Área de Concentração**

Comunicação Social

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da UERJ tem por objetivo propiciar um espaço para a pesquisa e reflexão sobre o fenômeno comunicacional no entrecruzamento de três dimensões tidas aqui como fundamentais: a construção e difusão das mensagens midiáticas, as repercussões culturais e materiais das tecnologias de comunicação e informação, especialmente as chamadas “novas tecnologias”, e o espaço urbano como locus fundamental da comunicação massiva e gerador de representações sócio-culturais. Este campo de interesse ainda requer um desenvolvimento significativo de reflexão crítica, capaz de oferecer um melhor entendimento das dimensões intelectuais e práticas envolvidas em sua complexidade.

Linhas de Pesquisa

Cultura de Massa, Cidade e Representação Social

A linha estuda as representações sociais contemporâneas em sua interface com a comunicação, os estudos sobre cidade e a cultura de massa, entendendo “representação social” como conjunto de idéias, significados e valores socialmente compartilhados. Pressupõe-se que os meios e recursos da comunicação são produtores de sentido e de formação de imagens que circulam nas cidades contemporâneas. Trata-se de investigar os diversos fenômenos de comunicação para neles capturar a produção de diversas estruturas de sentido e projetos culturais. Dado que a cidade é o locus por excelência da circulação dessas representações sociais, busca-se pensar os modos como tais fenômenos delimitam o espaço imaginário e condicionam a geração de sentidos nos ambientes urbanos. Assim, a linha de pesquisa investiga os múltiplos fenômenos de comunicação que pontuam o espaço urbano, especialmente os que se relacionam à arte, à ciência, ao corpo, à cultura popular, ao consumo, aos esportes e as suas representações.

Tecnologias de Comunicação e Cultura

Esta linha dedica-se à investigação das articulações entre tecnologia, comunicação e cultura. As relações das tecnologias comunicacionais com o ordenamento das categorias sociais e do imaginário, com formações subjetivas e com a emergência de modos novos de perceber, de sentir e de conhecer, constituem o eixo central a partir do qual as discussões e pesquisas estruturam-se. São privilegiadas na reflexão algumas tendências da comunicação contemporânea (modelos digitais, redes, processos de simulação, mobilidade), sem prejuízo, contudo, dos estudos de outras estruturas e sistemas de comunicação. Trata-se, em última instância, de investigar os impactos materiais, as configurações afetivo-cognitivas e as repercussões socioculturais das diferentes tecnologias comunicacionais nos contextos de sua produção, utilização e difusão.

http://www.ppgcom.uerj.br/?page_id=14**8) PUC/RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro – selo 4)**

Área de concentração: Comunicação Social

1) Linha de Pesquisa: Comunicação e Representação

Representações sociais da juventude na cultura midiática

Comunicação e consumo: narrativa publicitária, cultura e sociabilidade

Representações sociais do corpo e da morte na cultura midiática

João do Rio e as representações da cidade: o artista, o repórter e o artifício

2) Linha de Pesquisa: Comunicação e Produção

Comunicação e Política: instituições e representações da mídia tradicional à internet

Estéticas do Real no Cinema

Imaginário e práticas sociais nas narrativas televisivas

Narrativas ficcionais na era da convergência de mídias: continuidades e desvios do paradigma estético modernista

3) Linha de Pesquisa: Comunicação e Experiência

O cinema documentário na televisão brasileira

Interações digitais: usos sociais da Internet em perspectiva etnográfica

Imagens e representações da realidade: a realização do filme documental hoje
Jornalismo Investigativo e interesse público: as experiências profissionais no processo de construção social da realidade

http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/progcom.html/progcom-projetos_pesq2.html#linhas

9) UFSM (Universidade Federal de Santa Maria – selo 5)

Área de Concentração

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Cursos de Mestrado e Doutorado) oferecido pela UFSM tem sua área de concentração definida em Comunicação Midiática. Compreende o estudo da ação midiática implicada na estruturação do espaço público, na visibilidade e legitimação das instituições e na configuração das identidades contemporâneas. Nesse sentido, ocupa-se prioritariamente de estudar as formas através das quais a comunicação midiática incide na associação, configuração e solidificação das relações sociais no tempo e no espaço.

O enunciado da área de concentração em Comunicação Midiática procura:

- a) evidenciar o campo das mídias;
- b) privilegiar uma determinada modalidade de comunicação prevendo estudos e ensino desta comunicação em suas dimensões de produção e consumo;
- c) privilegiar a incidência desta comunicação, de suas lógicas e de suas referências, sobre as práticas de outras instituições que a ela recorrem como parâmetros para os seus protocolos de comunicação no espaço público contemporâneo.

Linhas de Pesquisa

Mídia e Estratégias Comunicacionais

Refere-se às estratégias que agem como promotoras da articulação e de organização entre a esfera midiática e os demais campos sociais. Essas estratégias envolvem as relações do campo das mídias com os demais campos, especialmente as estratégias que este campo aciona, ou dele são tomadas como empréstimo, para construir o espaço público contemporâneo, para assegurar a presença das instituições no espaço público e para instituir algumas formas de vínculo social entre as instituições e os usuários de suas ofertas. Agrega as pesquisas de docentes que trabalham com a gestão da comunicação, modelos de comunicação institucional; estudo de suportes; novas formas de suportes e ambientes comunicacionais, dimensões macro analíticas da indústria cultural e seus efeitos na realidade social; relações da cultura das mídias com temporalidades e espacialidades.

Áreas de interesse da linha:

Mídia e efeitos de sentido – mídia e espaço público – suportes midiáticos – mídia, ideologia e ética – estratégias de comunicação organizacional – linguagens visuais e produção de sentido.

Mídia e Identidades Contemporâneas

Aglutina projetos de pesquisa que possuem em comum o estudo da incidência da esfera midiática na conformação das identidades contemporâneas com ênfase na construção de representações e significados. Agrega as pesquisas dos docentes que envolvem estudos interpretativos sobre o papel da Comunicação Midiática na construção de dinâmicas sociais, matrizes identitárias, experiências de interação e processos de consumo/apropriação que passam pela mediação do trabalho discurso das linguagens midiáticas.

Áreas de interesse da linha:

Mídia, consumo e identidades (globalização e localização dos processos de comunicação e cultura; apropriações sócio-culturais da marca) -representações midiáticas – recepção televisiva – abordagens culturais do jornalismo – o popular no jornalismo.

http://w3.ufsm.br/poscom/?page_id=5

10) UNESP/BAU (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru – selo 4)

Área de Concentração:

Comunicação Midiática - está voltada para a compreensão da dimensão relacional da Comunicação, acionando seus componentes materiais, simbólicos, estéticos, políticos e sociais e localiza-se na linha

de tensão entre as condições sócio-históricas e a lógica interna dos processos de comunicação, com o objetivo de alcançar a globalidade do fenômeno comunicacional e a sua inserção no movimento de construção da vida social. O ponto de singularidade do Programa é o tratamento da Comunicação Midiática como lugar de produção, inovação, negociação e confronto de idéias e de produtos simbólicos, processo potencializador da constituição do que deve ser compartilhado socialmente, e o lugar dos modos de existência dos sujeitos e de modelagem das práticas cotidianas.

As Linhas de Pesquisa que compõem o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, correspondem a interfaces particulares dentro do enfoque inter e transdisciplinar adotado pelo programa.

Linhas de Pesquisa

As três linhas que compõem o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, delimitam as formas de abordagem da comunicação na estrutura do Programa e correspondem a interfaces particulares dentro do enfoque inter e transdisciplinar adotado. Pode-se perceber que, a partir do desdobramento da proposta da área de concentração focada na comunicação midiática, as três linhas abarcam três dimensões da produção da(s) mídia(s): (1) uma macro-dimensão sociocultural, (2) uma micro-dimensão voltada para a análise da produção (produtos) em si, a partir das formas e dos conteúdos, dos discursos e das linguagens, e (3) uma terceira dimensão que relaciona a micro com a macro-dimensão, ou seja, aquela que trata da política, dos fluxos e da gestão da comunicação.

Obs.: Na revisão de diretrizes do Programa de Pós-Graduação da Unesp efetuada em 2007, alterou-se a denominação da LP 1 de "Gêneros e Formatos na Comunicação Midiática" para "Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais". Nessa reorganização, considerou-se mais adequado atribuir à LP 2 "Produção de Sentido na Comunicação Midiática" a parte da proposta da antiga LP1 responsável justamente pelo que caracteriza a formatação e a análise formal dos conteúdos veiculados pelos produtos da mídia. Nessa mesma revisão, a denominação da LP3 foi mudada de "Gestão da Informação na Comunicação Midiática" para "Gestão e políticas da informação e da comunicação midiática", em atenção ao redesenho da linha de pesquisa.

LP 1. Linha de Pesquisa: PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

Analisa as dimensões socioculturais dos processos de produção, veiculação e recepção da comunicação midiática.

LP 2. Linha de Pesquisa: PRODUÇÃO DE SENTIDO NA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

Investiga a construção do sentido nas produções da mídia, considerando as contribuições das ciências da comunicação e da linguagem para a análise do funcionamento de textos verbais e não-verbais, nos meios impressos, eletrônicos e digitais, caracterizando-os em termos contedutísticos e formais.

LP 3. Linha de Pesquisa: GESTÃO E POLÍTICAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

Investiga o fluxo da comunicação e da informação, abordando a geração, veiculação e gestão do conhecimento midiático, os processos de inovação tecnológica na produção e transmissão de mensagens e os meios tradicionais e tecnologias emergentes; analisa a formulação e o fluxo de políticas públicas e privadas de informação e comunicação.

<http://www.faac.unesp.br/index.php#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/comunicacao/area-de-concentracao/>

11) UNIP/SP (Universidade Paulista – selo 4)

Área de Concentração:

Comunicação e Cultura Midiática, objetiva gerar e difundir conhecimentos no âmbito da comunicação, promovendo reflexões teóricas e estudos de técnicas avançadas referentes aos processos de concepção, elaboração, veiculação, recepção do produto comunicativo e sua interação entre grupos sociais.

Linhas de Pesquisa:

Configuração de Linguagens e Produtos Audiovisuais na Cultura Midiática

Congrega pesquisas sobre os modos, formas e procedimentos midiáticos através dos quais são (re) codificados e (re) estruturados os recursos e estratégias visuais, sonoros e/ou audiovisuais das linguagens utilizadas em produtos da cultura contemporânea.

Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais

Congrega pesquisas orientadas às práticas e processos midiáticos inscritos em grupos sociais, privilegiando a análise de poder e resistência. São admitidas pesquisas sobre discursos, práticas e representações bem como meios e ambientes sociopolíticos, culturais e imaginários no contexto midiático.

http://www3.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/apresentacao.aspx

12) UAM (Universidade Anhembi Morumbi/SP – selo 4)

Área de Concentração:

Comunicação Audiovisual

A área de concentração Comunicação Audiovisual delimita e recorta as atividades em ensino e pesquisa do Doutorado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Insere-se, assim, entre as demais competências e características pertinentes à área básica do conhecimento a que o curso se vincula (Comunicação), ao mesmo tempo em que recorta e particulariza o foco das pesquisas e do tipo de formação promovidas por ele: o audiovisual.

Os objetos desta área de concentração são os fenômenos comunicacionais que se dão no âmbito dos meios audiovisuais de comunicação. Ou seja, a área de concentração deste Doutorado, em sua abrangência, circunscreve elementos, efeitos e ações que partilham os universos tecnológicos, sociais e culturais, especificamente naquilo em que estes são atravessados por dispositivos midiáticos da comunicação, voltados para produzir e veicular mensagens configuradas, técnica e expressivamente, em imagens e sons. Esta área de concentração está caracterizada pelo estudo dos meios de comunicação audiovisuais, resultantes de um determinado momento tecnológico (cinema, televisão, rádio, vídeo, internet, telefones celulares e congêneres) em todos seus aspectos específicos, interrelacionados e multirrelacionados, dando-se relevo ao princípio da configuração do sistema audiovisual das comunicações, no qual se incluem, em paridade, todos os meios tributários da imagem e do som, e agregando-se as preocupações com a produção e os processos pelos quais tais meios audiovisuais operam no campo da cultura e da sociedade.

Linhas de Pesquisa

1. Análises de Produtos Audiovisuais. Os objetos desta linha são os produtos audiovisuais (filmes cinematográficos, peças publicitárias audiovisuais, programas de televisão, vídeos, games, sites de internet e congêneres), entendidos como conteúdos configurados em imagem e som, e submetidos aos mais variados tipos de análises (estéticas, poéticas, tecnológicas, históricas, narrativas e outras).

O objetivo desta linha de pesquisa é investigar, estudar e compreender a configuração expressiva do universo audiovisual, tomando por base os produtos que apresentam natureza tributária da associação de imagem e som, debatendo, discutindo e compreendendo, através do estudo de formas, experiências estéticas e modalidades de estratégias, a inserção de tais produtos na comunicação audiovisual. A opção pelas análises aplicadas ao estudo dos produtos audiovisuais permite que as pesquisas dos docentes e discentes, que integram esta linha, se situem e se movimentem dentro do universo de reconhecimento dos modos e formas de expressão que configuram esse tipo específico de comunicação.

2. Processos Midiáticos na Cultura Audiovisual

Os objetos desta linha são os processos midiáticos situados no âmbito de suas relações com a dinâmica da cultura audiovisual.

O objetivo desta linha de pesquisa é investigar, estudar e compreender as relações específicas que os processos sucedidos no campo das mídias estabelecem com a cultura audiovisual. As pesquisas dos docentes e discentes que integram esta linha se fazem no universo das ocorrências de midiaticizações, focado, em especial, quando processos midiáticos interferem na cultura configurada pela imagem e som, permitindo, assim, que sejam estudados fenômenos culturais midiaticizados que ocorrem no campo da comunicação audiovisual.

<http://portal.anhembi.br/estude-aqui/pos-graduacao/cursos/mestrado-em-comunicacao/estrutura-do-programa/areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa/>

13) UFBA (Universidade Federal da Bahia- selo 5)

A área de concentração em comunicação e cultura contemporâneas coloca todos os envolvidos no Programa na condição de produtores de conhecimento num dos eixos mais importantes e urgentes da nossa época.

O Programa entende a aparente adição “comunicação & cultura” não como uma mera justaposição de dois campos de problemas (aos quais, de resto, acrescentar-se-ia a marca adjetiva “contemporâneas”). Pelo contrário, insiste em tratá-la como uma unidade, onde o nexo é dado pela compreensão de que, na contemporaneidade, está em vigor uma nova cultura e que esta cultura pode ser entendida de modo fecundo apenas levando-se em conta o seu essencial enlace com as novas formas, linguagens e processos da comunicação. Assim sendo, o objeto de estudos que o Programa compreende como sendo próprio não o é o amálgama de “cultura & comunicação”, cujo recorte seria dado apenas pela restrição “contemporâneas”, mas a cultura (ou as culturas) da comunicação na contemporaneidade, ou seja, a cultura contemporânea naquilo que nela se explica pela presença abrangente dos meios de comunicação.

Análise de Produtos e Linguagens da Cultura Mediática

Reúne pesquisadores que têm por objeto o exame, a elaboração e/ou a aplicação de **metodologias** para: a) análise de configurações expressivas (obras, produtos, linguagens) da cultura e da comunicação mediáticas; b) a análise da interpretação de tais configurações expressivas pela recepção.

Cibercultura

Reúne pesquisadores que analisam formas contemporâneas de convergência da informática e das telecomunicações. Visam compreender os novos meios comunicacionais digitais e suas implicações nas formações sócio-culturais online e nas práticas e formatos jornalísticos. Agregam estudos sobre os impactos comunicacionais das tecnologias de informação e comunicação no mundo contemporâneo.

Comunicação e Política

Reúne pesquisadores que examinam os recursos através dos quais os modernos meios, agentes e instituições da comunicação de massa alteram a dinâmica da democracia e da política no Brasil e no mundo.

<http://www.poscom.ufba.br/poscom/quem-somos/>

14) UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – selo 5)

Comunicação e Informação é a área de concentração, cuja interdisciplinaridade articula conceitos e interesses originários tanto do campo teórico da Comunicação como da Informação.

Linha 1 – INFORMAÇÃO, REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS

EMENTA: Estudos de cunho teórico, **metodológico** e aplicado à compreensão de fenômenos sociais mediados pelas tecnologias, a partir dos seguintes enfoques: produção e uso da informação científica e tecnológica; comunicação científica; cibercultura; interações em redes sociais; produtos e artefatos digitais.

Linha 2 - JORNALISMO E PROCESSOS EDITORIAIS

Pesquisas sobre jornalismo e processos editoriais nas seguintes abordagens: fundamentação teórica e epistemológica; linguagem e produção de sentidos; identidade, ética e campo profissional; jornalismo especializado; história da edição e do jornalismo; economia política das organizações jornalísticas e editoriais; rotinas de produção, edição e circulação em diferentes meios; imagem, tecnologia e design.

Linha 3 - CULTURA E SIGNIFICAÇÃO

Abordagens teóricas e **metodológicas** nas perspectivas dos imaginários, dos estudos culturais e das semióticas. Linguagens e produção de sentidos. Sistemas culturais e imagens técnicas. Teorias da recepção, da leitura e do consumo. A produção e a circulação dos bens materiais de comunicação. Suportes, plataformas, formatos de produtos midiáticos e suas estéticas.

Linha 4 - MEDIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E POLÍTICAS

Processos de mediação e de representação nos campos da comunicação, da informação e de suas interfaces com a cultura e a política, a partir das seguintes perspectivas: representações sociais; práticas socioculturais; identidades e diversidades culturais; construção de narrativas sociais e memória; cidadania e redes de sociabilidade; comunicação política e políticas de comunicação; comunicação pública, institucional e organizacional. Análise dos elementos do processo comunicacional e informacional em diferentes meios, suportes, grupos e contextos sociais e políticos.

http://www.ufrgs.br/ppgcom/novosite/index.php?option=com_content&view=article&id=61&Itemid=78

15) UTP (Universidade Tuiuti do Paraná – selo 4)**Área de Concentração**

A área de concentração Processos Comunicacionais concebe a comunicação em sua dimensão interacional e em seu aspecto dinâmico, abrigando tanto produtos (objetos específicos) quanto práticas culturais. Compreende também as ações simbólicas compartilhadas socialmente, o que a inscreve no campo específico da comunicação e na área das Ciências Sociais Aplicadas I. Por meio de suas linhas, descritas abaixo, essa área de concentração abarca estudos de comunicação do audiovisual, de práticas sociais (individuais ou coletivas), processos produtivos e de difusão de meios, das interações em rede e das narrativas contemporâneas em suas inserções tecnológicas.

Linhas de Pesquisa**LINHA 1 - PROCESSOS MEDIÁTICOS E PRÁTICAS COMUNICACIONAIS**

Compreende o estudo dos processos comunicacionais como práticas sociais, analisáveis em suas dimensões informativa, estética e/ou política, configuradoras de modos de vida na cultura contemporânea. Examina na circulação dos dispositivos midiáticos os aspectos de produção, circulação e potencialidade de mediação nas e para as redes sociais. Interessa-se ainda pelas formas de experiência construídas na base dos atos comunicativos, sejam elas propiciadas por produtos massivos, relações presenciais ou formações em rede. Investiga, portanto, diversas práticas comunicacionais em suas configurações, convergências ou implicações estéticas ou políticas, concebidas como ações mediatizadas por linguagens, produtos culturais e processos.

LINHA 2 - ESTUDOS DE CINEMA E AUDIOVISUAIS

Esta linha estuda a esfera do audiovisual em suas instâncias comunicacionais, narrativas e estéticas, com ênfase em seus componentes estruturais e temáticos em suas etapas do processo produtivo. Investiga a evolução histórica, tecnológica e sociocultural do cinema, da televisão e outros meios audiovisuais, e propõe subsídios teóricos para procedimentos crítico-analíticos.

<http://ppgcomutp.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>

16) ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing – selo 4)**Área de Concentração**

Núcleo epistêmico comum (comunicação);
- Foco temático (interface comunicação e consumo).

O diferencial do programa é a temática investigada: é o primeiro e único PPGCOM brasileiro inteiramente dedicado ao estudo da interface entre comunicação e consumo e das relações a ela articuladas. A análise crítica sobre a sociedade de massa e do consumo, sobre as culturas midiáticas e as narrativas do capital, inclui o estudo de teorias clássicas e a discussão de abordagens contemporâneas. É prioridade do PPGCOM a promoção de um ambiente intelectual comprometido com a agenda científica nacional e internacional e com desenvolvimento da sociedade brasileira.

Processos de recepção e contextos socioculturais articulados ao consumo

Investigação da interface comunicação/consumo no plano da recepção e dos contextos macrosociais. As diversas implicações da comunicação e do consumo no cotidiano, na cultura e na sociedade: recepção e audiências; educação; questões geracionais e de classe; novos sentidos, regimes de visibilidade, estetização e espetáculo; apropriações e ressignificações das técnicas; processos e ações socioculturais de engajamento característicos das culturas midiáticas e do consumo.

Lógicas da produção e estratégias midiáticas articuladas ao consumo

Investigação da interface comunicação/consumo no plano da produção e das estratégias midiáticas. Os sistemas e processos produtivos, considerando suas condições, narrativas e lógicas: mundo do trabalho e suas representações; relação entre entretenimento, tecnologias e digitalização da cultura; poéticas e narrativas concernentes ao campo da produção, em seus discursos e materialidades; dinâmicas midiáticas e de consumo associadas à construção de narrativas sobre a identidade e a diferença.

<http://www2.espm.br/cursos/doutorado-e-mestrado/ppgcom/o-programa>

17) PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – selo 4)

Área de concentração: Signo e Significação nas Mídias

Compreende atividades científicas de pesquisa, ensino e orientação sobre sistemas de signos e processos de significação no campo dos fenômenos comunicacionais, em especial no contexto das diversas mídias, entendidas em suas dimensões semióticas e inserções culturais, com as respectivas implicações epistemológicas, históricas, sociais e tecnológicas.

Cultura e ambientes midiáticos Estudos das relações entre a produção midiática e o contexto histórico e cultural, implicando-se, nesse recorte, as mediações e impactos sociais, políticos, cognitivos e tecnológicos na organização da vida cotidiana. Nessa perspectiva, investigam-se as relações entre comunicação e temporalidades, espacialidades, hibridismos, corporalidades, visualidades e intersubjetividades - temáticas consideradas nos níveis regional, nacional e/ou mundial.

Processos de criação nas mídias

Teorias e processos de criação nas diferentes mídias, realçando os procedimentos que tornam possíveis essas produções. São investigadas as etapas que compõem a construção de um produto midiático, enfatizando opções teóricas que entendem a obra como o resultado de um percurso de criação estético-conceitual. As pesquisas objetivam, por um lado, o acompanhamento crítico dos processos criativos e, por outro, a produção dessa crítica por meio da expressividade midiática (ou hipermidiática) em questão. Temáticas como a produção do conhecimento na área de Comunicação, a interlocução com o conceito de experiência estética e reflexões sobre autoria contextualizam os objetos de pesquisa.

Análise das mídias

Fundamentada em teorias semióticas (cultural, discursiva, peirciana), a linha de pesquisa investiga os textos da cultura midiática. Entendendo-se texto como os produtos das mídias, impressas, visuais, audiovisuais, hipermidiáticas e seus sincretismos de linguagens, analisam-se os sentidos e os regimes por eles constituídos, de visibilidade, interação, subjetividade, identidade e sociabilidade.

Regimes de sentido nos processos comunicacionais Fundamentada em teorias semióticas, dos dispositivos e de suas linguagens específicas, a linha de pesquisa investiga a produção de sentido e seus regimes de interação, visibilidade e sociabilidade, incluídos os processos de subjetivação e identitários. Para tanto, são estudados os textos e as configurações discursivas dos modos e estilos de vida nas práticas e usos de diferentes mídias e de seus sincretismos nos vários contextos.

Processos de criação na comunicação e na cultura A linha de pesquisa focaliza os processos culturais em suas diversas formas de criação e mediação. Em tais processos, a criação é entendida como rede em construção semiótica, constituindo sistemas dinâmicos de significação, cuja complexidade advém tanto do caráter geral dos sistemas, quanto das especificidades regionais dos variados objetos culturais. A mediação, em seu aspecto mais generalizado, constitui conceito central para a dinâmica de significações em todos os ambientes. Isso permite a compreensão do universo das mídias como subsistemas da cultura, no interior dos quais se encontram práticas culturais associadas a fluxos comunicacionais que envolvem trocas, transmissões e traduções.

Dimensões políticas na comunicação

A linha de pesquisa desenvolve reflexões críticas sobre a ordem comunicacional vigente, implantada em escala mundial mediante apropriações sociais de dispositivos midiáticos. Esse recorte de interesse implica a investigação de ações ligadas a diferentes dimensões dos poderes e/ou biopoderes nas relações e processos de comunicação. É nessa perspectiva de tensionamento que a linha estuda as dimensões políticas desses processos, considerando os aspectos histórico-antropológicos e éticos da ordem comunicacional hegemônica, incluídos os novos horizontes de relação com a vida e com o corpo na civilização tecnológica.

<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/comunicacao-e-semiotica#areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa>

18) UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)

A área de concentração do PPPGCOM/UFMG – Comunicação e Sociabilidade Contemporânea – demarca o interesse na investigação da dimensão relacional da comunicação, seus processos de interlocução e interfaces na vida social, abrangendo a preocupação com perspectiva interacional da comunicação, por meio de seus componentes materiais, simbólicos e sociais.

Processos Comunicativos e Práticas Sociais - A linha de pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais investiga processos comunicativos que, sob o prisma da reflexividade, configuram as relações

sociais, particularmente no âmbito da cultura e da política. Esta perspectiva incentiva a investigação do contexto sócio-histórico dessas práticas, da constituição de sociabilidades bem como das dinâmicas de poder a elas relacionadas. Os projetos nela abrigados propõem-se a analisar as formas interativas, as interlocuções, as ações dos sujeitos, os usos e as apropriações de distintos meios e estratégias comunicacionais, seja na vida cotidiana, seja no âmbito da vida pública. Disciplinas de referência: Comunicação e interação; Comunicação e espaço público.

Pragmáticas da Imagem - Esta linha de pesquisa aborda os procedimentos de criação, os modos de expressão e as formas de fruição das imagens, tendo em vista a especificidade dos dispositivos, discursos e performances que as produzem, assim como sua hibridação. A linha abriga a reflexão sobre a produção imagética, atentando-se para seus aspectos documentais, ficcionais ou plásticos. Levando-se em conta a dimensão pragmática que é intrínseca e co-extensiva à dimensão expressiva das imagens, procura-se compreender as mediações pelas quais elas instauram experiências subjetivas, políticas e estéticas. Disciplinas de referência: Imagem e mediação; Formas e processos da imagem.

Textualidades Mediáticas - Linha que realiza estudos de produtos e dispositivos mediáticos, em suas especificidades materiais, narrativas e discursivas, apreendidos tanto em sua dimensão imanente como estabelecendo modos de interação peculiares, quanto nas formas de saber que mobilizam e que se constituíram historicamente. Disciplinas de referência: Mídias e dispositivos mediáticos; Textos e processos de significação.

<http://www.fafich.ufmg.br/ppgcom/index.php/programa/linha-de-pesquisa>

19) PUC/RS (Pontifícia Universidade Católica do RS – selo 4)

Area de concentração:

Práticas e Culturas da Comunicação

Linhas de Pesquisa

LP: PRÁTICAS CULTURAIS NAS MÍDIAS, COMPORTAMENTOS E IMAGINÁRIOS DA SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

Ementa:

Pesquisa práticas socioculturais que ocorrem nas mídias ou que decorrem das mídias e da sociedade da comunicação. Estuda práticas e produtos culturais nas mídias, englobando estéticas, linguagens, estilos e modos de fazer profissional com necessárias implicações culturais e artísticas. Investiga também, nos diversos campos profissionais, suportes e produtos da comunicação, assim como no meio social, os comportamentos e os imaginários da cultura emanada da mídia ou por ela influenciada. Investiga também as teorias e os pensadores que tratam da cultura nas/das mídias e da sociedade da comunicação. Pesquisa os imaginários sociais e as tecnologias que os influenciam, produzem ou impulsionam, analisando ou gerando novas modalidades de comportamento (modos de ser no cotidiano), ações, estilos de vida, interação, lazer, entretenimento, convivência, relacionamentos e contato. Estuda as apropriações individuais ou grupais das manifestações culturais da sociedade da comunicação, produtoras de subjetividade, funcionando como reservatórios de imagens e sentidos relevantes, de sentimentos compartilhados, de valores afetivos subjacentes a ações e escolhas no cotidiano de sociedades com forte mediação tecnológica. Abriga investigações sobre o papel, a influência ou a relevância de aspectos tecnológicos sobre imaginários e comportamentos sociais. Contempla estudos de cinema, cibercultura, indústria cultural, crítica cultural de mídia, produção de sentido nas mídias, sociedade do espetáculo, sociabilidades tecnológicas e midiáticas, imaginários tecnológicos, práticas e comportamentos cotidianos modulados pela relação com o universo simbólico da mídia ou cristalizados em produtos da cultura das mídias.

retornar ao topo

LP: PRÁTICAS PROFISSIONAIS E PROCESSOS SOCIOPOLÍTICOS NAS MÍDIAS E NA COMUNICAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES

Pesquisa as práticas profissionais das mídias e dos campos da comunicação e os processos sociopolíticos que aí ocorrem, daí decorrem ou sobre eles incidem. Analisa, no rádio, na televisão, na internet e nos meios impressos, as práticas profissionais (modos técnicos do fazer profissional), suas

expressões e produtos, do jornalismo e da publicidade e propaganda. Estuda também as práticas profissionais de relações públicas e da comunicação nas organizações. Pesquisa o fazer profissional e as teorias e os teóricos que o analisam. Contempla também, nos suportes e campos citados, investigações nas quais entrem em foco os modos pelos quais são percebidas as práticas sociopolíticas que ocorrem no meio social e as maneiras pelas quais esses fenômenos conjunturais ou estruturais incidem sobre esses meios e campos, alterando suas rotinas, perspectivas, modos de produção e resultados, tais como políticas de expansão, economia política dos meios, estratégias mercadológicas de comunicação em busca de hegemonia ou de novos espaços, políticas e reformulações editoriais ou de formatação dos produtos. Engloba os aspectos tecnológicos quando estes afetam as práticas profissionais dos campos enumerados ou têm relação com processos sociopolíticos.

<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/famecosppg/ppgcom/ppgcomApresentacao#areas>

20) UMESP (Universidade Metodista de São Paulo – selo 4)

Área de concentração: Processos comunicacionais

A área concentra pesquisas empíricas e reflexões teóricas sobre os processos de comunicação social e suas relações socioculturais, as estratégias comunicacionais implementadas pelas organizações junto aos diversos públicos de interesse e as múltiplas formas, dimensões e interações no âmbito das inovações tecnológicas de informação e comunicação.

P1 - Comunicação Midiática nas Interações Sociais

Estudos dos processos e meios de comunicação em seus diferentes segmentos e suportes, seus fluxos produção, difusão e recepção, suas mediações socioculturais e estéticas em interconexões econômicas e políticas. A linha abrange investigações tanto no âmbito da grande mídia como da .comunitária e alternativa, tais como dos sistemas de informação, do entretenimento, das estruturas dos meios de comunicação e das mediações simbólicas na construção, circulação e consumo de conteúdos.

LP2 - Comunicação institucional e mercadológica

Análise dos processos de comunicação desenvolvidos pelas organizações junto aos seus diversos públicos de interesse. Estudo dos processos, produtos, instrumentos, ações, estratégias e gestão das competências de comunicação nas organizações, tais quais, a publicidade, as práticas promocionais e de relacionamento com a mídia, tendo em vista a interação das organizações com os seus públicos. Este estudo e esta análise contemplam aspectos de linguagem e discursos construídos a partir das interfaces entre comunicação e consumo, da construção das marcas, da auditoria de imagem/reputação das organizações e dão atenção a temáticas emergentes como a sustentabilidade, a governança corporativa e a gestão da comunicação nas redes e mídias sociais.

LP3 - Inovações tecnológicas na comunicação contemporânea

Pesquisa as inovações tecnológicas na comunicação, com enfoque nos sistemas dialógicos, tendo o ser humano como referência. Investiga interdisciplinarmente as aplicações comunicativas nas redes computacionais, a interação homem-máquina e os impactos socioculturais das tecnologias de comunicação, com recortes na usabilidade, inteligência e interatividade dos recursos midiáticos. Estuda os processos de fusão das mídias, as formas da armazenagem digital, as múltiplas telas, os bancos de dados, a transmídia e suas narrativas, as práticas colaborativas nas redes sociais conectadas e os processos cognitivos da comunicação atual.

<http://portal.metodista.br/poscom/projetos-de-pesquisa/area-de-concentracao-processos-comunicacionais>

21) UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas – selo 4)

Dentro do universo dos meios sobre o qual se debruça a Área de Comunicação, o Programa de Pós-graduação em Mídias desenvolve ações de pesquisa e ensino e extensão em Cinema e Fotografia. Com sua Linha de Pesquisa denominada História, Estética e Domínios de Aplicação do Cinema e da Fotografia, o Programa recebe e desenvolve projetos de pesquisa, buscando explorar a história do Cinema e da Fotografia, como também sua reflexão teórica, com o objetivo de investigar a produção nacional e internacional, bem como suas dimensões autorais. Exploramos também as possibilidades cognitivas das imagens fixas e animadas em processos de investigação nas Ciências Humanas. O

território acadêmico do Programa, se estende portanto, do cinema documentário ao cinema de ficção passando pela videoarte, incluindo igualmente o campo da fotografia documentária até as experiências abstratas.

Cinema e Fotografia, neste sentido, não podem ser analisados apenas como meios e sim, como conteúdos diversos e singulares que podem ser gerados, veiculados e divulgados através de mídia e suportes também diversos e singulares (35 mm, 16 mm, televisão, mídia digital, sala de cinema, papel, internet etc). Os campos cinematográfico e fotográfico são portanto trabalhados em suas respectivas trajetórias históricas exploradas, através dos movimentos estéticos e dos autores que pontuam suas existências centenárias. São também trabalhados os aspectos técnicos, heurísticos e artísticos de sua feitura, envolvendo atividade de pesquisa e realização, pertinentes à comunicação, às artes e às humanidades.

Linha de Pesquisa

História, Estética e Domínios de Aplicação do Cinema e da Fotografia

Concentra projetos de pesquisa que buscam a reflexão teórica sobre a história do cinema e da fotografia, explorando a produção nacional e internacional, e dando destaque a seus procedimentos criativos e metodológicos, bem como a suas dimensões autorais. Explora também as possibilidades cognitivas das imagens fixas e animadas nos processos de investigação das ciências humanas. O território acadêmico se estende, portanto, do cinema documentário ao cinema de ficção, passando pelo vídeo-arte, incluindo igualmente os campos da fotografia documentária e contemporânea e das poéticas experimentais.

<http://www.iar.unicamp.br/pos-graduacao-em-multimeios/programa-e-linhas-de-pesquisa>

Anexo B

E-mails da Compós

E-mails referentes a Portaria n. 234 de 15/12/2016, da CAPES.
Alteração da área de "Ciências Sociais Aplicadas I" para "Comunicação e Informação".

<p>E-mail 1 Colegas, Depois de alguns anos, vários ofícios e arrazoados, conquistamos direito a ter nosso próprio nome como área de avaliação da CAPES. A Portaria n. 234 de 15/12/2016, da CAPES, alterou o nome de nossa área de "Ciências Sociais Aplicadas I" para "Comunicação e Informação". Somos mais de 80 programas (incluindo os que foram recentemente aprovados no CTC), reunindo as áreas de conhecimento de Comunicação, Ciência da Informação, Museologia e Arquivologia. Essa mudança, a meu ver, não é apenas uma formalidade burocrática mas representa, implicitamente, o reconhecimento da nossa área como campo próprio de conhecimento e como segmento relevante do sistema brasileiro de pós-graduação. Saudações a todos e feliz nome novo! Maurício Lissovsky</p>
<p>E-mail 2 Grande novidade! Parabéns a todos os envolvidos por essa vitória. Marcel Vieira</p>
<p>E-mail 3 Caro Maurício, a notícia é alvissareira! cumprimentos entusiasmados a todos que trabalharam em prol da mudança! abraços Heloísa</p>
<p>E-mail 4 Caro Maurício, Em primeiro lugar, bela notícia para o campo e parabéns para todos da equipe que estiveram envolvidos no processo! Em segundo lugar, #ForaTemer! Forte abraço! Que o ano seja de mudanças em todos os sentidos, mas sempre para melhor! Juciano de Sousa Lacerda</p>
<p>E-mail 5 Uma grande conquista, Maurício! E um longo e batalhado percurso desde que a Comunicação era designada como uma especialidade da Sociologia nos anos 1970. Parabéns a você e a todos aqueles que, ao longo de todo esse tempo e em todas as agências, seja como representantes seja como pesquisadores, tornaram possível a conquista de um campo de conhecimento autônomo para a Comunicação Um forte abraço e felicíssimo ano e nome novo! Immacolata</p>
<p>E-mail 6 Que bela notícia! Parabéns e feliz nome novo para todos nós! Um abraço especial no Maurício por ter capitaneado essa conquista para a (nova) área. Uma ótima notícia pra fechar um ano tão difícil. Viva!! Grande abraço, Gisela G S Castro</p>
<p>E-mail 7 Caro Maurício, Parabéns pela conquista. Abraço fraterno, Alfredo Vizeu. Prezados, também alegre com a notícia e com seu significado.</p>

Bourdieu nos lembra que Ziff entendia o nome próprio como "um ponto fixo num mundo que se move". Nos movemos agora no sentido de nos aproximarmos de nós mesmos. É mesmo uma grande conquista. Abraços e um 2017 de muita luz e força para todos nós.
Mozahir

E-mail 8

Caro Maurício,
Parabéns por conduzir tão bem uma demanda antiga da comunidade. A mudança na denominação do nome fortalece nossa área, além de nos auxiliar no momento de estabelecermos políticas gerais, editais, junto às agências de fomento e Faps.
Feliz nome novo!
Grande abraço,
Morettin

E-mail 9

Prezado Maurício
Realmente, uma notícia excelente.
Parabéns a você e todos que se empenharam por esta mudança que, como você destacou, não tem nada de formal. Ao contrário.
Que seja, sim, um feliz nome novo!
Abraço,
Denise Tavares

E-mail 10

Que boa notícia, Maurício. A nova denominação é uma conquista política, que fortalece a afirmação de nossa área. Que a novidade nos motive no novo ano (e quadriênio) que se aproxima.
Abraços a tod@s, Laan
Laan Mendes de Barros

E-mail 11

Maurício,
Grande vitória!!!
Há anos esperávamos por essa alteração.
Parabéns a todos nós.
Fica mais "fácil" nos identificarmos com área específica!
Parabéns a todos os pesquisadores da "nova" área!!!

E-mail 12

Parabéns, Mauricio, este realmente é um presente de ano novo.
Um abraço,
Thaís de Mendonça Jorge
PPG-FAC/ UnB

E-mail 13

Excelente notícia! Inauguramos uma nova fase... Agradecimentos a tod@s que contribuíram para essa conquista.
Abraços
Cicília

E-mail 14

Caro, Maurício
enfim, uma boa notícia para encerrarmos 2016. Certamente uma conquista que precisa ser festejada por todos nós pesquisadores da Comunicação.
Parabéns ao Maurício e a todos aqueles que historicamente batalharam para que isto se tornasse realidade.
Abraços a todos e a todas e que tenhamos um ótimo 2017.
Prof. Dr. Cássio dos Santos Tomaim

E-mail 15

Caras e caros,
uma vitória, sem dúvida, política, mas principalmente epistemológica. O Brasil é um caso singular, em que a área ganha reconhecimento político que acelera as agonísticas epistemológicas pela construção de uma

identidade tardia. É só acompanhar as batalhas e limites de configurações institucionais nas agências estatais na América Latina, na vizinha Argentina em especial, na França, etc., e observar como essas batalhar e classificações de poder incidem sobre a autonomia teórica, metodológica e empírica das pesquisas em comunicação.

A vitória epistemológica deverá irrigar e retroagir sobre outras questões que compõem nossa agenda, tais como as departamentalizações dos processos formativos e de pesquisa; nas relações com outras áreas de ciências sociais, da linguagem, filosofia e artes; nas relações internacionais, com outros campos de estudos e investigações sobre a comunicação e o midiático.

Lembro, agora, de conversas com três grandes pesquisadores da área no espaço da francofonia: Miège, Prulox e Flichy. Dos três, somente o primeiro é defensor de uma epistemologia própria, comunicacional. Os outros, pesquisadores reconhecidos em suas linhagens desenvolvidas na área da comunicação, são adeptos da tese de que nossa identidade epistemológica é a mesma das ciências sociais em geral. Outros reduzem a comunicação uma questão filosófica.

Afirmar este horizonte de uma identidade política nos leva a um novo cenário para encaminhamento das questões epistemológicas direcionadas a área da comunicação, abrindo-se uma experiência ímpar no planeta. Redondo: chegamos a um novo patamar. Parabéns aos gestores desta conquista!!!

Abraços.

Jairo Ferreira

Professor Titular - PPGCC - UNISINOS

E-mail 16

Que ótima notícia, Maurício!

Parabéns para ti e todos envolvidos nesse processo de reconhecimento da área.

Um forte abraço e feliz ano e nome novo!

Cíntia Sanmartin Fernandes

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom-UERJ)

E-mail 17

Prezado Maurício, prezados colegas,
sem dúvida, uma conquista muito importante.

Abraço,

Edson

Que bom, Maurício, terminarmos o ano com essa boa notícia.

Parabéns pelo trabalho e obrigada pelo empenho.

Certamente isso nos traz ânimo para continuarmos no próximo ano e no próximo quadriênio.

Abs.

Priscila Perazzo

(USCS)

E-mail 18

Espero que, agora, voltem a deixar que tenhamos um curso de Comunicação na graduação, proibido em plena era da convergência midiática, e não continuem nos obrigando a dar apenas pedaços do campo, como jornalismo; “rádio, TV e internet”; etc.

Francisco J. Paoliello Pimenta

Permanente PPGCom UFJF

Vice-coordenador do GT de Epistemologia

E-mails sobre o artigo “suíte acadêmica”

E-mail 1

Caros,

tenho a impressão de que conseguimos construir no país um sistema acadêmico totalmente desvinculado de uma noção de mérito ou um compromisso com o avanço do conhecimento.

Em um email anterior, citei um exemplo de texto que não teria sido aceito em uma revista nacional pelo simples fato de que um de seus autores era um mestrando - e os mestrandos são os dahlits da comunicação.

gora apresento um contra-exemplo. Um artigo publicado na última edição da revista Matrizes, classificada como A2 na nossa área - ou seja, uma revista que, no Brasil, está no ápice da cadeia alimentar.

Ao ler o texto fiquei com sérias dúvidas se se tratava de uma ironia - uma homenagem ao caso Sokal, 20 anos

depois - ou se se trata de uma proposta séria, com alguma intenção de contribuição efetiva ao conhecimento (e neste caso seria algo espantoso).

É extraordinário que uma revista supostamente de ponta publique um texto destes, que alguém - uma pessoa certamente generosa - definiu como "um texto de blog, no máximo". No máximo, muito no máximo.

O problema não é o texto em si, nem seu autor (que não conheço pessoalmente). O problema é que ao aprovar esse tipo de coisa no seu espaço nobre - o dossiê - uma revista como Matrizes diz "novas teorias da comunicação abrange coisas como: "Resumo. A palavra revela seu pleno sentido: só o sumo. Mas o sumo recontado. Então, até o caroço pode entrar, se é que o caroço não é a soma, decantada, de cada gota." Não para aí. Continua. Ao longo de todo o texto.

Pode piorar? Pode, claro. O autor é da mesma instituição que mantém a revista. O texto foi aprovado em velocidade relâmpago: dois meses!

E, pior, nós, como área, dizemos que a revista é de excelência. E portanto legitimamos essa atrocidade.

A publicação de um texto como esses por uma revista supostamente de excelência só mostra o quanto nós descuidamos da nossa área, da ideia de que temos um patrimônio coletivo a manter, de que prestamos contas à sociedade.

Um texto desses só pode ser aceito para a publicação e efetivamente publicado em uma área acadêmica que se desvinculou inteiramente da ideia de que os textos são escritos para serem lidos e que se prestam para algum fim concreto, que não seja simplesmente a avaliação de currículos individuais e de Programas de Pós-Graduação.

Parece ser este o caso da área da Comunicação. Não existe QUALQUER critério de qualidade em nossa área. Nossos processos de avaliação fogem do julgamento do mérito como o diabo da cruz. Ao invés disso preferimos critérios "objetivos". Coisas como "dados bibliométricos",

Temos Grupos de Trabalho e periódicos especializados em Epistemologia e Metodologia da Comunicação - o que quer que isso signifique - mas em momento nenhum - ao menos que eu tenha conhecimento - isso se refletiu em um esforço de definir consensos mínimos em torno de quem somos, o que fazemos, com que objetivos, ou critérios.

Comunicação se consolida como a área do vale-tudo - e é de se esperar que se diga que isso na verdade é uma coisa ótima, porque indica a "diversidade da área" ou qualquer patuscada assim.

Dizendo claramente: se um texto desses é aceito o que diabos pode ser legitimamente recusado por Matrizes? Como justificar um parecer negativo para qualquer trabalho enviado, quando o artigo em questão foi aceito - e em tempo recorde?

Como justificar que qualquer artigo seja recusado por qualquer revista - quando esse aí foi aceito por uma revista que a área diz que é de excelência?

Mais honestamente ainda: como justificar o pedido de verbas públicas para justificar uma área que define poemas aleatórios, sem pé nem cabeça como teoria da comunicação?

É claro que é mais fácil não falar nada. Ninguém é contrariado. Todos são aceitos. Tapinhas nas costas são distribuídos (e como são). Já espírito de pesquisa, tentativa de produzir conhecimento novo, rigor acadêmico...

Espero que em algum momento nossa área se preocupe em discutir com alguma seriedade uma política acadêmica de verdade. Isso que estamos fazendo é suicídio. Em algum momento alguém descobre que o rei está nu, fazendo piruetas na barra de pole dance.

abraços,

Afonso

E-mail 2

Concordo plenamente com o comentário do Afonso e acho que está mais do que na hora de colocarmos o dedo na ferida.

Tenho certeza que acontece, com muitos aqui, o que acontece comigo como parecerista. Canso de fazer pareceres recusando artigos, justificando criteriosamente os motivos, e estes mesmos artigos são publicados, sem qualquer modificação, em outras revistas. Artigos que desconhecem o estado da arte, muitas vezes sem qualquer resultado original, "reinventando a roda" ou requeitando o que o próprio autor já disse inúmeras vezes.

É desanimador. E é difícil manter a meta de publicação quando o pesquisador tem autocrítica e níveis altos de exigência. Mas não é assim que a área deveria pensar, para construir conhecimento de qualidade?

Abs

Marcia Benetti

E-mail 3

Prezados,

Também concordo com o Afonso. Não conheço o autor mas, em especial após a nossa discussão recente sobre

as revistas A2 da área, todo o nosso empenho na reunião da Compós no sentido de ampliarmos a quantidade de revistas neste estrato, etc e, inclusive, nossa concordância em manter a Matrizes neste estrato, é bem desalentador e incompreensível ver um texto assim nesta revista.

E, claro, a questão não é o autor. Mas sim a revista aprovar o texto como "científico". Por mais que eu apoie a importância de revisarmos paradigmas, discutirmos teorias que sempre surgem como "verdades consolidadas" (algo que nas áreas das humanas é sempre discutível, etc), acredito que o caminho escolhido pela revista não é exatamente uma "contribuição".

Se era apenas para criar polêmica, também não acho que seja uma trilha interessante.

Um bom domingo de outono a todos.

Denise Tavares

E-mail 4

Li o texto mencionado. Simpático e bacaninha - o que reforça a razoável tese de seu deslocamento.

E é impossível não fazer coro aos colegas da lista nas ponderações acerca do pesado jogo de inserir-se em publicações qualificadas. E o que ele significa e deve significar.

Nas conclusões, o autor nos brinda: não se conclui nada sem um antes.

Disso, não há como discordar.

abs a todos.

Mozahir Bruck

E-mail 5

Caros,

Na tentativa de entender, também fui ler o texto. Realmente, foge de qualquer modelo do que vimos exigindo e praticando.

Aliás, onde ficam as Normas ABNT, APA etc.?

Acabo de ler o "Ciência sem dogmas", de R. Sheldrake e tento localizar encaixes científicos para tal investitura... Onde?

Parece mais expressão de modelação artística, como liberdades formais e conceituais assumidas pelo autor.

Fui ver o Lattes, para me situar, e não encontrei nada... Será engano meu?

Estranho, muito estranho. Que será que aconteceu?

Por certo, tal tipo de situação merece a atenção da área, como apontam Afonso e demais.

Bom, resta enviar desejos de um bom dia do trabalhador a todos!

Squirra

E-mail 6

Um artigo sem referências, sem citações. Completamente desconexo, mas temos/tenho artigos recusados com pareceres absurdos. Recusam-se textos porque as referências "não dialogam com a área", sendo bastante claro que o avaliador sequer conhece os autores. Lembra, de fato, as poesias de colegas de 19 anos da graduação que escreviam poemas de fluxo de consciência. E nós, imagino que o mesmo já tenha acontecido com os colegas, tendo artigos atrasados para a AVALIAÇÃO por mais de um ano ou recebendo pareceres que levamos semanas para desvendar a linguagem críptica do avaliador e que, não raro, não passa de "encheção de linguiça" porque aquele avaliador específico "não gostou do teu artigo/tema/autores/etc"

Uma revista A2.

Me pergunto: de quem o colega João, que também não conheço, é amigo.

O nepotismo-fraternal na área da comunicação é uma praga.

"meus cupinchas", editais sob medida, inscrições para seleções não-homologadas porque as secretarias extraviam documentos, mudanças de editais um ou dois dias antes de suas deadlines, recém-mestres ministrando aulas que deveriam ser ministradas, pelo menos, por recém-doutores, seleções de corpos administrativos completamente baseadas em afinidades políticas, currais intelectuais onde se você não estuda/pesquisa Latour, Ranciere ou toda a gama de autores derivativos pode até concluir satisfatoriamente sua pós-graduação mas certamente jamais receberá elogios ou oportunidades e, raramente, se é aprovado. Professores graduados assediando alunos em plena sala de aula e simplesmente "temporariamente afastados", outros com anos de carreira sem jamais ter publicado um artigo ou participado de um evento ou sequer concluído um doutorado. Artigos bem escritos e embasados recusados com pareceres que parecem ter sido escritos por estudantes de primeiro ano de graduação (quando não recebemos, sem ressalvas, dois pareceres completamente diferentes e com indicações para melhorias do texto que vão desde abstrações enigmáticas até 'reescreva todo o texto' - e ainda assim o veredicto é "aprovado requerendo modificações"). Discussões com réplicas e trélicas que se valem praticamente de ataques pessoais à biografia profissional de colegas, acusando colegas engajados na discussão de "preguiça", de "não ler tal livro" ou, ainda pior, ignorando argumentos e

focando na “deselegância” do autor. Teimosia plena de não se ler determinados autores considerados “fora de moda” e que devem ser ignorados ou rechaçados instantaneamente. Pesquisas publicadas nas maiores revistas nacionais que se tratam de “descrições de uso” de ferramentas de social media, dezenas (se não centenas de artigos) sobre os mesmos temas, com os mesmos vieses, com centenas de gráficos muito belos mas que não dizem absolutamente nada nem sobre o estado da sociedade ou sobre os usos e práticas de tecnologias ou, no geral, da Internet e nenhuma preocupação genuína em se levantar o Estado-da-Arte de determinado assunto. Pesquisas feitas na Compós mostram trocentos trabalhos interpelando os mesmos autores, os mesmos paradigmas (se não me engano o campeão da Compós 2015 foi Ranciere). Pesquisa-aplicação-de-fórmula, intelectual-justifica-tudo.

O mantra era : publish or perish. No Brasil está cada vez mais “crie intimidade com seus superiores ou perish”.
Pedro Henrique Reis

E-mail 7

Fiquei curioso e fui ao texto.

Ninguém disse ainda, mas o artigo é de João Carrascoza, professor doutor da ECA/USP, publicitário e escritor de romances. Ao que parece, permeia o texto uma ironia publicitária (pouco sutil) ao método científico.

Sou professor dessa disciplina na graduação de comunicação da UCB e, sinceramente, não teria coragem de ocupar o tempo dos meus alunos com a leitura desse artigo. Uma pena, porque a ideia parecia boa. Mas ficou apenas entre o “bacaninha” (como disse alguém aqui) e o inconsequente.

Não creio que o conselho editorial tenha aceitado o texto como “provocação”, como costumam dizer aqueles que são surpreendidos pela censura. E não há como não supor tratar-se de um tributo (por algum motivo) ao colega de trabalho.

Enfim, há muitas possibilidades de pensarmos a justificativa da escolha. A própria Editoria da revista poderia se manifestar aqui também, embora não seja obrigada a isso.

Repensar os critérios de avaliação e de classificação das publicações da área é algo bastante saudável que já vem sendo ventilado por diversas “brechas” nesse grupo. Não sei como isso pode ser feito, mas quem sabe poderia fazê-lo.

Pela honra da casa, talvez!

Abraços

Prof. Dr. Luiz Carlos Assis Iasbeck

E-mail 8

Enquanto isso, em outra revista A2, um artigo está há quatro meses “aguardando designação”.

Mais de 120 dias esperando a boa vontade da pessoa responsável encaminhar o artigo para pareceristas (ou recusar sem ninguém ler, sabe-se lá).

Força pra nós, abs

Carlos d'Andréa

E-mail 9

Prezadas e prezados,

junto-me ao coro para dizer que é uma pena. Para a revista, certamente, pois, como apontou Afonso, futuras recusas se tornam menos legítimas dada a aprovação do artigo poema (que não seria aceitável para uma revista B5), mas, também, como vi alguns apontarem em outra rede, por aqueles que já foram recusados no passado, após enviarem estudos e artigos, de fato, científicos à revista.

Mas é uma perda também para área. Torna evidente um dentre vários problemas que enfrentamos. Gostaria de ressaltar aqui o problema dos pareceres da área de comunicação, que sempre me parecem muito aquém de uma avaliação científica ou séria. A título de exemplo (e consciente que muitos já viveram o mesmo), posso dizer que já recebi pareceres positivos e tive o artigo negado por “excesso de doutores” e já tive alguns artigos aprovados sem um ÚNICO pedido de melhoria ou correção. Algo que seria completamente inaceitável em journals científicos ou mesmo em outras áreas no Brasil.

Para além de todos os problemas já apontados por Afonso, Diógenes e colegas em mensagens anteriores, certamente é hora de debatermos como a área faz e como considera a importância dos pareceres para as revistas científicas. Não podemos mais aceitar pareceres de 4 linhas que não acrescentam em absoluto seja para aprovar seja para reprovar o artigo e que ainda permitem que este tipo de texto seja aprovado.

Ademais, é oportuno pensarmos em mecanismos que impeçam que semelhantes artigos sejam aprovados em revistas qualificadas, como é o caso do desk review, algo amplamente utilizado em vários journals internacionais e em algumas revistas brasileira.

att,

Rafael Sampaio

Rafael Cardoso Sampaio

E-mail 10

Colegas,

Os editores da revista já se manifestaram. O Editorial da **Matrizes** faz referência ao texto e justifica-o da seguinte maneira:

"Dando continuidade ao Dossiê, apresentamos o texto de João Anzanello Carrascoza, *Suíte acadêmica: apontamentos poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação*, que é, para dizer o mínimo, inovador, no qual o autor propõe um conjunto de "extratos líricos" que permitem pensar sobre o que se poderia chamar de uma "poética da investigação". Exercício sensível, complexo e aberto, feito com a preocupação de instigar a percepção e a sensibilidade do pesquisador."

Evidentemente podemos todos ter posições próprias quanto à qualidade do texto produzido e quanto à sua efetiva capacidade de "instigar a percepção e a sensibilidade do investigador". Mas isso é verdade para qualquer texto e os editores da revista viram nesse, em particular, qualidades suficientes para a publicação.

Acredito que o problema maior e que talvez esteja na base do desconforto e das discussões até aqui na Lista seja o **lugar de sua inserção**, como peça do **Dossiê** da Revista, ao lado de textos "academicamente corretos", já que o *Suíte Acadêmica* pretende ser um produto híbrido (e impuro como todo híbrido) ao buscar transitar entre dois formatos discursivos ou entre o *logos* e o *pathos*, como quer o autor.

Pergunto: se os Editores da Revista tivessem aberto uma sub-Seção específica neste número da **Matrizes**, digamos mais abaixo no Sumário, após *Resenha de Livros*, denominando-a *Ensaio de Poética Acadêmica* (ou algo pelo estilo) e ali inserido o texto, sem riscos de contaminações por proximidade, estaríamos assistindo a todo este furor na Lista?

Saudações,

marcos palacios

E-mail 11

bom dia

aproveito a carona do Marcos Palácios para recomendar uma leitura bastante instigante do livro de Gonçalo M. Tavares, que também é professor de epistemologia na Universidade de Lisboa.

"Breves notas sobre Ciência", o qual uso em meus cursos de metodologia da pesquisa para abrir poeticamente o tema da aula, tensiona com profundidade, humor e perspicácia aspectos relegados no debate acadêmico.

Nilda Jacks

E-mail 12

Caros,

Passando aqui apenas para reforçar a indicação feita do livro de Gonçalo Tavares. Breves notas Ciência. Um grande escritor.

abraços,

Beatriz Furtado

Curso de Cinema e Audiovisual -UFC

E-mail 13

Colegas,

Concordo. No mínimo, um ponto de partida.

Saudações,

Alexandre Curtiss

E-mail 14

Me perdoem voltar a comentar sobre esse assunto.

Como recém doutor, que tive artigos recusados pelos motivos mais estapafúrdios, e que releu o texto em questão várias vezes, o que os colegas apontam como "poético" me soa como se o colega tivesse sentado com um Aurélio em mãos e transcrito a definição de palavras. Compará-lo a Gonçalo Tavares é uma afronta ao trabalho de Gonçalo.

Acho que falo em conjunto com alguns dos colegas que a indignação é que um texto sem sentido (o segmento "Título" do texto gerou risadas até entre meus avós, que sequer tem o segundo grau completo e entre amigos que são poetas publicados) seja publicado sob a alcunha de uma justificativa tão sem sentido quanto o próprio texto. Enquanto isso, recebemos negativas de publicação porque usamos pontos de exclamação (aconteceu comigo em texto enviado recentemente para a COMPOS - a única justificativa para a negativa era essa!).

Não é furor, é só que, minha opinião, parece que o descaramento de como as coisas "são" chegou ao nível em que "quem você é" garante a publicação e a norma de "avaliação cega" é um mito (os esse cego vê melhor do que eu).

A pergunta é: alguns dos colegas com anos de experiência e que são avaliadores cegos de diversas revistas,

inclusive Galáxia, Matrizes e FAMECOS, as revistas A2, teriam seriamente aprovado esse texto?

Prezado Paulo Henrique,

Reitero o que afirmei anteriormente.

Podemos todos divergir quanto à qualidade de qualquer texto, publicado em qualquer revista. Quem de nós já não leu um (?) texto e se perguntou ; "Mas que diabo! Como foram publicar algo tão medíocre! " ?

O que não podemos é querermos aqui discutir como se fosse um artigo científico, um texto que - declaradamente - não o é.

É absurdo esperar que um texto com a proposta de um confronto poético entre *logos* e *pathos* (como quer o autor), que se proponha a "apresentar extratos líricos" associados às partes de um projeto de pesquisa traga referências ou citações!

Por que? Porque fala de pesquisa?

Isso equivaleria a exigir que textos científicos sobre Camões fossem rimados e metrificados...

Por que todo esse mal-estar ocorre, chegando a descambar para ofensas e acusações bastante sérias de leviandade e falta de ética? Porque, como afirmei anteriormente, o texto em questão está mal posicionado no contexto da revista, integrando o Dossiê, ao lado de dois outros artigos de formato reconhecidamente científico.

É a sensação de "estranho no ninho" que gera o mal-estar, como na célebre *Enciclopédia Chinesa Borgeana* em que os cães eram classificados como: a) pertencentes ao imperador; b) embalsamados; c) domesticados; d) leitões; e) sereias; f) fabulosos e por aí afora...

Se algo semelhante caísse em minhas mãos como parecerista, eu inicialmente avaliaria se minhas áreas de competência e conhecimento me permitiriam proceder à análise; se decidisse que sim, avaliaria a qualidade do texto pela sua proposta; se considerasse que dentro da proposta havia qualidade que justificasse sua publicação, faria ver aos Editores que não se tratava de um texto acadêmico/científico, mas de um ensaio de cunho literário/poético que não poderia ter lugar ao lado de textos acadêmicos, pois -quase certamente - geraria imediata dissonância; sugeriria, caso os editores considerassem que a revista estaria aberta a textos dessa natureza, que a publicação se desse em uma seção separada, intitulada *Ensaio Poético/Acadêmico*, ou algo semelhante.

Se em vez do texto em questão, tivéssemos um ensaio fotográfico intitulado "Buscando Inspirações Visuais para meu Projeto", ou algo semelhante, devidamente colocado em uma seção intitulada **Ensaio Fotográfico**, causaria o mesmo estranhamento?

Por outro lado, em nome do decoro acadêmico e para evitar que caíamos naquilo que atualmente tanto criticamos em nosso mundo político (condenar antes de provas; julgar sem parâmetros adequados etc) eu sugeriria que a discussão se mantivesse afastada de ofensas pessoais e insinuações de condução anti-ética por parte de quem quer que seja.

Saudações,

marcos palacios

Em Tempo: Não conheço pessoalmente o Autor.

E-mail 15

Marcos e colegas,

sobre a sua proposta, acho que não seria uma desmoralização completa e absoluta do espaço do dossiê - como de fato foi.

Restaria a pergunta: por que cargas d'água uma revista - que a área considera de referência precisaria de um espaço chamado Ensaio de Poética Acadêmica ? Seria porque falta poesia em nossas vidas de acadêmicos?

Porque ciência sem poesia vale menos?

Ocorre que existe uma questão fundamental que permanece: o espaço da revista é restrito, as pessoas enviam textos e esperam meses ou mais de um ano por uma resposta. Não tem espaço pra todo mundo. Mas tem espaço para essa tal de poesia acadêmica? Para isso tem blog...

Sobre a justificativa da revista, é sinal do problema fundamental que acomete a nossa área: faltam parâmetros de qualidade e falta discussão de conteúdo. Falta, sobretudo, a crítica, o esteio fundamental da produção científica. O resultado é o vale tudo. Que, claro, não beneficia igualmente todo mundo, mas só aqueles que têm status o suficiente que podem cometer esse tipo de coisa.

O que fazemos, basicamente, é inventar critérios artificiais de avaliação, sem qualquer preocupação com objetivos concretos, sem política estratégica ou nada disso. Pior, criamos critérios que todos possam atingir. Ou seja: como área não queremos ir a lugar nenhum.

Inventamos um colchão confortável para os "pesquisadores estabelecidos": os periódicos A2 e B1 da área.

Como a avaliação dos periódicos depende do prestígio dos pesquisadores que publicam lá e os pesquisadores devem confirmar seu prestígio publicando em "periódicos qualificados" cria-se a máquina perfeita de distribuição de prestígio e recompensas dele derivados: bolsas, taxa de bancada, notas do PPG, cargos "de liderança", além de prêmios e os tapinhas nas costas tão férteis nesta lista.

Tudo depende, claro, de nunca avaliarmos o conteúdo do que se publica, porque isso poderia mostrar que o sistema de prestígio que tanto prezamos tem uma relação muito incidental com o mérito real.
O que seria naturalmente um desastre para uma área que se comporta mais como corporação de ofício do que como instância de vanguarda, comprometida com o avanço do conhecimento.
É, claro, uma bolha, por ora confortável para muitos de nós. Uma bolha mantida com verbas públicas e totalmente a salvo da ideia de que se tem de prestar contas do que fazemos. Não somos muito diferentes do nosso Judiciário neste sentido. Apenas não tão bem sucedidos.
O texto da Matrizes apenas demonstra pelo excesso o que na verdade é o padrão da nossa área. E a verdade é que parece que muito pouca gente liga. Tá tranquilo, tá favorável, então vamos deixar desse jeito mesmo. ..
abraços,
Afonso

E-mail 16

Marcos, boa tarde

Desculpe-me mas.... ler um artigo "como se fosse um artigo científico, um texto que - declaradamente - não o é" parece-me, então, que houve um problema quanto ao gênero, uma vez que ao ler uma Revista Científica, independente do qualis espero encontrar um artigo do gênero científico!!!

Agora se fosse para ler poética ou algo assim buscaria uma revista que se dedicasse ao tema.

att,

Patricia Coelho

E-mail 17

Olá a todos,

Acredito que o debate sobre o assunto realmente deveria ultrapassar o particular e tentar a partir dele, inferir uma generalidade que seja produtiva para todos nós. Acho a fala do Afonso perfeita para isso. Vou ser redundante aqui e trazer um trecho que considero fundamental: "faltam parâmetros de qualidade e falta discussão de conteúdo. Falta, sobretudo, a crítica, o esteio fundamental da produção científica. O resultado é o vale tudo. Que, claro, não beneficia igualmente todo mundo, mas só aqueles que têm status o suficiente que podem cometer esse tipo de coisa."

Não seria o momento perfeito para se pensar em definir, publicamente, via comunidade de pesquisadores, os parâmetros de qualidade e os modos mais "adequados" de discussão de conteúdo e avaliação dos trabalhos na área? Eu sinceramente acho que isso, se existe, não está explícito. Talvez seja o momento de uma autocrítica coletiva para reestabelecer parâmetros que se algum dia tivemos, a meu ver, foram perdidos.

Seria muito bom, como recém doutora, saber que existem parâmetros definidos e públicos de avaliação qualidade para um trabalho.

Já aconteceu no meu caso, diante de um parecer negativo e um positivo (revista do extrato A do Qualis) ao sugerir uma terceira avaliação, o editor afirmar que a pessoa que fez o parecer negativo era "importante demais" para ser contestada.

Já soube também, de casos onde trabalhos de pessoas "importantes" foram aceitos em revistas Qualis A sem passar pelo peer review, gerando um profundo desconforto posterior, já que o trabalho, sem revisão por pares, continha uma série de problemas, desde referências "falsas" até inconsistências teóricas. O assunto foi resolvido gerando uma réplica ao artigo por um pesquisador que notou o absurdo publicado. Mas a questão da falta de parâmetros ou talvez a existência de parâmetros personalistas, "cordiais", permanece e deveria ser considerada um desafio a ser resolvido.

Dessa forma, fica a sugestão para criação de um espaço (pode ser mesmo via lista) para que isso seja pensado, discutido e divulgado publicamente.

abraços

Juliana Rocha Franco

E-mail 18

Afonso e colegas,

Se a Matrizes ou qualquer outra revista tem ou não necessidade de uma seção intitulada *Ensaios de Poética Acadêmica* é, em meu entendimento, uma questão de decisão editorial. Não me parece que caiba à "área" (?), ou a qualquer de nós individualmente ou em grupo, definir o que é ou não aceitável em termos depolítica editorial de uma revista em particular, seja ela Qualis A, B ou C.

Ao editarmos uma revista temos que, por força, tomar decisões quanto a seus rumos, escopo, apresentação etc e tais decisões não se fazem sem riscos. Decisões erradas podem levar a desastres, algumas vezes sem retorno. Editar é assumir tais riscos e responsabilidades. No caso em tela a decisão de inclusão foi tomada e justificada em Editorial. Parto da pressuposição da boa-fé de tal decisão, concorde ou não com ela.

Difícilmente parâmetros de qualidade serão homogêneos em todo espectro editorial da área e tanto melhor que

não o sejam, pois se assim fosse quase certamente estaríamos caminhando não para um ápice de qualidade, mas muito mais provavelmente para uma ossificação do aceitável e do não aceitável. É justo que se busquem padrões mais altos de avaliação, mas com plena liberdade editorial, assumidos os riscos que isso implica. Não sei o que você chama "critérios artificiais de avaliação".

No caso de decisões do que se publica ou não, somos nós, enquanto pareceristas e membros de conselhos editoriais que estabelecemos "critérios de avaliação". Posso afirmar que jamais emiti (ou recebi!) um parecer de quatro linhas, ainda que muitos de trabalhos que receba para avaliar talvez não valham muito mais que as quatro linhas. É alarmante a quantidade de textos impubescíveis, sob qualquer critério, que chegam às mãos de pareceristas. Falo por experiência própria: rejeito muito, muito mais do que aprovo, mesmo com solicitação de emendas. E cabe aos Editores a tarefa de colocar em "quarentena" e - a seu devido tempo - excluir os pareceristas que não se mostrem à altura da tarefa que lhes foi confiada.

Ninguém é obrigado a aceitar participação em conselhos editoriais; se alguém é convidado e aceita (para engordar seu Lattes ou acarinhar seu ego) o faz assumindo o ônus de um trabalho responsável e acima de qualquer suspeita.

O mecanismo de auto-alimentação das revistas A+ e B1 e pesquisadores de prestígio de fato existe, mas não é privilégio de nossa área.

Você afirma que "o texto da Matrizes apenas demonstra pelo excesso o que na verdade é o padrão da nossa área".

Para mim "o texto da Matrizes" é um caso anômalo, objeto de uma decisão editorial discutível - porém legítima - e especialmente em meu entendimento, publicado "fora de lugar", em comparação e portanto competição direta com textos "academicamente corretos".

Daí o furor de alguns: "não publicam meu texto científico, mas publicam má poesia"....

Volto a perguntar: se em vez do texto em questão, tivéssemos um ensaio fotográfico intitulado "Buscando Inspirações Visuais para meu Projeto", ou algo semelhante, devidamente colocado em uma seção da Matrizes intitulada Ensaio Fotográfico, causaria o mesmo estranhamento? Estaríamos aqui empenhados nesta já alongada - porém sempre produtiva - discussão?

Saudações,
marcos palacios

E-mail 19

Prezados, prezadas,

Prezo sempre as posições do Afonso. Sempre me pareceu um batalhador sério pelas coisas da comunicação e do jornalismo. Mas leio a proposta de Carraszo com outros olhos. Eu não poria o ponto de interrogação: trata-se, de fato, de uma proposta séria. Séria mas incomum em nossa área. Séria porque fala coisas numa linguagem pouco convencional. E o pouco convencional às vezes nos bate de frente, exatamente porque buscamos sempre o convencional. Séria porque é poética e, como dizia Novalis, quanto mais poético, mais verdadeiro.

Todos nós batalhamos para o reconhecimento da área. Para que nossas revistas contem com pareceristas que saibam, pelo menos, tanto ou mais que nós.. Que os comentários venham acompanhados de sugestões positivas, que realmente melhorem os textos. Precisamos ouvir também o que é diferente. E, nesse sentido, a frase do Carraszo é ideal: "Ouvir com máxima atenção quando o outro fala, sem pensar em resposta, ouvir com máxima atenção quando o outro fala, para flagrar sob a copa de suas palavras, como a das árvores, o que é sol e o que é sombra".

Exatamente. Separar o que é sol do que é sombra. Devo dizer que não conheço o autor, apesar de trabalhar na mesma ECA há 42 anos, nem morro de amores pela Matrizes, que recentemente recusou um texto meu sobre Whitehead e o princípio da comunicação. Também eu acho que o consultor não o entendeu, mas não vou discutir.

Concordo com ele quando fala dos objetivos. O geral e o específico. "Geral: estudar o que dizem os veios da pedra. Específico: encostar a orelha na pedra e ouvir, sorrindo, os silêncios circunscritos. Não se abalar, se o objetivo não for inteiramente atingido. Nunca será". De fato, podemos nos ater ao que está explícito, evidente, notório. Mas... Ouvir os silêncios, para isso é preciso aprendizado, como diz Walter Benjamin a respeito do "saber perder-se numa cidade". Outro maldito que nunca foi devidamente respeitado por Adorno por ser demasiado "fora da casinha"...

Nós estamos nos comportando como o tirano Adorno, sempre achando que devemos pôr Walter Benjamin nos trilhos da boa ciência, a dele. A ironia é que hoje quem sobrevive é o livre pensador, aquele que não acreditava numa filosofia que não conseguia ler o futuro numa borra de café.

E, quando fala das Referências, Carraszo é fulminante: "Não mencionar somente os puristas, em algum trecho dar voz aos híbridos, aos clowns, aos derrotados (que venceram o esquecimento). E não se esquecer, jamais, de seu amigo de infância. Nem do Manuel, da padaria". Querem proposta mais democrática que esta? Possivelmente a encontrarão em Feyerabend, esse outro malvisto pela comunidade dos seguidores de normas,

dos que nunca transgridem, dos que impõem normas...

Por fim, compactuo com sua proposição de método, esta miséria a nos amarrar todos à camisa de força da violência acadêmica: "O método é, apenas, uma prescrição para a viagem. Uma bússola primitiva, como o sol. A desvantagem do método? Ser um meio per se, como a existência – e nada prepara melhor para a vida que o viver". Também acho que só o viver, inclusive o viver a própria pesquisa, é que justifica a verdadeira, sincera e descompromissada pesquisa.

Não concordo que o ensaio deva mudar de lugar. Ele está no lugar certo. No dossiê. Isso pode chocar a muita gente. Mas, falando sério, por que tanta gente se choca com o novo, o inusitado, o estranho, o que lhe escapa das formulinhas fechadas? Nossas vaias são sinceras, diz ele, e as palmas mentirosas. Pois bem. Que venham as vaias!

Ciro Marcondes Filho

E-mail 20

Lindo, o texto do Giro. Um raio de sol iluminando a sombra.

Maria Cecília de Sá Porto, doutoranda

E-mail 21

Ciro, de minha parte sem vaias

Nilda Jacks

E-mail 22

Caro Giro

Excelente reflexão. Uma aula para todos nós – sobre comunicação, justamente.

Complementa, pela substância, as sérias reflexões de Marcos Palácios sobre as lógicas do processo.

Grande abraço aos dois,

Braga

E-mail 23

Da minha parte também não ouvirão vaias.

A título de ilustração o autor é um escritor muito bem sucedido com prêmio Jabuti, muitos livros publicados e sempre elogiados.

Então não haveria a fissura narcísica de ver seu nome impresso.

Alguma pressão das instituições onde ele é professor pode ter acontecido e ele pode ter respondido a elas, como a nós, propondo outra forma de pensar comunicação.

As pedras dele devem ser amigas das do Manuel de Barros.

Ieda Tucherman iedatucherman@gmail.com

E-mail 24

Basicamente acho que estamos diante de um Baile da Ilha Fiscal da área da Comunicação.

O problema de fato não é o soneto transformado em artigo em uma das revistas "de excelência" da área.

É o fato de que nós jogamos para o escanteio toda e qualquer pretensão de sermos uma área de conhecimento no sentido minimamente rigoroso do tema.

Está consagrado o princípio do vale-tudo.

Claro, fico curioso para saber como os avaliadores de Matrizes, já que consistência teórica, metodologia, fundamentação bibliográfica foram oficialmente banidos como critérios de avaliação.

No lugar, entram o eu lírico do autor, o fluxo das palavras, ou qualquer coisa que se queira por no lugar.

E, claro, ser doutor.

Somente doutores podem cometer poemas aleatórios e publicar como pesquisa científica.

Na maior parte dos casos a mediocridade é resultado da falta de empenho ou de competência. Em nossa área a mediocridade parece ser o objetivo mesmo. E, de fato, somos extraordinariamente bem sucedidos neste projeto.

Acho que, finalmente, conseguimos dissociar inteiramente a avaliação de qualquer princípio de mérito. Avaliamos revistas, PPGs e pesquisadores, distribuímos recursos públicos e isso tudo sem absolutamente qualquer critério.

Sem qualquer objetivo estratégico.

Como fantasia, pode ter dado muito certo enquanto os recursos eram abundantes.

Quando diminuírem - e todo mundo aqui SABE que vão - aí é que serão elas...

Parabéns a todos nós

Afonso

E-mail 25

Caros,

Gostaria de subscrever a excelente manifestação do Ciro. Só dois reparos.

É pertinente pensar como o Marcos em propor estilos editoriais em que surjam opções de Seção para outros formatos de expressão, quando vemos uma crescente e alarmante padronização da escrita “científica” num jargão cada vez mais empobrecido, rebaixando a riqueza e o teor crítico dos discursos reflexivos. Isso já começa a ser praticado, ainda que timidamente em publicações da nossa área, como a Rebeca entre outras. As Seções podem ser uma estratégia mais justa e republicana para negociarmos com a fúria dos pares mais “científicos”, positivistas, quadrados ou o que sejam.

Outra coisa, causa estranheza, é muita ironia falar em atrocidades adornianas em tempos apoteóticos de Rede Globo e de linchamentos mediático-jurídicos. Leitores atentos do Mínima Moralia ou os Relatos de sonhos, do Adorno (que levou a um editor uma coleção deles para publicar como livro, depois de publicar alguns deles em revistas acadêmicas), acharão difícil saber do que fala o Ciro. Acho às vezes que Hanna Arendt tinha mesmo razão ao dizer que Adorno foi o primeiro e único discípulo do Benjamin. Adorno foi mal lido no Brasil. Talvez isso explique a histórica ingenuidade da esquerda face aos media. Em Esfera pública e experiência, livro dedicado a Adorno, Negt e Kluge propunham nos anos 70 a formação de uma esfera pública de esquerda. Hoje tenho amigos que choram ao percorrer toda a grade da TV aberta e paga para ter a sorte de achar a Tereza Cruvinel na TV Brasil. É de chorar mesmo.

Abraços,

Rubens Machado

E-mail 26

Solidários pesquisadores!

Raras vezes vi um texto recentemente publicado ser tão lido, não sei se vi algum ser tão comentado, e por acadêmicos de grupos políticos tão distintos!

É impressionante, conseguir isso, num ambiente acadêmico onde só se lê e se cita quem é do seu grupo de pesquisa ou de grupos aliados -- ou, no máximo, um ou outro avatar gringo. Fenomenal!

Vamos todos escrever Ensaio Acadêmicos Poéticos, eis a nova onda da prosa acadêmica que viraliza!

Abraços, enquanto nos regozijamos com a crítica autorreferente, a universalidade da esfera pública se esfarela e rodopiamos em direção ao Daesh neopentecostal.

E-mail 27

Caro Afonso, caro Rubens,

De fato podemos estar perto do baile da Ilha Fiscal, mas, como reagir a isso? Nos dobrando ante as exigências de cada vez mais positivismo em nossas pesquisas ou brigar por um reconhecimento diferente de nossa área? Por exemplo, afirmando que comunicação é um saber autônomo e específico – pelo qual eu sempre tenho batalhado – com critérios, propostas, modos de investigação próprios.

Rubens: continuo não achando que textos como esse que saiu na Matrizes deva ficar na seção 'Dossiê'. Porque, senão, teríamos que criar uma seção dos excluídos, dos 'que não pertencem à comunicação como ciência', um grupo de marginais aos quais daríamos, por caridade, um pedacinho da revista. Não! O ensaio, como disse, é sério. Basta olharmos com outros olhos e menos preconceito.

E julgamentos como esse – você não pertence à turma dos “cientistas” - cairiam fatalmente sobre um Bachelard, um Bataille, um Artaud, talvez mesmo sobre um Barthes ou um Serres. Todos muito fora da casinha. Exatamente porque misturavam ciência com outros saberes, porque renegavam a leitura dos positivistas lógicos, porque sabiam que em comunicação as coisas acontecem de forma diferente. Por isso. eles eram inconvenientes e a máfia dos sartreanos – por exemplo – os caçava e os expurgava. Não queremos isso para nós.

Mas é isso, Rubens. Nossa Academia também está cheia de vilões. Você não concorda com o que eu disse de Adorno. Mas quem era exatamente essa figurinha? Um sujeito que rejeitava o jazz porque era coisa de gente sem cultura, que não usava o nome judeu Wiesengrund para passar por ariano, que negou-se a publicar um livro de música de Günther Anders porque não foi citado uma única vez, porque queria excluir Herbert Marcuse do grupo e cassar-lhe a bolsa de pesquisa, porque retirou o nome de Hanns Eisler da composição que fizeram juntos na Califórnia, porque queria Horkheimer ciumentamente só para ele e os dois acabaram se confinando na Califórnia para escrever o Dialética do esclarecimento? Tá bom ou precisa de mais? Ainda tem coisa...

Não é verdade que ele admirava Benjamin. Ao contrário. Ficou furioso com a primeira versão do livro Passagens e mandou Benjamin reformular muita coisa. Também o estudo de Baudelaire não lhe agradou inteiramente. A cada texto que Benjamin lhe mandava, a partir da França, portado por Hannah Arendt, Benjamin tremia nas bases. Tinha pavor de Adorno e de suas correções ou de suas insinuações do tipo “Dê uma olhada em meu artigo sobre o assunto, lá tem mutia coisa...”!

Mas, meus queridos, este debate está ficando bom! Em verdade, eu acho que é isso que faz o saber andar, nos faz rever nossas posições, nos faz caminhar para frente. Isso para mim é que é vida acadêmica! Que bom! E com gente competente! Como na Compós e em outros encontros. Me faz lembrar a 5a. Essencial que fizemos

Braga, Norval, Lucrécia, Muniz e eu sobre epistemologia da comunicação na Cásper Líbero em 2014 e que terá continuidade agora, dois anos depois, mas, enfim, pelo menos isso, na mesma Cásper, em agosto. Que bom se todos estivessem lá para discutir, ouvir críticas, refazer ideias e pensar o novo, aquilo que realmente vale a pena ser pensado!

Ciro

E-mail 28

Sobre “sermos uma área de conhecimento no sentido minimamente rigoroso do tema” (como disse o colega), eu acredito que a comunicação aqui no Brasil é “para inglês ver”, assim como boa parte das outras áreas.

A comunicação, se quiser REALMENTE ser uma área digna de se comparar com as consideradas mais rigorosas, precisa de duas coisas:

- 1) Ousar muito mais na pesquisa sem medo de errar, de ser polêmico, de afirmar com convicção e tentar explicar de fato e gerar previsões;
- 2) Realizar muita pesquisa de tipo experimental.

Falta paixão, estamos todos apáticos. Todo mundo falando palavras rebuscadas e sem conteúdo. Estamos mais próximos das artes do que da ciência. Por ironia do destino até publicaram um texto poético em uma revista A2 e isso deveria ser considerado um sintoma do exagerado apego aos estudos culturais no campo da comunicação (subjetividade demais, cultura demais e pouco empirismo).

Não tenho nada contra os estudos culturais e até acho que se um pesquisador quer, ele pode e deve, por amor ao conhecimento, ficar com o que lhe agrada. Então deveriam abandonar a pretensão de ser tão rigorosos quanto outras áreas e abraçar a verdadeira natureza do próprio marco teórico, sem temor de serem julgados. Se é o que gostam, sejam mais artistas ou ensaístas livres porque essa rigorosidade está matando a genialidade de vocês.

O campo está quase morto a meu ver. Todo mundo só quer publicar as próprias coisas e reproduzem o que outros dizem infinitamente, gerando um overflow informativo que equivale a zero conhecimento.

Saiam do armário e abracem a arte, ou então mudem de marco teórico porque os estudos culturais não combinam muito com o rigor.

Leonardo Magalhães

Especialista em Comunicação

Communication Specialist

E-mail 29

Prezada Professora Ieda Tucherman e colegas;

Ainda que em brigas de rochedo contra o mar a prudência indique ao marisco boca fechada, me arrisco a dizer que Manoel de Barros, a quem tive a honra de conhecer e o prazer inesquecível de publicar em conjunto um excerto gráfico-poético denominado "Glossário de Transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhuma) ou menos", no caso em questão não tomaria sequer um ônibus para o Butantã muito menos partido, talvez evocasse mansa e risonhamente, como era seu feitio, a frase do governador Benedito Valadares a Getúlio Vargas: "Me inclua fora disso" :)

Fraternalmente

Paulo A. de Lima

E-mail 30

É uma pena que Palácios e Ciro não tenham se pronunciado antes, dando chance de a turba se manifestar com mais ímpeto e espontaneidade.

Depois deles, o que a gente ouve é alguns dizendo que preferem ficar calados e outros tecendo reverências.

Acaba o debate, esfriam-se os ímpetos.

Ambos se posicionam de forma tão elegante e eloquente que chegam a nos deixar sem graça de ter pensado alguma coisa impensadamente.

Enfim todas as "áreas" do conhecimento tem dessas coisas... essas desigualdades desconcertantes...

Prof. Dr. Luiz Carlos Assis Iasbeck

Professor e Pesquisador

E-mail 31

Achei divertida a sugestão do colega de "sair do armário" e abraçar a arte. Não tenho dúvidas de que precisamos mesmo abraçar mais a arte. A bem da verdade, se quisermos ser sinceros, os autores mais importantes, mais citados e mais lembrados no vasto campo das ciências humanas foram quase sempre os ensaístas que frequentemente flertaram com a arte. Pode ser radical abordar o problema dessa forma, mas alguém se lembra efetivamente do bom empirista? A arte é uma forma do pensamento, ela produz conceitos.

No entanto, vou me permitir discordar de duas coisas: 1. não faz sentido algum dizer que os estudos culturais "não combinam com rigor". O rigor não está ligado a métodos específicos, a escolas ou paradigmas de pesquisa determinados. O rigor é a articulação de um pensamento que encontra repouso em bases sólidas, sejam elas empíricas ou teóricas. O rigor é a avaliação exaustiva do estado da arte de uma questão. O rigor é a capacidade de encontrar um solo epistemológico comum no qual se possa travar o debate intelectual. E é a partir deste último ponto que quero expressar minha segunda discordância: 2. diferentemente de alguns colegas que aqui se manifestaram, não me senti efetivamente instigado com o texto publicado em Matrizes. Sim, sou inteiramente favorável à busca de novas formas de expressão para o discurso acadêmico. Acho importante fertilizar o logos com a poiesis. Penso ser fundamental que preservemos os espaços da inovação e da experimentação em meio às estruturas mais tradicionais da produção acadêmica. And yet and yet... se a dimensão da poiesis supera, largamente, o logos, perdemos as bases mínimas que nos permitem colocar uma reflexão em debate. O rigor significa não decair no subjetivismo, não ceder à tentação do performático. Teremos, na melhor das hipóteses, uma obra de arte (pois, claro, sempre se pode discutir a qualidade literária - ou sua inexistência - de qualquer texto). Ela pode nos instigar a pensar, pode engendrar alguns afetos ou ideias, mas não nos conduzirá a uma discussão intelectualmente estruturada. O que encontramos no artigo de Matrizes não é um texto "acadêmico" que foi poetizado. É um texto poético que se apresenta como ensaio metodológico (se é bom ou não enquanto literatura é discussão para outro fórum, ainda que a forma da enumeração me pareça um recurso bastante banal nos dias de hoje). E isso - ensaio metodológico - ele efetivamente não é. Talvez possa ser um bom exercício imaginativo - e quem não se divertiria decifrando as várias referências; por exemplo, a um filme espetacular como *Malpertuis* ou a um romance-enciclopédia originalíssimo como o *Dicionário Kazar*? Mas me parece que nossa tarefa deveria ser fertilizar a ciência com a imaginação e não abrir as portas do devaneio sem nenhuma possibilidade de um porto seguro no rigor. Quando Vilém Flusser escreveu, por exemplo, o genial *Vampyroteuthis Infernais*, ele brincou simultaneamente com as formas do ensaio, do discurso científico e da literatura fantástica. Mas o resultado final foi uma reflexão filosófico-teórica que gerou e continua gerando debates densos, informados e imaginativos sobre o futuro das tecnologias digitais e as mutações da subjetividade na era de sua desconstrução pós-humanista. O que quero dizer é que existe uma faixa territorial tênue e estreita na qual a forma expressiva do discurso acadêmico pode ser combinada às potências especulativas e poéticas do pensamento. Porém, ultrapassar essa faixa significa paralisar o diálogo e substituí-lo pela estupefação, pela prestidigitação. É o que me parece ser o caso do artigo publicado na revista. Vejam bem: acho positivo que tenha gerado todo esse debate, uma discussão absolutamente necessária, creio, em nossa área. Mas não vejo como poderia dialogar produtivamente com ele, dado que, em momento algum busca se aproximar das formas da discursividade acadêmica, ainda que tangencialmente e para perturba-las. Do ponto de vista epistemológico, saio de sua leitura do mesmo modo como entrei, ou seja, perplexo. Do ponto de vista poético, talvez necessite de mais tempo para mastigá-lo de modo a emitir uma opinião fundada, mas, nesse caso, teria sido mais adequado encontrá-lo em uma revista de poesia. Por fim, é verdade: em geral parece-me que somos bastante conservadores em nossas apostas intelectuais. Todavia, nem toda ruptura é produtiva, nem toda experiência é transformadora, nem todo devaneio é inovador. A grande questão é determinar quando se trata de um caso ou de outro... Abraços a todos

Erick Felinto

Professor

State University of Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail 32

Prezado Ciro

Você diz:

"(...) continuo achando que textos como esse que saiu na Matrizes deva ficar na seção 'Dossiê'. Porque, senão, teríamos que criar uma seção dos excluídos, dos 'que não pertencem à comunicação como ciência', um grupo de marginais aos quais daríamos, por caridade, um pedacinho da revista. Não! O ensaio, como disse, é sério. Basta olharmos com outros olhos e menos preconceito."

Concordo com você: o ensaio é sério, no que se propõe fazer: opor *Logos* e *Pathos*, questionar o enjaulamento do pensamento, ampliar campos semânticos, açular a imaginação. Porém, de fato ele não pertence à "comunicação como ciência". Está contribuindo para o saber comunicacional, mas com ferramentas outras que não as da ciência.

Por que deveria pertencer à "comunicação como ciência"? Por que um ensaio filosófico-poético necessitaria do aval da "comunicação como ciência" para ser sério? O preconceito, neste caso, parece-me ser considerar como marginal, menos importante, aquilo que não seja "comunicação como ciência", que não esteja no assim chamado Dossiê..

Para mim, as seções de uma publicação são apenas o que são: uma forma de organizar distintos formatos discursivos (artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, etc). Formatos que, em seu conjunto, contribuem para criar

um saber comunicacional. Não vejo nisso qualquer indicador de seriedade, hierarquização de valor, nem atitude caritativa. Mas talvez eu necessite de outros olhos...

Um abraço
marcos palacios

E-mail 33

Quando eu disse que os estudos culturais não combinam muito com o rigor, eu queria dizer que, como o Eriko bem explicou, você pode até fundamentar, enquadrar etc, porém, o tipo de conhecimento que se produz nesse padrão de pensamento encontra o seu máximo próprio na liberdade, na ensaística. Acredito que os estudos culturais são muito bons porque agregam inovação e novas concepções; enriquece o pensamento.

O marco teórico não se presta ao experimental, então você acaba matando o seu próprio trabalho quando tenta enquadrá-lo demais com esse rigor. A genialidade dos estudos culturais está justamente na liberdade e, como você justamente disse, os grandes autores dos quais lembramos eram ensaístas.

Estudos culturais é quase pura especulação, e quando não é (com rigor), é a reprodução da especulação dos ensaístas do passado. Não tem lógica falar de rigor desse jeito, é uma ilusão a meu ver.

Eu aqui defendo a ideia de que quem faz ou estuda a comunicação no marco dos estudos culturais deve perder o medo de parecer pouco cientista. Vocês são cientistas, só que não precisam necessariamente do empirismo, pois trabalham mais com o pensamento (estão mais próximos à filosofia) e para isso precisam de liberdade. Digo vocês porque a minha orientação é mais para as ciências sociais e comunicologia.

E sinceramente, gente, estamos já cansados de ver artigos de reprodução. É tão raro ver uma ideia inovadora por aí que até perco a vontade de ler artigos em revistas científicas. Ninguém ousa, mesmo porque, se ousar nenhuma revista publica! Estamos todos muito escravos do rigor.

Leonardo Magalhães l

E-mail 33

Adorei a modéstia! Seja ciência ou o que quer que se produza com tanta certeza ou juízo de valor, eu prefiro futebol. São onze contra onze e o mais culto é só o mais culto.

E o juiz não está interessado em epistemologia.

Saudações,
uma formiga.

Luis Henrique Silva lsilvatv@gmail.com

E-mail 34

Tenho que discordar do colega. Tem juiz de futebol que gosta de uma epistemologia. Afinal, ele não gosta de ser chamado de "juiz", mas sim de "árbitro", tal como tem treinador que gosta de um epíteto de "professor". O futebol é um vanity fair conceitual tanto quanto a academia. Até por isso que estamos discutindo se um artigo é um artigo. Ainda somos, na academia e no futebol, modernos. Nada de abraçar a pós-modernidade, a queda de metanarrativas e o escambau a quatro.

Não sei se o artigo da Matriz será a nossa "Fountain de Duchamp" na cena acadêmica brasileira, mas está sendo o texto mais lido e debatido. Em um mundo acadêmico onde o fator de impacto é importante, a Matriz fez um gol de placa, mesmo sendo ele feito com a mão.

Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Faculdade de Educação

E-mail 35

Fator de impacto tem a ver com citação, não é? E a nossa área ainda não está avaliando fator de impacto, até onde eu sei...

Alguém poderia esclarecer?

Abs

MarciaBenetti

E-mail 36

Caro Rafael Venâncio,

Fiquei quieto até agora só rindo aos quilos. Mas, você matou a pau: ciência ou não, é o artigo da área mais lido e debatido nos últimos tempos. E, realmente, como no futebol: de um lado a turma da "caixinha", do outro, a turma do "armário". No meio, o muro. Uns pulam do armário para a caixinha e vice-versa. Alguns não saem do

muro nem por oração (oração parece ser o produto mais valorizado neste novo Brasil da Ciência, Tecnologia e Inovação. O artigo foi tão importante que embotou o fato de um Bispo Licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus já ter aceito assumir o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação em um possível governo Michel Temer). Meu riso não é de ironia e sim de felicidade. O conhecimento avança, o debate impera. Só assim a vida e a universidade pulsam! Na política, a Nova Idade das Trevas. O riso e o choro como faces da mesma moeda!
Cordialmente,
Professor Gilson Monteiro
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufam.

E-mail 37

Uau! Realmente gostaria de conhecer o juiz / árbitro que gosta de epistemologia. Meu e-mail é lsilvatv@gmail.com. Gostaria de pedir que passem meu e-mail a ele e peçam que entre em contato comigo - estou falando sério.

Gostaria também de parabenizar pela frase "O futebol é um vanity fair conceitual tanto quanto a academia". Apesar de muito burro, vivo de escrever, e só tenho a aplaudir a criatividade.

É nós, mano! Corre pro abraço que os louros são todos seus.

Abs

Luís Henrique Silva

E-mail 38

Golaço. De placa. De bicicleta. Do meio de campo.

O detalhe, aparentemente ínfimo, é que foi gol contra.

Afonso

E-mail 39

Belo debate de ideias. Vou compartilhá-las em discussões em sala de aula... Saudável como sempre enveredar pelas trilhas, que nos levam além das aparências e das evidências, e estar aberto ao que nos causa surpresa e dúvida. Saudações. Christina Musse (UFJF).

E-mail 40

Então a Matriz pode ter, segundo alguns, feito um gol contra mas o Carrascosa empacou um ótimo placar: publicou na E Compos, revista bem avaliada, outro artigo, desta vez com referências e bibliografia.

Ieda Tucherman iedatucherman@gmail.com

Pedindo desculpas (parece que virou vício) sobre a grafia anterior de Carrascoza ,sem participar da discussão sobre o possível e o permitido nas publicações da nossa área e usando uma escuta flutuante como a que propõe Lacan, um tom de ressentimento e agressividade esteve por vezes presente.

São dois afetos com os quais não se faz, a meu ver, nem boa ciência, nem boa lírica nem boa vida.

E-mail 41

Para uma novíssima pesquisadora como eu, só tenho a lamentar o fato de uma discussão tão profícua ter desandado no meio do caminho. Até então, estava acompanhando os mais de 30 emails muito interessada e pensando mil coisas sobre a área enquanto degustava as palavras.

Pena que acabou. Sem trocadilhos, evidentemente.

Abs,

Ariane

E-mail 42

Caros,

Pontos da maior importância surgiram nesta troca de ideias. Mesmo aplaudindo a boa defesa do ensaio pelo Ciro, que apoio na essência, vejo que entre o Essencial e o Existente o caminho não está fácil. Tampouco conheço o colega da Matriz, nem me importa toda a crítica que se faça a ela. Propostas sobre a forma e os formatos de expressão como a do Marcos Palácios são da maior necessidade hoje para o nosso convívio e interlocução, em suma acordar, e acordar sobretudo com quem pensa diferente de nós, desde a simples liberdade dos estilos e dos meios de discurso. Seções em revista, desde que não signifiquem humilhação hierárquica como apontou o nosso amigo, são um bom começo de conversa, não? Intolerância para com Alteridades não pode ser uma marca distintiva da nossa área. Hoje, no Brasil, o inferno segue sendo os Outros. Se Sartre não estivesse tão fora de moda nós não teríamos que lidar agora com tanto "lobista de si próprio" quanto temos visto proliferar. O mundo anda muito contraditório e precisamos saber escolher as diferenças com que devemos conviver. Combatamos no vilão a vilania. Por mais crápula que pudesse ter sido Adorno como pessoa, o autor de Teoria Estética continua nos ensinando com seu difícil discurso (ver sua corajosa entrevista

no "Encontros: 68", da Azougue) a importância da Não-Violência nos modos de pensar, e de agir político.
Abraços a todos,
Rubens

E-mail 43

Com licença, mas vocês focam no espaço do periódico e no impacto de relevância para a área, enquanto sujeitos como o autor deste artigo estão populando graduações e mais graduações Brasil afora com esse discurso empolado na forma, vazio no conteúdo, raso, do "desconstruir o logos", "formação de um novo ethos", "deslocar o lugar da academia", "tirar o mestre do lugar", construindo... nada.

Desconstruir é mole, fazer samba-canção usando elementos de metodologia "CONTRA TUDO ISSO QUE TÁ AÍ" já vi um monte.

Os rumos, os novos lugares: nunca há.

E aí, esses graduandos que ouvem essa bobajada podem vir a ser os novos poetas da ciência.

Parabéns.

E-mail 44

Colegas,

Observei animada a discussão em curso. Sinto-me representada por uma série de colocações, interessada por outras e, por uma, interpelada.

Quando Leonardo Magalhães fala que estudos culturais não combinam com rigor, mas com liberdade, e que no máximo dá para "fundamentar, enquadrar etc.", "o tipo de conhecimento que se produz nesse padrão de pensamento", me sinto atingido pela ideia de que liberdade e rigor são antagônicos. O rigor seria restrito a pesquisas em que a empiria é carro chefe? ou aos artigos em que a revisão da bibliografia é a forma assumida pela fundamentação e o enquadramento? como ficam os textos de filiação filosófica? A liberdade, na pesquisa, não é, como imagino que seja, o exercício da imaginação, delimitado pela elaboração disciplinada de textos e falas?

Quero perguntar o que é o rigor, em tempos em que a ciência iluminista está colocada em questão (isso não é recente, tem acúmulo, apesar da resistência de Ana Leber, que me antecede); o afeto é objeto de pesquisa e, recursivamente, seu pressuposto; e outras formas de saber e de conhecer estão em pauta (se precisamos de ciência para reconhecê-lo, basta a citação de Viveiros de Castro?). Me parece fundamental discutir a questão: o que é o rigor?

Começaria pela razão. Não somos todos e todas, de alguma maneira, devotos da razão e de seus rigores? Até Feyerabend entendeu, ao olhar para trás 12 anos depois de publicar *Contra o método*, que quando disse "vale tudo" não era um princípio a ser adotado contra "a clareza, a precisão, a 'objetividade' e a 'verdade'", mas "a exclamação de um racionalista que olha a história de perto". Muito do que percebemos escapa pelos dedos da razão, mas com rigor, tentamos recuperá-lo, escrevê-lo, publicá-lo.

Fiquei muito feliz de ver a defesa do ensaísmo, nesta lista. Me parece que, com a longa tradição latinoamericana do ensaio, inclusive no quadro do jornalismo, é importante valorizá-lo, com rigor.

A COMPOS poderia estimular a discussão - por que não? com essa troca de mensagens já o faz - para pensar o rigor em toda sua variedade, dentro de nossa área disciplinar.

Abraços,

Liv Sovik

E-mail 45

Palmas, palmas para João! Que coisa boa ler um artigo que transborda a chatice acadêmica, essa nossa musa cega/surda que se satisfaz com louros internos redundantes e ontologias purificadoras do mundo. Certamente será usado em sala de aula, discutido, torcido; e mais "alguéns" além dos mesmos de sempre irão produzir conhecimento a partir dele.

Viva!

Lara

E-mail 46

Prezados,

Sem querer reaquecer o assunto, mas interessado em que vcs conheçam "o único pronunciamento do autor do texto" (não necessariamente polêmico) que deu origem à publicação polêmica da *Matrizes*.

Trata-se de uma entrevista na qual o autor diz que antes de ser professor é escritor, que não é especialista em Metodologia de Pesquisa e que fez o texto por estar ministrando essa disciplina no semestre. E conclui:

"A índole produtivista abole, ou reduz a quase zero, a criatividade, a transgressão e a insubordinação, vetores indiscutíveis de toda ciência – e também da arte –, e opera como um freio, não como uma força-motriz a favor

do novo. A ciência se faz com o assentamento de seus saberes, e, igualmente, com a inevitabilidade de seus deslizamentos".

Como ele não frequenta nossa lista e o assunto foi motivo de tantas conjecturas, fica aí algo que pode encerrar a conversa (ou, quem sabe, abrir para outras abordagens).

<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1598-afetos-da-ci%C3%A2ncia.html>

Abraços

Prof. Dr. Luiz Carlos Assis Iasbeck Professor e Pesquisador -Universidade Católica de Brasília

E-mail 47

Caros,

tenho a impressão de que conseguimos construir no país um sistema acadêmico totalmente desvinculado de uma noção de mérito ou um compromisso com o avanço do conhecimento.

Em um email anterior, citei um exemplo de texto que não teria sido aceito em uma revista nacional pelo simples fato de que um de seus autores era um mestrando - e os mestrandos são os dahlits da comunicação.

Agora apresento um contra-exemplo. Um artigo publicado na última edição da revista Matrizes, classificada como A2 na nossa área - ou seja, uma revista que, no Brasil, está no ápice da cadeia alimentar.

Ao ler o texto fiquei com sérias dúvidas se se tratava de uma ironia - uma homenagem ao caso Sokal, 20 anos depois - ou se se trata de uma proposta séria, com alguma intenção de contribuição efetiva ao conhecimento (e neste caso seria algo espantoso).

É extraordinário que uma revista supostamente de ponta publique um texto destes, que alguém - uma pessoa certamente generosa - definiu como "um texto de blog, no máximo". No máximo, muito no máximo.

O problema não é o texto em si, nem seu autor (que não conheço pessoalmente). O problema é que ao aprovar esse tipo de coisa no seu espaço nobre - o dossiê - uma revista como Matrizes diz "novas teorias da comunicação abrange coisas como: "Resumo. A palavra revela seu pleno sentido: só o sumo. Mas o sumo recontado. Então, até o caroço pode entrar, se é que o caroço não é a soma, decantada, de cada gota." Não para aí. Continua. Ao longo de todo o texto.

Pode piorar? Pode, claro. O autor é da mesma instituição que mantém a revista. O texto foi aprovado em velocidade relâmpago: dois meses!

E, pior, nós, como área, dizemos que a revista é de excelência.. E portanto legitimamos essa atrocidade.

A publicação de um texto como esses por uma revista supostamente de excelência só mostra o quanto nós descuidamos da nossa área, da ideia de que temos um patrimônio coletivo a manter, de que prestamos contas à sociedade.

Um texto desses só pode ser aceito para a publicação e efetivamente publicado em uma área acadêmica que se desvinculou inteiramente da ideia de que os textos são escritos para serem lidos e que se prestam para algum fim concreto, que não seja simplesmente a avaliação de currículos individuais e de Programas de Pós-Graduação.

Parece ser este o caso da área da Comunicação. Não existe QUALQUER critério de qualidade em nossa área. Nossos processos de avaliação fogem do julgamento do mérito como o diabo da cruz. Ao invés disso preferimos critérios "objetivos". Coisas como "dados bibliométricos",

Temos Grupos de Trabalho e periódicos especializados em Epistemologia e Metodologia da Comunicação - o que quer que isso signifique - mas em momento nenhum - ao menos que eu tenha conhecimento - isso se refletiu em um esforço de definir consensos mínimos em torno de quem somos, o que fazemos, com que objetivos, ou critérios.

Comunicação se consolida como a área do vale-tudo - e é de se esperar que se diga que isso na verdade é uma coisa ótima, porque indica a "diversidade da área" ou qualquer patuscada assim.

Dizendo claramente: se um texto desses é aceito o que diabos pode ser legitimamente recusado por Matrizes? Como justificar um parecer negativo para qualquer trabalho enviado, quando o artigo em questão foi aceito - e em tempo recorde?

Como justificar que qualquer artigo seja recusado por qualquer revista - quando esse aí foi aceito por uma revista que a área diz que é de excelência?

Mais honestamente ainda: como justificar o pedido de verbas públicas para justificar uma área que define poemas aleatórios, sem pé nem cabeça como teoria da comunicação?

É claro que é mais fácil não falar nada. Ninguém é contrariado. Todos são aceitos. Tapinhas nas costas são distribuídos (e como são). Já espírito de pesquisa, tentativa de produzir conhecimento novo, rigor acadêmico...

Espero que em algum momento nossa área se preocupe em discutir com alguma seriedade uma política acadêmica de verdade. Isso que estamos fazendo é suicídio.. Em algum momento alguém descobre que o rei está nu, fazendo piruetas na barra de pole dance.

abraços,

AFonso

E-mail 48

Aproveitando que já se deu o reaquecimento e porventura de não ter tido tempo para a reflexão na primeira oportunidade em que aqui, discutimos o texto do João, me sinto já apto a emitir uma opinião. Realmente estranha um pouco o fato do texto está em uma revista da área com alta qualificação no sistema vigente. Mestre que sou, sei da imensa dificuldade que é posicionar um texto em revistas qualificadas e por isso talvez, a primeira reação é de desconforto com um texto fora dos padrões acadêmicos que conhecemos.

Passado esse primeiro momento de, digamos, um pouco de confusão no meu pensar, li o texto e, para minha surpresa, achei maravilhoso. Conheço o Professor Carrascoza de uma ocasião em Santiago de Compostela, congresso da Ibercom. Eu ali estava começando minha trajetória acadêmica e João, já tarimbado, me transmitiu enorme carinho quando percebeu meu nervosismo em me apresentar no mesmo grupo em que estavam ele e a Professora Margarida Kunsch, dois grandes nomes da comunicação. Eu já conhecia os excelentes textos publicitários do Professor e foi muito honroso para mim ter sido apoiado por ele, mesmo sabendo que meu artigo, naquela ocasião, ainda estava muito aquém da qualidade desejada (hoje, ainda, acho estar).

Desse modo, me lembrei das gentis palavras do professor João ao me incentivar na busca por meu caminho na academia e vi em seu texto o mesmo carinho que percebi naquelas palavras. Penso que por vezes nós nos esquecemos de que a academia é feita de gente que está já em um grande nível e por gente que, como eu, está apenas começando a sua caminhada. E por gente ainda mais no início do que eu, nas próprias graduações. Quando da minha entrada no mestrado da UFJF as primeiras consultas que fazia eram quase todas em revistas científicas conceituadas da área. Confesso que me sentia por demasiado burro quando lia artigos que a mim pareciam falar de coisas que eu não compreenderia jamais. A linguagem rebuscada era quase que uma outra língua e que eu, de longe, não dominava. Isso fez com que eu, por vezes, pensasse em desistir. Foram as palavras gentis do professor João e de outros que encontrei pelo caminho que me fizeram relutar e, pois bem, cá estou participando disso tudo.

Apresentei o criticado texto da Matrizes aos meus alunos de primeiro período no Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora e para minha surpresa, todos adoraram. E melhor do que isso, no trabalho seguinte todos tiveram um desempenho melhor do que na primeira avaliação, entendendo melhor os objetivos e percurso de um texto em nível acadêmico. Julguei muito interessante o resultado, o que farei questão de transmitir ao meu incentivador no passado.

Acho que podemos ver a situação por vários ângulos mas compactuo com os colegas que tentaram lançar um outro olhar sobre o texto do amigo, um olhar menos raivoso e menos carregado de certezas. Por bem ou por mal, só pelo fato de ter causado tanta dúvida, já acho que a Matrizes acertou demais em publicá-lo. E a isso parabenizo os editores, pela coragem em sair da caixa acadêmica que tanto toma conta de nossa produção, sobretudo na área de comunicação.

Grande abraço,

Vitor Lopes Resende

Professor no Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

E-mail 49

Obrigado por enviar a referência à entrevista, caro Iasbeck. Acompanhei a discussão anterior e não senti necessidade de me manifestar, pois muitos expuseram pontos de vista com os quais concordo e, francamente, não tenho cacifê estrada suficiente para entrar numa discussão a respeito de metodologia e edição de periódicos aqui nesta lista.

"A índole produtivista abole, ou reduz a quase zero, a criatividade, a transgressão e a insubordinação, vetores indiscutíveis de toda ciência – e também da arte –, e opera como um freio, não como uma força-motriz a favor do novo. A ciência se faz com o assentamento de seus saberes, e, igualmente, com a inevitabilidade de seus deslizes".

Sobre a ideia acima, no entanto, me vejo em condições de opinar. (Qualquer ser humano alfabetizado poderia o fazer, aliás.)

A mim parece que o Carrascoza, a quem não conheço -- mas certamente conta com o respeito de muitos aqui e, portanto, com o meu -- contrapõe a índole produtivista a uma índole poética insubordinada. Neste caso, creio que ele está comparando coisas de naturezas diferentes.

Nem todo poeta é insubordinado, nem todo insubordinado é poeta, nem o produtivismo impede alguém de ser poeta ou insubordinado. A maior prova é o próprio Carrascoza, que, como foi bem apontado nesta lista, vem publicando bastante em periódicos nos últimos tempos. Ele seria um dos poucos representantes da academia capazes de unir produtividade e insubordinação por meio da estética? Duvido que pense dessa forma, embora tenha usado argumentos que podem levar a essa conclusão. Daí minha afirmação de que ele está, na verdade, equivocado em ver contradição entre competência produtiva e qualquer índole que seja.

A meu ver, essa ideia de que poetas são rebeldes, lanternas na escuridão do filistinismo cotidiano, heróis da

resistência à mentalidade de rebanho etc. etc. é um clichê constrangedoramente pueril.

Assim como os bons poetas parnasianos (citados por ele na entrevista, aliás) podiam atingir o sublime se enquadrando em padrões rígidos de métrica, existem pesquisadores perfeitamente capazes de adequar ideias criativas aos padrões científicos e normas editoriais de periódicos. Estes, inclusive, sofrem mais do que os insubordinados, porque não podem se defender com o argumento de que seu objetivo era confundir, não explicar; seus textos, sem apelo ao lírico, não têm chance de ser escolhidos pelas comissões editoriais por seu caráter ultrajante.

Encerro com uma saudação aos pesquisadores que arriscam a carreira tentando inovar e transgredir dentro da métrica e a esperança de que a discussão iniciada aqui sobre produtivismo siga seu caminho até as instâncias que realmente decidem a esse respeito e elimine a necessidade de alguém se tornar um parnasiano da Comunicação.

marcelo trassel

<http://www.trasel.com.br>

**Livros – organizamos primeiro os que tratam de epistemologia e teoria,
após os de pesquisa e metodologia**

Livros de pesquisadores brasileiros tratando da epistemologia e da teoria da comunicação

BARROS FILHO, C. e MARTINO, L. M. S. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo, Summus, 1986.

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3a. edição, Brasília, Thesaurus, 1982.

BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P.G. (Orgs.). **10 perguntas para o conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013

BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. In. FAUSTO NETO, A. et alli. **O Campo da Comunicação**. João Pessoa, UFPB, 2001.

CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Dicionário de Comunicação. Escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014 .

COSTA, Rosa Maria *et all*. **Teoria da Comunicação na América Latina**. Curitiba: UFPR, 2006.

CAPPARELLI, S. et all. **A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FAUSTO NETO, A. et all. **O Campo da Comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2001.

FERREIRA, Jairo. **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro, E-Papers, 2007.

FERREIRA, Giovandro e MARTINO, Luiz C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: UFBA, 2007.

FREIRE-MAIA, Newton. **Verdades da ciência e outras verdades: A visão de um cientista**. Ribeirão Preto, São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

DA COSTA, Newton Carneiro Affonso. **O conhecimento científico**. São Paulo: Discurso, 1997.

GOMES, Pedro. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

HOHFELDT, Antonio. et all. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas**.

Famecos. No. 30: Agosto 2006.

_____. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Epistemologia da comunicação no Brasil : trajetórias autorreflexivas** – São Paulo: ECA-USP, 2016.

KÜNSCH, Dimas A. e BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; ROMANCINI, Richard. A Rede Social da Comunicação em seus Grupos de Pesquisa. In: POBLACIÓN, Dinah A. et al. (Orgs.). **Redes na ciência**. São Paulo: Angellara, 2009.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Teoria da comunicação na América Latina**, Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**. Formas de construir e desconstruir sentido na Comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO. **O princípio da razão durante**. Por uma lógica dos processos em comunicação. São Paulo: Filocom ECA/USP, 2009.

MARTINO, Luiz (org.) **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINS, Luiz. **Teorias da comunicação no século XX**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

_____. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2009

_____. **Comunicação: troca cultural**. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Estética da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MELO, J. M. et all. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

_____. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo, Paulus, 2003.

_____. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis, Vozes, 1971.

MELO, J. M. e GOBBI, M. C. **Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2004.

MORIGI , Valdir; JACKS, Nilda e Golin, Cida (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PAIVA, R. e WEBER, M. H. (Orgs.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.

POLISHUK, Ilana e Trinta, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.

RÜDIGER, Francisco. **Ciência social crítica e pesquisa em comunicação: trajetória histórica e elementos de epistemologia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da Comunicação**. São Paulo: Ática, 2007.

BRAGA, José L., LOPES, Maria Immacolata V. de, MARTINO, Luiz C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BARRICHELLO, E. M. R.; RUBLESCKI, A. (orgs). **Pesquisa em Comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria, Facos-UFSM, 232 p., 2014.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERREIRA, Giovandro Marcus, HOHLFELDT, Antonio, Luiz C. Martino, MORAIS Osvando J. de, (Orgs.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai (Org.). **Universidade, Pesquisa e Inovação: o Rio Grande do Sul em perspectiva**. Passo Fundo: EdiUPF; Porto Alegre: EdiPUCRS, 1997.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). **Temas contemporâneos em comunicação**. São Paulo: Edicom, 1997.

MALDONADO, Alberto; ROSÁRIO, Nísia Martins do; BONIN, Jiani (Org.); **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

_____. [et al]. 2a Edição Ampliada e atualizada/ **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. v. 1.

_____. [et al]. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012.

_____. [et al]. **Metodologías de investigación en comunicación: Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa**. 1. ed. Quito: Editorial Quipus CIESPAL, 2013. v. 1.

MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Panorâmica da Investigação em Comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania, dimensão digital**. Salamanca: Editorial Comunicación Social, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A Compreensão como método. In: KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, Guilherme; BRITO, Pedro Debs; MANSI, Viviane (Orgs.). **Comunicação, diálogo e Compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014.

MARTINO, L. C. **As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação**. 2003.

MELO, José Marques de. **Teoria e metodologia da comunicação: tendências do Século XXI**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

MELO, J. M. (org) **Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

MOURA, Cláudia Peixoto de, LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmica**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2016.

POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto (Orgs.). **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. **Comunicação, Teoria e Prática Social**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.); BONIN, Jiani (Org.); Maldonado, Alberto Efendy (Org.) **Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios da prática investigativa**. 2. ed. Salamanca-Sevilha: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013a.

ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.); BONIN, Jiani (Org.). **Processualidades Metodológicas - configurações transformadoras em comunicação**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013b.

SÁ, A. (Org.). **Fundamentos científicos da comunicação**. Petrópolis, Vozes, 1973.

SÁ, Celso Ferreira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum. Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Eventos destinados a problematizar o saber metodológico no campo da comunicação

I Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação aconteceu durante o X Congresso INTERCOM, de 05 a 08 de setembro de 1987 - temário versou sobre os métodos e técnicas na pesquisa sobre a produção, a mensagem e a recepção da comunicação. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

II Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação ocorreu no I Congresso INTERCOM, no período de 4 e 5 de setembro de 1988. Dividido em: “Metodologias na pesquisa sobre o popular-alternativo e o popular-massivo” e “Metodologias na pesquisa sobre o popular no campo”. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

III Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação Debate do tema “A pesquisa qualitativa em comunicação: os recentes avanços das metodologias nas áreas acadêmica e não-acadêmica”, no XIII Congresso INTERCOM, no período vespertino de 06 e 07 de setembro de 1990. Simpósio Coordenado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

I Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação Paralelo ao XVIII Congresso da INTERCOM. Evento realizado o na tarde do dia 07 de setembro de 1995, sobre as experiências e as práticas acadêmicas dos docentes nos cursos de graduação. Coordenado por Ada de Freitas Maneti Dencker e Cláudia Peixoto de Moura.

II Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação ocorreu 04 de setembro de 1996, no XIX Congresso INTERCOM. Coordenado Cláudia Peixoto de Moura.

III Encontro Nacional de Professores de Metodologia Científica nas Escolas de Comunicação ocorreu 07 de setembro de 1997, no XX Congresso INTERCOM. Coordenado por Cláudia Peixoto de Moura.

X Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede AMLAT em 2016

X Encontro Metodológico de Grupos, Núcleos e Coletivos de Pesquisa da Rede AMLAT
Coordenado por Efendy Maldonado

Artigos em Revistas e Anais de Congressos

ANDRADE, Anna Paula Muniz Costa de. O uso das revistas científicas de Comunicação nas Teses e Dissertações da área: estudo exploratório. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Júnior, III Jornada de Iniciação Científica em Comunicação**. Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1313-1.pdf>>. Acesso em 28 de out. 2015.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (E-COMPÓS)**. Brasília, v.14, n.1, p. 1-33, jan/abr. 2011.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista MATRIZES**. São Paulo, v.1, n.2, p. 73-88, 2008.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Revista Verso & Reverso**. São Leopoldo, v.25, n.58, p. 62-77, 2011.

BRAGA, José Luiz. Lugar da fala como conceito metodológico no estudo dos produtos culturais. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Mídia e processos socioculturais**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

BRAGA, José Luiz. O problema da pesquisa - como começar. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, v.10, n.3, p. 288-296, 2005.

BRAGA, José Luiz. **O problema da pesquisa - como começar**. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UNISINOS, s.d. Disponível em: <http://www.unisinos.br/principal/> > Mestrado/ Doutorado > Alunos > Comunicação > Elabore seu Projeto.

GRACELLI, Aldemir; CASTRO, Cláudio de Moura. **O desenvolvimento da pós-graduação no Brasil. Ciência e Cultura**, v. 37, n. 7, p. 188-201, jul. 1985. Suplemento.

KUNSCH, Margarida M. Krohling (Coord.). **O campo da Comunicação em suas referências: experimento metodológico para a produção de indicadores bibliométricos**. São Paulo: CECOM-ECA/USP, CNPq, 2009. Disponível em <<https://sites.google.com/site/cecomeca/indicadores>>. Acesso em 23 de out. 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM**. São Paulo, vol. XVI, n.2, 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – INTERCOM**. São Paulo, v. XXVII, n.1, p. 13-39, jan/jun. 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. As fronteiras entre as ciências sociais vistas da comunicação: Uma aproximação aos estudos sociais das ciências. **E-compós**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 01-19, dez. 2004a. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewPDFInterstitial/10/11>>. Acesso em 05 de out. 2016.

_____. Reflexividad y Relacionismo como Cuestiones Epistemológicas en la Investigación Empírica en Comunicación. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-25, 2012a. Disponível em <<http://www.alaic.net/revista-alaic/index.php/alaic/article/view/468/270>>. Acesso em 12 de jan. 2014.

_____. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, v. XXVII, n. 1, p. 24-38, 2004b. Disponível em <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/850/633>>. Acesso em 7 de set. 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O Campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**. São Paulo, v. 48, p. 46-57, 2001a. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/48/04-immacolata.pdf>>. Acesso em 7 de set. 2015.

MOURA, Cláudia Peixoto de. Metodologia da pesquisa em comunicação: fontes bibliográficas em disciplinas de pós-graduação. In: ROMANCINI, Richard; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). **Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação - IBERCOM 2015: comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.

POBLACIÓN, Dinah Aparecida de Mello Aguiar. Pesquisa e PósGraduação em ciência da informação e

biblioteconomia no Brasil: duas fases (1970/85 – 1986/92). In: **ENCONTRO NACIONAL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA**, 12., 1992, São Paulo. Anais... São Paulo: ANCIB, 1993. p. 11-23.

Trabalhos de teses e dissertações

OBS: As teses não dicutem propriamente um saber metodológico, mas são produções relevantes sobre a problemática científica do campo.

SILVA, Roberto Farias. **Tendências da produção científica em comunicação no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Rio de Janeiro. Orientador. Hugo Rodolpho Lovisoló, 2004.

Esta dissertação tem como objetivo **mensurar a produção científica dos doutores em comunicação em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, entre os anos de 1990 e 2000. Para realizar tal intento, partimos do levantamento dos doutores formados em Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Ciências da Informação e Multimeios, com propósito de analisar a produção e a atividade profissional desses durante a formação e no período posterior à titulação. Como instrumento de acesso aos currículos profissionais desses doutores, utilizamos a Plataforma Curricular Lattes (CV-Lattes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fundação vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), para o apoio à pesquisa brasileira. Obtendo as características das teses dos doutorados; a natureza das principais atividades profissionais; a dinâmica de formação do cientista; as características divulgadas do conhecimento em comunicação e as ponderadas de produção científica e acadêmica do doutorando e do doutor em Comunicação.

BRITO, Pedro Debs. **Comunicação e Compreensão: uma contribuição aos estudos da Compreensão como Método**. (Dissertação de Mestrado) Faculdade Cásper Líbero, São Paulo: 2015.

Compreender a Compreensão, o seu estado da arte, no contexto do Programa de PósGraduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero sob a ótica do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão”, entendendo que sentidos e possibilidades empíricas e teóricas ali se produzem e ampliar o horizonte desses estudos a partir de contribuições de Martin Buber, Paulo Freire, Rubem Alves e Paul Feyerabend, com especial foco no atual projeto de pesquisa “A Compreensão como método: suas teorias e práticas”. Também, apontar elementos que auxiliem na produção de uma espécie de rede semântica ao redor do tema da Compreensão, identificando seus sentidos possíveis tanto no campo da intersubjetividade, das relações humanas e éticas, quanto da cognição e, ligado a isso, da epistemologia. Estes são os grandes objetivos desta pesquisa que, em resumo, se propõe a trilhar um caminho que avança tanto pela epistemologia quanto pela prática da Compreensão. Seu objeto, no sentido empírico do termo, é a produção científica do próprio Grupo de Pesquisa tanto quanto obras específicas dos quatro autores cuja contribuição se está buscando. Em grande parte, mas não só, os referenciais teóricos são constituídos pelos próprios textos que se está estudando, do Grupo de Pesquisa e dos autores mencionados. A aposta que se faz delineia duas possibilidades: primeiro, a de trabalhar uma postura ou atitude cognitiva, de matriz idealmente dialógica, com relação a tipos diversos de conhecimento - que, portanto, não se deixa identificar, simplesmente, com ciência, no sentido estrito do termo -, trazendo para a roda de conversa tanto essa mesma ciência quanto outros saberes, via de regra, refutados pela Razão – somente quando, pequena e deificada, corta e exclui outros saberes do campo cognitivo –, tais como podem ser o pensamento mítico, as artes, as experiências cotidianas, o pensamento religioso e o pensamento filosófico e outros; e, segundo, propor uma ética complexa e compreensiva, no campo da intersubjetividade, calcada sobre a palavra princípio Eu-Tu (Martin Buber), que contribua para um ganho no campo das relações interpessoais, da cidadania, da justiça e da paz. Numa e em outra direção, a pesquisa recupera os objetivos e as apostas do próprio Projeto de Pesquisa “A Compreensão como método: suas teorias e práticas”. Metodologicamente, frequenta todo o trabalho o esforço de exercitar-se no próprio método da Compreensão, no estudo sistemático dos textos que compõem o corpus da pesquisa e na experimentação da aplicação da metodologia da roda de conversa, que costuma frequentar as atividades do Grupo de Pesquisa.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

A pesquisa tem como objeto a área dos estudos de Comunicação no Brasil. Como desenvolve-se basicamente no meio acadêmico, foram privilegiados aspectos e dados relativos a todos os Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) reconhecidos pela CAPES no ano de 2004. Buscou-se discutir a possível conformação de um campo científico (Bourdieu) da Comunicação, a partir da análise de dados institucionais, quanto à

inserção de sua pesquisa no sistema de C&T do país, sua auto-representação e seu capital científico. Este último aspecto foi analisado através de um estudo bibliométrico de teses e dissertações dos PPGCOM. Buscou-se desenvolver uma metodologia para a análise de áreas ou disciplinas científicas e, para tanto, faz-se uma reelaboração do modelo de Galtung (1965), sobre a interação entre grupos acadêmicos. Quanto aos resultados, constatou-se uma circulação relevante de capital científico entre os pesquisadores da área, sendo esse um elemento que mostra que o grupo de investigadores não se encontra num modelo segmental de interação. Existem indícios de um modelo conflitivo-constructivo, o que favorece a consolidação do campo científico da Comunicação. Identificou-se também a existência de um núcleo disciplinar, composto por autores dos PPGCOM que recebem número significativo de citações bibliográficas em várias das subáreas da área da Comunicação.

ARTIGOS

ARTIGOS Teorias da Comunicação da INTERCOM NACIONAL

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos da Comunicação

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), foi fundada em 1977 na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo e seu idealizador foi o professor José Marques de Melo junto com outros professores pesquisadores.

O objetivo da Intercom de acordo com dados do *site* transitam entre:

- contribuir para a **reflexão pluralista** sobre problemas emergentes da comunicação;
- colaborar para o **aperfeiçoamento e a revitalização intelectual dos sócios**, através do intercâmbio de experiências cognitivas;
- cooperar para a **formulação de modelos de análise da comunicação** com a sociedade e a cultura brasileira e capazes de superar a dependência econômico-cultural do sistema nacional de comunicação;
- organizar congressos, cursos, palestras, seminários e pesquisas interdisciplinares

2016

Metateoria e Epistemologia da Compreensão: um Ensaio Sobre a Compreensão como Método no Campo da Comunicação

Pedro Debs Brito

Palavras-chave: metateoria; teoria e epistemologia da Compreensão; Compreensão como método; método científico; comunicação e Compreensão.

2015

nada encontrado

2014

Do objeto empírico ao objeto de conhecimento: demarcações metodológicas de uma pesquisa comunicacional

Aline Roes Dalmolin

Área: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: epistemologia, metodologia, objeto de pesquisa, discurso, mídia e religião

2013

nada encontrado

2012

Como compreender epistemologicamente a comunicação da ciência como processo colaborativo de produção de conhecimento científico?

Suzana Cunha Lopes (Universidade Federal do Pará); Maria Ataíde Malcher (Universidade Federal do Pará)

Área: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Comunicação da Ciência, Comunicação, Epistemologia, Teorias da Comunicação, Metodologias em Comunicação

2011

A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e a arrogância do discurso científico dominante

Dimas Antonio Kunsch (CÁSPER LÍBERO); Renata Carraro (Faculdades Integradas Rio Branco)

Área: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Teorias da comunicação, Epistemologia da comunicação, Ensaio

Estratégias de multimétodos de pesquisa empírica em comunicação. A amostra, o questionário e os primeiros resultados da pesquisa o perfil do jornalista em são paulo

Roseli Figaro (ECA-USP)

Área: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: pesquisa empírica, triangulação metodológica, comunicação, mundo do trabalho, jornalista

Os indicadores e a pesquisa em comunicação

Richard Romancini (Escola de Comunicações e Artes)

Área: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: indicadores, pesquisa em comunicação, metodologia, triangulação

2010

Construindo a problemática da pesquisa no encontro com o empírico

Taís Flores da Motta (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

DT8: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: pesquisa exploratória, recepção, mediações

Por que ensinar teoria (da comunicação)?

Pedro Russi Duarte (UnB - Universidade de Brasília)

DT8: DT 8 – GP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Teoria, Comunicação, Ensino, Ciência

2009

Tiago Quiroga Fausto Neto (Faculdade Pinheiro Guimarães)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Epistemologia, Comunicação, Teoria, Disciplina, Conhecimento

Dinâmica das teorias da comunicação: novos métodos como passagem para novas práticas teóricas

Osvando José de Moraes (Universidade de Sorocaba)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Teorias da comunicação, metodologia da comunicação, tecnologia, TV digital, TV analógica

Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: ciência, pensamento compreensivo, teorias e práticas de comunicação

Dimas Antonio Kunsch (Faculdade Cásper Líbero)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Comunicação, Teorias da Comunicação, Compreensão

Muitas teorias e poucos caminhos para a subjetivação: a busca de um método/metáporo para os estudos da comunicação

Ana Paula de Moraes Teixeira (Centro de Estudos de Pessoal)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Teorias da Comunicação, Metodologia, Subjetivação, Epistemologia, Metáporo

Quatro ambivalências na teoria da comunicação

Luis Mauro Sa Martino (Faculdade Cásper Líbero)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Comunicação, Epistemologia, Teoria

Uma proposta de olhar para a questão paradigmática da comunicação: o modelo do conflito social como opção viável de orientação epistêmica

Marcos Paulo da Silva (Universidade Metodista de São Paulo)

DT8: DT 8 – NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Epistemologia da Comunicação, paradigma, conflito social, orientação epistêmica

2008

A aplicabilidade do método científico e das hipóteses na ciência da informação: uma contribuição para a construção científica do conhecimento comunicacional

Roberto Gondo Macedo (Universidade Metodista de São Paulo); Paulo Cezar Rosa (Universidade Metodista de São Paulo)

Endocom - Encontro de Informação em Ciências da Comunicação

Palavras-chave: Método Científico, Pesquisa Comunicacional, Hipóteses, Comunicação Científica

Metodologia da pesquisa em comunicação: proposta para um estudo da imagem

Humberto Ivan Keske (Centro Universitário Feevale)

NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Verbal, imagem, metodologia de análise, teoria da comunicação

2007

Angulações reflexivas sobre um “não saber metodológico”

Pedro David Russi Duarte (UNB)

NP Teorias da Comunicação

Palavras-chave: Metodologia, Epistemologia, Métodos, Pesquisa em Comunicação

2006

nada encontrado

2005

nada encontrado

2004

História e Identidade: Apontamentos Epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional Luiz C. Martino Universidade de Brasília

2003

Paradigmas, teorias, modelos constitutivos da formação teórica em comunicação social

Maria Ângela Mattos Profª Drª do Curso de Comunicação Social da PUC Minas (campus Coração Eucarístico)

Palavras-chave : Pensamento Comunicacional, Formação Teórica em Comunicação Social, Teorias da Comunicação no Ensino de Graduação.

2002

Paradigmas do campo comunicacional relacionados com a antropologia

Giovandro Marcus Ferreira

Cepticismo e Inteligibilidade do Pensamento Comunicacional

Martino, L.C.

UNB

Palavras-chave: epistemologia da comunicação, teorias da comunicação, pensamento comunicacional.

ARTIGOS COMPÓS GT de Epistemologia da Comunicação

A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), que foi fundada em 1991 com o apoio da Capes e do CNPq e da iniciativa de alguns pesquisadores (dos cursos de Pós-Graduação PUC-SP, UFBA, UFRJ, UnB, UNICAMP, UMESP)⁹⁴. No site da associação cartografamos alguns enunciados que colocamos em forma de objetivo em que pode-se dizer que Compós busca:

- **fortalecimento e qualificação** crescentes da Pós-Graduação em Comunicação no país;
- **integração e intercâmbio** entre os Programas existentes, bem como o apoio à implantação de novos Programas;
- diálogo com instituições afins nacionais e internacionais;
- estímulo à participação da comunidade acadêmica em Comunicação nas políticas do país para a área, defendendo o **aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento teórico, cultural, científico e tecnológico** no campo da Comunicação.

No grupo de trabalho de *Epistemologia da Comunicação* da Compós os objetivos localizados são:

⁹⁴ Disponível em <http://www.compos.org.br/a_compos.php> Acesso 04 ago. 2016.

- refletir sobre o estudo da comunicação enquanto área de investigação **para a definição de características e limites do seu objeto científico;**
- pesquisar **distintas correntes teóricas em circulação na área**, na proposta epistemológica e metodológica dos seus idealizadores;
- valorizar a exposição de **pesquisas empíricas em andamento ou concluídas**, no que se refere a suas respectivas propostas metodológicas e consequências epistemológicas;
- acompanhar **os processos da produção acadêmica na área**, pelas inferências e reflexões que se possam fazer a partir dessa produção; e ainda pelas articulações voltadas para a consolidação da área;
- fazer **avançar o estudo dos paradigmas clássicos da comunicação;**
- contribuir para a produção e definição de novos parâmetros, estimulando as questões e proposições transversais observáveis entre as **várias linhagens de pesquisa.**

2015

A retórica na epistemologia da comunicação

Lucrécia D Alessio Ferrara

Resumo: Inserido na sequência de investigação mais ampla, esse trabalho procura estudar “os modos de dizer” como reserva epistemológica do comunicar. Dividido em cinco itens, o trabalho discrimina as bases arqueológicas dos “modos de dizer” que sustentam “modos de pensar” geradores de uma dimensão retórica da comunicação e da sua epistemologia. Aquelas bases são comuns às Ciências Humanas mas, considerando suas consequências comunicativas, propõe-se estudar suas decorrências políticas que definem a maneira como atuamos, ao estarmos em comunicabilidade contínua. Desloca-se a matriz política da comunicação levando-a a ultrapassar os dispositivos midiáticos e espetaculares que atuam como sedutora forma de poder disciplinador do social e inibem o comunicar que, disperso e indefinido, se encontra na rede de processos mais interativos do que mediativos. Palavra chave: Comunicação, epistemologia, retórica, política

A arte de conversar – existência, epistemologia e comunicação.

Daniel Christino

Resumo: A tratadística francesa e italiana do século XVI e XVII refletiu profundamente sobre o problema da comunicação como uma phronesis, uma racionalidade de corte, em manuais e brevíários que circulavam ao final do barroco. Nestas reflexões podemos vislumbrar uma abordagem epistemológica ao problema comunicacional ainda anterior ao advento do iluminismo e, por isso, mais comprometida com os elementos existenciais que caracterizam o fenômeno. Partindo deste deslocamento epistêmico, o artigo procura desenhar uma reflexão sobre o conceito de comunicação, situado na crítica da filosofia de Heidegger e Gadamer, que seja capaz de articular elementos existenciais e epistemológicos e de sustentar-se como alternativa à abordagem tradicional dentro do escopo de uma ciência social aplicada.

Palavra chave: Epistemologia da Comunicação; Filosofia; Hermenêutica; Conversação

A Metodologia dos Programas de Pesquisa para a Comunicação: Uma Proposta com base em Marshall McLuhan e Harold Innis

Resumo: É crença comum na área comunicacional categorizar o pensamento de Marshall McLuhan como um trabalho isolado de outros autores, sendo colocado, muitas vezes, como o nome de uma escola de pensamento. A proposta deste artigo é construir com base na Metodologia de Programas de Pesquisa proposta por Imre Lakatos um programa de pesquisa a partir dos trabalhos publicados por Marshall McLuhan e Harold Innis, apresentando desta forma como a metodologia proposta por Lakatos pode trazer importantes contribuições ao campo comunicacional no que tange a sistematização das teorias da comunicação.

Palavra chave: Harold Innis. Marshall McLuhan. Programa de Pesquisa. Teorias da Comunicação

2014

A Comunicação: da epistemologia ao empírico

Resumo Na fronteira científica entre a epistemologia da comunicação e a produção de conhecimento, analisa-se a mudança da atividade empírica quando supera a recursividade conceitual e metodológica que, em geral, caracteriza aquela prática. Nessa superação, surgem outros horizontes investigativos liderados pela dúvida, pela observação fenomênica, pela pergunta por ela suscitada e pela exigência histórica de saber perguntar a fim de que a sagacidade daquela observação seja contemplada. O desenvolvimento dessa análise apoia-se nas contribuições de dois epistemólogos notáveis: Gregory Bateson, e Bruno Latour que, na atualidade, propõe a corajosa superação da sociologia clássica pela sociologia das associações, salientando a dimensão política que confere à ciência e se relaciona ao exercício epistemológico da comunicação.

Palavras chave; comunicação, epistemologia, empiria, dúvida , pergunta

2013

A máxima pragmática e a pesquisa em comunicação

José Paoliello Pimenta 2 Resumo: O artigo busca descrever contribuições da Máxima Pragmática, proposta pelo lógico Charles S. Peirce, para os atuais estudos da Comunicação, em especial aqueles derivados das transformações decorrentes das trocas por meio das redes digitais. Relações entre o método pragmaticista e as etapas das investigações científicas são apresentadas a partir de exemplos retirados de pesquisas realizadas nos últimos anos sobre processos comunicacionais envolvendo ciberativistas, adeptos de jogos eletrônicos e de redes sociais, e pesquisadores. Palavras-Chave: 1. Epistemologia; 2. Comunicação; 3. Pragmaticismo.

Questões epistemológicas em torno do uso da teoria lacaniana dos discursos na área de comunicação

Julio Cesar Lemes de Castro

Resumo: Este trabalho discute a aplicação da teoria dos discursos de Jacques Lacan à área da comunicação. São aduzidos alguns exemplos de leitura de fenômenos midiáticos com base num discurso específico ou na matriz constituída pelos discursos do senhor, da universidade, da histeria, do analista e do capitalismo, que para Lacan representam os tipos fundamentais de laço social. A partir daí, examinam-se possíveis modos de uso dessa ferramenta teórica: como fator de aproximação e diferenciação, pivô de raciocínio abduutivo, roteiro de evolução histórica, critério de sistematização e método subjacente. Além disso, considera-se o recurso à teoria dos discursos como instrumento de articulação interdisciplinar, envolvendo a noção de psicanálise em extensão e operações de importação, exportação e contextualização conceituais. Palavras-Chave: Discursos. Lacan. Comunicação. Mídia. Epistemologia.

A epistemologia de uma comunicação indecisa

Lucrécia D'Alessio Ferrara 2 Resumo No âmbito de pesquisa mais ampla que se encontra em desenvolvimento, estuda-se o confronto entre a autonomia científica da comunicação e os conceitos que a reduzem a polaridades e impossibilitam a percepção de diferenças e ambivalências que subjazem aos conceitos e os relativizam. Nesse confronto, são examinadas algumas polaridades como: meios técnicos e comunicativos, comunicação biológica / ecológica e social, espetáculo e entretenimento, método e estratégia metodológica. Como consequência, sugere-se a possibilidades de revisão dos métodos que decorrem de aproximações fenomenológicas da comunicação, para verificar as contribuições que podem ser alcançadas através de método(s) de base mais arqueológica, as consequências que deles decorrem e têm sido objeto de inferências da ciência contemporânea. Palavras-chave: comunicação, epistemologia, metodologia

Modalidades e derivações da comunicação no mundo da vida: sentidos, experiência e interação

Luís Mauro Sá Martino Ângela Cristina Salgueiro Marques

Resumo: Este trabalho delinea algumas relações epistemológicas entre o conceito de comunicação e a noção fenomenológica de “mundo da vida”, procurando destacar a natureza ontologicamente comunicacional deste último. A partir de uma discussão teórico-crítica dos conceitos, busca-se indicar algumas articulações possíveis. O argumento se desdobra em três direções: (1) são discutidos alguns aspectos do conceito de “mundo da vida”, sublinhando seu aspecto relacional comunicativo; (2) a partir daí, destaca-se o conceito de “comunicação” pautado nessa noção fenomenológica; (3) são delineadas algumas tensões entre as abordagens do “mundo da vida” em Husserl e Habermas. Palavras-chave: Comunicação. Epistemologia. Fenomenologia

Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação

Vera R. Veiga França 2 Resumo: Este texto discute o caráter cíclico das abordagens críticas da comunicação particularmente no Brasil nos últimos 40 anos. Os anos 70, 80 se caracterizaram por teorias de diferentes matizes que denunciaram a mercantilização da cultura, o esvaziamento do simbólico, as disputas por hegemonia na interpretação da realidade. Os 20 anos seguintes foram marcados por certo abandono do viés crítico, em favor de abordagens mais pontuais, do tratamento de aspectos mais recortados do processo e do produto comunicativo. A partir das discussões recentes de Boltanski, situando os conceitos de crítica e metacrítica, apontamos, ao final desta reflexão, a importância do resgate de olhares mais abrangentes nas análises comunicacionais, capazes de interpretar as práticas comunicativas na sua relação com a manutenção e a mudança social, atravessadas pela tensão entre ideologia e utopia (Ricoeur). Palavras-Chave: Teorias da comunicação; Teoria crítica; Crítica e metacrítica

2012

fora de sistema

2011

Por uma epistemologia transmetodológica no campo da comunicação

Lisiane Machado Aguiar

Resumo: Este texto heurístico-interpretativo³, inspirado pelo seminário Transmetodologia em Ciências da Comunicação, busca trabalhar com argumentos-chave sobre a concepção transmetodológica (MALDONADO, 2008, 2006, 2003, 2002) articulando-os metodologicamente com algumas reflexões teóricas⁴ que abordam a questão de método científico no campo da comunicação. A partir da problematização entre essas diversas propostas procuro refletir sobre uma epistemologia que seja transmetodológica para o campo da Comunicação. Para isso, concebo a dimensão epistêmica não apenas como teoria do conhecimento, mas como pensamento e prática dos princípios, hipóteses e resultados teórico-metodológicos na produção de conhecimento. Palavras-Chave: Transmetodologia 1. Epistemologia 2. Comunicação 3.

2010

Do conceito de um deus perfeito e único a teorias que não dialogam

Comunicação, epistemologia e compreensão

Dimas A. Künsch

Resumo: Na base dos conceitos de rigor, certeza e verdade científica pode-se identificar uma tradição de pensamento que assume um viés de tipo divino, onipotente. Pela via da racionalização do conhecimento, essa tradição acaba por aproximar ciência e teologia, verdade e dogma, disciplina e doutrina, remetendo ao limbo do esquecimento a própria idéia da possibilidade de formas menos avassaladoras de produção de conhecimento, mais afetas ao diálogo, democráticas, compreensivas. O artigo ocupa-se com alguns momentos salientes dessa tradição, exercita-se na crítica às pretensões universalistas e absolutas do saber e propõe, para a ciência em geral e a comunicação em particular, uma atitude cognitiva aberta à experiência do coletivo, ao diálogo entre teorias e à compreensão. Trabalha-se, assim, no resgate do que a cultura científica sempre fez questão de preservar: o princípio de que não existem pontos finais nem certezas absolutas na área do conhecimento.

Palavras-Chave: Comunicação. Epistemologia da Comunicação. Compreensão.

A epistemologia da comunicação e o grupo da UNISINOS

Francisco José Paoliello Pimenta

Resumo: Este estudo dá prosseguimento a pesquisa sobre as investigações em curso no País sobre a Epistemologia da Comunicação, por meio de projeto que envolve a parceria de três programas de pós-graduação, com financiamento da Capes. Nesse caso, analisa a produção de pesquisadores do PPG da Unisinos com base em hipóteses lançadas em subprojeto sob a responsabilidade do autor. Na conclusão, propõe três esferas de diálogo com vistas ao aprofundamento da compreensão do grupo sobre a atual produção na esfera da Epistemologia da Comunicação. Palavras-Chave: 1. Epistemologia; 2. Comunicação; 3. Representação.

A construção de hipóteses: entre o método e os contextos de produção

Jairo Ferreira

Resumo: O objeto específico deste artigo é o estudo da construção de hipóteses em projetos de pesquisa em comunicação, considerando as especificidades do corpus empírico analisado. A questão central que orienta a realização deste objetivo é de como os métodos dedutivos, indutivos e abduativos são acionados na construção de hipóteses? Através da análise de documentos e entrevistas com autores de projetos de investigação, identificamos relações entre o método e contextos de produção, indicando tensões entre construção e reprodução na construção do conhecimento na área da comunicação.

Palavras-Chave: Campo epistemológico 1. Método 2. Comunicação 3.

A partir de 2009 todos fora do sistema.

Anexo C

CD contendo o Relatório da última avaliação trienal da Capes, o Plano Nacional de Pós-Graduação (2011-2020), Lei de Diretrizes e Bases da Educação - MEC (art. 44, III, Lei nº 9.394/1996), Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG), Sistema Nacional de Avaliação da Pós-Graduação (SNPG) e Manual de apresentação para Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação (APCN).